

370.193
AGG22

T

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

EDUCADORES POPULARES E
MOVIMENTO POPULAR:
RELAÇÃO DE SABER

Felipe Soares Aranha

FELIPE SOARES ARANHA

EDUCADORES POPULARES

E

MOVIMENTO POPULAR:

RELAÇÃO DE SABER

AC 28581

U. F. M. G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



273958908

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

INV 05

DISSERTAÇÃO APRESENTADA COMO EXIGÊNCIA PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO, À COMISSÃO JULGADORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, SOB A ORIENTAÇÃO DO PROF. DR. MIGUEL GONZALEZ ARROYO.

BELO HORIZONTE - 1989

BC-6886617

52/07/09

INTELLIGENCE SOCIETY

BT 74433

DEDICO ESTE TRABALHO

A

* MIGUEL E LOURDINHA

(Vocês vivem na Faculdade de Educação, a dimensão pedagógica do buriti de "Grande Sertão: Veredas": "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.")

* PAI JOVINO

(De você eu me lembro velho, preto, carapinha branca, lendo e contando aos amigos - seu Casemiro entre eles - o romance americano "A Cabana de Pai Tomás", já envolto pela sabedoria que aprendeu entre os povos de sua raça.)

* FLORIPES (FLOR) E ZÉ GOMES

(Dois mestres do povo com quem convivi e com quem aprendi que nas jornadas que buscam o povo há caminhos e caminhos ...)

* TIAGO E FELIPE

(Com carinho lhes ofereço estes versos de Moacir Félix: "Fecha os olhos, filho meu, e escuta, como quem reza o segredo destes rios onde o coração dos negros foi molhar, em noite escrava, o tantã de seus tambores. E reza como quem ama, estas águas compassivas. E lava teu rosto novo, meu filho, na mesma serenidade das estrelas que amanhecem vestindo a rosa de orvalho.")

* ROSA

(Incansável companheira, a quem acrescento o afeto e o agradecimento pelo apoio e ajuda).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA DA 117ª (Centésima Décima Sétima) APRESENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO NO COLEGIADO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA FAE/UFMG.

Aos vinte e sete dias do mês de março de mil novecentos e oitenta e nove, realizou-se na sala nº 401 do prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, mais uma reunião para apresentação da defesa de dissertação - "EDUCADORES POPULARES E MOVIMENTO POPULAR: relação de saber" - para a obtenção do título de Mestre em Educação, do aluno FELIPE SOARES ARANHA. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores: Miguel González Arroyo - Orientador, Maria de Lourdes Rocha de Lima e Carlos Rodrigues Brandão (UNICAMP). Os trabalhos iniciaram às quatorze horas e vinte e cinco minutos, com a síntese da dissertação feita pelo mestrando. Em seguida os membros da Banca Examinadora fizeram uma arquição pública ao candidato. Após o relato do orientador, a Banca foi unanime em aprovar a dissertação de FELIPE SOARES ARANHA, que passa a Mestre em Educação, devendo encaminhar à Secretaria do Curso a versão final em 05 (cinco) exemplares. Nada mais havendo a tratar, eu, Lúcia Assis Alves, Secretária do Curso de Mestrado em Educação, lavrei a presente ata, que depois de aprovada será por mim assinada e pelos demais membros da Banca examinadora. Belo Horizonte, 27 de março de 1989.

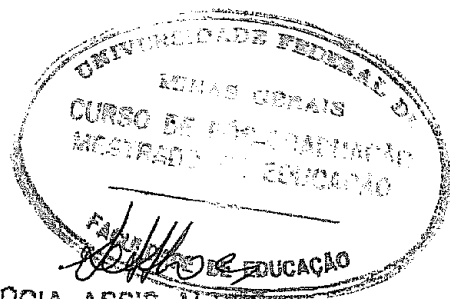

MIGUEL GONZÁLEZ ARROYO - Orientador



MARIA DE LOURDES ROCHA DE LIMA


CARLOS RODRIGUES BRANDÃO


LÚCIA ASSIS ALVES

Secretária do Curso de Mestrado em Educação - FAE/UFMG.




LÚCIA ASSIS ALVES
Secretária do Curso de Mestrado
em Educação - FAE/UFMG

"VÁ EM BUSCA DE SEU POVO,
AME-O.
APRENDA COM ELE;
PLANEJE COM ELE;
SIRVA-O;
COMECE COM AQUILO QUE ELE SABE
CONSTRUA SOBRE AQUILO QUE ELE TEM."

KWAME N'KRUMAH

ÍNDICE

PÁG.

A - INTRODUÇÃO

- a. Fatores de Mudança 01
- b. A Proposta Educativa Vista Sob o Ângulo do Saber 06

B - 1º MOMENTO

ÊNFASE SOBRE A IDEOLOGIA DOMINANTE E A NECESSIDADE DE SUBSTITUÍ-LA NA CONSCIÊNCIA DOS SETORES POPULARES.

- a. Documentos Ilustrativos 08
- b. Convicções Implícitas 15
- c. Algumas Influências 17
- d. Contradições Internas 19

C - 2º MOMENTO

ÊNFASE NA TROCA DE CONHECIMENTOS ENTRE EDUCADORES E EDUCANDOS PARA GERAR UM TERCEIRO CONHECIMENTO.

- a. Avaliação do 1º Momento 23
 - 1. A Questão da Psicogênese 23
 - 2. Onde ficam os Processos Populares de Docência 24
 - 3. O Vanguardismo e outros Vícios 25
- b. Explicitação da Nova Proposta - Construção de um Saber Instrumento 32
- c. Outras Explicações 35
- d. Documentos Ilustrativos 37
 - 1. Grupo de Jovens 37
 - 2. Movimento dos Desempregados 38
 - 3. Movimento Contra a Carestia 40
 - 4. Movimento dos Transportes Coletivos 42

5. Juventude Operária Católica (JOC)	42
6. Ocupação do Solo Urbano	44
7. Movimento contra a Carestia em Minas Gerais	46
7.1 - Precisamos de União	47
7.2 - O Casamento de Chico Jumento e Mariquinha	49
f. Interpretação dos Documentos	58
g. Observações Finais.....	68

D - 3º MOMENTO

ÊNFASE NOS GRUPOS POPULARES COMO SUJEITO DA PRODUÇÃO TEÓRICA.

a. Observações sobre o 2º Momento	71
b. A Proposta do 3º Momento	80
1. Características da Proposta	80
2. Descrição da Proposta	83
c. Exemplos de Produção Teórica Popular	90
1. <u>EDUCAÇÃO</u>	
(1.1) - Prefácio de A Questão Política da Educação Popular	90
1.2 - Pronunciamento feito no 1º Encontro de Profissionais da Educação de MG	94
1.3 - Escola Profissionalizante	108
2. <u>RELIGIÃO</u>	
2.1 - A Comunidade Cristã	123
2.2 - ABC do Encontro	129
2.3 - Igreja que Caminha	132
3. <u>ECOLOGIA</u>	
3.1 - O Homem e a Natureza	133
4. <u>MULTINACIONAL</u>	
4.1 - As Multinacionais	135

5. <u>OS TRABALHADORES</u>	
5.1 - Caminho da Libertação	133
5.2 - Nós Trabalhadores	140
5.3 - Eu, o Acidentado	141
5.4 - Capacidade do Trabalhador	159
5.5 - Depoimento	160
6. <u>REFORMA AGRÁRIA</u>	
6.1 - Esta Terra Não é de Vender	165
6.2 - A Terrível Chegada da Besta Fera que assombrou o Sertão	166
6.3 - O Ataque dos Jagunços	170
6.4 - A Terra só será nossa quando a gente se unir..	175
7. <u>A MULHER</u>	
7.1 - Metalúrgicas	184
7.2 - A Mulher e o Clube de Mães	185
8. <u>AVANÇO TECNOLÓGICO E DESEMPREGO</u>	
8.1 - Carta ao General Figueiredo	194
9. <u>LIDERANÇA</u>	
9.1 - O Povo e a Liderança	197
10. <u>A OCUPAÇÃO DO SOLO URBANO</u>	
10.1 - Duas vilas e uma mesma história	204
11. <u>GREVE</u>	
11.1 - Os dias de Greve	210
12. <u>SINDICATO</u>	
12.1 - Entrevista com Dazinho	218
12.2 - Sindicato, CUT e Partido Político	222

13. CAUSAS DA SITUAÇÃO

PÁG.

13.1 - A raiz do Mal	230
13.2 - Salário e Custo de Vida	233

E - QUESTÕES A CONSIDERAR SOBRE O 3º MOMENTO

(a) O novo lugar do Educador	243
(b) O Saber Popular e os Teóricos Não Populares	250
c. Influências Teóricas	252

A TRAJETORIA CONCEITUAL DOS EDUCADORES POPULARES SOBRE O SABER POPULAR AJUDA A COMPREENDER O PRÓPRIO MOVIMENTO POPULAR

A - INTRODUÇÃO

As diversas experiências realizadas no campo da educação popular não oficial têm demonstrado que a tentativa de intervir no social por parte de instituições e grupos de educadores populares, vêm provocando duplo movimento. O primeiro movimento parte dos grupos de educação popular em direção à realidade social que eles tentam servir e/ou modificar. O segundo movimento, em sentido inverso, parte da realidade social em direção aos grupos e instituições.

Enquanto o primeiro movimento gera a intervenção educativa que tenta ser fiel à proposta pedagógica, de caráter sócio-política, formulada anteriormente, o segundo leva os grupos e instituições a repensarem sua prática, a questionar e problematizar seus métodos, suas concepções político-filosóficas e a reelaborarem as propostas pedagógicas.

Júlio Barreiro, teólogo uruguaio ligado a educadores populares brasileiros, descreve um ângulo da mudança do segundo movimento: "Durante algum tempo, a maioria desses grupos adotava um modelo de análise dos problemas da sociedade capitalista ao nível de "sua cultura". Mais ainda, em alguns casos, as contradições apontadas a este nível das relações culturais eram os indicadores quase únicos para a interpretação de toda a sociedade. A expressão teórica dessa posição adotada eram os modelos tipo culturalistas de interpretação da realidade social. Tal esquema de análise social não poderia deixar de ser pouco preciso e pouco totalizador e, por certo, não poderia oferecer perspectivas de ação capazes de conduzir a um processo de relações mais essenciais da sociedade capitalista. A expressão prática de tudo isso foi a organização da educação popular que se inclinava para o utopismo pedagógico ou para a subestimação da pedagogia que procura -

mos caracterizar linhas atrás.

"A aproximação lenta mas decisiva, de um modo científico de análise da realidade social, provocou modificações também decisivas nos modos de intervenção liberadora em todo o continente. Somente depois ou juntamente com a compreensão de um completo processo de relações políticas, econômicas e sociais seria possível encaminhar coherentemente uma luta de liberação por modo de educação".⁽¹⁾

As redefinições conceituais e de métodos de ação não se operaram ao acaso. São mudanças socialmente condicionadas. A medida em que mudam as condições sociais das camadas subalternas e sua luta pela transformação da realidade social, mudam também a leitura que o educador faz das camadas populares e suas propostas pedagógicas. Elas são produto das condições especiais e históricas em que as experiências se realizaram.

Os grupos que conseguiram concretizar as propostas educativas mais conhecidas, entre eles o MEB (Movimento de Educação de Base) e Paulo Freire, têm, em geral, origem cristã e suas propostas padeciam de grave ambigüidade. Ao nível dos princípios defendiam valores humanistas como justiça social, liberdade, igualdade, fraternidade. Ao nível do concreto, suas propostas estavam impregnadas da ideologia reformista, porquanto batalhavam, em geral, por reformas sociais e não pela transformação das estruturas sociais.

"O grande desafio, afirma Júlio Barreiro, que se propôs então a esses grupos, estava justamente no fato de que as interpretações da realidade de base humanista eram traduzidas em uma teoria oposta aos valores capitalistas, mas também em uma prática que sustentava este sistema capitalista".⁽²⁾

As mudanças operadas entre os educadores são fruto inicial destas ambigüidades vividas pelos educadores, uma vez que o hu

(1) BARREIRO, Júlio in "Educação Popular e Conscientização" págs. 34 e 35. Ed. Vozes, 1980.

(2) Idem, *ibidem*, pág. 37.

manismo que os inspirava levava-os a buscar os caminhos que melhor servissem aos interesses dos grupos populares com que se identificavam e, assim, à reformulação de conceitos e métodos.

D. José Vicente Távora, à época, Arcebispo de Aracajú e Presidente do MEB, em documento escrito de Roma, intitulado MEB - Movimento de Educação de Base, em novembro de 1963, ilustra esta afirmação: "Esta tarefa que os críticos são chamados a exercer, em confiança, sem medo, no meio do povo, fraternalmente, exige o nosso apoio espiritual de Pastores. Além disto, requer de nós, urgentemente, o conhecimento daquilo que se começa a chamar "espiritualidade do desenvolvimento", cuja feição própria, específica, só descobrimos pelo estudo sério da Teologia na conjuntura sociológica e pastoral de nossas regiões. O MEB vê o povo, sente seus problemas. É uma instituição profundamente marcada pela inquietude do que vê de perto, do que julga com realismo. Guiando-se por este hábito de pesquisa e de julgamento dos fatos é que o MEB constrói sua ação. Ele está, por força desta ação direta de seus militantes, educadores, pesquisadores e analistas numa constante e irremovível ação dialética. Quero dizer: eles estão, sempre, ante a visão dos problemas que têm de enfrentar. Chocam-se os fatos reais com a doutrina que eles representam.

Lã, pelo menos em 2/3 de nosso país, está a conjuntura econômica social injusta, envelhecida, necessitando de reforma, em frente da doutrina social cristã, pregando a justiça, a liceidade e, até, a necessidade do desenvolvimento social, tendo em vista a participação do homem nos bens econômicos, em fase mais adiantado, na prosperidade dos instrumentos que produzem estes bens, inclusive a terra".⁽³⁾ É esse o pano de fundo inicial das propostas pedagógicas das correntes de origem cristã.

(3) TÁVORA, D. José Vicente, MEB - Movimento de Educação de Base, Roma, Nov. de 1963.

a. Fatores de Mudança

A partir das análises da literatura existente, o observador percebe alguns fatores das mudanças conceituais dos educadores populares.

O primeiro contato direto de alguns educadores populares, oriundos das camadas sociais médias, já provoca as primeiras mudanças. O face a face com a dominação, a resistência, a cultura popular.

O contato direto provoca, em geral, mudanças no intelectual educador. Antes de focalizar o caso brasileiro, lembre-se que Michel Foucault aponta para mudanças sofridas pelos intelectuais franceses que se expuseram a idêntico contato. Foucault aponta o novo tipo de intelectual, produto desta nova relação. O contato criou o "intelectual específico",⁽⁴⁾ no dizer de Foucault, em oposição ao "intelectual universal", dotado de consciência universal que possui como "marca sacralizante" a escritura.

No Brasil, o contato direto desses educadores com as camadas populares pode ter aproximações com seus colegas franceses. Aqui, por caminhos diferentes, chegaram a estas camadas com objetivos humanitários, pastorais, ideológicos, profissionais, não importa, re-elaboraram sua leitura destas camadas e chegaram a novas formulações pedagógicas.

Há inúmeros depoimentos, sobretudo de religiosos católicos, que apontam para essa educação de retorno sofrida pelos educadores. Falam que, ao se lançarem no interior das camadas populares para "convertê-los", foram "convertidos" por eles, numa linguagem caracteristicamente religiosa.

Neste sentido, é muito significativa a posição do bispo católico Pedro Casaldáliga no interior de Goiás. Casaldáliga já foi ameaçado de morte por suas posições em defesa do trabalhador rural.

(4) FOUCAULT, Michel in Microfísica do Poder, pág.9. Graal editora, 1986-6ª edição.

O governo militar ameaçou expulsá-lo, várias vezes, aproveitando o fato de ser ele espanhol. Em muitos setores da burguesia nacional é acusado de "subversivo" e "comunista". No entanto, Casaldáliga, ao chegar ao Brasil, tinha outra formação. Em entrevista publicada pela revista SENHOR, de 29.02.88 nº 302, Roberto Romano, professor da Universidade Estadual de Campinas, em seu departamento de Filosofia, assim se expressa sobre o fenômeno Casaldáliga: "Esse homem foi treinado para vir salvar o Brasil do comunismo. Chegou aqui, foi para o interior e viu que tinha gente passando fome, sendo morta. Por uma visão humanitária, e ao mesmo tempo uma visão religiosa, ele viu que a conversa não era aquela."

Fator significativo de mudança é a própria transformação que a categoria social chamada "povo" vem sofrendo com o desenvolvimento das relações capitalistas nas zonas urbana e rural. Em outras palavras, o "sujeito social alvo" da ação educativa se acha em processo acelerado de mudança. (5) As propostas pedagógicas destinadas a este sujeito histórico, portador de uma série de valores sobre a família, a religião, o sexo, o dinheiro, o trabalho, condicionado pelas relações pré-capitalistas que moldavam seu contrato de trabalho e seu comportamento social, portador de idéias culturalmente enraizadas sobre as relações humanas, os valores estéticos, as formas de relação com a natureza, estas propostas têm de ser revistas. As mudanças, por esta causa provocadas, podem situar-se a nível de métodos, de linguagem, de recursos pedagógicos. No entanto, elas necessitam de ter um enfoque diferente, pelo simples fato de ter desaparecido a categoria social a que se dirigiam. Uma proposta de extensão rural, por exemplo, elaborada para meeiros e pequenos produtores rurais deve ter elementos distintos de outra proposta dirigida a trabalhadores de uma empresa capitalista rural.

(5) Ver IANNI, Otávio, A Cultura do Povo, texto comentário, "Cultura do Povo e Autoritarismo das Elites", pág. 137, Cortez e Moraes, 1979.

Outro fator é a substituição das categorias analíticas, a que Júlio Barreiro chama atenção, na citação feita no início desta dissertação.

À medida que isso ocorre, duas abordagens distintas são utilizadas nas análises e nas formulações das propostas pedagógicas. Na medida em que a classe trabalhadora se forma e aparece como sujeito histórico, os próprios educadores são levados a terem de usar uma abordagem da formação da classe trabalhadora, segundo a qual ela é produto das condições impostas pela burguesia e às quais ela tenta sujeitar os trabalhadores. Em decorrência, o próprio horizonte da classe estaria balizado por esta condição. Ao educador caberia repassar à classe um instrumental analítico, elaborado fora do mundo do trabalho, por intelectuais comprometidos com a classe. Como os trabalhadores, nestas condições, só reproduzem nas suas organizações e no seu saber os elementos de dominação da burguesia, e são incapazes de elaborar um conhecimento globalizante sobre suas próprias condições de vida e de trabalho, as propostas educativas criariam condições de acesso ao conhecimento já elaborado.

Outro grupo aborda a questão de forma a não negar as condições impostas, mas sublinha a capacidade da classe, tanto em suas organizações quanto a nível de sua consciência de se formarem dentro de padrões que fogem às condições impostas pela burguesia. Nesta perspectiva, a proposta educativa não se reduz a uma ação de transmissão de saber. Busca os elementos culturais existentes no processo de formação da classe e tenta trabalhá-los.

b. A Proposta Educativa Vista Sob o Ângulo do Saber

A relação educação - movimentos populares poder ser interpretada de diferentes formas. Do ponto de vista em que se coloca a dissertação, pretende-se abordá-la a partir do elemento central do processo educativo, a questão gnosiológica.

A evolução e a mudança dos educadores populares em relação ao saber das camadas populares, o saber dos trabalhadores, ajuda a entender não só o envolvimento dos educadores populares na sua prática pedagógica. Ajuda a entender também as próprias abordagens conceituais do Movimento Popular.

Para isto, tomamos escritos dos educadores dirigidos às camadas populares, a partir da década de 60. Esta escolha se justifica porque nestas décadas se originaram as propostas pedagógicas mais conhecidas no campo de educação popular. Ali se encontram a grande expansão das propostas de Paulo Freire do MEB, os trabalhos do CPC (Centro Popular de Cultura) da UNE (União Nacional dos Estudantes), as atividades das ligas camponesas, e a criação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), ligadas à Igreja Católica.

As propostas, a partir desta década, colocam suas relações com a questão do saber, pelo menos de três formas diferentes.

B - 1º MOMENTO

ÊNFASE SOBRE A IDEOLOGIA DOMINANTE E A NECESSIDADE DE SUBSTITUÍ-
LA NA CONSCIÊNCIA DOS SETORES POPULARES.

a. Alguns Documentos Ilustrativos

Os documentos elaborados no campo da Educação Popular, época estudada e dirigidos aos setores populares, insistem em três pontos centrais:

1. repassar aos setores populares dados sobre a situação real em que se encontram;
2. analisar a situação com o objetivo de facilitar a estas categorias sociais outras explicações que fugissem das explicações correntes - produto da ideologia;
3. construções de alternativas de solução da situação estudada.

Alguns documentos da época servem para ilustrar aquilo que se descreve nesta parte.

1º Documento: VIVER É LUTAR (6)

Esta cartilha, escrita para ser um instrumento didático na proposta de Alfabetização de Adultos do MEB foi apreendida pela polícia do Rio de Janeiro, por ordem do então Governador Carlos Lacerda, por considerá-la "subversiva".

Assinalam-se na cartilha as lições de nº 13, 14, 15, 16, 17, 26 e 27 dentro da linha aqui proposta.

1º - Dados da realidade

(6) MEB - "Viver é lutar", 2º Livro de Leitura para Adultos, MEB - Movimento de Educação de Base, Out. de 1963.

13ª Lição

Pedro está preocupado e pensa:

Por que nossa vida é tão dura?

Por que morre tanto menino aqui?

Por que o povo não tem casa?

Por que a gente não aprendeu a ler?

Por que não tem escola para nossos meninos?

Por que a gente sofre tanta injustiça?

Isto não está certo. Está certo não!

Na 26ª lição voltam alguns dados da realidade:

26ª Lição

O povo fala sempre

"O dinheiro não vale nada"

"Tudo sobe dia a dia,

Compramos tudo pela hora da morte"

Quem marca o preço da mercadoria?

Por que quando o salário sobe, piora ainda mais a carestia?

Por que o trabalhador não tem o fruto de seu trabalho?

Quem está lucrando com isto?

O povo do Brasil é um povo explorado.

Explorado não só por brasileiros.

Há muitos estrangeiros explorando a gente.

Como libertar o Brasil desta situação?

2º - Pedro parte em busca de explicações da sua realidade

As explicações vêm dos cursos e dos treinamentos que ele e seus companheiros vão fazer onde as análises lhe são repassadas.

15ª Lição

Pedro encontra Agripino na feira.

Agripino vinha de um curso.

Vinha de um treinamento.

10
Ele estava muito animado.

Tinha aprendido muita coisa.

Muita coisa para mudar a vida do povo.

Pedro ficou interessado.

Vai fazer um curso destes.

17ª Lição

Pedro entendeu ainda outras coisas.

O povo ignora porque é explorado.

O povo ignora seus direitos e deveres.

Seus direitos não são respeitados.

E as leis que existem não são cumpridas.

O povo precisa conhecer seus direitos e deveres.

O povo precisa ficar esclarecido.

Ficar esclarecido para mudar o Brasil.

16ª Lição

Pedro voltou esclarecido do treinamento.

Voltou esclarecido de que:

O governo é para todos.

Todo o povo deve participar do governo.

Alguns homens têm de sobra e outros nada têm.

Alguns ganham demais.

Muitos trabalham e seu trabalho é explorado por outros.

Muita coisa está errada no Brasil.

É preciso mudança completa no Brasil.

39 - A tentativa de se construir alternativas de solução para o problema.

14ª Lição

Pedro tomou consciência.

Tomou consciência do problema do povo.

Pedro procurou Xavier seu vizinho.

Procurou Xavier e falou:

- "A vida da gente precisa mudar, Xavier".
- "Mudar de que jeito, homem?", disse Xavier.
- "Sei não, Xavier. O que sei é que precisa mudar".

27ª Lição

Xavier, Pedro e os companheiros procuram um jeito de libertar o Brasil desta situação.

Com escola, sindicato e cooperativa, procurou organizar o povo.

Só um povo organizado, participa do governo.

Povo organizado é força.

É força para exigir mudança.

Força para eleger seus candidatos.

Todo o povo deve participar do governo.

Participar do governo para lutar por justiça.

Justiça para todos os homens.

O povo tem o dever de lutar por justiça.

(7)

29 Documento: VOTAR E PARTICIPAR

Na apresentação do documento, o Frei Eduardo Metz, para coordenação da pastoral do setor industrial afirma que "a cartilha é um instrumento para a gente ficar por dentro das coisas da política".

Preocupado com o mesmo problema, várias dioceses da Igreja Católica editaram cartilhas para ajudar o povo a votar nas eleições de 1978. É importante recordar que nas eleições de 1978 a ditadura militar tentava obstruir o avanço das oposições no Brasil, reduzindo suas possibilidades de repetir a vitória eleitoral obtida em 1974. Foi o ano da famigerada "Lei Falcão" que praticamente anulou a

(7) ARQUIDIOCESE DE BH. "Votar e Participar", cartilha sobre as eleições. Setor Industrial - Set. de 1978.

participação dos candidatos no horário gratuito de rádio e televisão, fator considerado importante na vitória eleitoral de 1974.

O centro da cartilha se constitui em um diálogo que "seu João" e "seu Carlos" travam com um primo de João, o Alberto, estudante de direito, que lhes repassa uma série de informações sobre o sistema de governo, partidos políticos, governos federal, estadual e municipal, câmaras, etc. Explica a relação que esta organização institucional tem com os problemas quotidianos do povo.

Em seguida começa a parte de formação, dividida em três direitos:

1. Direito à Sobrevivência

O direito do trabalhador de ter sua casa própria. De dar uma alimentação boa à família, de modo que evite doenças. Do filho do pobre receber o mesmo estudo que o filho do rico. De ninguém ficar com medo da alta do custo de vida, sem saber se no futuro vai ter que pedir esmola na rua. De todo mundo ter recurso na hora da doença.

2. Direito e boas condições de trabalho

Não é certo um trabalhador produzir, num dia de trabalho, 800 cruzados de mercadoria e só receber 50, deixando os 750 restantes para o patrão, que não pegou no duro. Quem trabalha deve ganhar o suficiente para manter a sua família com dignidade. Não é certo o operário precisar fazer hora extra, trabalhar sem condições de segurança, ou em lugares que prejudicam a saúde. Não ter no local de trabalho nem um banheiro ou um espaço arrumadinho para a hora do almoço.

3. Direito à Participação Política

A política é que constrói o Bem Comum. Portanto, é dever de todo o povo participar da política. Escolhendo bem seus representantes. Tirando a autoridade de quem se aproveita do cargo em benefi

cio próprio ou para explorar os pobres. Criticando ou apoiando o governo. Acima de tudo, é direito do povo, criar grupos, associações, sindicatos, onde as pessoas lutem pelo Bem Comum.

3º Documento - O TRABALHADOR E O TRANSPORTE COLETIVO ⁽⁸⁾

O caderno é composto em forma de história em quadrinhos. Apresenta a realidade vivida pelo trabalhador urbano que tem de percorrer longas distâncias, enfrentando ônibus cheios, atrasos, cortes do descanso semanal, desemprego, quebradeiras de ônibus, a polícia. "Apenas 1.700 ônibus carregam mais de 1.800.000 passageiros em BH". Em seguida, vêm as análises explicativas da situação:

O monopólio: "as empresas recebem do governo o privilégio de serem os donos das regiões. Por isso mesmo, elas podem colocar poucos ônibus em circulação pois de uma maneira ou de outra a gente tem que usar os seus ônibus!"

A repressão: "lá existe uma empresa chamada Nossa Senhora da Conceição que monopoliza o transporte da cidade. Aí uma outra empresa chamada Enso começou a explorar a linha entre os bairros Paciência e Esplanada que não era atendida pela outra! A empresa Nossa Senhora da Conceição entrou na justiça contra a Enso e ganhou a causa! A população reagiu com um quebra! O delegado então colocou a polícia dentro do ônibus".

O desrespeito às leis: "as autoridades de BH fizeram o regulamento da Superintendência Municipal de Transporte (SMT) mas nem as leis e les respeitam".

A maximização do lucro: "as empresas para aumentar ao máximo o seu lucro, fazem exatamente o contrário! Poucos ônibus para andar bem

(8) C.E.T. (Centro de Estudos do Trabalho) em "O Trabalhador e o Transporte Coletivo", Caderno do CET. BH, janeiro de 1979.

cheios, preço único, ônibus velhos e mal conservados ..."

A política viária que favorece as multinacionais do automóvel:" ...

No Brasil tudo é transportado por caminhão o que só serve para aumentar o custo de vida! ... E dar lucro para as fábricas de automóveis e caminhões."

No final, o documento busca formas de intensificar a luta pela melhoria das condições de transporte para o trabalhador.

4º Documento: NOTÍCIAS ⁽⁹⁾

O documento traz um artigo intitulado "Em festa de Iambu, Jacu não entra". O artigo trata da festa de 1º de maio. A ditadura militar costumava convocar os trabalhadores para uma festa de confraternização no dia do trabalho. O artigo começa falando sobre esse engodo. No início fornece informações sobre a festa do dia do trabalho patrocinada pela ditadura, comparando-a com a atitude de pais super agressivos que periodicamente procuram conquistar a confiança dos filhos com presentes." Tem umas casas onde os pais são muito severos com os filhos. Batem muito. Castigam muito. Exigem demais. De vez em quando distribuem balinhas, docinhos e sorvetes para apagar o medo e a imagem de carrasco que criaram. E muitos filhos vão na conversa ..."

Em seguida, o articulista pergunta o porquê do engodo e passa a responder por meio de conceitos de classe e de luta de classes, arrocho salarial. O próprio título do artigo já sugere o conceito através de um ditado popular: "Em festa de Iambu, Jacu não entra". Alguns trechos são sugestivos: "(...) a primeira coisa que eles querem é fazer o trabalhador esquecer o significado principal da data.

(9) GETEC (Grupo de Estudos e Trabalho em Educação Comunitária) em "Em Festa de Iambu, Jacu não Entra", artigo publicado em "Notícias", nº 7, maio de 1979.

O dia fica sendo dia de festa. E sô: Nada de lembrar os grande heróis e mártires da classe ... Nada de lembrar as grandes lutas da classe... Nada de lembrar as grandes derrotas e vitórias da classe ... Heróis e mártires feitos por quem? Derrotas, lutas, vitórias significam que houve derrotados e vitoriosos, duas partes em disputa, etc. Na confraternização se esquece tudo como se os motivos da briga tivessem desaparecido."

"No Brasil, os lucros sempre foram grandes e os trabalhadores sempre tiveram remuneração baixa. De uns tempos para cá, a situação piorou. Os lucros subiram ainda mais e os salários caíram ainda mais, parecendo até balança. O trabalhador se defende como pode. Uns fazem hora extra, biscates, outros se reúnem, reivindicam, vão à justiça do trabalho, fazem greves. A confraternização do 1º de maio ajuda a encobrir essas diferenças".

O artigo termina apontando formas de comemorar o dia do trabalho mais de acordo com os interesses dos trabalhadores.

b. Convicções Implícitas

Ao se analisar os textos dirigidos aos setores populares para a "reflexão" e "debate", como se dizia na época, desponta uma pergunta sobre as convicções subjacentes na mente dos educadores, sobre o saber dos referidos setores, o que tinham em mente sobre o saber popular ao elaborarem os textos?

1. Em relação ao próprio cotidiano

O saber destes grupos sociais não dispõe de dados mais abrangentes sobre as condições de vida em que estão mergulhados. Possivelmente são incapazes de descrever com segurança a própria situação de carência em que se encontram. Daí, talvez, a preocupação de todos os textos em começar fazendo um apanhado das condições de vida em estudo e completam as informações, muitos deles, fornecendo números, estatísticas que lhes daria uma descrição mais totalizadora.

10

Esta é uma explicação. Outra hipótese consiste em considerar estas descrições como instrumento pedagógico para introduzir o tema, motivar a atenção do "leitor" e introduzir a segunda parte de análise.

Note-se que uma ou outra hipótese se enquadra dentro do método proposto pelos movimentos de Ação Católica, chamado VER - JULGAR e AGIR, e que possivelmente influenciou as propostas de todos os grupos aqui focalizados: MEB - PASTORAL OPERÁRIA - CET e GETEC.

2. Em relação à capacidade de elaboração teórica

Os textos servem como indicadores de que os educadores acreditam que os setores populares não elaboram teoricamente uma proposta de transformação de sua realidade, pelo menos do ponto de vista do educador.

Não importa, neste momento, explicar as causas desta incapacidade intelectual dos setores de chegarem a elaborar uma análise insatisfatória devido as suas condições de vida e trabalho brutalizantes. E, se tentam fazê-lo, seu intento chega a um produto inadequado, sem lógica, sem linearidade, sem considerar a complexidade das questões envolvidas.

Ou, então, a incapacidade decorre da penetração que o saber dos setores populares é vítima por parte do saber dominante, levando a a produzir um conhecimento de tal forma atravessado pelo discurso dominante que reproduz as explicações ideológicas desses setores sobre a organização da sociedade.

3. Em relação ao saber do Educador

O educador é portador de um saber que salva. Ele possui os elementos explicativos da realidade do educando que levados à prática a transformam. Este saber deve ser repassado, de forma pedagógica, para os setores populares que o reelaboram e se apropriam das catego

rias analíticas apresentadas.

Os educandos, aqui, os setores populares, à medida que têm acesso aos modos de análise apresentados se apropriam de um novo saber e vão galgando a níveis de consciência adequados ao conhecimento do educador.

c. Algumas Influências Teóricas

Várias influências teóricas sofreram os educadores populares, nesta fase de sua ação pedagógica. A literatura produzida expressa conceitos baseados em Gabriel Marcel de quem usou o conceito de ser humano como "ser situado e datada" ou de Karl Jaspers como "ser em situação". Ao lado da influência destes autores personalistas, encontra-se também grande influência da fenomenologia de Edmundo Husserl e de seus níveis de consciência, onde Paulo Freire se baseou na definição de seus níveis de consciência.

Pode-se chamar também a atenção para certa identidade entre as propostas pedagógicas de muitos educadores populares na época e o "não diretivismo" do psicoterapeuta humanista Karl Rogers.

No entanto, para efeito da proposta aqui desenvolvida, prefere-se concentrar o enfoque na influência marcante que tiveram as concepções ideológicas da Louis Althusser, especificamente no que concerne a sua noção de Aparelhos Ideológicos do Estado.

Em seu trabalho "Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado", Louis Althusser enumera, descreve e conceitua os Aparelhos Ideológicos do Estado, entre os quais, considera a Escola, em termos de desempenho, com o papel dominante.

A respeito da Escola, afirma em certos trechos: "Cada massa que fica pelo caminho está praticamente recheada de ideologia que convém ao papel que ela desempenha na sociedade de classes: papel de explorado (com "consciência profissional"), "moral", "cívica", "nacional", e apolítica altamente "desenvolvida", papel de agente da exploração

(saber mandar e falar aos operários: as "relações humanas" de agentes da repressão (saber mandar e ser obedecido" sem discussão" ou saber manejar a demagogia da retórica dos dirigentes políticos), ou profissionais da ideologia (que saibam tratar as consciências com o respeito, isto é, com o desprezo, a chantagem, a demagogia que convém, acomodados à sutilizas da Moral, da virtude, da "Transcedência", da Nação, do papel da França no mundo, etc".⁽¹⁰⁾

Althusser não reduz o aprendizado ideológico à Escola. Os outros aparelhos também repassam a mesma ideologia do capital. "É claro, grande número destas virtudes contratadas (modéstia, resignação, submissão, por um lado, cinismo, desprezo, altivez, segurança, categoria, capacidade para bem falar e habilidade) aprendem-se também nas igrejas, na tropa, nos livros, nos filmes e até nos estádios."⁽¹¹⁾

Chama-se a atenção para a crítica feita por Vanilda Pereira Paiva. Segundo ela, a análise de Althusser pressupõe uma identificação absoluta entre os interesses do capital e o aparelho do Estado.⁽¹²⁾

Apesar disso, suas concepções direta ou indiretamente exerceram profunda influência entre certos grupos educadores no final da década de 60 e toda a década de 70, especialmente os educadores populares oriundos da Academia ou que receberam sua influência nesta fase da vida do país. Assim se configuravam: já que a consciência dos setores populares "está praticamente recheada da ideologia que convém ao papel que ela deve desempenhar na sociedade de classes", é necessário que o educador se empenhe no sentido de substituí-la por outro conteúdo ideológico, isto é, um conhecimento crítico que conti

(10) ALTHUSSER, Louis, in "Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado", pág. 65 e 66 - Lisboa - Editorial Presença.

(11) Idem, *ibidem*, pág. 66

(12) PAIVA, Vanilda Pereira, em "Estado e Educação Popular, Recolocando o Problema", publicado em "A Questão Política de Educação Popular", pág. 79. Brasília, 3a. edição, 1982.

vesse novas explicações da sociedade de classes e preparasse estes setores para adotar novos comportamentos frente a esta sociedade de classes.

As propostas de repassar outro conhecimento que não o dominante não são unívocas. Nelas se incluem a visão personalista de Mounier, a doutrina social da Igreja Católica oriunda das encíclicas papais, desde Leão XIII, Pio XII e João XXIII e as concepções de Marx.

d. Contradições Internas

As lições que o Prof. Paulo Freire ministra tanto em "Educação como Prática da Liberdade" quanto em "Pedagogia do Oprimido" onde afirma, com ênfase, a necessidade de que o educando se torne sujeito de seu processo educativo, exerceram influência em quase todos os campos da educação popular no Brasil. Ainda mesmo entre aqueles que se julgavam imunes a esta influência.

Suas convicções produziram propostas onde se acentuava a necessidade da participação do educando no que fazer educativo. "Educar com" era a orientação que se dava. Os educadores ligados a esta linha pedagógica.

Uma passagem de Paulo Freire em "Comunicação ou Extensão" é bastante ilustrativo do que se afirma acima: "Que fazer que, tendo nele (o engenheiro agrônomo) um de seus sujeitos, lhe coloca uma exigência fundamental: que se pergunte a si mesmo se realmente crê no povo, nos homens simples, nos camponeses, se realmente é capaz de comungar com eles e com eles "pronunciar" o mundo." (13)

Estas preocupações de caráter filosófico e pedagógico, no entanto, ainda não eram capazes de dar-se conta de que, no âmbito do SABER, as camadas populares também devem ser sujeito do seu próprio processo de construção do saber. E o maior obstáculo que estas camadas têm de superar, enquanto sujeito do processo, não é a ideologia dominante

(13) FREIRE, Paulo in "Extensão ou Comunicação" pág. 93, Paz e Terra, 1971

mas suas próprias condições de vida.

Apesar de todas as preocupações político-pedagógicas de Paulo Freire ao propor a "Pesquisa do Universo Temático"⁽¹⁴⁾ e apesar das lições onde condena o simples repasse do conhecimento na atividade gnosiológica⁽¹⁴⁾, onde os "Círculos de Cultura" adquirem papel eminente e apesar de sua preocupação em reconhecer as camadas populares, ainda mesmo os grupos que receberam sua influência, demonstram que o conhecimento do Educador se torna dominante sobre o saber dos setores populares.

Em outras palavras, a elaboração da teoria da transformação social, nestes casos, se faz do lado de fora dos quadros sociais do mundo popular.

O que se quer afirmar é que até mesmo nestes experimentos propostos, identificados com os setores populares, não se coloca a alternativa em que os setores populares fossem sujeitos da construção da teoria ou das teorias de transformação social. O máximo da visão de Paulo Freire que as experiências conseguem concretizar é que eles se tornem, no campo pedagógico, sujeito do processo de assimilação do saber de transformação, construído socialmente fora das camadas populares.

Louvem-se, porém, tais preocupações dos educadores humanistas, porque foram posteriormente o instrumento de reflexão que os levou a dar os passos na descoberta do saber das camadas populares.

Nesta altura, uma pergunta se impõe. Por que apesar da presença marcante do Prof. Paulo Freire, Althusser conseguiu tão grande influência entre os educadores brasileiros?

Duas hipóteses complementares ocorrem como possível explicação:

(14) "Daí que o que fazer que se baseia nele seja inteiramente o contrário da ação, puramente extensiva dos conteúdos escolhidos por um de seus pólos".

Idem, idem, idem, pág. 88

1ª Hipótese

Há na formação das elites intelectuais brasileiras profundo preconceito contra o saber acumulado pelo povo. Até mesmo os intelectuais mais ligados às lutas e à caminhada dos movimentos populares manifestam em seus escritos sintomas deste preconceito.

O exemplo mais marcante nos dá o incansável e respeitável lutador pelas causas dos movimentos populares, o Frei Beto. A linguagem empregada por ele é clara e contundente: "Todo trabalho de conscientização popular em vista da libertação, tem a finalidade de independente da intenção dos seus agentes - criar as condições subjetivas. Dar ao povo a consciência da opressão em que vive e da libertação de que é capaz. Essa consciência libertadora não nasce espontaneamente no povo. Por mais sofrido que seja um povo, ele não adquire, automaticamente, essa consciência. Essa consciência não pode nascer onde só a ideologia dominante predomina num chão em que se semeia laranja não nasce abacate". (15)

2ª Hipótese

Paralelo ao preconceito contra o saber dos setores populares, o mito da ciência como resposta a todos os problemas humanos, entre eles, o da dominação econômica, política e cultural que a organização capitalista da economia vem impondo aos povos.

Se a ideologia dominante penetra todas as explicações correntes das relações sociais, só o conhecimento elaborado pelos cientistas sociais e levados de fora para dentro do mundo popular fornece a setores populares as categorias analíticas que iluminam a compreensão de suas relações sociais e lhe dão o instrumento necessário para romper a dominação. Outra citação do Frei Beto e bem ilustrativa dessa postura iluminista das elites intelectuais: "A consciência libertadora do povo vem de fora do povo. Vem dos membros da classe média que se com-

(15) CHRISTO, Carlos Alberto Libânio, in "Da Prática da Pastoral Popular", artigo mimeografado.

prometem com a causa do povo. Vem da ciência da História e da ideologia que ela reflete numa dada realidade." (16) O professor Ildeu Moreira Coelho refere-se ao papel da escola em relação ao trabalhador de forma a ressaltar a mesma tendência iluminista: "Uma das maiores contribuições que a escola pode dar à classe operária não é tanto "conscientizá-la", como se ela não conhecesse a verdade libertadora por estar impregnada da ideologia, sendo nossa "missão" arrancá-la do plano da realidade imediata para elevá-la a seus reais interesses de classe. Essa concepção iluminista e autoritária, fundada na dicotomia saber/ignorância, consciência/inconsciência, supõe que a consciência crítica possa ser dada ou adquirida, possa vir de fora ..." (17)

Evidentemente, não se pode culpar os educadores populares pela postura que adotaram frente ao saber popular. Esta era a realidade da época e eles não estavam à frente de seu tempo.

(16) CHRISTO, Carlos Alberto Libânio, in "Da Prática da Pastoral Popular", artigo mineografado.

(17) COELHO, Ildeu Moreira, in "A Questão Política do Trabalho Pedagógico", livro "Educador Vida e Morte", pág. 45. Graal edit. 1982.

C - 2º MOMENTO

ÊNFASE NA TROCA DE CONHECIMENTOS ENTRE EDUCADORES E EDUCANDOS PARA GERAR UM TERCEIRO CONHECIMENTO.

a. Avaliação do 1º Momento

As experiências de repassar o saber do educador que contenha proposta alternativa de sociedade, dentro ou fora do modelo capitalista, não produziram os efeitos desejados pelos educadores populares. Às vezes os resultados foram desastrosos, sob o ponto de vista pedagógico, político e cultural.

1. A Questão da Psicogênese

A assimilação do conhecimento repassado não se efetua de forma mecânica. Ela obedece a certos pré-requisitos. Piaget, na construção da psicogênese da inteligência humana descobriu que a assimilação de novo conhecimento se realiza, quando no novo conhecimento existe algum elemento que faz parte dos esquemas de ação já adquiridos. Sem isso, a assimilação não se realiza. (1)

Ora, a transmissão do saber, exigiria, por parte do educador que ele conhecesse o conhecimento do educando, sua história, seus processos pedagógicos, para depois traçar seus métodos de ação educativa. No entanto, isso ainda não ocorria, nesta fase.

Em um artigo intitulado "Conversando com os Agentes", a educadora popular Aída Bezerra faz algumas análises, de época imediatamente anterior, dos postulados que se focalizam neste trabalho. Diz ela: "O problema é que a gente estava muito centrado no que tinha para levar, para transmitir, e pouco atento ao que encontrava, ao que já estava lá. Cuidávamos de preparar bem o terreno para plantar a nossa semente selecionada.

(1) Piaget, Jean - Seis Estudos de Psicologia - Forense, Universitária - Rio de Janeiro.

- Apprentissage et connaissance (com P. Greco) - Presses Universitaires de France - 1959.

24

Olhando de longe, hoje a impressão que dá é que para nós os grupos não tinham história. A história deles se inaugurava com a nossa intervenção. Isso sim era histórico." (2)

Frente ao exposto, pode-se também questionar a afirmação de Aída Bezerra de que cuidávamos de preparar bem o terreno para plantar a nossa semente "selecionada". Sob o ponto de vista psicogenético, o cuidado não ocorreu.

Há conceitos que coincidentemente contavam com elementos comuns com os esquemas de ação já adquiridos. Por exemplo, o conceito de mais valia. Um trabalhador da indústria pode encontrar facilidade de assimilação. Outros conceitos, no entanto, esbarram na dificuldade apontada. Capitalismo, o Estado, a Ideologia, o Socialismo, etc.

2. Onde ficam os Processos Populares de Docência

Os setores populares desenvolvem seus sistemas de aprendizagem privilegiando o fazer como instrumento do aprender.

A assimilação de conceitos sobre a sociedade que não passa pelos mesmos caminhos, dificilmente se realiza ou se realiza de forma distorcida.

Certa vez em Itabira/MG, depois da leitura e discussão sobre o latifúndio no Brasil, foi perguntado a uma liderança popular o que era latifúndio. Ela respondeu que era algo ligado à fabricação de lata ...

No prefácio do livro "A Questão Política da Educação Popular" o lavrador Ciço traça com clareza o processo popular de aprendizagem: "Inda ontem o senhor me perguntava da folia de Santos Reis que a gente vimos em Caldas: "Ciço, como é que um menino aprende o cantório? As respostas? Pois o Senhor mesmo viu o costume. Eu precisei lhe

(2) BEZERRA, Aída, "Conversando com os Agentes", pág. 24, Vozes Editora, 2a. Edição, 1983.

ensinar? Menino tão ali, vai vendo um, outro, acompanha o pai, um tio, olha, aprende. Tem inclinação prum cantoria? Prum instrumento? Canta, tá aprendendo; pega, toca, tá aprendendo. Toca uma caixa (tambor da folia de reis), tá aprendendo a caixa. Faz um tipe (tipo voz de cantorio) tá aprendendo cantar. Vai assim, no ato, no seguir do acontecido." (3)

O repasse de conceitos sociológicos ou de um modelo de sociedade para os setores populares fica vazio de significado e se torna estéril, quando não utiliza os modos próprios que o povo emprega ao transmitir seus conhecimentos no interior da classe.

3. O Vanguardismo e outros Vícios

O repasse das novas propostas de sociedade que os educadores faziam objeto de sua ação educativa favorecia a prática vanguardista dos educadores. Percebe-se em seu interior dupla relação. A primeira, entre os próprios educadores e os setores populares uma hierarquia se estabelecia baseada no conhecimento do educador. Hierarquia que não se limitava unicamente ao campo do saber, mas que extrapolava para a própria prática social dos educandos. Breno Raigorodsky traça uma caricatura muito rica desta relação em um texto intitulado "O A gente Social vai ao Paraíso." (4)

"Lá está o novo educador. Ninguém o conhece pessoalmente. Ele vem apertando mãos, uma contra a outra, meio tímido, com um sorriso e um jeito de quem está se esforçando para agradar. E não é fácil agradar de cara esta gente sofrida, cheia de experiência na vida.

Vai ficando para depois da reunião, tenta conversar com um e com outro. Os mais desinibidos do grupo fazem uma primeira aproximação, onde ele é obrigado a dizer que esta é a sua primeira experiência numa escola profissional, que foi convidado mesmo assim, porque é muito difícil encontrar gente para trabalhar de graça: diz que foi

(3) SOUZA, Antônio Cícero in "Prefácio" da coletânea do livro "A questão política da educação popular".

(4) RAIGORODSKY, Breno in "O Agente Social vai ao Paraíso", Revista Proposta nº 3.

tão bom quanto os outros com mais experiência que ele (pensa um pouco e vê que já fez a primeira besteira: devia ter-se apresentado, antes da aula começar. Devia ter dito tudo isso, mostrar sinceridade, etc).

A aula foi muito tensa. Provavelmente apenas aquele pessoal que está lá só pra aprender o suficiente para poder ganhar melhor, aproveitou alguma coisa. A grande maioria olha o professor com muita desconfiança. Não basta ter sido indicado pelo padre. É que o padre, às vezes, faz coisa muito boa, mas também já fez besteira na vida, isso todo mundo sabe. O padre é muito inocente, muito mais que o pessoal com mais vivência.

Fala um dos mais velhos: - "Aí nós estávamos no meio da Assembléia quando chegou a estudantada, cheia de boas intenções. Nós estávamos discutindo os problemas das fábricas que têm péssimas condições de trabalho, banheiro sujo que dá nojo, pessoal de segurança controlando a produção e o salário cada dia menor."

"Na época ninguém falava mais de fazer greve, (sindicato estava que não conseguia nem formar dois times de futebol, de onze de cada lado. A gente não tinha condições para pensar em fazer nada de grande. Se quiséssemos fazer alguma coisa de útil o certo era ir na fábrica e tentar fazer os companheiros descobrirem a força de nossa união, a partir das lutas pequenas como a luta que nós já tínhamos levado para que o patrão desse a gente os macacões de trabalho. Vocês sabem que esse tipo de coisa não custa nada para o patrão, porque ele pode descontar no imposto, mas para nós foi uma vitória importante conseguir os macacões de graça."

"Então, como eu estava falando, apareceu a estudantada. E não é que os estudantes logo estavam com a palavra, dizendo que o que a gente tinha que fazer era tirar uma greve da região e do setor, porque dadas as condições objetivas e não sei mais o quê. E os meninos falavam bonito que só vendo! Era difícil imaginar, com tudo que eles falavam, que pudessem estar errados. E tentamos partir para a "porra -

da" em pouco tempo sô quem levou porrada fomos nós mesmos! É por isso que eu não gosto muito do pessoal estudante, que vem dar aula de graça. Vai ver que ele não quer que a gente tire greve, vai ver que ele não é bem melhor que aquele pessoal, mas o negócio é ficar de olho."

Vem um outro morador e fala que não gosta de gente de fora "porque a gente nunca sabe se é dedo duro que está aí sô para ver o que a gente está fazendo."

Se tem dois tipos de gente que não gosta de ver trabalhador se encontrando, discutindo os problemas do bairro é o patrão e a polícia. Eles querem saber o que a gente faz nas igrejas, o que a gente discute nas aulas e o que a gente quer com o sindicato. Por isso eles pegam esses caras assim, como este aí que parece não querer nada com nada e põe no meio da gente sô para ver que é subversivo!"

Mas, nem tudo é tão ruim. Esta é a opinião de dois moradores mais desconfiados porque já viveram experiências ruins no passado e desconfiam "até da alma" de quem vem de fora. Apesar deles terem razões para tanta desconfiança e apesar de terem uma certa liderança sobre a maioria, o fato é que tem gente que vê com bons olhos o novo professor. Mesmo entre os experientes tem aqueles que conheciam jovens professores que ajudaram muito em tudo que fizeram. Tem ainda aqueles que ficam impressionados com o conhecimento do professor porque afinal, "se o professor é estudado e nós somos ignorantes, é lógico que ele sabe mais as coisas que nós. Por isso a gente tem de ouvir o professor no que ele tem para dizer."

Os moradores não negam que tem necessidade de um professor e se sentem agradecidos pela sua presença. O que não querem é um professor abelhudo, que fique se metendo demais na vida deles.

No começo a assistente social que trabalha no posto médico do bairro foi vista com a mesma desconfiança. As mulheres levavam as crianças para ela ver, quando estavam com algum problema de saúde e mais nada.

Até que um dia, uma criança ficou doente com infecção no intestino, com desidratação bem forte: era doença séria.

O médico do hospital da região não atendeu direito, por - que não dava pra internar a criança, pois os leitos estavam com ou - tros doentes.

No fim da história, a criança quase morreu, foi salva por um fio.

A mãe era mulher de poucas palavras, mas de muita ação e, ajudada pela assistente social começou a promover reuniões com as ou - tras mulheres, para discutirem a situação do bairro.

Decidiram, depois de um mês, fazer um abaixo-assinado (que foi escrito pela assistente social) para o prefeito reclamando das condições de vida do bairro e exigindo esgoto, água encanada, e maior número de leitos no hospital da região.

O abaixo-assinado que continha cem assinaturas de mães e moradoras do bairro, não deu em nada. Não veio nem esgoto, nem água en - canada, nem novos leitos para o hospital. Mas serviu para que as mu - lheres passassem a se reunir todo dia 15 (que não fosse de domingo, por - que no domingo tem de cuidar do marido) para discutir os problemas do bairro, dos filhos, da carestia e outros problemas. E a assistente so - cial é convidada para participar de toda reunião.

Aliás, a última decisão que as mulheres tomaram, foi ini - ciativa da assistente social: vão fazer compras em conjunto, direto dos produtores, sempre que possível. Elas esperam baixar um pouco o preço dos produtos com isso. Vão montar uma espécie de cooperativa de consumo, onde algumas mulheres vão ficar responsáveis pela compra de todas em um mês. Depois, no mês seguinte, ficam responsáveis outras mulheres que no mês anterior ficaram sem fazer nada.

Diferente é a situação daquele padre que faz de tudo para ser um dos moradores, ser confundido com eles. É operário, largou a batina e acha que isso é o suficiente para não ter nenhuma influên -

cia seu passado de padre, filho de classe média, de pais bem de vida, com carro novo na porta da casa, televisão a cores e tudo mais.

Quando ele chegou no bairro, logo depois de um grande a contecimento ficou muito conhecido de todos, porque foi um dos que mais se agitou para resolver a situação.

Que grande acontecimento? Aconteceu o seguinte: uma indústria de calçados faliu, e pelo visto, foi coisa de ladrão, porque os patrões fugiram "com a maior nota", nadando em dinheiro. Os empregados ficaram na rua de um dia para outro, sem salário, que já estava atrasado, e sem saber o que fazer.

Acontece que a maioria dos empregados morava no bairro. A primeira coisa que fizeram foi procurar o advogado do sindicato, mas este, depois de muita embromação, começou a aconselhar o pessoal a entrar num acordo com os patrões, que não valia a pena levar o caso para a justiça do trabalho e tudo mais.

Os operários logo desconfiaram do advogado, mas não fizeram nada. Ficaram esperando uma decisão. Alguns queriam até entrar num acordo.

No meio disso tudo apareceu o ex-padre com uma notícia importantíssima: ele tinha provas de que o advogado era vendido e que trabalhava ao mesmo tempo para o sindicato e o patrão. E que, portanto, a única coisa que dava para fazer era tentar outro advogado. O ex-padre, agora operário, disse que, por acaso, era muito amigo de um excelente advogado, que podia ajudar em muito o pessoal. A reunião tinha sido na igreja e o pessoal ficou muito contente com as novas esperanças dadas pelo ex-padre. Chegaram até a ensaiar uma festa improvisada lá mesmo.

Uma semana depois, o advogado amigo do padre estava tratando do caso. Ia e vinha, perguntava isso, perguntava aquilo e nada de resolver a situação.

O pessoal tinha família para alimentar e saiu para arru -

mar emprego, não podia ficar parado esperando uma solução. Além do que, eles foram sentindo que tudo que dava para se fazer estava sendo feito pelo advogado do ex-padre, que tinha se tornado uma espécie de ídolo do pessoal, porque em toda esta movimentação, ele chegou três vezes atrasado no trabalho e foi mandado embora por justa causa. Todo mundo olhava para ele com muito respeito.

Hoje em dia, passados um ano e meio da época da falência, mas nada foi resolvido, o pessoal não conseguiu avançar nem um pouquinho, tanto no sentido de se organizar no bairro, quanto no de tornar o sindicato deles mais a serviço dos trabalhadores. Não conseguiram nem expulsar o advogado do sindicato! O padre operário continua no bairro, "firmão". Para tudo o que aconteceu ele sempre tem pronta a solução. Antes que se discuta, quando ainda não se sabe o que fazer, ele já vem com uma proposta definitiva e tenta encaminhar tudo com a maior rapidez. Ele continua fazendo parte de tudo, mas pelas conversas de esquina, depois do trabalho, ele anda com o prestígio um tanto quanto desgastado e não demora muito vão acabar isolando-o de vez. (Na reunião que se discutia a formação da cooperativa, por exemplo, participaram homens e mulheres, mas ele não foi convidado. Disseram que os homens participantes eram apenas alguns maridos mais interessados, o que não era bem verdade).

O curso é dividido em aulas teóricas e práticas.

O novo educador é professor de eletrônica e é bom conhecedor da matéria.

Ele pretende ser realmente professor, porque sabe o interesse maior da grande maioria dos seus alunos que é de fato aprender a profissão, que lhes vai dar melhores condições de trabalho e melhores salários.

Os professores mais velhos são acomodados e não promovem nenhuma atividade de integração entre os alunos e professores. Nenhuma atividade, nem cultural (sessão de cinema), nem esportiva, sala de jogos, etc.).

O educador sabe que tocar em assuntos explosivos, como salário, participação sindical e política, pode aproximá-lo muito do pessoal. Mas sabe também que isto pode afastá-lo definitivamente. Não que deva fugir de assuntos como estes, mas não deve ser o primeiro a propor. Poderia parecer provocação.

O negócio é continuar dando aula fazendo uma aproximação natural e ter bem claro que o imediatismo, em matéria de intervenção social é um grave engano.

Levando em consideração que seus alunos não são crianças, que tiveram várias experiências com o pessoal que "vem de fora" de seu ambiente, quem sabe mostrando-se bom professor, prestativo, e disposto a todo tipo de atividade proposta, ele consiga a integração que pretende muito mais rápido do que a princípio imaginava!"

A segunda relação gerava-se entre as lideranças estatuídas ou emergidas dentro da intervenção educativa e os grupos populares. No bojo desta realidade provocava-se entre as lideranças um início de rompimento da identidade de classe. A situação vem descrita e analisada por Aída Bezerra no trabalho já citado: "Estamos deslocando o indivíduo de suas raízes, tentando estratificar o que é dinâmico, desautorizando o grupo, e, em alguns casos, aprofundando uma situação de dominação. Mas o pior mesmo é que terminamos por tentar inserir os indivíduos e os grupos na escala hierárquica que garante o funcionamento desse sistema; o nosso "sistema de educação" reproduz essa hierarquia: nós, eles e o grupo." (5)

Em outro trecho, a autora se refere à questão da identidade com mais clareza: "(...) fomos pressionados pelos inúmeros exemplos de líderes que foram desalojados do seu mundo e buscaram o nosso. Os que perderam a sua linguagem, a sua aceitação no meio, encan-

(5) BEZERRA, Aída, *ibidem*, pág. 19

taram-se com a nossa imagem de poder e saber, tentaram a nossa semelhança e se institucionalizaram." (6)

b. Explicação da Nova Proposta - Construção de um Saber Instrumento

Os educadores populares se encontraram em determinado momento de sua prática diante de um grande desafio. A educação popular, como instrumento de mudança social, deparava-se com as dificuldades que os setores populares encontravam para assimilar a teoria de mudança trazida pelos educadores. Fenômeno semelhante ao encontrado pela educação formal nas periferias das grandes cidades, onde os alunos encontravam dificuldades para se alfabetizar e assimilar os conhecimentos que a escola se propunha repassar.

Os diagnósticos iniciais que atribuíam os insucessos ao problema do método e das técnicas teve vida muito curta no meio dos educadores populares. Possivelmente, as preocupações políticas dos educadores ajudaram a aprofundar mais suas análises e a construir novas abordagens do problema. Muito contribuíram, sem dúvida, as análises do Prof. Paulo Freire em "Pedagogia do Oprimido", ao analisar a prática daquilo que intitulou de "Educação Bancária."

Em abril de 1977, Beatriz Costa dirigia seu diagnóstico para o terreno do saber. Afirmava ela, então: "uma posição diz : " os grupos populares não dispõem de conhecimento que lhes permitam sair das explicações correntes na sociedade; só vêem a realidade na superfície de seus acontecimentos. É esta carência que os leva a não sentirem necessidade de uma compreensão mais dinâmica de sua situação e a não tomarem iniciativas no sentido de superá-la.

Daí que a proposta de um trabalho educativo - ainda que

(6) BEZERRA, Aída, pág. 17

não solicitado pelos grupos populares - deve ser a de proporcionar a esses grupos os conhecimentos necessários a uma análise crítica de sua realidade.

Esta posição parte do princípio de que, para ajudar os grupos participantes de um trabalho de educação popular a desenvolverem uma atuação frente a seus problemas sociais, os agentes devem transmitir a esses grupos uma explicação já sistematizada a respeito desses problemas e de sua origem.

No fundo, ainda que inadvertidamente esta atitude guarda uma tendência assistencialista: "O povo não conhece os motivos de seus problemas; vamos lhes ensinar a ciência que os explica." O agente justifica a sua proposta pelo não acesso dos grupos populares a um conhecimento mais preciso das coisas; mas repete os mesmos mecanismos de imposição do saber na qual o povo absorve mas não elabora." (17)

A autora não propõe substituir o saber do educador pelo saber das camadas populares. Propõe o estabelecimento de uma troca entre os dois tipos de conhecimento, da qual resulte um terceiro saber que sirva a cada um como instrumento que ajuda a aprofundar a compreensão da realidade social existente e a encaminhar uma atuação que se identifique sempre mais com os interesses das camadas populares. (8)

A este saber denomina de "saber instrumento".

As justificativas e explicações da sua posição se explicitam com estas palavras:

"Uma outra posição reconhece também que existem elementos superficiais e distorcidos no modo como os grupos populares explicam

(7) COSTA, Beatriz in " Para Analisar uma Prática de Educação Popular", Revista CEI, Suplemento, 17, págs. 16 e 17 de abril de 1977.

(8) Idem, ibidem, pág. 6

e se comportam com relação à realidade social. Reconhece igualmente que esses grupos geralmente carecem de elementos teóricos já sistematizados que lhes sirvam de instrumento para a apreensão do processo social e de suas possibilidades de atuação nesse processo.

Considera contudo que:

. O povo retraduz as interpretações correntes a partir de sua experiência, ou seja, a "experiência de vida" dos grupos populares vai produzindo um saber popular - uma sabedoria sobre a realidade - que pouco se conhece mas que se distancia razoavelmente do saber dos grupos sociais que não vivem a sua experiência;

. Este saber popular, como já foi dito, contém muita ambigüidade, incorpora elementos que correspondem à experiência e interesses de outros grupos sociais, e que são divulgados por toda a sociedade;

. O saber do agente não é o saber popular - uma vez que em geral o agente não pertence às camadas populares, isto é, uma vez que sua experiência social é diferente da experiência dos grupos com quem trabalha;

. O saber do agente também é distorcido, também contém ambigüidade; seus conhecimentos, atitudes, valores também incorporam elementos que se impõem e difundem a todos os grupos sociais;

. Os grupos populares carecem hoje de oportunidade para explicitar o seu saber: expressar a sua experiência social, discutí-la, confrontá-la com a experiência de outros grupos (semelhantes ou diferentes), esclarecê-la com a ajuda de elementos já sistematizados pelas ciências sociais.

Assim sendo, esta posição supõe que embora o trabalho educativo não tenha sido solicitado pelos grupos populares, a proposta dos agentes deve estar ligada à necessidade desses grupos explicitarem e recriarem o seu saber (conhecimentos, atitudes, valores), dando

surgimento a um novo saber útil à prática das camadas populares - e dos próprios agentes. Ou seja, a proposta dos agentes apresenta - se como uma proposta de troca entre o saber popular e o seu saber; troca onde os elementos mais sistematizados que eles podem oferecer se transformem em instrumentos a serem utilizados por ambos - grupos populares e agentes - na análise da realidade e das possibilidades de modificá-la. Ou seja, transformarem-se em instrumentos de um novo saber e de uma nova prática. Saber novo e, ao mesmo tempo, provisório, uma vez que o saber se modifica e se aprofunda na medida em que se diversifica e se aprofunda a prática e a vivência dos indivíduos e grupos. (9)

c. Outras Explicações

A explicação das mudanças das propostas dos educadores em relação ao saber das camadas populares não se esgota nos fracassos a cumulados. Não se esgota também só nas explicações da convivência geo social entre educadores e camadas populares. A proximidade geo-social facilitou sem dúvida aos educadores perceber o que ocorria com estas camadas no campo epistemológico. Fracassos e proximidade, no entanto, não explicam tudo. É necessário buscar outras razões.

No início da década de 60 até mais ou menos metade e fi nal da década de 70, ocorrem profundas mudanças econômicas, políticas e sociais no país que se refletem nas camadas populares, na formação e explicação de seu saber.

Entre as mudanças, salientam-se a formação de grandes e complexos pólos industriais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Rio Grande do Sul) com as características brasileiras de grandes concentrações industriais e grandes concentrações operárias.

(9) idem, ibidem, págs. 17 e 18

Os parques industriais são bastante diversificados em termos tecnológicos. Alguns deles exigindo trabalhadores com alto nível de especialização. Altos níveis de especialização pressupõem preparação técnica e escolar mais apurada, de um lado, e melhoria salarial, de outro. Portanto, trabalhadores mais ágeis mentalmente, sob o ponto de vista da educação ambiente, e com melhores condições de pensar-se política e culturalmente dentro do quadro social em que estão inseridos.

Mas não é só. As grandes concentrações operárias facilitam aos trabalhadores a observação das suas condições de vida, a troca de explicações sobre elas, a mobilização nas reivindicações, a análise coletiva dos resultados das lutas, a criação de órgãos especializados (tipo DIEESE), que lhe subsidiam as lutas, a efervescência de uma cultura operária (com parâmetros estéticos, sociais, econômicos próprios) e com soluções próprias para seus problemas sociais, dentre elas, muitas são reprodução da sua situação anterior. Exemplos: mutirão, medicina popular, folclore, etc.

Por seu turno, o fenômeno da industrialização provocou também, no Brasil, o êxodo rural. As grandes concentrações urbanas geraram uma série de problemas para o trabalhador urbano e sua família. A falta de condições infra-estruturais: água, luz, esgoto, calçamento. A carência de milhares de moradias. A expulsão para regiões cada vez mais distantes do centro e do local de trabalho. A precariedade e os custos do transporte coletivo. Falta de atendimento de direitos fundamentais como educação e saúde. A que se soma a questão do desemprego.

A situação obrigava os trabalhadores a duplo movimento. De um lado, buscar suas próprias soluções para os problemas. A exemplo do que já acontecia, o seu saber foi criando soluções endógenas. A medicina popular continuou sendo usada. O mutirão, como instrumento coletivo de resolver seus problemas de produção, foi recriado como meio de solucionar sua necessidade ("sonho"?) de casa própria. As favelas nascem como a grande solução encontrada pelo trabalhador urbano para

uma série de problemas por ele encontrados na cidade.

Não se pode negar que estas soluções aqui apontadas possuem um saber que as produz, as organiza e concretiza, saber onde estão implícitos os conceitos tecnológicos e conceitos sobre suas relações sociais, relações com o Estado, aspirações de vida, novas formas de relações sociais mais justas, humanas e igualitárias.

O saber elaborado foi apontando para a necessidade de se criarem outras formas de organização ou se recriarem as formas antigas.

A história do movimento popular no Brasil registra, nesta época, final da década sessenta até meados e final da década de setenta, o surgimento de inúmeras formas de organização, cada uma lutando por melhorar as condições de vida e trabalho e formulando seu pensamento sobre a sociedade, a vida e o trabalho.

Surge, então, no cenário brasileiro, ora com expressão local, ora atingindo regiões políticas e economicamente mais importantes, uma série de movimentos, onde o trabalhador reflete sobre suas condições e onde se encontram indícios de que elabora sobre ela.

d. Documentos Ilustrativos

1. Grupo de Jovens

Existe um saber na organização destes grupos. Exemplo:

"É um fato que nos leva a pensar: como é que os jovens são tão ativos na comunidade e são tão mal vistos quando tentam se organizar em grupos dentro das CEB's?

O argumento mais comum é que o grupo de jovens se constitui num grupo separado do restante da comunidade, organizado para manter grandes quantidades de jovens num estado de alienação diante da realidade sócio-política e da ação pastoral da comunidade ... o problema aumenta quando vemos que este modelo (o paroquial) é nascido em uma rea

lidade de juventude de classe média e alta (completamente diferente da juventude das CEB's)." (10)

No mesmo jornal, à frente se lê: "É necessário reflexão, tanto por parte da equipe redatora como por parte da C.A.P.J. E também do grupo de jovens da diocese sobre a prática igualitária e libertadora que se quer implantar no movimento.

Ao meu ver começa aqui e agora, no jornal, nas reuniões, nas diversas atividades.

Nos evangelhos, Jesus me deixa claro que a participação é algo coletivo, isto é, todos participam, todos pensam e fazem; não "alguns pensam" e "outros fazem" o coletivo é algo que Jesus sempre pregou e este critério talvez seja o maior para nós, jovens cristãos, para que comecemos a construir. "A sociedade nova." (11)

2. Movimento dos Desempregados

"O Movimento dos Desempregados de Petrópolis (RJ) em texto mimeografado, publica carta aberta de 1º de setembro de 1984 do grupo de desempregados" de Nova Iguaçu (RJ). Alguns trechos da carta apresentam descrição da realidade do desemprego e elaboração que fazem sobre ela: "O desemprego que hoje atinge 15 milhões de brasileiros é uma chaga de nossa sociedade e ameaça atingir vocês também. Somos 15 milhões de desempregados porque nos querem assim.

Todos os dias saímos à procura de emprego, amanhecemos dormindo nas filas, chegamos a desmaiar de fome e nada. O que ganhamos é a repressão policial como vimos dias atrás, quando 5.000 mulheres de empregadas buscavam uma das 1.500 vagas para merendeiras na rede municipal de ensino da cidade do Rio, a preço de um salário mínimo ou quando desempregados somos descaradamente convidados a vender nosso

(10) JÚNIOR, Cura D'Ars, Jovemovimento, Jornal do RJ. Ano/, nº 2

(11) Idem, ibidem, pág. 10

último espaço de dignidade às causas da prostituição - como aconteceu dias atrás, aqui em Nova Iguaçu, quando companheiros nossos em busca de apoio a esta festa (A Carta aberta é um convite para participação de uma festa) (explicação de outros) recebêram de um ex-candidato a prefeito de nossa cidade, proposta para serem massagista em sua casa de massagem.

Companheiros, o desespero toma conta de nós sem trabalho, sem apoio, sem solidariedade, estamos morrendo. Fugimos do campo onde éramos bóias-frias, escravos do grande fazendeiro. Chegamos aqui na cidade esperando sobreviver. E o que encontramos foi desespero. Outros companheiros desempregados, tratados como vagabundos, lutando para sobreviver, vivendo de bicos e biscates, fugindo do fiscal corrupto, jogados na sarjeta, sem ter o que comer nem onde morar sem direito ao trabalho, sem direito a sobreviver.

(...) Nossas cidades sem solidariedade estão sendo devoradas pelo egoísmo estabelecido na livre concorrência, na exploração na lei do mais forte." (12)

2.2. O Boletim "O Desempregado no País", editado pela pastoral operária de Belo Horizonte, faz esta análise do desemprego:

"Patrões usam o desemprego como arma contra os trabalhadores."

Enquanto uns são demitidos, outros (os que ficam) são obrigados a aumentar a produção, fazer horas extras, aceitar redução de salários.

Além do desemprego estar trazendo privações de todo tipo está dificultando a mobilização dos trabalhadores para exigir os seus direitos.

(12) GRUPO DE DESEMPREGADOS DE NOVA IGUAÇU, carta aberta, texto mimeografado pelo Movimento dos Desempregados de Petrópolis.

As raízes do desemprego

A política econômica adotada pelo governo que tem como finalidade combater a inflação e o desequilíbrio das contas externas do país (o Brasil tinha uma dívida externa de 65 bilhões de dólares em junho de 1981).

Para conseguir este objetivo o governo tomou várias medidas:

- a. Liberou a taxa de juros. Trocando em miúdo, isto quer dizer antes se comprava uma geladeira no crediário e se pagava 56% de juros. Hoje se compra uma geladeira no crediário e se paga o preço de três.
- b. Reduziu os investimentos e fez cortes nos gastos públicos. (...)
- c. Diminuiu e selecionou o crédito. Noutras palavras, o governo só facilita dinheiro para aquelas empresas que têm mais condições de aumentar as exportações, porque assim se pode obter dólares para pagar a dívida externa." (13)

3. Movimento Contra a Carestia

3.1. Com seu jornal mimeografado, sem data, possivelmente de 1978, o Movimento contra a Carestia analisava: "(...) Existe, portanto, uma diferença enorme entre o que se ganha e aquilo que se necessita para sobreviver.

Observe-se que 75% da população brasileira, isto é, quase o total da população, ganha apenas dois salários mínimos ou menos. Com isso, torna-se mais frequente entre nossas famílias o recurso às horas extras, ao trabalho feminino, ao trabalho infantil e à redução forçada das despesas com a alimentação e saúde.

Com isso, podemos ver que o reajuste salarial não acom-

(13) PASTORAL OPERÁRIA DE BELO HORIZONTE - Boletim Mimeografado, "O DESEMPREGO NO PAÍS", (sem data).

panha a alta do custo de vida. Uma boa parte do que o trabalhador produz vai para as mãos de quem cada vez fica mais rico, e esse mínimo não atende às necessidades do trabalhador.

Com isso, a nossa vida de trabalhador, se resume em deficiências: física, mental, social. Pelo que produzimos, teríamos que ter por onde conservar nossa saúde, e o que temos?

Subnutrição

(...) A Subnutrição é um problema exclusivamente social, ligado à distribuição da riqueza de uma nação pela população; ligado à cultura e ao desenvolvimento do povo." (14)

3.2. O Movimento contra a Carestia, inicialmente intitulado Movimento do Custo de Vida, apresenta também elementos da elaboração teórica dos setores populares sobre a sociedade:

"ABRE O OLHO MEU AMIGO" (15)

O Operário tá sofrendo
E também o lavrador
Estão sem terra e sem salário
Estão sofrendo a mesma dor.

Abre o olho, meu amigo,
Vamos juntos caminhã
SÓ com a força da união
Que nós vamos libertã.

Jã tem muito bôia-fria
Muito serviço é temporário

(14) Boletim "Movimento Contra a Carestia" , Região Norte, artigo "Situação do Custo de Vida".

(15) Letra e Música de um lavrador de Itaguara, Boletim "Movimento do Custo de Vida", (Estado de Goiás).

Prá vendê tudo é barato
Prá comprã tudo é mais caro.

A lavoura é 50 por cento
50 é do proprietário
15 por cento é imposto
30 do intermediário."

4. Movimento dos Transportes Coletivos

No movimento por melhorias dos transportes coletivos de Ta^uboão da Serra e Embu, Estado de São Paulo, as relações de poder são assim analisadas pelas lideranças: "A gente sempre se preocupou para que o movimento não se restringisse à reivindicação e que, sendo a^utenuadas ou atendidas as solicitações, ele não deixasse nenhum saldo organizativo. Por isso, existe uma preocupação do povo sentir que e^ule tem força, que ele não deve ficar numa posição de pedinte, esmo^llando pelo amor de Deus que eles concedam alguma coisa, mas que ele realmente tem direitos e que realmente ele vai arrancar das autorida^des aquilo que ele quer, influenciando enquanto decisão. Que o saldo or^ganizativo seja realmente a população sentir o que ela vale, que os direitos dela têm de ser respeitados, e que os caras (governo) têm que realmente fazer aquilo que a população considera prioritário. Por^tanto, que a população tome consciência da própria força e influa nos órgãos de decisão a nível local e em outros. Até hoje o trabalhador só recebeu decepção e a luta é pela união popular e não união a qual^quer forma de poder. (16)

5. Juventude Operária Católica (JOC)

Recolhemos em seu Boletim uma reflexão e um Depoimento so

(16) Entrevista com lideranças do movimento citado por Neto, Nazareno Spósito Affonso, em "Chega de Enrolação Queremos Condução", vol. X, Edições EBTU, 1982.

bre as comerciárias.

"REFLEXÃO"

"Estamos em uma época do ano, que pode se tornar rotina devido à insegurança que uma realidade injusta e violenta leva uma maioria de pessoas oprimidas a não se realizarem como gente, como pessoa humana.

A propaganda torna-nos escravos de um consumismo desenfreado, fazendo-nos sustentar um sistema que tem por princípio o lucro.

É começo de um ano novo, os primeiros passos de uma nova década. É também momento propício de refletir nossa vida e nos questionarmos como cristão.

Qual o nosso compromisso com esta vida?

Nossa capacidade e valores estão contribuindo para a construção de um mundo humano e digno?

É um novo tempo. A juventude trabalhadora acredita que o futuro da humanidade se constrói no presente de sua luta, e que a esperança de um mundo novo tem que ser fabricada todos os dias." (17)

"OS COMERCÍARIOS"

Vejamos o que contam.

Trabalho como comerciária há um ano. As condições para se trabalhar no comércio são péssimas, principalmente em épocas como a de natal.

Nós comerciárias ficamos esgotadas e nervosas, pois temos que ficar em pé o dia inteiro e ainda aguentar alguns clientes

(17) Boletim "Juventude Trabalhadora", Jan. - Fev. de 1981, in "Reflexão"

chatos.

A forma de pagamento em geral é por comissão e isso faz com que haja competição, grande desunião entre nós.

O Sindicato é pelego, nada faz pela categoria.

O acordo para se trabalhar até às 22 horas, é feito somente pelos patrões, que não nos consultam.

A loja onde trabalho, além de vendedores, temos que carregar mercadorias; não temos horário certo de trabalho, pois, às vezes, estamos nos arrumando para irmos embora e aparece um freguês querendo comprar, aí temos que ficar e depois vamos embora tarde da noite. Essa hora que trabalhamos a mais não a recebemos; ganhamos por comissão e isso faz com que um queira vender mais que o outro gerando competição, brigas. E desunião e quem ganha com isso é o patrão pois quanto mais se vende maior é o seu lucro; as meninas que trabalham no caixa ficam às vezes até às 23 horas.

Eu percebo que o pessoal fora das vendas são amigos, o que gera a desunião é realmente toda essa situação.

Nas lojas maiores, o pessoal é forçado a fazer uma hora de descanso durante todo o dia sob vigilância e ameaça dos chefes.

Outra coisa que percebo é a propaganda que leva nós comerciárias e toda a população a consumir mais e às vezes a comprar coisas desnecessárias, sendo que nosso salário não oferece condições para isso." (18)

6. Ocupação do Solo Urbano

O Boletim nº 5, de outubro de 1981, "Informativo das Inovações", Órgão de Divulgação das Associações do Moradores do Jardim Nova Esperança, Estado de Goiás, apresenta depoimentos de ocupantes do

(18) Ibidem, in "Os Comerciários"

solo.

"VALDEMAR"

"Vim do sul do Pará norte de Goiás. Vim tratar da saúde chegando aqui não tínhamos aonde morar, foi aí que ouvimos um boato que estavam invadindo uma terra que umas freiras havia deixado para os pobres. Antes de nos mudar para o Jardim, não sabia o que era uma luta uma união dos trabalhadores, das repressões que se dava em cima dos trabalhadores que unidos reivindicava seus direitos.

No Jardim tivemos a oportunidade de ver e sentir tudo isso, nesses dois anos de Jardim a gente foi tomando consciência da luta.

Agora que nasce um partido que nós pensa que é do trabalhador, peço a Deus e faço votos que seja realmente do trabalho (PT), porque os trabalhadores até hoje não teve direito de falar sobre seus direitos e política no Brasil. Agora nasce um partido que oferece espaço para nós falar.

As lutas não podem ser isoladas, a gente aprendeu a importância das lutas se apoiarem. E de um trabalhador se apoiar e confiar no outro trabalhador." (19)

"CAETANA"

"O Jardim Nova Esperança me ensinou a viver. Antes eu ia lavar roupa nas casa das madames e achava certo o jeito delas me tratar. Até o copo d'eu beber água era separado. Hoje eu sei que elas não têm nada melhor que eu. A luta nossa ensinou eu ter mais união com as pessoas.

Nós morava de aluguel. Lá na firma onde meu marido trabalhava, os colegas dele falava prá ele vir prá cá, tirar um pedacinho

(19) VALDEMAR, in Boletim, Órgão de Divulgação das Associações de Moradores do Jardim Nova Esperança, nº 5, Outubro de 1981, pág. 6.

de terra prá nós morar. Mas ele não queria, porque nosso pastor, eu sou crente, graças a Deus, o pastor falava que invadir não era certo. As coisas foi apertando e nós veio. Sofremos muito, passamos muita fome, até que conseguimos fazer um barraquinho. Viemos prá cá dia 14 de setembro, dia 22 começou a vir a polícia. Eu tava doente, tinha internado muitas vezes, com a briga eu até sarei. Arrumei um cacete até hoje ainda guardo ele. Sofremos muita repressão, mas aprendi que o povo unido consegue muita coisa." (20)

"MARIA AUXILIADORA"

"A luta ensina a gente que o rico pretende explorar o pequeno, antes a gente pensava que não tinha jeito mesmo. Que o pobre sempre ia continuar pobre, com a luta que nasceu no Jardim, mostrou para nós, por exemplo: nós não sabia o que era a união, não sabia da existência das invasões, ficamos sabendo dessa e viemos morar nela. Na luta a gente aprendeu como se defender da opressão dos ricos, distinguir na política qual o partido que realmente está com o povo. Sabemos que o PDS é o partido dos tubarões e que está nos massacrando, e quem manda nele é os militares.

Depois de morar de aluguel em muitos lugares surgiu essa invasão do Jardim Nova Esperança e mudamos para cá. Foi uma benção de Deus para a classe pobre, é a terra prometida. Aqui aprendemos a conhecer o efeito da doença dos tubarões, que é a repressão da polícia e vi que o melhor remédio contra essa doença é a união." (21)

7. Movimento Contra a Carestia em Minas Gerais

O Movimento contra a carestia em Minas Gerais surgiu no final do ano de 1977 com a visita do operário paulista Aurélio Peres ,

(20) CAETANA, ibidem pág. 6

(21) AUXILIADORA, Maria, ibidem, pág. 6

Deputado Federal por São Paulo.

Destacamos dois documentos surgidos então em Belo Horizonte. O primeiro, uma poesia-convite para uma reunião do dia 20 de janeiro de 1978. O segundo, uma peça de teatro popular, intitulada "O Casamento de Chico Jumento e Mariquinha", apresentado no encontro do movimento contra a carestia, pelo bloco do povo T.P. IV dia 28 de abril de 1978.

7.1. Precisamos de União

	Foi no dia 22		E no dia 22
	De dezembro do ano velho		Donas-de-caa e maridos
	No Colégio Santa Rita		Trabalhadores diversos
	Conhecemos seu Aurélio		Com mais alguns conhecidos
I	Deputado de São Paulo	II	Fizeram a reunião
	eleito pelo povão		Com muita camaradagem
	metalúrgico de fibra		E com muita discussão
	e operário dos bão		Pena que você não foi
	É um dos coordenadores		Nem conversou com ninguém
	Da luta contra inflação		Só de home lá sentado
			Sem querer contar vantagem
			Tinha muito mais de cem.
	Convidaram Aurélio Peres na		
	Cidade Industrial prá contar		
	da sua luta feita lá na capital		Seu Aurélio nos contou
III	Luta dos trabalhadores		E sua esposa também
	E do povo em geral		Transmitiram experiência
	Que cada dia que passa	IV	Acerca do movimento
	Tem comida mais escassa		Contra o custo de vida
	E choro no funeral		Da forma como ele vem
			E como o trabalhador
			Vende a vida e o suor
			A troco de vintém

V
Na cidade de São Paulo
Onde é grande a carestia
Este forte movimento
Reuniu em um só dia
Mais de vinte mil pessoas
Que foram à rua exigir
Congelamento dos preços
Também melhores salários
Vida melhor para o povo
Gritaram os operários

VII
O abaixo assinado
O maior que já se viu
Assinaram um milhão
Mais alguns trezentos mil
Trabalhadores de fábricas
Velho, mulher e criança
Gente da periferia
Muitos cidadãos honrado
Nesta santa aliança
da luta do dia a dia

IX
Desde associações,
Donas-de-casa, teatro,
Grupos de mães e jovens
Bem como os da igreja
Que já vinham discutindo
Problemas do dia a dia
E travando suas lutas
por alguma melhoria

VI
Lançaram abaixo assinado
Com aquela exigência
Como não foram atendidos
Foram até a presidência
Que se negou recebê-los
Sem mostrar nada de novo
De que este é um país
De governo contra o povo.

VIII
Foi-se organizando o povo
Prá chegar a este ponto
E segundo nos contaram
Nada disso veio pronto
O movimento é amplo
Envolvendo muita gente
Que foi juntando nos bairros
Muitos grupos diferentes

X
A luta por condução,
Por esgoto, água encanada
Prá conseguir calçamento
Ou grupo prá criança
Contra poluição
Ou desapropriação
É um luta do povo
Contra essa triste vida
Não pode ser desprezada
Deve ser entrelaçada
Contra o custo de vida

V
Na cidade de São Paulo
Onde é grande a carestia
Este forte movimento
Reuniu em um só dia
Mais de vinte mil pessoas
Que foram à rua exigir
Congelamento dos preços
Também melhores salários
Vida melhor para o povo
Gritaram os operários

VI
Lançaram abaixo assinado
Com aquela exigência
Como não foram atendidos
Foram até a presidência
Que se negou recebê-los
Sem mostrar nada de novo
De que este é um país
De governo contra o povo.

VII
O abaixo assinado
O maior que já se viu
Assinaram um milhão
Mais alguns trezentos mil
Trabalhadores de fábricas
Velho, mulher e criança
Gente da periferia
Muitos cidadãos honrado
Nesta santa aliança
da luta do dia a dia

VIII
Foi-se organizando o povo
Prá chegar a este ponto
E segundo nos contaram
Nada disso veio pronto
O movimento é amplo
Envolvendo muita gente
Que foi juntando nos bairros
Muitos grupos diferentes

IX
Desde associações,
Donas-de-casa, teatro,
Grupos de mães e jovens
Bem como os da igreja
Que já vinham discutindo
Problemas do dia a dia
E travando suas lutas
por alguma melhoria

X
A luta por condução,
Por esgoto, água encanada
Prá conseguir calçamento
Ou grupo prá criança
Contra poluição
Ou desapropriação
É um luta do povo
Contra essa triste vida
Não pode ser desprezada
Deve ser entrelaçada
Contra o custo de vida

XI
O povo unido é forte
Disso nem patrão duvida
A inteligência aumenta,
A coragem, a comida
Ganha melhores salários
Conquista a liberdade
Prá decidir sua vida.

43
É por isso companheiros
Que na tal reunião
Decidimos fazer outra
XII
Convidando o povão
Querendo sua presença
Uma vez que é nossa crença
Que prá melhorar as coisas
Precisamos de união (22)

7.2. O Casamento de Chico Jumento e Mariquinha (23)

(Estão todos os convidados esperando a noiva. Durante a espera, vão chegando os outros convidados, se apresentando).

Seu Gumercindo (O pai da noiva): Cumê qui é, a noiva vem ô num vem?

Rita (Madrinha da noiva) : Peraí cumpadre, que ela já vai. Enquanto isso vai receber os convidados (Apontando para a porta, onde vem chegando o João Feijão). Olhaí, está chegando o cumpadre João Feijão.

Seu Gumercindo : Cumpadre João Feijão, (indo ao encontro dele) quanto tempo, como vai a família a plantação?

João Feijão (Respondendo em versos) : A família vai mais o menos, agora a plantação vai mal montão, porque eu como sabem, planto é feijão. Mas o governo incentiva é a soja, qui vai pra exportação, ou então só pra mesa do

(22) Precisamos de União, folheto mimeografado, autor não citado.

(23) BLOCO DO POVO T.P., " O Casamento de Chico Jumento e Mariquinha ", texto mimeografado, elaborado e apresentado pelo mesmo.

Barão, e nós plantadores de feijão con
tinuamos numa péssima situação (pa -
rando de declamar, mostra o Seu Gumerci
cindo que Seu Severino tá chegando).
Óia lá quem vem chegando, é Severino.

Zé Barbicha (Gritando)

: Ô Severino (quando Severino se aproxima
ele fala). Tava falando pru cumpadre
sobre a situação dos plantadores
de feijão. Agora andam intê falando
que o nosso salário, salário de trabalha
dô, que causa a inflação.

Severino (Convidado - Responde: Salário de trabalhado não causa inflação
em versos)

ção, o que causa é a pouca produção
dos bens necessários à população, e
muito incentivo à exportação.

Bastião (Que estava atento fala
la)

: Uai pessoã, depois que o cumpadre foi
prá capitã ele até vortô falando meio
estrangerado. (Dirigindo-se ao Severino).
Qui trem é esse de bem, sei lá
o quê, necessário?

Severino

: Ô Bastião, bens necessários é tudo a-
quilo que o povo precisa pra vivê. Como,
por exemplo, feijão, milho, arroz,
terra prá gente plantã e morã, assis-
tência médica, escola pros nossos filhos,
emprego.

Bastião (Fazendo gestos com os dedos)

: E o mezinho também é bem necessário?
(Todos riram).

Seu Gumercindo

: Gente como nós não comi carro não ,
nós precisa é de feijão. Então porque
o Governo incentiva uma produção que

num vai enchê a barriga da população?
(Assim que Seu Gumercindo termina ,
João Feijão prossegue).

João Feijão: As terra tem que ser distribuídas pa
ra haver melhor comparação, aí mostra
remos a nossos governantes como ama -
mos esta Nação.

Seu Gumercindo (Dirigindo a : É cumpadre Feijão, a vida tá preta pro
João Feijão) nosso lado. Mas gora vai aliviá um
catiquinho. Mariquinha vai casá, cons
truir sua própria família, então vai
aliviá uma boca (apontando para sua
esposa). Olha como a Benta tá satis -
feita. (Gritando chamando a Benta). Ô
muié, vem cá cumprimentá o cumpadre
João Feijão.

Benta (Mãe da noiva - Vindo de: Cumpadre do céu, sei que não é hora
sesperada) de falá nisso (mansinha) mas vou falá.

Seu Gumercindo (Nervoso) : Diga logo muié, não me aperreia não ,
já tô ficano curioso.

Benta : Digo logo homi do céu (com jeito de
quem sabe de tudo). É qui o cumpadre
teve muito prijuízo nesta plantação
(dirigindo ao João Feijão) teve ô num
teve cumpadre? (João Feijão responde
afirmativamente com a cabeça) como as
terras que ele planta não é dele é do
Coroné Deodoro e com esses tar de a
travessadores (com desprezo) esses
grandes comerciantes, ele teve que ven
der suas plantações bem barata. Negõ-

cio qui eu acho errado, nós é qui tinha qui vender direto lá na cidade. Então deu no seguinte: eles compraram na mão do cumpadre aqui bem barato, foram passando o feijão de mão em mão até chegar na mão do povo lá na cidade. E no qui deu, quando chegou na mão do povo da cidade, o qui eles dão o nome de consumidô (brincalhona) quando eles deviam dar o nome é de sumidô.

Bastião (Convidado - Confuso) : Vai praquê D. Benta?

Benta : Praquê quando o feijão chegou na mão deles, já tava dez vês mais caro do que aqui na mão do João Feijão, assim a maioria não tem dinheiro prá comprá, então é por isso qui eles tão sumino.

Seu Gumerindo (Confuso) : Mas sumino cumé muié?

Benta : É sumino home. Uns morre di fomi aqui, outros ali.

Rita (Convidada - severa) : É nóis aqui também tamos morreno di fomi. (Dirigindo a todos) Ocês não lembra da família da Constância? Aque-la que morava lá di riba do cruzeiro, qui foi expulsa di suas terras, por esse mesmo Coroné Deodoro. Pois é, eles foi pra cidade grande, mas num diante nada. Caiu na desgraça, coitada. Perderam a terra, perderam o filho, perdeu tudo.

Joaquim (Convidado) : É esses fazendero pensa qui é dono de tudo. Nóis já são filho da terra, qui

a tantos anos, num temo direito a nada. Agora eles chega aqui i sô quê sa bê de expulsã nóis, prá aumentã sua ganância. (Revoltado). Ainda por cima com a polícia, como si a gente fosse bandido.

Seu Severino

: Quantas Constâncias não devem existi por aĩ, passano necessidade, sem casa prá morã e com a família na desgraça.

Rita (Se dirigindo a todos)

: Si não existisse entre nossos patrões esta ganância di lucro, di opressão, viveríamos todos muito bem.

Nossa terra é rica, boa, Brasileiro não é priguiçoso como dizem. Quantas pessoa sai daqui da roça, vai pra cidade procurã imprego, seno qui isso não é necessário. Tem muita terra aqui, o qui custava eles dá um pedacim di terra pra cada um plantã seu feijão, arroz, milho (quase chorando) mas não, eles prefere ficã com tudo prá eles.

Ana (Mulher de Severino)

: O povo já tá sentino a necessidade de uma reforma agrária, com a nossa participação.

Bastião

: Ô sinhã Donana, cês hoje tá danado prá falar bunito. Qui trem é esse de reforma agrária?

Ana

: É reforma agrária, Bastião. É o qui Rita acabou de contã. É as terras sê

distribuída igualmente pra todú mundo, com todo material necessário prá plantá i vivê da nossa terra, sem precisá de nóis trabalhá como escravo pra esses fazendero.

Seu Gumercindo

: Puxa! Isso é muito bom. Pruquê o governo inda num fez isso?

João Feijão

: É pruquê este não é um governo do povo, ele não está do nosso lado (nervo). É um governo dos coroné qui defende os interesses dos dono das terra. Um governo qui intrega as nossas riquezas pro estrangeiro.

Benta

: Cumé qui é, esta noiva vem ou num vem?

Chico

: É, tá desmorecendo. Pareceno cum Antonio qui um dia a polícia veio aqui, levô ele, falano qui o Antonio só iria depor e voltaria. Isto já faz bem uns cinco anos e nóis tamo esperano até hoje.

João Feijão

: Mas hoje compreendemo porque ele foi preso, foi porque ele nos falava di uma vida milhó. Onde ninguém ia morrer de fomi, como a família da Cons - tância. Ninguém ia precisá saí daqui da roça, i prá cidade procurá imprego inutirmente, como o João, irmão do Chico, qui hoje casa com a Mari - quinha. E num foi só o Antonio não, sabemos di outros feitos com pessoas

diferenté, di diversos lugar.

Ana : Ô Severino, conta pró pessoã o que tá aconteceno lá na cidade.

Seu Severino : Bão, nóis lá na cidade tamó qui nem ocês daqui da roça. Quando eles qué abri estrada e avenida, os primeiro a sofrê as consequências somo nóis, qui temo que perdê nossos barraco. Eles paga uma miséria qui num dá nem prá comprá bala prós minino. Enquanto isso, prós rico, o governo dá milhares de alqueire di terra prá construí suas fábrica e mansão prá morã.

Chico (Com jeito de sabichão noivo) : É uma coisa simples de resolvê. Imagi ne ocês si todo mundo tivesse sua ter_{ri}rinha, plantasse só as coisas qui o povo comi, si todos nóis tivesse o direito de opinã sobre as nossas lei, se todos os trabalhadô da cidade e do campo tivesse melhores condição di vi_{da} e trabalho, se acabasse com esses tar de atravessadô, o custo de vida num seria um monstro na frente do tra_{ba}lhadô a amedrontá-lo e todo o povo viveria tranqüilho. Ninguém ia morrê de fome.

Zê Barbicha (Convidado com raiva) : Era isso qui o Antonio defendia. Por que então essa polícia qui dizem que é prá nos protegê, defendê os nossos direito, prendeu o Antonio? Comê é do nosso direito, ele defendia. Salário mais justo é do nosso direito, ele

defendia. Terra prá os composes é do nosso direito, ele defendia (confus- so). Num intendo, meu Deus, porque levaram o cumpadre Antonio.

Seu Gumerindo

: Isso é porque tem alguém quereno ro bá do povo. Mas se nóis tivesse um governo feito por nóis, operário e camponês, hoje o Antonio estaria a qui, do nosso lado.

Seu Severino

: É mas prá consegui a terra prá quem nela trabalha ou qué trabalhã, a li berdade de falã a verdade sem acon - tecê o que aconteceu com o Antonio , prá que a maioria de nóis brasileiro não morra de fomi, enquanto uma mino ria de fazendero gordo como porco pro matadouro vivam às custas do nosso suô, é prciso qui haja leis feita por representante de nóis trabalhadô, que defenda o interesse da maioria.

Pedro (Da cidade)

: Olha gente, a vida lá na cidade tá ruim igual ã do campo mesmo. Vários companheiros nossos da fãbrica também foram presos, expulsos do país, por lutarem por uma vida melhor.

Zé Barbicha

: É por todas injustiças cometida con tra o povo qui devemos escolhê verda- deiros representantes nosso prá nos representar numa Assemblêia Nacional Constituinte, onde nóis mesmo faremo nossas lei.

- Bastião (Confuso) - bobo : Uai cumpadre, estas lei já num tão feita?
Cumé qui nóis sem estudo, sem instrução vamo fazê estas lei?
- Rita : Aí qui tã, Bastião, somo nóis sem instrução, sem estudo, tanto camponês como operário que trabalhamo e com nosso suô produzimo a riqueza da Nação, e somo nóis qui sofremo com essas lei que tão aí protegeno aquela minoria de ganancioso. Então, Bastião, quem melhó qui nóis mesmo temo o direito de fazê nossas própria lei?
- Bastião (Surpreso - Vê o padre chegando) : Óia lã, gente, quem vem chegano, é o Sô Vigário. (Todos correm para pedir a benção ao padre. Depois do padre abençoar três pessoas diz:
- Padre : Todos desta casa tão abençoados, que Deus esteja com todos vocês.
- Todos : Amém!
- Padre : Mas onde é que tã a Mariquinha? Aque-la minina qui eu batizei e agora vô casá?
- Seu Gumercindo (Dirigindo-se à mulher) : Ô muié, vai buscá a Mariquinha.
(A mãe sai pra buscar a Mariquinha).
Ôces compreende, né? As muié demora a arrumã (Assim que Gumercindo acaba, entra Benta com Mariquinha - O pai toma o braço da noiva - Os convidados batem palmas - A noiva sorri diante dos comentários - O noivo vem

ao encontro da noiva e juntos se encaminham pro altar, onde já se encontra o padre.

Padre :

f. Interpretação dos Documentos

Simultaneamente à ação desses grupos, as associações de moradores tomam impulso e se tornam, desde então, palco privilegiado da atuação dos políticos populistas, já que sua ação se tornava difícil junto aos sindicatos, em função da política trabalhista repressiva que a ditadura impunha aos órgãos sindicais.

Outras organizações populares ligadas à igreja católica conseguem superar os impasses internos vividos na instituição e se mantêm atuantes. Exemplos: Ação Católica Operária (ACO), Juventude Operária (JOC).

O que importa, para efeito da proposta aqui apresentada, é dizer que a ação organizada de todos estes grupos e movimentos tinha um saber que dava suporte a sua prática.

Sem aprofundar e sem entrar em detalhes pode-se afirmar que estes movimentos possuíam um saber sobre o Estado, sobre suas relações com ele, sua força organizada, a consciência de que seus problemas sociais se originavam do fato de serem trabalhadores, o papel do movimento organizado para melhoria das condições de vida e para transformá-las, consciência das suas condições de vida, das desigualdades sociais, da necessidade de usar estratégias para lidar com os setores dominantes, especialmente com a chamada "Classe Política", consciência das dificuldades de qualquer mudança de acordo com os interesses populares.

Tentemos nos aproximar mais das elaborações populares. Embora, ao aplicar nossas categorias e nossos instrumentos de interpretação ao mundo popular, os resultados se tornem, muitas vezes, deformantes

e caricaturais, utilizemos o recursos da aproximação e compreensão:

1. A noção de que sua origem de classe determina diferenças entre as outras classes e as classes populares, até mesmo no que se refere às formas de organização:

"(...) O problema aumenta quando vemos que este modelo (o paroquial, é nascido em uma realidade de juventude de classe média e alta (completamente diferente da juventude das CEB's)." (24)

2. Os jovens deste movimento afirmam que seu sonho de construir uma sociedade igualitária, onde a liberdade também seja valor fundamental, não se constrói depois de determinado momento da história. Depois, por exemplo, da tomada do aparelho do Estado. Esse sonho para eles começa a se concretizar desde o momento em que eles começam a colocá-lo em prática nas atividades quotidianas de suas relações sociais: "É necessário reflexão, tanto por parte da CA.PJ. e também do grupo de jovens da diocese sobre a prática igualitária e libertadora que se quer implantar no movimento.

"Ao meu ver começa aqui e agora, no jornal, nas reuniões , nas diversas atividades." (25)

"É um novo tempo. A juventude trabalhadora acredita que o futuro da humanidade se constrói no presente de sua luta, e que a esperança de um mundo novo tem que ser fabricado todos os dias." (26)

3. No mesmo artigo, o Júnior Cura D'Ars, ao falar da questão da participação, rejeita a divisão social do trabalho que divide o trabalho em trabalho manual e trabalho intelectual, como forma de

(24) JÚNIOR (OURIJAR) in "Jovemovimento", Jornal da PJ. Ano I, nº 2

(25) Idem, *ibidem*.

(26) Boletim "Juventude Trabalhadora", Jan. Fev. de 1981 in Reflexão.

privilegiar um e explorar o outro. Ou como forma de explorar menos a um e explorar mais o outro:

"Nos evangelhos, Jesus me deixa claro, que a participação é algo coletivo, isto é, todos participam, todos pensam e fazem.

Não "alguns pensam" e "outros fazem." (27)

Coletivo é algo que Jesus sempre pregou e este critério talvez seja o maior para nós, jovens cristãos, para que comecemos a construir a "Sociedade Nova." (28)

4. O Exército social de reserva que traz tantos sofrimentos para a classe trabalhadora poderia ser evitado se fossem repensadas as relações de trabalho dentro do sistema capitalista, de forma menos lesiva aos interesses dos trabalhadores:

"O Desemprego que hoje atinge 15 milhões de brasileiros é uma chaga de nossa sociedade e ameaça atingir vocês também. Somos 15 milhões de desempregados porque nos querem assim. (grifos nossos). (29)

"Enquanto uns são demitidos, outros (os que ficam) são obrigados a aumentar a produção, fazer horas extras, aceitar redução de salários. Além do desemprego estar trazendo privações de todo tipo, está dificultando a mobilização dos trabalhadores para exigir seus direitos." (30)

5. O trabalhador se sente lesado no seu direito ao trabalho. E no seu direito de levar uma vida digna, honesta. O caminho da prosti

(27) Idem, ibidem.

(28) Idem, ibidem.

(29) GRUPO DE DESEMPREGADOS DE NOVA IGUAÇU, Carta aberta, texto mimeografado pelo Movimento de Desempregados de Petrópolis.

(30) PASTORAL OPERÁRIA-BH, "O Desemprego no País", Boletim mimeografado (sem data)

01

tuição que lhe oferecem é um desrespeito a sua dignidade de trabalhador e de pessoa. No país, além de o Estado não respeitar seu direito ao trabalho, não lhe fornecendo oportunidade de trabalho, não respeita nem mesmo sua necessidade e seu direito de procurar trabalho. A resposta é a repressão policial:

"Todos os dias saímos à procura de emprego, amanhecemos dormindo nas filas, chegamos a desmaiar de fome e nada. O que ganhamos é a repressão policial como vimos dias atrás, quando 5.000 mulheres desempregadas buscavam uma das 1.500 vagas para merendeiras na rede municipal de ensino da cidade do Rio, a preço de um salário mínimo. Ou quando desempregados somos descaradamente convidados a vender nosso último espaço de dignidade às causas da prostituição. Como aconteceu dias atrás aqui em Nova Iguaçu, quando companheiras nossas, em busca de apoio a esta festa (a Carta Aberta é um convite para participação de uma festa, (explicação do autor) receberam de um ex-candidato a prefeito de nossa cidade, proposta para serem massagistas em sua casa de massagem. Companheiros, o desespero toma conta de nós. Sem trabalho, sem apoio, sem solidariedade, estamos morrendo. Fugimos do campo onde éramos bóias-frias, escravos do grande fazendeiro. Chegamos aqui na cidade esperando sobreviver. E o que encontramos foi desespero. Outros companheiros desempregados, tratados como vagabundos, lutando para sobreviver, vivendo de bicos e biscates, fugindo do fiscal corrupto, jogados na sarjeta, sem ter o que comer nem onde morar. Sem direito ao trabalho, sem direito a sobreviver." (31)

"A luta por condução, por esgoto, água encanada pra conseguir calçamento ou grupo pra criançada contra a poluição ou

(31) Idem, ibidem.

desapropriação é uma luta do povo contra esta triste vida não pode ser desprezada deve ser entrelaçada contra o custo de vida." (32)

6. A livre iniciativa, a especulação imobiliária são um impedimento à vivência solidária, parte integrante da utopia construída pela classe trabalhadora, para o mundo em que sonha viver:

"(...) Nossas cidades, sem solidariedade estão sendo devoradas pelo egoísmo estabelecido na livre concorrência, na exploração, na lei do mais forte." (33)

7. O desemprego no país tem suas raízes em algumas medidas conjunturais tomadas pelo governo para combater a inflação e o desequilíbrio das contas externas.

"As Raízes do Desemprego"

A política econômica adotada pelo governo, que tem por finalidade combater a inflação e o desequilíbrio das contas externas do país (o Brasil tinha uma dívida externa de 65 bilhões de dólares em junho de 1981). Para conseguir este objetivo o governo tomou várias medidas:

- a) liberou a taxa de juros. Trocando em miúdo, isto quer dizer: antes se comprava uma geladeira no crediário e se pagava 56% de juros. Hoje se compra uma geladeira no crediário e se paga o preço de três.
- b) Reduziu os investimentos e fez cortes nos gastos públicos (...)
- c) Diminuiu e selecionou o crédito. Noutras palavras, o governo só facilita dinheiro para aquelas empresas que têm

(32) "Precisamos de União", local citado.

(33) GRUPO DE DESEMPREGADOS DE NOVA IGUAÇU, Carta Aberta, texto mimeografado pelo Movimento de Desempregados de Petrópolis.

mais condições de aumentar as exportações, porque assim se pode obter dólares para pagar a dívida externa." (34)

8. Os sofrimentos e dificuldades que os trabalhadores rurais e urbanos enfrentam na formação social brasileira são decorrentes de sua situação de classe.

"O operário tá sofrendo e também o lavrador estão sem terra e sem salário estão sofrendo a mesma dor. (35)

"Aí qui tá, Bastião, como nós sem instrução, sem estudo, tanto camponês como operário, que trabalhamos e com nosso suor produzimos a riqueza da nação, e somos nós que sofremos com essas leis que tão ai protegendo aquela minoria de gananciosos.

Então, Bastião, que melhor que nós mesmo temos o direito de fazer nossa própria lei?" (36)

9. A união e a organização dos trabalhadores é o instrumento político válido para realizar seu ideal de libertação no seio da sociedade.

"Por isso, existe uma preocupação do povo sentir (...) Que o saldo organizativo seja realmente a população sentir o que ela vale, que os direitos dela têm de ser respeitados, e que os caras (governo) têm que realmente fazer aquilo que a população considera prioritário." (37)

"Abre o olho, meu amigo, vamos juntos caminhar só com a força da união que nós vamos libertar." (38)

(34) PASTORAL OPERÁRIA BH, "O Desemprego no País", Boletim mimeografado (sem data)
(35) O Casamento de Chico Jumento e Mariquinha
(36) Letra e Música de um lavrador de Itaguara, Boletim "Movimento do Custo de Vida" (Estado de Goiás).
(37) Entrevista com Lideranças do Movimento, citado por Neto, Nazareno Spósito. Ibidem.
(38) Letra e Música de um lavrador de Itaguara. Ibidem.

10.0 capital se apropria da maior parte das riquezas que o trabalhador produz, a inflação se torna instrumento dessa divisão leoni na de bens.

"Com isso podemos ver que o reajuste salarial não acompanha a alta do custo de vida. Uma boa parte do que o trabalhador produz vai para as mãos de quem cada vez fica mais rico, e este mínimo não atende às necessidades do trabalhador." (39)

"Os nossos trabalhadores que rancou todas as riquezas depois ele fica sem nada fica tudo com as empresas." (40)

11. A ideologia religiosa divulgada entre os trabalhadores contém elementos contrários a interesses dos setores populares, elementos que justificam a exploração que o capital lhes faz:

"Eles dizem que pobreza isso é sorte que Deus deu abre os olhos, meu amigo, Eles tã querendo o que é seu." (41)

"A Luta ensina a gente que o rico pretende explorar o pequeno. Antes a gente pensava que não tinha jeito mesmo. Que o pobre sempre ia continuar pobre." (42)

12.0 trabalhador tem direito de receber uma remuneração digna pelo seu trabalho. Isto é, remuneração que não o deixe ser um cidadão deficiente em razão da pobreza!

(39) Boletim "Movimento Contra a Carestia", Região Norte, artigo "Situação do Custo de Vida."

(40) Letra e Música de um trabalhador de Itaguara. Ibidem.

(41) Letra e Música de um lavrador de Itaguara. Ibidem.

(42) AUXILIADORA, Maria. Ibidem, pág. 6

"Com isso, a nossa vida de trabalhador se resume em deficiências: física, mental, social. Pelo que produzimos teríamos que ter por onde conservar nossa saúde." (43)

13. A pobreza e a miséria em que se acham mergulhados grandes contingentes dos setores populares não são consequência da ignorância ou do atraso cultural. São produto da injusta distribuição da riqueza:

"(...) A Subnutrição é um problema exclusivamente social, ligado à distribuição da riqueza de uma nação, pela população. Ligado à cultura é ao desenvolvimento do povo." (44)

14. O trabalhador, como todo cidadão, é um ser social de direitos e deveres e não objeto da caridade e da benevolência do Estado. O trabalhador-sujeito das decisões do Estado:

"Por isso, existe uma do povo sentir que ele tem força, que ele não deve ficar numa posição de pedinte, esmolando "pe-lo amor de Deus" que eles concedam alguma coisa, mas que ele realmente tem direitos e que realmente vai arrancar das autoridades aquilo que ele quer, influenciando enquanto decisões." (45)

15. Os objetivos do movimento dos setores populares não se esgotam na reivindicação por melhorias da qualidade de vida. O texto fala em saldo organizatório, em consciência de cidadania, em poder popular:

(43) Boletim "Movimento Contra a Carestia", artigo citado.

(44) Boletim "Movimento Contra a Carestia", *ibidem*.

(45) Citação feita por NEIO, Nazareno Spósito de Entrevistas com lideranças do "Movimento", *ibidem*, pág. 9.

"A gente sempre se preocupou para que o movimento não se restringisse à reivindicação e que sendo atendidas as solicitações, ele não deixasse nenhum saldo organizativo." (46)

16. Parece haver um sonho de poder popular cujos contornos os textos não chegam a explicitar.

"Por isso, existe uma preocupação do povo sentir que ele tem força (...) Até hoje o trabalhador só recebeu decepção e a luta é pela união popular e não união a qualquer forma de poder instituído ou a se instituir e o povo tem de lutar pelo seu poder." (47)

"O povo unido é forte
disso nem patrão duvida
a inteligência aumenta,
a coragem, a comida, ganha melhores salários
conquista a liberdade prá decidir sua vida." (48)

17. O Governo não representa os interesses dos setores populares. Na sociedade dividida em classes, o governo está do outro lado.

"João Feijão - é purquê este não é um governo do povo, ele não está do nosso lado. (Nervoso). É um governo dos coroné que defende os interesses dos donos das terra. O governo que intrega as nossas riquezas pro estrangeiro. (...)

João Feijão - mas hoje compreendemo porque ele foi preso, foi porque ele nos falava de uma vida milhõ. Onde ninguém ia morrê de fomi, como a família di Constância." (49)

(46) Idem, ibidem, pág. 9

(47) Idem, ibidem, pág. 9

(48) "Precisamos de União", folheto mimeografado

(49) "O Casamento de Chico Jumento e Mariquinha".

18. Percebe-se, com toda clareza, a convicção generalizada de que, ao contrário das outras classes que não precisam lutar por certos interesses, só a luta pode mudar as condições de vida dos setores populares.

"As lutas não podem ser isoladas, a gente aprendeu a importância das lutas se apoiarem e de um trabalhador se apoiar e confiar no outro trabalhador." (50)

"Com a briga eu até sarei. Arrumei um cacete e até hoje ainda guardo ele. Sofremos muita repressão, mas aprendi que o povo unido consegue muita coisa." (51)

"É por isto, companheiros,
que na tal reunião
decidimo fazer outra
convidando o povão
querendo sua presença
uma vez que é nossa crença
que prá melhorar as coisas
precisamos de união." (52)

19. A sociedade de consumo leva também os setores populares a adquirir objetos que eles não têm condições de comprar, porque seu poder aquisitivo é baixo e de que, de fato, não necessitam.

"A propaganda torna-nos escravos de um consumismo desenfreado, fazendo-nos sustentar um sistema que tem por princípio o lucro." (53)

(50) Valdemar, *ibidem*, pág. 6

(51) Caetana, *ibidem*, pág.

(52) "Precisamos de União"

(53) Boletim, "Juventude Trabalhadora", Jan.-Fev. 1981, in "Reflexão".

"Outra coisa que percebo é a propaganda que leva nós comerciários e toda a população a consumir mais e às vezes a comprar coisas desnecessárias, sendo que nosso salário não oferece condições para isso." (54)

g. Observações Finais

Antes de encerrar esta parte da dissertação, é mister a pontar para alguns pontos que ajudam na compreensão do problema como um todo.

Entre as transformações da sociedade que interfêriram no processo de elaboração do conhecimento dos setores populares, além dos apontados, outros dois ressaltam pelo seu grau de influência. Primeiro a própria dinâmica do movimento popular e as necessidades da luta levaram-no a multiplicar os espaços e as oportunidades de elaboração de saber. São incontáveis o número de publicações populares realizados em todo o país. As formas são incontáveis: Panfletos. Jornais. Boletins. Peças de teatro. Revistas. Teatro de fantoche. Audiovisuais. Livros, Artigos. Faixas. Jornal-Mural. Pesquisas-Participantes - entre outros. Por outro lado, criaram-se espaços privilegiados onde o saber se produzia e se aprofundava. No país inteiro, os setores populares multiplicavam estes espaços: seminários, encontros, reuniões, ciclos de debate, congressos, circo cultural, teatro popular. Órgãos especializados tipo DIEESE, Escolas de formação sindical, Casa da Cultura Negra.

Um grande dinamismo vai se tornando presente nos setores populares que lhes possibilita a produção de seus conhecimentos.

Outro ponto a considerar, é a aplicação da mesma lógica usada nesta dissertação sobre o processo popular de produção de co

(54) Ibidem, in "Os Comerciários".

nhecimento ao processo de elaboração do educador, sobre o popular. Duas questões aí ressaltam. Primeira, a lógica da produção do conhecimento popular é determinada pelas condições reais da existência. A lógica da elaboração dos educadores sobre o popular é a mesma. Como as condições reais de existência sobre ou com as quais o educador trabalha mudaram, deveria mudar também a elaboração do educador.

Isso não significa que os setores populares não possuíam uma elaboração teórica sobre a sociedade antes da década de 60. Alguns educadores já explicitavam essa posição antes de todas as transformações sociais, culturais e epistemológicas aqui apontadas.

Ciente, como Marx, de que o processo de produção do saber é um processo histórico, onde as condições materiais de existência educam, o Prof. Paulo Freire já apontava em seus primórdios para uma dinâmica educativa dentro do realismo social. (55)

A visão do Prof. Paulo Freire leva-o a insistir na necessidade que o educador tem de perceber que o homem do povo tem cultura, faz cultura. E metodologicamente sua intervenção educativa nunca é feita desprezando o saber que encontra no seio dos setores populares.

Sua afirmação "ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho. O homem se educa mediatizado pelo mundo" - é clássica. Para Freire, portanto, muito antes da chegada do educador, o homem do povo já se educava, já produzia conhecimento, já refletia e teorizava sobre suas condições de existência e já apontava caminhos para superar as situações adversas. (56)

Segunda questão. Uma vez que o pensar, real é influenciado pelo próprio real, há uma diferença significativa entre o intelectual que pensa sobre as camadas populares, de longe de sua vida e

(55) FREIRE, Paulo in "Educação como prática da Liberdade", pág. 62

(56) FREIRE, Paulo in "Educação na Humanização".

de suas lutas, e o intelectual mergulhado no cotidiano das lutas e da existência. Estes, além de aceitar que há um saber político do povo, eles são reeducados por este real. Há uma experiência social que com esta aceitação, sua reeducação se dá em vários espaços. A sua forma de perceber o real, e de elaborá-lo. A sua proposta de interação com ele, são exemplos de espaços onde a reeducação se dá. (57)

(57) Ver BRANDÃO, Carlos R. - "Avós e Netos" no meio da noite"

D - 3º MOMENTO

ÊNFASE: OS GRUPOS POPULARES COMO SUJEITO DA PRODUÇÃO TEÓRICA

a. Observações sobre o 2º Momento

A proposta de construção de um "Saber Instrumento", de transformação da sociedade, produto da troca entre dois saberes não era tarefa fácil.

Tanto assim que as pesquisas não apontaram nenhum registro escrito da produção do "Saber Instrumento".

Existe registro de uma experiência do Centro de Treinamento de Lideranças da Diocese de Itabira no início da década de 70. A experiência de Itabira é anterior à elaboração teórica de Maria B. Costa e, certamente, não exerceu nenhuma influência sobre ela. A experiência é muito mais uma soma de método "Ver-julgar-agir", da ação católica mais a postura pedagógica de Paulo Freire de "Educar com".

O educador realizava um levantamento do conhecimento das lideranças sobre o tema. A sondagem entrava como matéria-prima da elaboração da "ficha de reflexão", onde o saber do educador entrava como elemento constitutivo. Uma vez aprovada a elaboração das lideranças, a ficha de reflexão era distribuída por centenas de grupos de reflexão e de círculos bíblicos existentes na diocese. Nestes grupos havia debates e novas reelaborações de cada grupo.

Um exemplo: Tema: Escola

a. Levantamento dos conhecimentos expressos pelas lideranças:

- as condições do prédio são precárias;
- na Escola como segundo lar precisa de ter harmonia entre ela e o lar;
- deve haver entrosamento entre a escola e as autoridades civis.

- nas escolas existe exploração econômica;
- nota-se desinteresse profissional dos professores;
- a Escola é um problema econômico para os pais;
- o número de feriados é excessivo;
- falta adaptação da escola às necessidades de hoje;
- existe falta de vocação para o magistério. A professora é um segunda mãe;
- os alunos sofrem complexo com os professores;
- o professor deve ter psicologia para entender e desenvolver os alunos;
- é a necessidade principal para a vida do homem. É a mesma coisa que dar a mão para um que não tem vista e sair guiando;
- a pessoa que não sabe ler é escravo dos outros;
- a escola facilita o trabalho, dá profissão;
- necessidade de bom exemplo no pré-primário: porque é modelo e deve respeitar o ambiente;
- há uma tensão entre os ensinamentos de casa e os ensinamentos da escola;
- o excesso de alunos impede o contato pessoal;
- porque os pobres não passam muito bem de ano como os ricos;
- a mensalidade alta: a escola ficou muito mercantilizada;
- professores falhando, professores sem vocação. Salário baixo, atrasos, desobediência dos alunos;
- algumas partes da escola atendem às necessidades de hoje;
- a escola deveria ser gratuita;
- a escola reservada para menores, ricos, homens;
- a escola precisava conhecer a dificuldade de quem precisa;
- a escola deveria facilitar o problema do livro;

- os livros deveriam ser mais baratos e iguais;
- a merenda deve ser forte;
- o horário de educação física é descontrolado;
- a escola não prepara muito bem para a vida porque:
 - . as professoras não conhecem a vida;
 - . não ensina uma profissão;
 - . mesmo assim ajuda, ensinando a ler e a escrever:

O educador realizou uma triagem do material, aplicou o método "ver, julgar, agir" na elaboração do texto, deu-lhe uma roupa linear, debateu o texto (forma, linguagem, conteúdo) com as mesmas lideranças e produziu o seguinte texto:

b. Ficha de Reflexão nº 8

Escola

1. Se a gente sáísse a escutar a conversa dos pais , do governo, iria surpreender grande parte deles falando sobre a escola. E com razão. O homem hoje passa grande parte de sua vida numa escola. Aos 4, jardim. Aos 7, Grupo Escolar. Aos 11, Ginásio. Muitos continuam o estudo, fazem faculdade e vão se formar entre 22 e 25 a nos. A gente passa grande parte da vida na escola. A gente fica marcado pelas escolas onde estudou. Escola é um coisa muito importante!

2. É tão importante que não pode ter o luxo de fun - cionar mal, você já notou que as coisas muito importantes não podem ser "mais ou menos" como as outras? O coração, por exemplo, tem de ser "aquela" perfeição, se não a gente se acaba. A escola também. Na realidade, porém, a escola de hoje parece um coração adoecido. Não sabe mais como manter a disciplina entre os jovens modernos. Fica deesperada e desorientada com o fracasso dos velhos métodos de ensino. Fica perdida no meio de tantas matérias sem nenhuma relação com a vida de seus alunos. Esperdiça o sangue de suas finanças, de sua inte - ligência para transmitir aos alunos ensinamentos desnecessários à vida. Nota estes dramas nas escolas que conhece?

3. A situação é ainda mais difícil. Muitos pais transferem para a escola toda responsabilidade educacional. No entanto, a vida deles é diferente daquilo que o filho aprende na escola. Tem lugares em que os mestres oferecem para o aluno o mau exemplo de belos conselhos, como ventos ao lado de gestos e comportamentos indignos.

4. Tem mais. Professores que não recebem seus salários, muitas vezes, já pequenos. Moças que se tornam professoras porque não podem estudar outra coisa. Escolas em que o pobre quase não pode frequentar e, se frequenta, é com menor aproveitamento que o rico. Escolas, onde os professores não têm liberdade de dizer aquilo que realmente pensam. Faculdades que fecham suas portas, por falta de vagas, para a maioria dos alunos que a procuram. Ginásios que educam seus alunos como se estivessem preparando uns poucos para governar o povo. Cursos primários incapazes de evitar a saída da maior parte de seus alunos, antes de terminá-lo. Tal situação vocês percebem em sua vila ou cidade? Conhecem outros pontos falhos no funcionamento da escola?

5. A confusão é enorme. Povo e governo não sabem o que fazer. O governo faz leis, decretos, portarias, etc. O povo fala, critica, reclama, faz reuniões ... Nada muda. Quanto mais apavorado a gente fica, pior. É preciso esfriar a cabeça e procurar descobrir as causas mais importantes da situação. Por que será que a escola está assim?

6. Eu acho que a escola não percebeu que o mundo mudou. Parece até estas pessoas que saem da roça para a capital e lá querem conservar os mesmos costumes: mesmo horário de deitar e levantar; mesmo jeito de vestir; criar galinhas e porco etc. Veja bem. Numa época a escola secundária foi criada para formar as elites para governar o país. Escola para poucos, onde só se aprendiam teorias. E ela continuou a ensinar pra todo mundo as coisas necessárias só pras antigas

elites ... Era como se todo mundo vísasse elite da noite pro dia.

7. Além disso, o Brasil também mudou. Passou a ser desenvolver com rapidez. Ficou com uma sêde danada de técnicos em indústria, na agricultura, no átomo, nas ciências médicas, em economia. Em vez de técnicas, a escola continua lhe dando, em maior número, advogados, professores de língua, de literatura, de filosofia. A escola parece que é cega, né?

8. Outra causa da situação, é ter a escola virado máquina de ensinar teorias. Quando o aluno termina o ginásio, ele já estudou de tudo. Deve estar com a cabeça cheia de teorias, mas não sabe o que fazer com eleas. Fica até parecendo com o próprio Brasil, cheio de riquezas, que não sabe utilizar para seu processo.

9. Tem muita gente que se queixa de que as escolas exigem muito dinheiro. Cobram mensalidades altas. Pagam mal seus professores. Organizam classes demasiadamente numerosas. Trocam anualmente de livros didáticos. Criam dezenas de taxas paralelas à mensaldiade. Exigem uniformes caros. Quando a escola é pública, aplica-se o sistema de testes rigorosos para a admissão dos alunos. Deste modo, os pobres nunca podem concorrer com os ricos. Tudo isso torna o ensino quase proibitivo para as classes menos favorecidas.

10. Coisa danada também para dificultar a vida da escola, é deixar os alunos parados numa sala de aula. O cérebro humano prá perceber as coisas usa o tato, os olhos, os ouvidos, o paladar, o olfato. Certos professores querem obrigar os alunos a usar só os ouvidos. Falam o tempo todo ... Além disso, a ciência para descobrir certas verdades teve muito trabalho, muitos fracassos. Precisou de longos anos de experiências, de análises, de pesquisas, de dúvidas. Se a escola já dá a conclusão final para o aluno, ele não sente a história que está atrás, não dá valor, não aprende. Por isso, o aluno pa

ra aprender tem de comparar, resolver dificuldades, buscar soluções, analisar, resumir, acrescentar, procurar opiniões contrárias, tirar conclusões. Quando a escola fornece a lição prontinha, tira todo o prazer da aprendizagem. Parece que ela quer dar o alimento já mastigado. E ninguém gosta, né? Todos queremos sentir o sabor da comida, seu tempero, sua variedade, seu grau de calor.

11. Para maior desespero, a direção de muitas escolas fica dividida. De um lado, a turma que não tolera os novos métodos de ensino e de disciplina. De outro, aqueles que não acreditam nos velhos métodos. Sofre crises e mais crises, porque falta entendimento na maneira de educar. Você também observa isso?

12. Estão aí muitos dos motivos pelos quais a escola está em dificuldades. Analise e veja se eles se aplicam às escolas que servem o seu bairro ou vila. Ou então, descubra outras causas da situação para completar sua análise.

13. Mas não fique desesperado. O mundo moderno reservou um bocado de funções para a escola e a gente não pode viver sem elas. Olha aqui, desde sua criação até hoje, o homem vem acumulando uma grande quantidade de conhecimentos sobre todos os assuntos: trabalho - geografia - religião - medicina - arte etc. Na escola é o lugar onde a gente entra em contato com eles e pode, com mais segurança, descobrir a riqueza acumulada. Lá tem muitos livros sobre o assunto. Lá tem colegas que ajudam na descoberta. As escolas que conhecem exercem este papel?

14. Na escola a gente não só conhece. Lá a gente pode também aumentar a riqueza da humanidade com novas descobertas. Há muita coisa pra gente acrescentar. A vida continua. A história é como uma estrada que a gente tem de rasgar dia por dia. Ela só progride, quando a humanidade contribui com esforços, com estudos, com novas desco

bertas. Os homens de hoje reservaram à escola esta função: colaborar de modo especial para aumentar sua reserva cultural. As escolas de seu bairro ou vila estão fazendo deste jeito?

15. Na escola a gente deve também perder a ingenuidade di ante do mundo. Você já observou uma mocinha ingênua numa sala? Ela fala uma besteira e todo mundo ri. Ela não entende e faz cara de to la. A gente ri mais ainda da cara dela. Ou, então, a gente conta uma piada mais inteligente e ela não entende nada ... Fica fazendo papel de boba no meio da sala. Quando a gente não sabe ligar os aconteci - mentos uns com os outros, nem descobrir suas verdadeiras causas, é mau sinal. É sinal de que a gente tá bancando a mocinha ingênua na sala do mundo. É sinal de que a escola não funcionou muito bem prá gente. Como são neste aspectos as escolas que servem a vocês?

16. Textos para Leitura

Jesus ensinava nas sinagogas, na beira do lago, no deserto, na montanha. Jesus falava do jeito do povo para ser entendi do. Jesus ensinava as coisas necessárias para a vida do povo de seu tempo. Assim Jesus anunciava a chegada do Reino de Deus - uma vida me lhor, uma vida nova - para seu povo. As escolas não devem fazer o mesmo? Ensinar em todos os lugares, como Jesus. Falar a linguagem simples do povo. Ensinar as coisas necessárias para o povo levar uma vida melhor, uma nova vida. Nos trechos que se seguem poderemos per ceber o interesse de Deus pela instrução do povo.

Provérbios,	1,1-7
Eclesiástico	4, 12-27
"	6, 18-37
"	24, 1-31
Baruk	3, 29-38
MT.	4,23
MT.	13,1-3

MT. 15, 29-30

MC. 1, 21-22 e 35-39

MC. 4, 1-2

Gravissimum Educationis nº 5

Gravissimum Educationis nº 9

17.A escola tem várias funções importantes a exercer entre nós. Certamente nossas escolas procuram exercê-las. Tente descobrir as atividades boas das escolas de seu bairro, vila ou cidade. O que podem vocês fazer para ajudá-las nestas atividades? Depois tente descobrir também o que fazer para levar nossas escolas a cumprir melhor sua missão entre nós. (1)

Observações

Uma vez que as pesquisas feitas não localizaram nenhuma produção escrita, fruto da soma entre os dois tipos de saber - o saber do educador e o saber popular - parece oportuno, para se fazer uma análise, tomar uma produção escrita, fruto de proposta com elementos próximos.

Na produção apresentada nota-se o esforço do educador em utilizar uma linguagem muito simples tanto na sua estrutura quanto no vocabulário para facilitar a compreensão dos setores populares. Apela a comparações e exemplos como instrumento didático de compreensão do texto.

No entanto, na relação entre os dois tipos de conhecimento, o conhecimento que prevalece no texto é o conhecimento do educador. Esta conclusão é a mesma de Maria Beatriz Costa: "Nós (agentes dispomos de um instrumento que, em nossa sociedade, é usado como meio de sustentar um tipo de poder que serve ao sistema de dominação: Nós dispomos do conhecimento "estudado". Este instrumento nos dá poder pa

(1) Ficha de Reflexão, nº 8 - Escola - Diocese de Itabira, 1971.

ra impor às camadas populares a nossa maneira de explicar as coisas , os nossos pontos de vista sobre o que é "correto" e "incorreto" nas ações e no pensamento dos setores populares, a nossa própria linguagem. (...) E na prática de educação popular, este tipo de poder dominador é exercida na medida em que somos nós - e não as camadas populares - que conduzimos o processo de conhecimento, isto é, direcionamos as discussões de acordo com a nossa maneira de explicar a realidade das coisas." (2)

No texto, em análise, salientam-se algumas questões importantes:

a. Não caberia neste espaço uma análise da estrutura linguística. Basta apontar para o fato de que a estrutura linguística não é a estrutura das camadas populares.

b. O pensamento é organizado de forma linear (começo - meio - fim = (ver - julgar - agir). Lineariedade que não corresponde ao modo de pensar das camadas populares.

c. Os critérios de triagem dos pontos abordados pelo texto foram definidos pela lógica e pela compreensão do educador que privilegiou os pontos que lhe pareceram mais significativos para encaminhar as reflexões dos grupos.

d. A visão do mundo que sustenta o texto é a visão do educador. A sua concepção de escola permeia o texto todo. As propostas de mudança subentendidas na ficha de reflexão estão intimamente ligadas às concepções do educador sobre o mundo e sobre a escola.

Do exposto, algumas interrogações poderiam ser levadas sobre a proposta de troca dos dois saberes.

A relação de troca entre os dois tipos de conhecimento esbarra naturalmente nas diferentes valorizações sociais que a socieda-

(2) COSTA, Beatriz, Ibidem, págs. 19 e 20.

de de classes atribui a um e outro saber.

Em todos os rumos do conhecimento humano em que se dá a produção de um e outro conhecimento, o saber valorizado é aquele que predomina socialmente. Não é o saber das classes subalternas. Assim se dá no campo da saúde, no campo da religião e no campo político , etc. (3)

Na elaboração da ficha de reflexão, o saber que terminou predominando foi o saber do educador. Cabe, nesta altura, a interrogação: na troca entre os dois conhecimentos para produção de um terceiro não haveria, ao final, o predomínio do saber do agente (o educador) sobre o saber popular?

A proposta de "elaborar com" produziu um texto em linguagem mais simples com alguns instrumentos de comparação que o mundo popular usa na sua forma de expressão. A "troca" não levaria também somente a isso: utilização de recursos de comunicação com preservação de conteúdos e modo de produção de conhecimento não populares?

A proposta de troca se refere ao problema do saber "o terceiro saber" sem especificar qual "modo" de produção do conhecimento seria adotado. O modo popular - coletivo, não linear, intuitivo - ou o modo próprio do educador - linear, cartesiano, racional , individualizado? Neste campo também haveria trocas como? Ou a troca no produto sem haver troca no processo de produzi-lo?

b. A Proposta do 3º Momento

1. Características da Proposta

A proposta educativa que toma as camadas populares como sujeito da produção teórica possui algumas características pró

(3) Isso não implica na afirmação de que os campos da saúde e da religião sejam apolíticos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UFRJ

prias. É importante, ao analisá-la, reproduzir as características como elemento facilitador da análise.

O crescimento numérico, organizacional e de consciência das camadas populares trouxe, em seu bojo, algumas lições para elas. Uma das lições foi a necessidade de autonomia frente aos diversos agentes externos à classe e às suas instituições: governo, igreja, partidos políticos, entre outros.

Significativo neste contexto é uma definição do CEB (Comunidade Eclesial de Base) formulada por um membro de Pernambuco: "Que o povo veja com os próprios olhos, pense com a própria cabeça, fale com a própria boca, ande com os próprios pés." (4)

A proposta é, portanto, fruto da leitura que os educadores populares fazem do movimento popular.

Outra característica da proposta. O reconhecimento de que as camadas populares são capazes de elaborar seu próprio projeto político traz, em seu interior, algumas implicações. Entre elas se salienta: a negativa de reproduzir, no campo da educação popular, a divisão social do trabalho: "Na prática educativa se confrontam dois saberes distintos (o do agente e o do grupo popular), e o modo como se dá este confronto tende a reproduzir a divisão social do trabalho. Esta divisão independe do teor do discurso e das intenções do agente, se funda na prática de classes diferenciadas: a uma cabe, basicamente, a atividade manual (de execução) e a outra, a intelectual (de mando). Esta divisão, ao se reproduzir nas práticas sociais, reproduz a dominação." (5) Outra implicação consiste em renunciar à utilização dos códigos do educador para fazer sua leitura do saber popular: " valorizar o saber popular a partir de nossos parâmetros resulta numa visão sempre pobre, porque, no fundo, trata-se de nossa própria valoriza

(4) Membro da CEB de Pernambuco, citado por PERANI, Cláudio em "O Terreno da Luta", cadernos do CEAS nº 75.

(5) GARCIA, Pedro Benjamim em "Saber Popular/Educação Popular", pág. 34 - Cadernos de Educação Popular, nºs 3 - Vozes/Nova - 2a. Edição, 1983.

ção. Importante, no caso, é estarmos atentos às expressões da capacidade criadora das camadas populares que se manifestam em cantos, danças, comidas, formas de luta, formas de sobrevivência, códigos próprios. É, neste solo, que têm raízes profundas e autônomas, que reside o potencial transformador da sociedade." (6) Uma terceira implicação é não reduzir a produção e o saber popular ao artesanato e ao folclore: "Em geral se reconhece que a intelectualidade brasileira sofre de mimetismo cultural europeu, seguindo, como pode, o que lá fora se produz. Também se reconhece, embora com menos frequência, que isoladas deste influência externa, as camadas populares criaram (e recriam constantemente) o que fundamenta a nossa identidade cultural através da música, da dança, da cozinha, etc.

"Isto posto se resolve a "questão política" de forma simplista. Coloca-se o saber popular num saco com um rótulo: Folclore; Destino: um canto menos importante da história, passo seguinte, discute-se esta "questão" esquecendo-se que ela foi junto com o saco." (7)

Uma última implicação é reconhecer que o saber popular não é mero reflexo do saber dominante: "engana-se quem vê no discurso popular apenas reflexo do discurso dominante." (8)

Terceira característica da proposta é apontar para as limitações que têm todos os saberes, entre eles, o saber popular: "Não estamos afirmando que as camadas populares possuem todo o conhecimento, ou que o seu conhecimento está pronto à espera de ter vez. Justamente porque é um conhecimento que não é solicitado a se expressar, que é desvalorizado e considerado não verdadeiro e não útil à sociedade - muitas vezes inclusive pelas próprias camadas populares - ele quase não é explicitado, criticado e socializado entre estas mes

(6) Idem, *Ibidem*, pág. 41

(7) Idem, *Ibidem*, pág. 38

(8) GARCIA, Pedro Benjamim em "Educação Popular: algumas reflexões em torno da questão do saber", no livro "A questão política da educação popular", pág.109, Brasiliense, 3a. edição, 1982.

mas camadas, donde, é pouco refletido e trabalhado por eles." (9)

Mais uma característica importante. O discurso popular não é um produto que se constrói ao acaso, ou um fruto de cabeças privilegiadas do mundo popular. Não. Seu saber se gera no interior de uma teia social que atinge graus complexos de organização, é tão importante política e culturalmente reconhecer o saber popular como produto, como reconhecer o processo dentro do qual ele se gera. Dois educadores populares apontam em seus escritos para o problema: "engana-se quem vê no discurso popular apenas reflexo do discurso dominante, e isto porque sua interpretação não desce a nível do processo deste discurso, de sua elaboração. Fica apenas no produto final, no próprio discurso tal como falado no momento em que é expresso." (10)

O mestre Carlos Brandão expõe o mesmo pensar de forma mais contundente: "A Cultura do Povo, de que se nutrem os conteúdos de uma antiga educação popular, assim como a "ideologia dominada que ela procura recuperar conscientizando os seus falantes, não existem constituídos como coisa feita ou como dado da fatalidade que também constituíssem metafisicamente as classes subalternas. Existem como uma cultura dinâmica em permanente processo de transformação. Mais do que isso existem aí, dentro de redes e no interior de estruturas sociais próprias de produção e de reprodução de formas populares de tipos de saber." (11)

2. Descrição da Proposta

Entre os educadores populares, Beatriz Costa conseguiu uma formulação bastante complexa do "novo" pensar dos educadores populares.

Ela analisa a proposta anterior que, aspecto interessante, não é a proposta de troca, formulada por ela mesma, anos a

(9) COSTA, Beatriz em "Para Analisar uma Prática de Educação Popular", pág. 16. Cadernos de Ed. Popular, nº 1. Vozes/Nova 4a. edição - 1984.

(10) GARCIA, Pedro Benjamim, local citado, pág. 109

(11) BRANDÃO, Carlos Rodrigues, "Eva viu a luta", in "Lutar com a palavra", pág. 98

trás, mas a proposta de levar conhecimento aos grupos populares. Diz ela sobre uma das possibilidades: "ser uma prática onde nós conduzimos o pensamento dos grupos populares, levando-os a discutir e adotar um conhecimento que nasce da nossa maneira de analisar e explicar as coisas. No caso podemos considerar que esse processo de conhecimento terá como resultado manter a dominação sobre as camadas populares. Como? Ainda que os conhecimentos (as teorias) que nós transmitimos aos grupos populares sejam conhecimentos altamente voltados para a transformação da sociedade, o que importa não é isso. Importa que nós estaremos reproduzindo e reforçando um processo de conhecimento onde existem os que pensam e decidem o que a classe dominada deve discutir e conhecer - quer dizer, um processo, onde, no fundo, nós deixamos de lado o conhecimento (as teorias das camadas populares e as levamos a adotar um conhecimento que já vem elaborado por outras camadas sociais e que nós lhe apresentamos como sendo o conhecimento verdadeiro e capaz de orientar a sua luta por caminhos "corretos". Portanto, ao direcionar as discussões das camadas populares, nós estamos reforçando, no campo do conhecimento, o tipo de relações vigentes na sociedade: estamos decidindo os assuntos que as camadas populares devem discutir, o modo como devem pensar e explicar as coisas, etc., e elas estão "executando" as discussões e consumindo a aprendizagem. (Não é esse o tipo de educação dominante, em nossa sociedade?...)

É claro que o nosso poder, na prática da educação popular não é imposto através da palmatória que obriga o povo a "decorar os nossos conhecimentos". Como veremos adiante, o nosso poder é exercido através de meios e caminhos mais sutis; muitas vezes inclusive nós nem nos damos conta de que, usando tais meios e caminhos, estamos usando mecanismos de poder dominante. De toda forma, as consequências desse processo de conhecimento são muito graves. Não são raros os casos de pessoas das camadas populares que passaram a adotar expressões que são próprias da nossa forma de analisar a realidade, usando-as numa série de "frases feitas" que denotam o quanto elas per

trás, mas a proposta de levar conhecimento aos grupos populares. Diz ela sobre uma das possibilidades: "ser uma prática onde nós conduzimos o pensamento dos grupos populares, levando-os a discutir e adotar um conhecimento que nasce da nossa maneira de analisar e explicar as coisas. No caso podemos considerar que esse processo de conhecimento terá como resultado manter a dominação sobre as camadas populares. Como? Ainda que os conhecimentos (as teorias) que nós transmitimos aos grupos populares sejam conhecimentos altamente voltados para a transformação da sociedade, o que importa não é isso. Importa que nós estaremos reproduzindo e reforçando um processo de conhecimento onde existem os que pensam e decidem o que a classe dominada deve discutir e conhecer - quer dizer, um processo, onde, no fundo, nós deixamos de lado o conhecimento (as teorias das camadas populares e as levamos a adotar um conhecimento que já vem elaborado por outras camadas sociais e que nós lhe apresentamos como sendo o conhecimento verdadeiro e capaz de orientar a sua luta por caminhos "corretos". Portanto, ao direcionar as discussões das camadas populares, nós estamos reforçando, no campo do conhecimento, o tipo de relações vigentes na sociedade: estamos decidindo os assuntos que as camadas populares devem discutir, o modo como devem pensar e explicar as coisas, etc., e elas estão "executando" as discussões e consumindo a aprendizagem. (Não é esse o tipo de educação dominante, em nossa sociedade?...)

É claro que o nosso poder, na prática da educação popular não é imposto através da palmatória que obriga o povo a "decorar os nossos conhecimentos". Como veremos adiante, o nosso poder é exercido através de meios e caminhos mais sutis; muitas vezes inclusive nós nem nos damos conta de que, usando tais meios e caminhos, estamos usando mecanismos de poder dominante. De toda forma, as consequências desse processo de conhecimento são muito graves. Não são raros os casos de pessoas das camadas populares que passaram a adotar expressões que são próprias da nossa forma de analisar a realidade, usando-as numa série de "frases feitas" que denotam o quanto elas per

deram sua linguagem original, aquela linguagem através da qual as camadas populares se comunicam entre si ... quer dizer, denotam o quanto nós contribuimos para estas pessoas enfraquecerem a sua autonomia de pensar e se posicionar, junto com os seus companheiros de classe, frente aos acontecimentos da sua vida, da sua luta, da sociedade de um modo geral; denotam o quanto nós contribuimos para que estas pessoas reproduzam, junto aos seus próprios companheiros de classe, atitudes impositivas de quem "conhece" frente a quem "não conhece." (12)

Depois das críticas às concepções e às consequências da possibilidade pedagógica chamada por ela de "primeira", a educadora começa a descrever a outra possibilidade: "uma outra possibilidade que se abre à educação popular é a de ser uma prática onde as discussões são conduzidas pelos próprios grupos populares, onde os conhecimentos discutidos e desenvolvidos são os conhecimentos que nascem de sua maneira de pensar e de explicar a sua vida e a sua luta. Neste caso, podemos considerar que os grupos populares estarão desenvolvendo a sua própria capacidade de discernir as mil formas através das quais as regras do sistema estão infiltradas em todos os recantos da sociedade e da vida de cada um, e as mil maneiras através das quais eles mesmos e todas as pessoas das camadas populares reproduzem e resistem, aceitam e se opõem a essas regras. Quer dizer, é exercendo o poder de conduzir suas discussões que as camadas populares desenvolvem a sua própria autonomia de crítica à sociedade e a si mesmas - e com isso reforçam o seu poder de tomar decisões de acordo com aquilo que elas (e não outras camadas sociais) percebem que é importante para fazer avançar a sua luta.

Os agentes, aqui, participam dentro das discussões levadas e conduzidas pelas camadas populares - e não dirigindo-as." (13)

Depois de apresentar de forma rápida o conteúdo da proposta, a educadora faz um detalhamento da proposta e apresenta mais

(12) COSTA, Beatriz, local citado, págs. 20 e 21.

(13) Idem, Ibidem, pág. 21

justificativas teóricas:

1. A nossa proposta de educação popular decorre das seguintes questões mais gerais:

. Se as camadas populares são o sujeito determinante do processo de transformação social, a teoria (ou o conhecimento) determinante nesse processo é a teoria elaborada pelas próprias camadas populares.

Para nós - classe média ligada ao movimento popular através de um trabalho de educação popular - trata-se de procurar dar força à teoria das camadas populares, e não de elaborar uma teoria para elas ou no lugar delas.

. Com educação popular ou sem ela, as camadas populares já resistem e se opõem, desde sempre e de diversas formas, às relações de denominação social.

. A questão, portanto, não é que a educação popular comece ou leve as camadas populares a começarem um movimento de resistência e de luta; e sim que ela se inscreva dentro do movimento já existente como uma prática que se propõe a contribuir para a sua dinamização.

2. As observações acima se concretizam na seguinte proposta de educação popular: ser um espaço onde as próprias camadas populares desenvolvam (expressem, critiquem, enriqueçam, reformulem, valorizem) coletivamente o seu conhecimento, as suas formas de aprender e explicar os acontecimentos da vida social. É o conhecimento que brota da experiência de vida e de luta das camadas populares e que é elaborado por elas mesmas, que reforça o seu poder de transformar a sociedade: é esse conhecimento que aumenta a sua capacidade de dis -

cernir e recursar as regras da dominação, e que fortalece o seu poder de decidir quais são as lutas e formas de organização mais capazes de concretizar novas regras de vida pessoal.

3. Explicitando um pouco esta proposta destacaríamos alguns pontos:

- a. A educação popular não é uma prática onde as camadas populares se "preparam" para outras atividades consideradas "mais políticas"; não é uma prática onde essas camadas "ensaiam" novos tipos de poder(...)
- b. Explicitando um outro ponto de nossa proposta, consideramos que este processo de fazer teoria não consiste numa produção individual e competitiva de conhecimento, e sim numa produção coletiva de conhecimentos pelos grupos populares.

A partir da experiência de vida e do saber já acumulado, cada um tem alguma coisa a contribuir para o esclarecimento dos assuntos. Dentro dos próprios grupos populares, um questiona o outro, complementa, diverge ... O importante é que o conhecimento nasça da experiência de vida e de luta de cada um e volte a esta experiência para reforçá-la. Não se busca necessariamente um consenso em todas as questões - nem sempre possível e as vezes ditatorial! - e sim a participação de todos numa obra coletiva: o desenvolvimento do conhecimento popular enquanto componente do poder político das camadas populares.

c. Produção Popular

No final da década de 70 e em toda a década de 80, continuam as grandes mudanças da realidade social, no bojo das quais, os trabalhadores avançam e aprofundam sua caminhada pedagógica.

É nesta trajetória que se encontram exemplos significativos de produção teórica que reafirmam sua capacidade de sujeito dessa produção.

- d. (...) Consideramos que o processo de discussão através da qual as camadas populares desenvolvem suas teorias não consiste numa "troca de conhecimento" entre agentes e camadas populares, nós mesmos cometemos este equívoco no primeiro artigo que escrevemos sobre o assunto. Gostaríamos agora de corrigi-lo. Sem dúvida, uma troca sempre ocorre: na discussão com setores populares, eu (agente) aprendo coisas com eles e eles aprendem coisas comigo. Mas dentro da nossa proposta, a troca é uma consequência, e não característica fundamental do processo de conhecimento que se realiza na prática da educação popular. Explicitamos, a questão da educação popular não é que eu dou um conhecimento às camadas populares, elas me dão outro conhecimento, e ambos os conhecimentos têm o mesmo peso no processo de pensar e discutir que se realiza naquele espaço. Se fosse assim, estaríamos propondo que as duas classes participantes da educação popular (camadas populares e agentes) têm igualdade de condições - isto é, igualdade de poderes - na condução desse processo. Ora, justamente essa igualdade de poderes que temos procurado questionar. Se o que se busca é que as camadas populares valorizem e aprofundem as suas teorias, então é fundamental que, na prática da educação popular, o processo de discussão seja conduzido pelas prioridades e pela lógica de pensar dessas mesmas camadas populares." (14)

Apresentam-se, nesta dissertação, textos em que os trabalhadores pensam e produzem teoricamente sobre alguns temas específicos. Muitos deles expressam um grau agudo de percepção da realidade e sua capacidade própria de analisá-la.

c. Exemplos de Produção Teórica Popular

1. EDUCAÇÃO

1.1. Prefácio de A Questão Política de Educação Popular (15)

"... Agora, o senhor chega e pergunta: "Ciço, o que é educação?" Tá certo. Tá bom. O que que eu penso, eu digo. Então veja, o senhor fala: "Educação"; daí eu falo "educação". A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: "Educação". Mas então eu pergunto pro senhor: "É a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra?" "Aí eu digo: "Não". Eu digo pro senhor desse jeito: "Não, não é". Eu penso que não.

Educação ... quando o senhor chega e diz "educação" , vem do seu mundo, o mesmo, um outro. Quando eu sou quem fala, vem dum outro lugar, de um outro mundo. Vem dum fundo do oco que é o lugar de vida dum pobre, como tem gente que diz. Comparação, no seu essa palavra vem junto com quê? Com escola, não vem? Com aquele professor fino, de roupa boa, estudado; livro novo, bom, caderno, caneta, tudo muito separado, cada coisa do seu jeito, como deve ser. Um estudo que cresce e que vai muito longe de um saberzinho só de alfabeto, uma conta aqui e outra ali. Do seu mundo vem um estudo de escola que muda gente em doutor. É fato? Penso que é, mas eu penso de longe, porque eu nunca vi isso por aqui.

Então, quando o senhor vem e fala a pronúncia "educação", na sua educação tem disso. Quando o senhor fala a palavra conforme eu sei pronunciar também, ela vem misturando no pensamento com isso tudo; recursos que no seu mundo tem. Uma coisa assim como aquilo que a gente conversava outro dia, lembra? Dos evangelhos: "Semente que caiu na terra boa e deu fruto bom." (...)

(15) SOUZA, Antonio Cícero de, Prefácio, in "A Questão Política da Educação Popular", 3a. edição, Editora Brasiliense, 1982, pág. 7 a 10.

Quando eu falo o pensamento vem dum outro mundo. Um que pode até ser vizinho do seu, vizinho assim, de confrontante, mas não é o mesmo. A escolinha cai-não-cai ali num canto da roça, a professorinha dali mesmo, os recursos tudo como é o resto da regra de pobre. Estudo? Um ano, dois, nem três. Comigo não foi nem três. Então eu digo "educação" e penso "enxada", o que foi pra mim.

Porque é assim desse jeito que eu queria explicar pro senhor. Tem uma educação que vira o destino do home, não vira? Ele entra ali com um destino e sai com outro. Que fez? Estudo, foi estudo regular: um saber completo. Ele entra dum tamanho e sai do outro. Parece que essa educação que foi a sua tem uma força que tá nela e não tá. Como é que um menino como eu fui mudá num doutor, num professor, num sujeito de muita valia?

Agora, se eu quero lembrar da minha: "enxada". Se eu quero lembrar: "trabalho". E eu hoje só dou conta de um lembrarzinho: a escolinha, um ano, dois, um caderninho, um livro, cartilha? Eu nem sei, eu não lembro. Aquilo de um bê-a-bã, de um alfabetozinho. Deu pra a - prender? Não deu. Deu pra saber escrever um nome, pra ler uma letrinha, outra. Foi só. O senhor sabe? Muito companheiro meu na roça, na cidade mesmo, não teve nem isso. A gente vê velho aí pra esses fundos que não sabe separar um A dum B. Gente que pega dum lápis e desenha o nome dele lá naquela dificuldade, naquele sofrimento. Mão que foi feita pro cabo da enxada acha a caneta muito pesada e quem não teve prazo dum estudozinho regular quando era menino, de velho é que não aprende mais, aprende? Prá quê? Porque eu vou dizer uma coisa pro senhor: pra quem é como esse povo de roça o estudo de escola é de pouca valia, porque o estudo é pouco e não serve pra fazer da gente um melhor. Serve só pra gente seguir sendo como era, com um pouquinho de leitura.(...)

O senhor faz pergunta com um jeito de quem sabe já a resposta. Mas eu explico assim. A educação que chega pro senhor é a sua, da sua gente, é pros usos do seu mundo. Agora, a minha educação é a sua. Ela tem o saber de sua gente e ela serve pra que mundo? Não é

assim mesmo? A professora da escola dos seus meninos pode até ser uma vizinha sua, uma parente, até uma irmã, não pode? Agora, e a dos meus meninos? Porque mesmo nessas escolinhas de roça, de beira de caminho, conforme é a deles, mesmo quando a professorinha é uma gente daqui, o saber dela, o saberzinho dos meninos, não é. Os livros, eu digo, as idéias que tem ali. Menino aqui aprende na ilusão dos pais; aquela ilusão de mudar com estudo, um dia. Mas acaba saindo como eu, como tantos, com umas continhas, uma leitura. Isso ninguém não vai dizer que não é bom, vai? Mas pra nós é uma coisa que ajuda e não desenvolve.

Então, "educação". É por isso que eu lhe digo que a sua é a sua e a minha é a sua. Sô que a sua lhe fez. E a minha? Que a gente aprende mesmo, pros usos da roça, é na roça. É ali mesmo: um filho com o pai, uma filha com a mãe, com uma avô. Os meninos vendo os mais velhos trabalhando.

Inda ontem o senhor me perguntava da Folia de Santos Reis que a gente vimos em Caldas: "Ciço, como é que um menino aprende o cantorio? As respostas?" Pois o senhor mesmo viu o costume. Eu precisei lhe ensinar? Menino tão ali, vai vendo um, outro, acompanha o pai, um tio. Olha, aprende. Tem inclinação prum cantorio? Prum instrumento? Canta, tá aprendendo; pega, toca, tá aprendendo. Toca uma caixa (tambor da Folia de Reis), tá aprendendo a caixa; faz um tipe (tipo de voz do cantorio), tá aprendendo cantar. Vai assim, no ato, no seguir do acontecido.

Agora, nisso tudo tem uma educação dentro, não tem? Pode não ter um estudo. Um tipo dum estudo pode ser que não tenha. Mas se ele não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida. Não é uma escola; não tem um professor assim na frente, com o nome "professor". Não tem ... Você vai juntando, vai juntando e no fim dá o saber do roceiro, que é um tudo que a gente precisa pra viver a vida conforme Deus é servido.

Quem que vai chamar isso aí de uma educação? Um tipo

dum ensino esparramado, coisa de sertão. Mas tem, não tem? Não sei. Podia ser que tivesse mais, por exemplo, na hora que um mais velho chama um menino, um filho. Chama num canto, fala, dá um conselho, fala sério um assunto: assim, assim. Aí podê. Ele é um pai, um padrinho, um mais velho. Na hora ele representa como de um professor, até como um padre. Tem um saber que é falado ali naquela hora. Não tem um estudo, mas tem um saber. O menino baixa a cabeça, daí ele escuta; aprendeu, às vezes não esquece mais nunca.

Então vem um e pergunta assim: "O Ciço, o Antonio Ciço, seus meninos tão recebendo educação?" Que seja um padre, que seja o senhor. Eu respondo: "Homem, uma eles tão. Em casa eles tão, que a gente nunca deixa de educar um filho conforme os costumes. Mas educação de estudo, fora os dois menorzinhos, eles tão também, que eles tão na escola". Então quer dizer que é assim: tem uma educação - que eu nem sei como é que é mesmo o nome que ela tem - que existe dentro do mundo da roça, entre nós. Agora, tem uma - essa é que se chama mesmo "educação" - que tem na escola. Essa que eu digo que é sua. É a educação que eu digo: "de estudo", de escola; professora, professorinha, coisa e tal. Daqui, mas de lá.

A gente manda os meninos pra escola. Quem é que não manda? Sô mesmo um sujeito muito atrasado. Um que muda daqui pra lá a toda hora. Um outro que mora aí, pros fundos de um sertão, longe de tudo. A gente manda, todo mundo por aqui manda menino pro estudo. É longe, o senhor viu, mas manda. Podiam tá na roça com o pai, mas tão na escola. Mas quem é pobre e vive nessa descrença de trabalhar dum tanto, a gente crê e descrê. Menino desses pode crescer aí sem um estudozinho que seja, da escola? Não pode. Eu digo pro senhor, não pode. O meu saberzinho que já é muito pouco, veio de aprender com os antigos, mais que da escola; veio a poder de assunto, mais do que de estudo regular. Finado meu pai já dizia assim. Mas pra esses meninos, quem sabe o que espera? Vai ter vida na roça pra eles todo o tempo? Tá parecendo que não. E, me diga, quem é quem na cidade sem um saber

zinho de estudo? Se bem que a gente fica pensando: "O que é que a escola ensina, meu Deus?". Sabe? Tem vez que eu penso que pros pobres a escola ensina o mundo como ele não é. (...)

Agora, o senhor chega e diz: "Ciço, e uma educação dum outro jeito? Um saber pro povo do mundo como ele é?" Esse eu queria ver explicado. O senhor fala: "Eu tô falando duma educação pro povo mesmo, um tipo duma educação dele, assim, assim." Essa eu queria saber como é. Tem? Aí o senhor diz que isso bem podia ser feito; tudo junto: gente daqui, de lá, professor, peão, tudo, Daí eu pergunto: "Pode? Pode ser dum jeito assim? Pra quê? Pra quem? (...)"

Antonio Cícero de Souza

Lavrador de sítio na estrada entre Andradas e Caldas , no sul de Minas Gerais. Também dito Antonio Ciço, Tonho Ciço e, ainda, Ciço.

1.2. Pronunciamento feito no 1º Encontro de Profissionais de Educação ⁽¹⁶⁾

Como vocês já sabem, eu não sou professora. Meu grau de instrução é primário e esta reflexão que eu vou colocar aqui começou a partir de minha experiência como mãe. Eu sou mãe de nove filhos, com idade de 4 a 19 anos. Nós moramos num bairro operário, lá no Santa Terezinha. Mas a experiência que eu vou colocar aqui começou no Bairro Nova Vista. Há cinco meses apenas que estamos morando no Bairro Santa Terezinha, pois, só agora conseguimos comprar uma casa lá.

Minha experiência começou por causa de uma de minhas

(16) ALVES, Maria Floripes Nascimento, pronunciamento feito no 1º Encontro de Profissionais da Educação, março de 1983, Revista Itinerário, Ano I, Nº 1, fevereiro/84, págs. 14 a 20

crianças, o Vagner, que tem mais dificuldades do que as outras crianças para aprender. Ele estava no jardim de infância, com 4 anos. A escola sempre me chamava e colocava as dificuldades que ele tinha para acompanhar os outros meninos. É que ele tinha dificuldade para escrever e de atenção em sala. Acontece que a expectativa que a escola tinha era de que o Vagner depois fosse mais tarde estudar, fazer vestibular e daí ele não ia conseguir, dizia a professora, porque estava muito atrás em relação às outras crianças. Em primeiro lugar, assus-tei muito porque de fato não é esta a nossa expectativa. A gente queria apenas que o Vagner fosse para o jardim para participar com as outras crianças. Ele está entre as poucas que estudam nesta faixa de idade (0 a 6 anos) nos bairros da gente. A maioria não tem condições, porque depende de dinheiro e o pessoal não tem. Muita gente vive de salário mínimo. Lá perto de nós, agora, só os meus filhos é que estão no jardim. Os três. Eu tenho três com 5 anos.

Então, a gente ficou meio assustado. Aí eu comecei a observar.

O tipo de expectativa que a escola tem, por exemplo, e a partir da cabeça de quem está ensinando.

A criança vai para ali e já vão pensando no futuro dela que nem é a realidade da gente. Porque nós nem sabemos (somos uma família operária) até que nível as crianças poderão estudar, se isto é realmente o mais importante para a gente - eu nem sei se é. E também fiquei vendo como era o Vagner lá no bairro, o relacionamento dele com as outras crianças, ele brincando, a participação dele, e fui vendo as questões que a escola levantava.

Observando as outras crianças, vi que elas tinham as mesmas dificuldades que o Vagner tinha e as mesmas que eu tive: de não conseguir escrever o que conseguia pensar. Conseguia pensar, mas não conseguia pôr no papel. E fiquei vendo também que os outros meninos do bairro estavam nas mesmas condições. Comecei conversando com meu marido, tentando assim ver o que trazia aquilo e descobri uma porção

de coisas.

Muitas mães que eu conhecia, que tinham uma formação diferente da nossa, ou que eram professoras ou com uma consciência de ensino diferente, davam acompanhamento às crianças. Aí eu fui vendo que é importante para a criança nesta fase da vida ter estímulos como papel e lápis. Ter contato com cores, ter massinha para brincar, ter brinquedos para ajudar o seu desenvolvimento. E estas crianças não têm brinquedos de jeito nenhum. E também é necessário ter espaço para que elas façam o dever tranquilas, onde elas não sejam perturbadas pelo resto do pessoal da casa. Nossas casas são sempre pequenas e às vezes não têm uma mesa, uma cadeira direito para a criança sentar.

Eu fiquei lembrando que, quando estava na escola, o pessoal cobrava caderno limpo, a gente às vezes não tinha água nas casas. Era difícil. Lá em casa até que tem, mas muitas casas não têm uma pia, água ao alcance, é preciso tirar água na cisterna.

Todas essas condições juntas e somadas é que ajudam no desenvolvimento da criança ... O problema não era só do Vagner e sim um problema da maioria das crianças com quem a gente convivia lá no bairro.

Refletindo na minha experiência, na dos meus irmãos e do pessoal que a gente conhecia, eu fui vendo que estes problemas são uma característica da família operária, são problemas da classe. Então daí esta dificuldade.

Bom, a partir disto eu comecei a tentar ver o que a gente podia fazer para ajudar, já que a maioria das crianças não tinha condição nenhuma de ir para o jardim e a maioria das mães, como eu, não tinha consciência da importância do apoio para a criança nesta fase. A criança chegava na escola e tinha de competir com as crianças que têm este tipo de ajuda. Por isso era importante ser feita alguma coisa. Aí comecei a agir do jeito como fazia lá em casa. Tinha muitos jovens, crianças e gente desempregada, principalmente jovens. Não só jovens desempregados, mas adultos também. Só que o adulto desemprega-

do sempre acha uma ocupação. Quando está muito cansado ele deita, ou ele acha uma coisa para fazer, ele capina. O jovem não, ele fica sem lugar em casa. Se o pessoal não aceita, então ele fica mais na rua. Onde ele se sente melhor, ele fica. Comecei a discutir com as pessoas e nós começamos a ver o que a gente podia fazer para poder ajudar as crianças. Então achamos que a gente podia fazer equipes e fazer lazer no bairro, pois isso ia ajudar muito. Que não fosse uma ajuda só para as crianças brincarem, mas uma ajuda também para levar os pais a tomarem consciência da importância do lazer na vida da criança. Uma vez, lendo, vi alguma coisa assim: na Inglaterra, em certo tempo, o pessoal estava preocupado porque as crianças do bairro operário tinham mais dificuldade de acompanhar o ensino do que as crianças do bairro rico. Então o pessoal pensou fazer um parque nos bairros operários.

Então eu fiquei pensando que aqui ninguém está preocupado com as crianças da gente. Ninguém vai fazer nada, é difícil fazer ou, se fizer, vai demorar. Então nós temos de achar a nossa saída.

Tem o Parque Municipal, mas para a gente vir, é difícil. Primeiro, quem trabalha a semana inteira, no fim da semana é que vai fazer as coisas. Depois, tudo custa dinheiro e a maioria vive de salário mínimo. Em terceiro lugar, porque para fazer isso é preciso ter consciência destas coisas e a maioria de nós não tem.

Aí nos decidimos: vamos fazer as coisas no bairro mesmo, de forma que os pais, vendo, vão tomando consciência, vão participando, vão entendendo.

Aí começamos a fazer equipes de trabalho entre os jovens e os adolescentes. A gente preocupou em fazer as equipes levando em conta o temperamento de cada um, o que cada pessoa gostava, quem era mais ativo, quem gostava mais de atividades, quem era mais quieto. E essas equipes iam construir brinquedos. Então nós fizemos primeiro assim: tentamos levantar a faixa de idade das crianças das ruas mais próximas e, dentro dessa faixa, o interesse de brinquedos

que a gente descobria ... A gente não tinha quem entendesse disto , era entre nós mesmos. Então nós vimos por exemplo, que além de papel, lápis, estes negócios, a gente ia fazer dama, peteca, bola. Mas para a gente era difícil fazer isto tudo, porque tudo depende de dinheiro e esse era difícil conseguir. Então as equipes combinaram o seguinte: a equipe que ia fazer dama, ia ver onde tinha cabos de vassouras e eles cortavam os toquinhos e pintavam. A outra equipe ia pedir folha de bananeira, penas; outra equipe ia pedir brinquedos emprestados nas casas em que os pais se dispusessem a emprestar. A outra ficou encarregada de fazer jogos de bola. Como eles queriam fazer vôlei e não tinham rede, eles decidiram tecer. Papel, rede, lápis, implicava em dinheiro. Aí decidimos o seguinte: fazer uma vaquinha entre nós. Mas como? Quase ninguém podia. Era difícil. Aí nós estipulamos uma quantia baixa - Cz\$20,00, foi o que a equipe estipulou, não por pessoa mas por família. Aí a equipe comprou estes cordões de nylon e fez, por sinal, uma rede muito bonita. Mas de vez em quando chegava alguém e falava assim: "Olha, a gente lá em casa não vai poder dar o dinheiro porque não temos". Então discutíamos porque o pessoal não tinha Cz\$20,00, o que estava acontecendo na família. Discutindo, descobrimos que havia desempregados, que tinha gente que não tinha profissão, que a família era muito grande. Tinha uma família, por exemplo, que morava numa casa de três cômodos, com mais outras três famílias. Eram três famílias na mesma casa porque não tinham condições de pagar aluguel. Então a gente discutia a questão da escola profissional: o jovem operário hoje, cada vez menos tem condições de fazer um curso profissional, principalmente porque ele nem passa nos testes de seleção. A gente discutia como o jovem estava sendo orientado para o trabalho e depois começava de novo a discussão dos brinquedos.

A princípio a gente tinha problemas: era uma equipe que levantava as dificuldades que estava tendo para a tarefa - a equipe que ia pedir brinquedos emprestados. A gente então parava para analisar o grupo todo para ver se a dificuldade estava sendo da equipe, se

estava sendo das pessoas que iam dar os brinquedos ou se era de nível pessoal. Às vezes, mudava alguém de lugar, mas logo recomeçavam os trabalhos. E a gente queria também que além de fazer a rua do lazer, que as crianças participassem dos jogos todos, que o pessoal aprendesse (isto era mais uma preocupação minha) a conviver, a dividir as coisas e amenizar os problemas deles, e também adquirir espaço, mesmo que fosse na rua, já que nas casas não tem espaço, pois são muito pequenas. A mãe, às vezes, fica tão preocupada com a limpeza da casa que a criança tem de ficar quietinha ou então ela tem que brincar mais na rua. Só que na rua também o adulto não está acostumado a respeitar a criança. Por exemplo: se ela está soltando papagaio, vem um cara num carro, ela tem que se afastar ... Se a criança joga uma bola, cai num vidro, a família vem e toma a bola, fura. Então isto foi discutido e o pessoal ficou sabendo que a brincadeira é necessária para a criança.

Então fomos combinando a ação e a reflexão até o dia da rua do lazer. Antes de começar, uma criança do grupo colocou, para todo mundo que estava lá, o objetivo das brincadeiras, porque tinha gente que não tinha participado antes, ou porque as crianças não tinham ido nas casas falar com as pessoas. Foi colocado também, naquele momento, que os brinquedos que tinham sido feitos pelos jovens e pelas crianças não pertenciam a ninguém. Os brinquedos emprestados, que eram no momento para todo mundo e que todo mundo era responsável, quando terminasse a brincadeira seriam devolvidos aos legítimos donos. Os brinquedos feitos pelos grupos seriam guardados para as crianças que quisessem brincar depois. Só tivemos estes problemas: uma criança que dividiu violentamente uma bola com outra criança, um rapaz que não participara de reuniões, não estava no início e que quebrou a placa de "Trânsito Impedido" e algumas pessoas que passaram na marra com os carros. Estas foram as dificuldades no nível pessoal. De repente, eles perceberam também que não tinham espaço para brincar nem na rua, porque estava cheia de buraco, lixo, caco de vidro. Aí foram percebendo que era preciso fazer alguma coisa. Eu já estava tentando discutir com eles o problema de lixo, esgoto, saúde ...morria criança (ou ha -

via) de gastro ...

Quando terminou e tudo foi devolvido aos donos, foi interessante observar que alguns pais já estavam se conscientizando da importância de cada tarefa. Por exemplo: a família que emprestou as tábuas para servirem de pranchetas, percebeu que, sem elas, as crianças não poderiam brincar. O pai que ficou apontando os lápis sentiu que, sem eles, os meninos não podiam brincar, que era importante aquela tarefa que parecia insignificante. No conjunto ela teve uma importância fundamental. As mães ofereciam água para os meninos que estavam brincando, porque o sol estava muito quente. Outra coisa: minha casa ficou aberta. A gente estava no final da rua e todo mundo entrava e saía. Isto era para saber que não tinha nada a ver, que todo mundo podia entrar, pegar o que quisesse, algum papel, lápis que ficou guardado lá em casa e que ninguém estava se preocupando se ia sumir alguma coisa. Foi interessante o pessoal perceber isso. A outra coisa foi que, quando uma criança machucava, eles perceberam que era só eu que ia fazer os curativos e que isso não era legal. Primeiro porque eu tenho problemas de saúde e fazer esforço para mim não é bom. Depois, porque acharam que era importante fazer um Curso de Noções de Primeiros Socorros porque os problemas aconteciam todo dia e eles não sabiam cuidar direito.

Essa reunião para analisar as atividades aconteceu lá na frente de casa e foi interessante a colocação dos meninos. Ali todo mundo falou, mesmo aquelas crianças, os jovens que em casa não conversam porque não têm muito ambiente, porque o pessoal briga, não escuta.

Tinha uma menina que pintava muito, brigava e, a partir do momento em que começou a participar das atividades da rua do lazer, começou a revisar seu comportamento e falou que queria rever não só as dificuldades que ela teve em desempenhar as tarefas, mas também se (ela ficou com as crianças de 3 a 6 anos) ao ajudar não tinha impedido os meninos de serem criativos, de terem iniciativa. En

tão ela queria revisar isto, mas não só com a gente. Ela queria revisar com as crianças o que elas acharam. Cada um colocou as dificuldades e as outras tarefas que as crianças decidiram fazer, à medida que havia tempo, a gente foi fazendo. Elas decidiram fazer uma missa, um debate para discutir problemas entre pais e filhos. Mas como não dava para fazer o debate assim, foi sugerido um passeio para que se discutisse o problema. E tudo isso foi sendo feito na medida em que a gente ia parando, refletindo, pensando, planejando, fazendo, revisando.

Um fato que eu vou contar, já contei outras vezes, mas vou contar mais porque acho que ajuda a refletir: a escola do bairro fez uma festa também. Uma festa junina. Foi uns dois meses depois. Nesta escola eu tinha quatro crianças: três durante o dia e uma à noite. O pessoal mandou pedir a cada um para levar alguma coisa para a festa: canjica, pipoca, não sei mais o quê. Para os meninos lá de casa foi pedido um pacote de canjica para cada um. Bom, mas a preocupação da escola era com a merenda escolar porque a caixa não dava. Eles queriam fazer uma campanha financeira, e deu problema com o menino no dia da entrega dos pacotes. Lá em casa é assim: além das atividades, os meninos fazem lanche comunitário; no aniversário de um, a gente junta e faz um bolo ou faz uma vaquinha e compra alguma coisa, come todo mundo junto e não tem de devolver ou pagar. Então, no dia de entregar as coisas da festa, meu menino falou assim: "Ô tia, está chegando um tanto de canjica, a gente vai poder comer até rachar". Aí ela explicou para ele: "Olha não vai dar não, vocês até podem comer até rachar se os pais vierem e pagarem, porque isto vai ser pago." Ele falou então que não podia ser, pois foram eles mesmo que levaram. Ela tentou explicar que era da caixa escolar, mas ele não conseguiu entender. Eu fui lá na escola e ela me falou: "Eu acho que o Vagner está duvidando de mim. Ele falou isto e eu fui explicar para ele o que a gente ia fazer com o dinheiro porque afinal de contas foram eles que deram". Eu tentei explicar para ela as dúvidas do Vagner, mas eu vi que ela não estava muito em condições de entender. Aí eu deixei. Não adianta a gente querer

falar tudo de uma vez só. Eu expliquei para o Vagner, a questão da caixa escolar e ele entendeu.

Chegou o dia da festa. Nós fomos. Mas já de cara não vi a preocupação de colocarem alguém no portão para receber as pessoas - e a festa era aberta para a comunidade. Quando eu entrei lá dentro, vi uma passarela onde as crianças que tinham roupas bonitas (que os pais puderam fazer), bem arrumadinhas, estavam dançando e as outras, de fora. Ficaram fora das atividades. Fique olhando e vi que tinha muita criança que era da escola, ex-alunos, jovens, pais. Eles não tinham nenhuma atividade e os meninos arrumadinhos dançavam. As minhas crianças também não participaram porque a gente não pôde arranjar roupas para elas, então ficaram como a maioria. Fique observando: os meninos não tinham nada para fazer, ficaram correndo ...

Não tinha ninguém preocupado em conduzir, orientar, a acompanhar as coisas lá dentro e a professora que estava dançando com os meninos parecia estar cansada. Eu pensei: se tivessem aproveitado um jovem que dançasse junto, que animasse a festa em vez de uma pessoa que representasse só a Escola ... Depois fui olhar o pessoal que estava vendendo as coisas. Eram as professoras também que estavam vendendo canjica, pipoca, bolo, pastel. Olhei e pensei: pois é, porque em vez delas estarem aí morrendo de cansadas, (deviam estar), seria melhor um sentido comunitário ... Podia até ficar duas ou três em cada equipe, mas colocar as pessoas do bairro para participarem, para assumirem a festa juntas. Porque a preocupação da gente não seria só aquela - podia dar o material e até comprar as coisas, mas teria de assumir a festa que era uma função da própria comunidade. E não tinha nada disso. Aí eu fiquei pensando: porque para cuidar da disciplina eles convidaram quatro soldados? Eles não fizeram nada. Ficaram lá esperando que alguém fizesse alguma coisa errada para eles intervirem. Mas quem seriam os soldados? Eram pessoas do bairro mesmo e que podiam estar lá participando como pais, irmãos.

A escola está tão preocupada com a questão de ensinar

para as crianças a aprenderem e a base para isto parece ser matemática, comunicação e expressão. Por que não aproveitar daquele fato ali, daquela festa para que as crianças aprendessem fazendo? Puxa vida! Que comunicação melhor do que o menino ficar lá no portão recebendo e encaminhando o pessoal, informando às crianças que queriam comprar alguma coisa? Interpretar o que os menores estavam querendo dizer? Às vezes, a mãe estava sentada lá e uma criança pequena queria comprar alguma coisa e a mãe não queria sair do lugar, mas tinha de sair porque o menino não sabia ir. Já pensou se tivesse uma equipe que fizesse este tipo de trabalho, acompanhado, é claro, pelos professores que orientassem? O que as crianças depois de grande vão ser? Vão trabalhar no comércio, vão ser mecânicos, então se fossem aprendendo matemática ali fazendo as contas? O próprio acontecimento ali ia ajudar. Quer dizer: a escola é vida. Não aquela escola só em função de currículo.

Também fiquei pensando se dividissem as tarefas. As serventes lá morrendo de trabalhar ... então podia estar uma equipe lá, espalhada na escola. Muitas daquelas crianças, jovens, que estavam lá, tinham experiência de trabalhar com crianças na rua do lazer. Eles podiam estar organizando, elaborando se fossem aproveitados para fazer atividades extras com as outras crianças que só iam ficar lá, sem fazer nada. Mas não teve nada disso e eu fui embora. E fiquei pensando que às vezes a escola não consegue assumir bem o seu papel. Ela fica muito mais como prédio, um estabelecimento, uma função de ensinar, doutrinar. Mas se ela conseguisse absorver certas coisas, experiências, acho que ela poderia crescer muito mais e aproveitar aquilo que já é natural. Ela poderia envolver, ser mais envolvente.

Mas além destas dificuldades tem outras que a gente vive. É a questão, por exemplo, das reuniões de pais. Não sei da escola de vocês como é. Mas pelas reuniões que eu já fui! ... Fico pensando que existe um programa, tem uma pauta a ser esgotada com um objetivo, que eu não sei se é da escola ou se é da Secretaria. Não sei como que

é colocado. Mas aí na reunião que eu fui estava colocado: "O que você espera de seu filho em 1981? Além de mim tinha mais 10 mães e um pai.

Nesta época meu marido estava desempregado e eu ganhava Cr\$14.000,00. Pagava Cr\$7.000,00 de aluguel e o restante era dividido com todas as outras despesas. Eu fiquei então, pensando: puxa vida, se a criança depende dos pais para o seu dia-a-dia, para o seu futuro e a gente deste jeito, o que eu posso esperar em 81?

Isso do ponto de vista da minha realidade. Claro que do ponto de vista da escola é diferente. Eles estavam raciocinando em termos da criança chegar no final do ano bem, com boas médias e depois, inclusive, enfrentar o supletivo. Fiquei olhando para a cara das mães que deviam estar pensando a mesma coisa, ou, nem sei se estavam pensando, não sei se a realidade delas é parecida com a minha. Todos estavam calados. Uma mãe estava conversando sobre a alimentação do filho dela: que ele comia um ovo quente de manhã, uma maçã, um bife, não sei o que mais e se aquilo era suficiente para ele se alimentar. Eu tentei colocar alguma coisa, mas estava difícil.

Para a gente alcançar bem aquele objetivo, a gente tem que orientar e acompanhar os filhos nos deveres de casa. Ir às reuniões, organizar os horários dos meninos, e uma porção de coisas. Eu tenho esta preocupação lá em casa. Mas estranho é que esta colocação não partiu das condições que a gente tinha, quer dizer, não se procurou ver onde cada mãe estava (a mãe que trabalha fora), como estava cada família. Como que a mãe que passa o dia todo fora pode acompanhar o filho? E a mãe sabe ler para poder acompanhar o filho no dever? Então, tentar colocar isto, mas a partir da realidade da família. Com que tipo de gente a escola está atuando? Para fazer um programa deste, tem que levar em conta o tipo de pessoal com quem trabalha. Porque ela está longe da realidade da maioria. A mulher, por exemplo, mesmo que ela não trabalhe fora, ela fica em casa tão angustiada com as condições da sobrevivência, ela fica procurando lugares

mais baratos para fazer as compras, a feira, cuidando da casa. Então ela não consegue equilibrar isto com a ajuda ao filho. Daí aquela angústia, aquela sensação de que a gente não consegue assumir o papel de pais. Eu assisti a uma porção de reuniões em que a gente chegava e as coisas eram colocadas de uma maneira bem difícil. É claro que eu conheço pessoas que estão muito preocupadas com o ensino, em encontrar caminhos.

E isto será conseguido no momento em que a gente também tomar consciência. O pessoal da escola deveria ter muito mais condições do que a gente. Eu acho que deveriam assumir isto de maneira diferente.

Quando eu falo, eu sempre faço para ajudar a refletir.

Quem recebeu mais, eu acho que tem que dar mais. Eu não nego as falhas dos pais e na medida em que formos discutindo, falaremos também das falhas deles, e as coisas da parte da escola que eu acho angustiadas. A criança, lá em casa, divide o pão, a comida. Por exemplo, um dia eu tinha duas laranjas para dividir para quatro crianças. Aí chegou mais um menino. Então eu falei para o Vagner: vai ser difícil porque chegou mais criança e eu só tenho duas laranjas. Então ele disse: "divida a minha." Então, eu parti em três pedaços e dei para as crianças. Mas, na hora que chega na escola, é difícil porque cada um tem o seu lápis e sua borracha. Um dia o meu filho chegou em casa e disse que tinha que estudar muito porque o Serginho estava muito bem e que a professora falou que ele tinha que estudar muito para ficar igual ao Serginho. Na escola tem muito disso: o primeiro (aluno) isso, o primeiro aquilo, o primeiro não sei o quê. Aí eu pergunto: porque você tem que ficar igual ao Serginho? No bairro é tudo diferente. Graças a Deus, ainda se conserva esta situação do povo. No bairro esta competição fica mais diluída, porque o povo divide mais, é mais amigo. Mas quando chega na escola, a gente fica muito atordoado, as diferenças vêm à tona.

Outro dia eu estava em casa, de licença, e fui arrumar

o Vagner para a escola. A camisa dele estava furada, ele então não quis vestir e disse: "Mãe, eu não vou vestir esta camisa." Então eu disse: por que? "É porque chega lá na escola os meninos vão falar que eu vim da guerra." Se no bairro os meninos usam camisa rasgada, porque na escola não podem? A camisa estava limpinha.

Outra coisa é que falaram que ele tinha ficado em recuperação. A professora havia falado que ele ia tomar bomba. Aí, ele me perguntou o que era "repetência". E eu vi que aquilo era palavra de professora, porque os meninos falam repetente. Eu perguntei por que e ele disse: "Eu quero saber o que é "repetência". A professora fala, mas não explica o significado. É importante informar e deixar claro. Aí ele disse que estava preocupado porque lá na sala quando um menino toma bomba, os outros saem atrás dele gritando: "bombeiro". Aí eu fiquei pensando que a primeira bomba na vida das crianças, quem joga é a escola. É uma coisa terrível, é angustiante. A escola cobra: se você não estudar, você não passa. E os pais: se você não estudar, você não ganha presente de Natal. E a criança fica louca, ela é jogada de um lado para outro, é uma pressão danada. Eu fico pensando que os pais têm que fazer alguma coisa, mas eu acho que a escola tem que perceber este tipo de tensão. São estes fatos que me preocupam. Outro dia eu fui a uma outra reunião. Eu tinha um menino no terceiro ano e esta foi a primeira vez que eu fui lá à reunião de sua classe, porque o meu horário de trabalho não coincide com o das reuniões. Mas neste dia eu estava de folga e fui. Foi horrível, porque a professora e a orientadora conheciam todas as mães pelo nome e não sabiam quem eu era. Uma delas disse a uma mãe: "Seu filho está assim, está péssimo, não consegue acompanhar a turma". Para outra mãe: "O seu filho está assim, assim". E foi descrevendo a situação de cada filho e depois disse: "Aqui na sala tem quatro crianças que estão muito bem". Aí eu pensei: uma deve ser a minha menina, mas não falei nada. E aí ela começou a falar que os pais não vão à reunião, que isto atrapalha, porque sem os pais estarem presentes é difícil fazer um trabalho.

"É preciso vir nem que seja para me autorizar a bater no menino! É claro que eu não bato, mas a criança fica sabendo que os pais autorizaram e fica com medo" - ela disse. Ela falava na classe que se os meninos não estudassem, não iam conseguir emprego e quem não consegue emprego vai preso, etc. Isso é verdade, tem batidas nos bairros e eles não pedem carteira de identidade e sim profissional. Outro dia quando cheguei em casa tinha três policiais na porta querendo saber onde os meninos de 10 a 18 anos iam e eu é que coloquei os meninos para dentro. Então é verdade que a polícia está fazendo isto. Agora, não é verdade que quem estuda arranja emprego, porque tem muita gente com diploma na mão que é doutor e não arranja emprego. O desemprego é uma realidade do País, da maioria.

Eu falei que não tinha ido à reunião antes porque o horário não coincidia com meu horário de trabalho e perguntei se elas achavam que esta era a única maneira de acompanhar o estudo dos filhos. Mas ela ficou brava demais e antes que eu acabasse de falar, disse: "Se os pais não assumem um compromisso com o ensino dos meninos, a escola não pode fazer nada." Quando ela acabou de falar, as mães também ficaram contra mim, dizendo que eu tinha que ir às reuniões. Eu fiquei calada e achei melhor não discutir.

Depois que entregaram os boletins, chamaram cada mãe pelo nome e ninguém me entregou nada, porque não sabiam o meu nome. Quando terminou, alguém me perguntou: "A senhora é mãe de algum aluno aqui?" E eu disse: sou mãe da Simone. A professora disse: "Ela é ótima, ajuda nos trabalhos da classe, é boa aluna." Aí eu disse: eu sei disso. E tive vontade de falar para ela que existem outras maneiras de acompanhar o filho, além de ir à reunião. E que tem pais que vão à reunião só para dar uma satisfação à escola.

1.3. Escola Profissionalizante (17)

A nossa escola surgiu nos anos de repressão. Naquela época, a gente se preocupava em discutir como fazer uma ligação entre o trabalho de bairro e de fábrica. Era muito difícil fazer um trabalho na fábrica. Então, o jeito era começar um trabalho pra politizar os companheiros, pra poder levar militantes dentro da fábrica. Isto é, juntar as pessoas no bairro em torno de uma preocupação de levar um trabalho dentro da fábrica.

Aí nasceu a idéia da escola profissionalizante por que a gente achava que, no caso de represssão, o profissional tinha muito mais chance de se arriscar, no sentido de que ele era mais imprescindível na fábrica. E também, mesmo quando ele fosse mandado embora, tinha mais facilidade de arrumar um emprego do que um cara que não tinha profissão nenhuma.

A gente pensou numa escola que não só profissionalizasse o trabalhador, mas conscientizasse, para ele encarar a firma, enfrentar o mercado de trabalho com consciência de pertencer à classe trabalhadora. Existe a escola do SENAI, paga pelos patrões, né? Lá a gente aprende o que o patrão quer, aquela produção que ele quer arrancar.

Aqui, tá certo, a gente aprende uma profissão. E a gente coloca isso em primeiro lugar, porque o trabalhador no início não pensa em outra coisa. Se a gente chega e pergunta qual a preocupação dele aqui na escola, ele vai falar que quer aprender a trabalhar como torneiro, ajustador, ou sei lá que profissão. Ele não tem uma visão maior de ver o mercado de trabalho, de ver como ele é explorado e lutar pra melhorar isso. Então nós vemos a educação aqui assim: é a gente aprender a profissão e também saber bater o pé na

(17) "A Vida de uma Escola Operária" - Narração dos Monitores in "Que História é essa - escola viva", nº 2 - Fevereiro/85, págs. 30 a 42.

hora que for enfrentar lá fora, nas fábricas, os salários, sabe? Não chegar lá e querer ficar trabalhando em qualquer coisa que der; fi car trabalhando de torneiro, com um salário qualquer e pronto. Não! É aprender a lutar por aquilo lá, pelo nosso ganho, saber reivindi - car. Saber falar, saber defender os nossos direitos, saber que preci samos nos organizar pra defender nossos direitos. Então, a gente pro cura ajudar o trabalhador a aprender uma profissão entendendo que o importante não é sair de operário pra professor, mas ser operário e juntos dar valor àquilo que nós somos. É esse o tipo de escola que a gente tem.

ISSO TEVE UMA HISTÓRIA

A primeira reunião foi em setembro de 1977, quando estávamos batendo papo, pra ver que tipo de trabalho político a gente podia fazer. Participava o pessoal velho da Pastoral Operária que passou por São Mateus. Era um grupo que reunia trabalhadores de vá rias categorias. Aí nesse bate-papo, nós chegamos à conclusão que uma escola era um meio para gente fazer um trabalho de profissionali zação e de educação política.

A gente conhecia experiências com alfabetização e com madureza, mas a gente percebia que com estes cursos não tinha mui ta condição de continuidade, sabe? Primeiro porque madureza era uma coisa que fugia muito ao âmbito da gente, né? E depois, porque não conseguia amarrar o aluno na escola, porque é uma coisa muito geral, é uma coisa que tem perspectivas rápidas. Então o cara entra, por exemplo, pra fazer um madureza, ele fica um ano e depois vai embora.

E o que mais interessava a gente era justamente a li gação do bairro com a fábrica. Porque era muito difícil naquela época você fazer um trabalho na fábrica. Por exemplo, fazer uma greve era uma coisa de doido, né? Então o trabalho na fábrica se limitava ao companheirismo, sem muita organização. E um jeito que você tinha pa

ra começar o trabalho era tentar politizar os companheiros pra você já levar militantes pra dentro da fábrica. Por isso, a gente criou o curso profissionalizante.

A gente escolheu a área de controle de qualidade metalúrgica porque era a única que dava pra iniciar por ser uma área principalmente teórica e porque a gente não tinha recurso nenhum. Além disso, a metalurgia era o campo que tinha mais interesses por parte da população. É que o SENAI é o vestibular da classe operária. Tem o do Brás que é o maior. Naquela época parece que era umas 100 vagas e tinha 600, 700, 800 candidatos concorrendo. Era um negócio de doido!

No início, teve cursos só de teoria porque não tínhamos máquinas, essas coisas. Dávamos cursos de matemática, português, controle de qualidade e desenho. A gente partiu pra fazer esses cursos com recursos próprios, obtidos através de arrecadação. A gente usava o salão comunitário da Igreja do Colonial. No primeiro curso teve 30 inscrições. A gente fez uma seleçãozinha e começaram a frequentar 20. Aí formamos 12 alunos.

Depois que a gente fez o primeiro curso, surgiu o problema: como vamos dar um diploma pro cara, né? Porque era importante. Você dar um diploma que era reconhecido, era uma coisa, você fazer um curso de uma escolinha que não era reconhecida, era outra. Então, a questão do dinheiro só surgiu a partir do momento que começamos a pensar sobre onde e como arrumar o diploma, porque o pessoal cobrava, sabe? Nesse primeiro curso, a gente deu o diploma da FORMO que é um convênio da Prefeitura Municipal de São Paulo com entidades, para formação rápida de mão-de-obra. A FORMO tinha vários cursos, mas nenhum de controle de qualidade. Foi uma briga para fazer com que eles aceitassem o nosso. Tínhamos que provar desde que existia a profissão de inspetor de qualidade até fazer com que eles aceitassem o fato de que o pessoal tinha capacidade de montar o quadro sistemático, o planejamento. Mas conseguimos a verba e bolamos

o curso do jeito que nós queríamos. Depois a nossa briga mesmo foi com a interferência deles nas aulas, no que nós estávamos ensinando. Eles queriam vir aqui, queriam interferir em tudo.

Eles davam a verba que pagava monitor, 10% do ISS e material de consumo. Na primeira metade do ano não tinha, inclusive, material de consumo porque só o 2º semestre foi subvencionado pela FORMO. O planejamento foi de 496 horas, o que representa um semestre. Os monitores recebiam e deixavam o dinheiro pra própria escola. Esse dinheiro depois era utilizado pra compra de material, porque o recurso que eles davam era muito pouco, né?

Foi só depois que surgiram as máquinas. A partir do momento que o curso começou, a gente queria ter algo maior. E depois de 4 a 5 meses, em 78 já, a gente ficou sabendo que tinha um pessoal lá da AVIM que tinha recebido uma verba para a implantação de uma escola. AVIM é Associação de Voluntários para a Integração do Migrante. Faltava pra eles lá, um galpão onde instalar a escola. Aí que começou o papo nosso com eles, porque a intenção da gente era dar um curso profissional de mecânica mesmo, né? Torneiro, ajustador. Essa era a intenção da gente. Mas pensamos que isto não iria acontecer tão rápido como aconteceu. Também foi um pouco de rabo de aparecer uma entidade que tinha dinheiro e nós tínhamos a vontade e local. Aí casou tudo.

A gente fez um projeto do que a gente queria e fizemos um convênio com eles de um empréstimo das máquinas durante 5 anos. Depois nós conseguimos comprar as máquinas. Não foi com dinheiro da escola não. Nós tínhamos um monte de sonhos da escola se auto-sustentar, mas até hoje ... Então recebemos na época um dinheiro para ajudar a escola e compramos as máquinas.

E nós fizemos também um salão no Iguatemi pra por as máquinas dentro. Foi feito tudo nas coxas, porque foi feito de domingo, por nós. A gente trabalhava de fim de semana direto. A gente te^ulhou tudo bonitinho e falou assim: "Olha semana que vem nós podemos

ro que a gente consegue, a gente forma um tipo de caixa prá manuten -
ção. Esses materiais que a gente está usando foram comprados assim nes
sa base. Às vezes a gente usa o dinheiro também prá consertar uma ou
outra máquina.

Agora, a diferença com SENAI é do dia pra noite. Uma
coisa que nós achamos bastante importante, nesse sentido, é o alvo da
escola ser o aluno e não a preservação do patrimônio. Muitos dizem que
no SENAI, o aluno sai com medo da máquina, enquanto aqui na escola se
aprende de profissional que sabe os macetes da fábrica e que ensina
o fulano a dominar a máquina e não a ter medo dela.

Aqui, por exemplo, ninguém suspende um aluno porque que
bra uma broca. No SENAI isso acontece a toda hora. O cara quebra uma
broca é suspenso, três dias de suspensão. E, dependendo da máquina que
ele quebra, ele não pode mais nem ir à escola.

Olhe a intenção da gente é que o homem domine a máquina,
né. Quem estudou no SENAI cinco anos sabe que, na máquina, você tem
os monitores que ensinam: "aqui liga, aqui desliga". A gente, na esco
la, fala: "a máquina tá e você vai vendo aí, se acostuma com ela." O
método de utilização da máquina é diferente mesmo! Apesar de que a
gente tem todo carinho com ela porque sabe que é material caro, que
não é fácil de você fazer a manutenção, mas tem isso, né, é uma esco
la diferente. Essas coisas ficam na cabeça dos caras. Então o relacio
namento também né, se o cara erra, se tá mais atrasado você fica em
cima ali explicando dez vezes. Você dá uma atenção especial pra cada
um. E olhe, também lá no meio do curso, a gente pergunta quem quer
voltar prá trás, quem tá querendo aprender mais. Então é um negócio di
ferente, né?

Além disso, quem determina a linha política e tudo aqui
lo que se ensina e faz na escola são os monitores e os alunos juntos.
Não é como no SENAI que é de cima prá baixo. As decisões do que e co
mo fazer são tirados em reuniões dos monitores com representantes de
alunos. Aliás, é esse o espírito da coisa: fazer o máximo de pessoas

participar, né? Muitos alunos, por exemplo, participaram até na construção da escola.

Mesmo hoje, vários ex-alunos continuam dando uma força pra turma como monitores. E todos os monitores são só nossos. São, daqui da área, das comunidades de base, escolhidos por nós. Não tinha ninguém professor. Sempre foram todos trabalhadores. E o pessoal que dá as matérias práticas ligadas à fábrica, sempre foram profissionais metalúrgicos. A gente não está acostumado a ensinar. Está mais acostumado em fazer. Então, quando a gente vê, a gente já está fazendo. Para ensinar a gente já encontra dificuldade, mas o resto é fácil porque você conhece a máquina, você explica como é que é, os problemas que ela tem, os riscos que se corre. E nisso uma das coisas que mais nos orientou é que a gente aprende fazendo. Então, mesmo que o cara vá matar a peça, deixa fazer. Depois nós damos outra e assim vai. Faz uma errada, depois a outra sai certo.

O mais difícil mesmo é você ficar ensinando. Tá certo que a gente transmite o que a gente sabe, o que a gente aprendeu, o que a gente tá desenvolvendo na fábrica. Mas trabalhar no serviço é uma coisa e aqui na escola é outra. A gente tinha aquele modo, sabe, de não saber transmitir para eles, o que a gente tava sabendo fazer. A gente tinha medo de falar com os outros, de explicar alguma coisa para os outros. Na escola fomos superando esses medos. Além disso, muitas coisas que a gente não sabia, começamos a aprender com os alunos também. Agora, os monitores estão aí com mais tranquilidade.

Outro dia mesmo, um monitor foi comprar pão e na padaria encontrou um ex-aluno nosso e ficou tão contente, sabe, que subiu até dando risada sozinho. O companheiro chegou, bateu nas suas costas e disse: "Ô rapaz, puxa vida, faz tempo que eu queria conversar com o senhor. Sabe, com aquelas explicações que o senhor deu pra gente ali nas suas aulas, sobre medição e tal, eu consegui entrar na inspeção da Volks". Olha isso aí já era alguma coisa porque antes ele trabalhava ali, como diziam os outros, numa vassoura. É com essas

coisas que a gente começou a perder mais o medo, né?

Então, o aspecto positivo do fato de ter operário como monitores é que são pessoas que sabem o que se passa na fábrica, o que precisa saber para trabalhar na fábrica e nós nos preocupamos, principalmente em ajudar a pessoa nesse sentido. Então, que tipo de matemática vai precisar no serviço? Porque quem trabalha sabe qual é o tipo de matemática que precisa e não fica noutras coisas que só atrapalham a cabeça do pessoal. A gente sabe o que é que acontece numa fábrica ou na outra, que tipo de teste fazem para entrar, que tipo de exercícios na máquina que vai acontecer. Temos toda uma preocupação de ajudar a pessoa a se introduzir na fábrica porque a dificuldade é começar, como sempre. Então é uma vantagem ter no nível profissional operários que trabalham, que sabem a malícia da fábrica, pra ajudar.

A gente encoraja o pessoal, a partir do momento que entra na escola, a entrar numa firma metalúrgica, caso não esteja. Se estiver, dentro da própria fábrica, a brigar para ser operador de máquina, meio-oficial. E de fato 70% do pessoal arruma emprego depois de sair dessa escola. Bom, agora tem uma situação objetiva de crise nesse setor, está difícil. Mas no começo a gente sempre tinha essa notícia: "Ó vou sair já arrumei emprego." A maioria.

E AÍ A ESCOLA PEGOU ...

Os primeiros cursos foram os cursos básicos de teoria-controle de qualidade e desenho. A gente montou a primeira turma lá no salão comunitário da Igreja do Colonial. Depois montamos 5 turmas espalhadas pela região: uma em São Mateus, outra no Jardim Helena, outra no Jardim Iguatemi, na Vila Nova York e uma no Jardim Itápolis. Cada turma tinha 30 alunos. Teve lugar que tinha 60, só que acabou com 20 alunos. Porque aí tinha uma provinha, né? Quem passasse na provi -

na partia para a parte mecânica. Formamos duas turmas de ajustagem, de 27 cada, e duas turmas de tornearia de 12 alunos. Mas a gente acabou com esses cursos espalhados. Porque não tínhamos nem pessoal nem material pra mantê-los. Resolvemos concentrar tudo na escola.

Hoje, no diurno, a escola tem quatro turmas: duas de torno e duas de ajustagem. À noite tem duas de ajustagem, duas de torno e uma de controle de qualidade. Em média temos 60 alunos no diurno e 40 no noturno. No noturno, muitos desistem, lógico. A gente tem aproximadamente 50% de desistência. Mas o SENAI também tem 50% de desistência. Na minha turma de ajustagem ficou menos que isso.

A maior parte das nossas desistências ocorrem no momento da parte teórica. Alguns desistem porque estavam desempregados, arrumam emprego e não dá mais pra vir. Outros porque se tornaram desempregados e não dá pra pagar a condução. Às vezes um cara que trabalha em escritório e nunca viu a mecânica pensa que é sopa, vai pelo salário do ferramenteiro. Depois desiste.

Por mais que a gente tente evitar, mesmo controlando através de recrutamento, é difícil. Porque se você põe faixa na rua, todo mundo que passa sonha: "Eu faço um pé de meia fazendo um curso". A gente passou a fazer divulgação, através de ex-alunos e monitores, nas comunidades existentes nos bairros. Então ficou uma coisa mais real. Hoje se exige, para inscrição, uma ficha de apresentação que representa uma entrevista que alguém faz com a pessoa, mostrando que vai gastar dinheiro com condução, vai ter horário para estudar, se a firma vai permitir que você saia no horário etc ... A gente tenta mostrar que vale a pena, mas que existem dificuldades. Que vai sujar as mãos com graxa e que hoje em dia não é fácil conseguir emprego nessas profissões.

E também o próprio curso, sabe, tinha suas dificuldades. Por exemplo, no caso da Matemática, a gente tentou fazer um programa em cima do que o ajustador mecânico ia precisar. Então seriam as quatro operações, números decimais, fração, raiz quadrada e trigonome-

tria, que era um negócio quer era o pepino de todo mundo. E tinha que dar, porque sem trigonometria não se faz ajustagem. E pra entrar na escola era suficiente que as pessoas fizessem as 4 operações. Não precisava ter concluído a quinta e sexta séries, como é exigência do SENAI. E mesmo assim, tinha muita gente que nem sabia as quatro operações. Era aquele pessoal que sabia dividir na cabeça, mas não sabia dividir no papel. Então você imagina um cara que estava no primário lá por volta de 1968 aprender trigonometria, principalmente com uma pessoa que não era treinada a dar aula. Porque havia a falta de base da gente mesmo. A gente não tinha método nenhum pra ensinar. Não fomos formados pra isso e a gente aprendeu desse jeito e foi a primeira vez que demos aula. Só tínhamos muita vontade. E como a gente não tinha embasamento, não tinha como modificar isso. E nas poucas experiências que a gente tinha feito, a gente não tinha conseguido avançar.

Hoje já conseguimos gente mais capacitada. Quem dá matemática é o Zezinho, que é peão. Ele é um dos melhores monitores que nós já tivemos. Ele tem um jeito de transmitir as coisas, e é peão. Ele aprendeu as coisas na raça, na luta com a vida. É um cara, na minha opinião, muito inteligente, mas sem curso, sem estimulação pra desenvolver toda sua capacidade.

A gente acha que nas matérias mais práticas, como desenho, não precisa ficar mastigando tudo pra aluno. E isso é um dado muito importante pra nós, para nosso esquema de ensinar. No começo do curso tem que dar explicações, mas depois dá o desenho que ele se vira procurando as coisas no almoxarifado. Monitor tá aí de retaguarda pra orientar esse modo de se virar.

Outra dificuldade, é que não tinha material pra poder seguir. Não tinha nada! Tinha as apostilas de matemática de uma outra escola da Vila Ré. Eram assim: davam um exemplo em cima e vinte exercícios embaixo. E isso a gente achava muito deficiente. Mas a única coisa que a gente tinha eram essas apostilas para reproduzir. E no começo a gente tinha a idéia de fazer alguns textos, de pegar alguma

coisa nossa. A gente chegou até a fazer uma de medição. Mas nós não conseguimos porque as dificuldades são muito grandes. Até a gente se reunir e ver o que precisa fazer. E quem é que vai montar? E o tempo pra fazer isso? É um monte de dificuldades!

Em teoria, a apostila que estava servindo melhor para os alunos é aquela do PIPMO. Tem letra grande, bastante visual. A nossa intenção no princípio, era, inclusive, de modificar as próprias apostilas técnicas, porque a gente queria que tudo fosse feito através de nossa experiência. Pois tudo que vem de cima pode estar errado. A gente queria fabricar todas as apostilas, mas acabamos vendo que isso seria impossível. O problema é sempre o dinheiro. Então o que você faz? Você consegue as apostilas do PIPMO e vai utilizando, com aquilo que você tem na cabeça, como você pode.

Em ajustagem e tornearia, temos também uma apostila do SENAI lá da Volks que no começo a gente usava, mas depois achamos que estava meio fraca e a gente queria outros tipos de peças. Então nós mesmo começamos a bolar um desenho de outro tipo de peças que a gente faz na firma. Fazíamos os desenhos, tirávamos xerox, tudo direitinho, sabe, e passávamos pros colegas. Outras vezes a gente trazia peças da fábrica e eles iam vendo e desenhando.

De matemática, tem apostilas mas damos mais as coisas que a gente percebe que eles têm dificuldades, da prática, do dia a dia da oficina, também coisas simples e tal. No começo éramos mais rígidos com o programa de Matemática, mas devagar relaxamos. Cada um vai dando aquilo que é mais importante, sem se prender muito. Hoje não temos nem apostilas.

FORMANDO O ALUNO EM TODOS OS SENTIDOS

A gente tem uma preocupação de formar o aluno em todos os sentidos, sabe. E inclusive uma das preocupações que a gente teve desde o começo era conversar sexo com os alunos. Porque a gente se preocupa com estas coisas. Tanto problema afetivo, problema sexual, a

relação deles com a mulher, a relação com os próprios companheiros de trabalho, quer dizer, aquela formação geral. Desde a relação fraterna entre irmãos, entre pais e entre os operários. Agora é muito difícil por falta, inclusive, de uma pedagogia correta na escola. Porque, por exemplo, um cara que é ferramenteiro vai ensinar o que ele sabe realmente na prática, mas ensinar a parte teórica é muito difícil, principalmente porque a gente tem a preocupação de fazer as coisas de uma forma nova. A gente fica sempre procurando uma maneira revolucionária de ensinar, mas é difícil. Às vezes, por exemplo, a gente precisa ensinar raiz quadrada. Então a gente fez uma teoria muito bonita na cabeça, mas quando chega lá na hora, por falta de conhecimento, acaba esquecendo toda a vontade enorme de fazer um negócio diferente e acaba reproduzindo simplesmente aquilo que aprendemos na escola.

No entanto, pra nós tá claro que não dá pra separar uma educação profissional, seja ela qual for, de uma conscientização. É uma das coisas que a gente mais sente nas escolas por aí é justamente o contrário, quer dizer, ensinam que o estudo nada tem a ver com a vida do aluno. Que o trabalho que ele vai desenvolver não tem nada a ver com o grupo que ele representa. Quer dizer, desliga essas duas coisas.

E a gente acha que a primeira coisa na educação operária é que o cara que passa na escola saia com o mínimo de visão de classe, entende. Agora o método de ensinar isso é que a gente sente dificuldade, porque, por exemplo, se você tem que ensinar a limar "ô não pode ser assim, nem assim, você tem que limar em paralelo", então não existe revolução nisso. Nem no modo de prender a peça ao torno da fresa, né?

Tem também a questão do relacionamento da gente, a maneira do professor se comportar. Ele fica sendo o companheiro. Nessa questão o pessoal logo no princípio percebe que tem alguma coisa diferente, né. Agora entre o comportamento e método de ensinar tem uma diferença. Só a mudança de comportamento não é suficiente pra você

fazer uma educação nova, uma educação que conscientize o trabalhador.

E a gente sempre teve muita dificuldade nas aulas que a gente chamava realmente de aulas políticas, que tinham algum assunto político. Então a preocupação nossa era essa: modificar o método da gente dar matemática e poder incluir política na matemática. E a gente nunca conseguiu fazer isso. Acabou prevalecendo de uma certa forma a posição pessoal do professor e, no método, acabou prevalecendo mesmo o tradicional de sempre.

Com o objetivo sempre dessa conscientização, a gente já tentou várias experiências. Quando nós começamos, dávamos aulas de legislação trabalhista. Compramos slides da FASE. Teve umas quatro ou cinco aulas, mas a experiência não deu certo. Depois veio um advogado para fazer debates específicos dentro do curso. O advogado não tinha muito jeito pra colocar do modo simples pras pessoas, por isso não deu resultado. Nós achamos falha essa parte. No início a conscientização foi quase na marra, sabe, impondo umas conversas. Tanto que as aulas do advogado eram aquelas que menos o pessoal participava, o pessoal praticamente não ia. Isso foi um pouco a primeira etapa da experiência teórica e a parte de conscientização ficava mais nesse nível assim de palestras.

Nós percebemos que não ia dar por aí. Então, pensando, vimos outro tipo de caminho, que deveria ser de ajudar a pessoa a crescer, desenvolver dentro daquilo que estava fazendo, aprendendo a participar da escola. Inclusive, a gente andou fazendo reunião dos monitores e alguns alunos com pessoas que trabalhavam com o método Paulo Freire pra ver se a gente tentava modificar a forma de dar a aula, né. A gente queria aprender com esse pessoal e com outras experiências. A gente queria que eles ajudassem a gente a modificar o método de dar aula. E tentar fazer realmente com que o pessoal conseguisse participar um pouco mais de política.

Nós fizemos várias reuniões, estudos mensais com esse pessoal e, assim, o resumo das nossas conclusões foi esse: que mais do

que pessoas que possam saber de todas essas leis trabalhistas e tudo o mais, era importante ter pessoas que começassem a desenvolver aqui dentro da escola a capacidade de sabe falar, de se expressar, de ter iniciativa, de tomar decisões, de perder o medo, de dar sugestões. Então de que a escola, através de sua organização e do modo de dar aula, facilitassem esse tipo de desenvolvimento no aprofundamento da atividade num sindicato, na fábrica, ou não sei o quê.

Hoje, tem uma aula que é assim de conhecimentos gerais, e tal. Aí o pessoal vem já sabendo que é assim para bater papo. A gente pega um tema, por exemplo, aumento de salário. Faz uma discussão sobre o tema, depois cada um faz uma composição a partir daquilo que eles discutiram. Depois da composição a gente corrige, fala um pouco do português, dá um exemplo assim de algumas regras mais básicas de português em cima disso, e vê se eles conseguem reelaborar uma composição assim, juntos. A gente queria até fazer uma espécie de jornalzinho, estávamos tentando preparar uma gráfica própria. Isso tudo é feito pra eles conseguirem se expressar, falar. Então, a importância da discussão inicial é pra eles conseguirem escrever, pelo menos que dê pro outro entender o que ele escreveu e também, quando você pegar alguma coisa pra ler, que você entenda os avisos no quadro da firma, um folheto lá no sindicato. Então essa aula aí se presta um pouco mais para conversas e discussões.

Outras vezes são outras coisas que a gente coloca nas aulas. É a organização da fábrica, como estudar a fábrica, como funciona a fábrica, de onde vêm as coisas, pra onde vai, a função de cada seção, de onde vem a matéria-prima, o produto, pra onde vai? Então a gente tentou ir por aí, sabe, mas não é fácil uma avaliação. É difícil dizer.

Com relação aos objetivos políticos a gente baixou um pouco a expectativa. A gente se conscientizou de que fazer tudo isso dentro de um curso de um ano e meio de duração, com pouco contato com o aluno durante a semana, você não faz no fim 12 torneiros, 12 mili -

que pessoas que possam saber de todas essas leis trabalhistas e tudo o mais, era importante ter pessoas que começassem a desenvolver aqui dentro da escola a capacidade de sabe falar, de se expressar, de ter iniciativa, de tomar decisões, de perder o medo, de dar sugestões. Então de que a escola, através de sua organização e do modo de dar aula, facilitassem esse tipo de desenvolvimento no aprofundamento da atividade num sindicato, na fábrica, ou não sei o quê.

Hoje, tem uma aula que é assim de conhecimentos gerais, e tal. Aí o pessoal vem já sabendo que é assim para bater papo. A gente pega um tema, por exemplo, aumento de salário. Faz uma discussão sobre o tema, depois cada um faz uma composição a partir daquilo que eles discutiram. Depois da composição a gente corrige, fala um pouco do português, dá um exemplo assim de algumas regras mais básicas de português em cima disso, e vê se eles conseguem reelaborar uma composição assim, juntos. A gente queria até fazer uma espécie de jornalzinho, estávamos tentando preparar uma gráfica própria. Isso tudo é feito pra eles conseguirem se expressar, falar. Então, a importância da discussão inicial é pra eles conseguirem escrever, pelo menos que dê pro outro entender o que ele escreveu e também, quando você pegar alguma coisa pra ler, que você entenda os avisos no quadro da firma, um folheto lá no sindicato. Então essa aula aí se presta um pouco mais para conversas e discussões.

Outras vezes são outras coisas que a gente coloca nas aulas. É a organização da fábrica, como estudar a fábrica, como funciona a fábrica, de onde vêm as coisas, pra onde vai, a função de cada seção, de onde vem a matéria-prima, o produto, pra onde vai? Então a gente tentou ir por aí, sabe, mas não é fácil uma avaliação. É difícil dizer.

Com relação aos objetivos políticos a gente baixou um pouco a expectativa. A gente se conscientizou de que fazer tudo isso dentro de um curso de um ano e meio de duração, com pouco contato com o aluno durante a semana, você não faz no fim 12 torneiros, 12 mili -

SECRETARIA DE ECONOMIA E FINANÇAS

tantes operários. Os objetivos políticos deixam muito a desejar. Não é que a escola não deu certo. Todo mundo que vem aqui, sabe que a escola é um negócio diferente das outras escolas.

A gente nunca conseguiu formar militantes, mas os caras que saem daí vão pra fábrica sabendo que o patrão explora e que ele não vai ficar rico sendo ajustador ou torneiro.

A maioria, no mínimo, fica sócio do sindicato. Participam das assembléias do sindicato, tão lá, já conhecem, sabem quem é quem. Não é todo mundo não, mas uma ... uma porcentagem razoável, né ... E toda campanha salarial, toda discussão externa, tem o material pregado aqui. Quer dizer, uma coisa que não acontece em outra escola. E se a gente não consegue formar militantes pra dentro da fábrica, pelo menos a gente nunca teve notícia que um aluno nosso foi fura greve, o que já é alguma coisa, né?

HOJE A ESCOLA É UMA REFERÊNCIA PRO BAIRRO

Na conjuntura que a gente vivia na época não se podia falar abertamente. As questões políticas tinham que ser camufladas. Não se podia fazer assembléia e não se podia fazer um monte de coisas. Então a escola tinha um papel importante. A experiência política, a vontade de formar novas pessoas, né, tinha que ser camuflada mesmo. Mas na conjuntura atual, pela abertura maior que a gente tem e pela facilidade inclusive de se colocar as questões políticas mais abertamente, é muito mais fácil você fazer qualquer outro tipo de trabalho, como por exemplo, reivindicação de saúde, etc. Então se seu objetivo imediato é realmente passar política e ponto final hoje você consegue isso muito mais rapidamente em outro tipo de atividade do que numa escola. Se você se propõe a fazer um trabalho de uma escola pra, por exemplo, ter um contato maior com operários, hoje você consegue com mais facilidade este contato através de uma reunião de fábrica num barzinho, porque você consegue fazer isso abertamente. E na escola você

vai ter que dar aula e pegar amizade com o pessoal até você poder falar de política. E de repente, você leva aquele choque porque o cara foi lá pra aprender matemática, "ih! esse cara já vai falar em política" ... Então, entende? hoje já tem caminhos mais curtos, e antes a gente tinha que dar uma volta, né.

Agora isso independe de você continuar com a escola que realmente é uma referência pro bairro, tá prestando um serviço, né? Continua com pelo menos os principais objetivos. Continua sendo válido ainda, entendeu? Pro pessoal do bairro a escola é muito importante. Pode não dar todos os objetivos que nós imaginamos que ia dar. Não deu e nem dá. Era muito idealismo. Mas é um trabalho concreto que vai passando de uma equipe à outra. Vai prestando um serviço pro bairro e isso vale a pena.

2. RELIGIÃO

2.1. A Comunidade Cristã ⁽¹⁸⁾

Esta reunião é de mais tempo atrás. Uma noite, nos encontramos no terreiro de um rancho numa vila. Uns 10 apenas naquela época. As esposas não compareciam. A gente conversou bastante sobre a situação. O Zé estava sem roça pra trabalhar, já em cima do tempo de plantar, as águas perto de chegar. Outro não tinham emprego firme. Um companheiro convidou o Zé pra morar na chácara que ele tinha alugado e trabalhar mais ele. A conversa foi longe. Lá pelas nove, o Antônio, dono do rancho, foi buscar outra lamparina pois a luz de uma só não dava pra enxergar a letra do Evangelho e fomos ler o trecho seguinte:

"Todos os que tinham fé pensavam e sentiam do mesmo jeito. Ninguém dizia das coisas que possuía que eram somente suas. Mas todos repartiam uns com os outros tudo o que tinham. Com grande poder, os

(18) Estudos Bíblicos de um lavrador. Texto: "A Comunidade Cristã", págs. 43 e 48.
Tempo e Presença nº 25

Apóstolos davam testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus e Deus a - bençoava muito. Entre eles, não havia nenhum mendigo pois vendiam suas terras ou suas casas, traziam o dinheiro e entregavam aos Apóstolos. E cada um recebia sua parte, conforme a sua necessidade."

(Atos dos Apóstolos, 4,32-35)

Quando a leitura terminou, alguém pediu para repetir. Uma vez só não dava pra gravar direito. Depois começaram os palpites.

Ninguém sabia que os primeiros cristãos viviam daquele jeito. Por que será que ninguém não falou antes pra nós? E por que hoje tudo anda tão diferente? É bom ver um pouco melhor essa estória dos primeiros cristãos. Ver como eles deram conta de viver daquela jeito.

Estava lá um padre, misturado com a gente. Pedimos que desse uma explicação. Ele não achava bom ficar explicando, mas a gente insistiu que era o interesse de todos e uma explicação de conversa é diferente de fazer sermão na Igreja.

Então ele disse mais ou menos: Este negócio de colocar tudo em comunidade foi feito por alguns grupos dos cristãos no começo da Igreja. Eles eram um pouquinho de gente e tinham uma luta muito grande para enfrentar porque ninguém ao redor pensava como eles e perseguiam e pichavam. Talvez para alguns não fosse fácil ganhar o pão pois ser um cristão era tido como crime e, de certo, os pobres não encontravam emprego. Aí algumas comunidades resolveram colocar em comum tudo o que possuíam. Os apóstolos não fizeram uma lei para isso. Era iniciativa do povo que participava da comunidade. Daí se ajudavam uns aos outros, se apoiavam na união e socorriam algum necessitado mesmo que não fosse de sua comunidade.

Naquela noite, conversamos muito tempo sobre isto. Voltou o assunto sobre a situação de cada um e acertamos também a maneira de nos ajudar uns aos outros. Dando um balanço, é certo que uma coisa ficou clara: a gente não tinha nada para colocar em comum a não ser nos

sas necessidades. Craniamos um jeito de trabalhar juntos numa terra alugada, colocando em comum o trabalho dos nossos braços e o nosso sofrimento e ir acertando, entre nós, com a maneira de viver o Evangelho e evangelizar este mundo de hoje.

A situação do nosso mundo, alguém falou, é muito igual à situação dos primeiros cristãos. Só que a questão não é mais apenas de religião. Os pagãos e os judeus de hoje são os que adoram o dinheiro. E a igreja não é mais só dos que seguem o Evangelho. Na Igreja como no mundo tem de tudo. Se a gente quer a justiça, não pode ficar apenas fazendo uma comunidade feliz, mesmo que a gente tivesse os meios. Pois o timbete está aí sujando todo tipo de roça. Nós vamos ficar unidos e chamar outros para se unir conosco, mas não queremos limpar só a nossa rocinha. Precisa tirar a praga ruim onde ela estiver. Para isto, precisa de todos.

Foi um papo muito bom, muito amigo. Mas o assunto não parou aí. Outras reuniões, depois desta, voltaram a tratar da comunidade cristã. Delas a gente pode lembrar umas partes que vamos relatar.

Os cristãos de hoje não formam uma comunidade, pois na Igreja também tem classes. Tem os ricos e tem os pobres. Tem os exploradores e tem os explorados. Nela a gente se encontra para rezar, mas cada um fica amarrado nos seus interesses e não se toca no assunto, da justiça e da união fraterna. Se às vezes o padre fala neste assunto, alguns, sempre os grandes, se sentem atacados. A maior parte pensa que a carapuça só cai na cabeça dos outros. Afinal ir à missa é um costume, não um compromisso de vida. E a maioria dos cristãos vai à Missa só por costume e nem sempre. Portanto, não são uma comunidade. O que é que temos em comum?

A Igreja tem servido para encobrir a injustiça. É como um tapete bonito. A empregada da casa esconde a sujeira debaixo do tapete para ninguém ver. Mas daí a uns tempos a sujeira começa a feder e o tapete apodrece até. Assim pode acontecer com a religião sem compromisso.

Na Igreja dizem que todo mundo é igual. Mas não é verdade. Para o rico tem casamento de luxo, enterro bonito. Pobre é de qual - quer jeito. Olhe o povo numa novena ou numa missa, os lugares, as vestes e diga se é igual. A Igreja aceita os ricos, até fala de humildade, mas eles acabam com a Igreja pois compra tudo e fazem dos sacramentos meios de vaidade. Pobre passa até vergonha, com sua roupa rasgada e seus pés no chão, diante daquele desfile de modas.

Também não tem jeito, hoje, de fazer uma comunidade cristã de verdade. Como é que vai fazer? Os pobres não têm nada. Os ricos não abrem mão do que têm. Dizem que os problemas da vida do pobre como terra, salário, emprego, não devem ser tratados na Igreja. A Igreja é para pensar só em Deus e na alma. É para rezar. E aí vamos amar, um comendo por três e três ficando sem comer?

O grupo de Evangelho também não é uma comunidade. Somos muito poucos e a gente não pode desprezar os outros. Sem o povo todo, como é que vamos realizar a justiça do Evangelho? Somos fracos. Precisamos ainda caminhar muito para ser cristãos em conjunto.

Uma coisa que muito atrapalha é a tradição. As pessoas ficam presas a certos costumes, satisfeitas e acomodadas. Não enxergam que está tudo podre. Não imaginam que a religião da gente pode estar sendo só um tapete, escondendo sujeira por baixo. Alguns percebem que o tapete não está muito limpo, largam tudo mas não acordam, não tomam um compromisso de fazer coisa melhor.

A sujeira que está por baixo é a exploração dos latifundiários, a ambição. Como então lutar para fazer uma verdadeira comunidade? Temos de abrir os olhos dos companheiros para que enxerguem essa sujeira. Temos que começar a dar valor aos sacramentos. Quem não tomar um compromisso de deixar a sujeira e lutar para que se faça justiça, não tem preparo para batizar um filho. Quem não está unido com a parte fraca não pode fazer uma comunhão.

Agora a gente vê que isto não dá para falar aos patrões. Um

ou outro talvez aceite, mas a maioria fica revoltado. Sei de um que era muito religioso e deixou de ir à Igreja só porque ouviu dizer que os padres apóiam estes grupos de Evangelho. Diz que isto não é religião, é um comunismo. Está aí o problema: a Igreja errou e não tem jeito de consertar. Se for falar que a Igreja é pela igualdade, o povo mais graduado se revolta.

O Evangelho quer libertar os oprimidos. Ele quer a união de todos. Mas quem não aceita, o que vai fazer? Vai ficar fora da Igreja e não tem outro jeito. Hoje a Igreja destampou o Evangelho, não de todo ainda, mas já bastante. Muitas Igrejas fazem os grupos de Evangelho, unem os trabalhadores, dão valor aos pobres. Cortaram os casamentos de luxo, embora alguns vão longe procurar e encontram algum padre que aceita fazer o casamento na hora que eles querem e do jeito que eles querem. Talvez entre dinheiro nisto. Mas a briga começou e quando todos os padres decidirem ser pelos pobres, pela igualdade, muita gente vai largar de mão. E o povo mais fraco vai entender, vai cair na realidade.

Precisa ir com jeito porque o que não falta é ignorância e apego à tradição. O rico tem recurso e sai por aí procurando. Mas o pobre tem aquele costume antigo e fica sem saber. Vê-se forçado a fazer o curso exigido e faz. Mas o curso é pouco para ele enxergar. Está preocupado de batizar logo e não chega a entender o compromisso. Se não batizar, fica inquieto e até revoltado.

Isto só vai consertar quando a Igreja deixar de batizar crianças e de dar sacramento a torto e a direito. Precisa primeiro evangelizar, formar comunidade. Basta olhar na vida da gente, na nossa. O que é que a gente entendia antes de entrar neste grupo? Nada. Ia à Igreja só por costume ou por superstição.

Nós todos precisamos dedicar o nosso esforço para evangelizar de verdade. Agora uma dificuldade é que o povo só valoriza o padre. Também neste ponto, a nossa classe é desprezada. Precisa conversar com as pessoas, fazer amizade, formar grupos e ir abrindo os

olhos.

A Igreja é mesmo o povo? Nós somos mesmo a Igreja? Então só vai ter Igreja aqui se a gente tomar a sério este compromisso e levar o Evangelho aos pobres. Todos têm o Evangelho, pelo menos na vida. É só um ajudar o outro a descobrir. O pobre já vive o Evangelho mas está iludido com uma religião de santos e de votos e não sabe que está em Cristo e com Cristo. É entre os pobres que tem mais união e confiança. Todos somos necessitados, na roça, mas um chega na casa do outro e vai embicando sem pedir licença. Se é a hora de comer, participa do arroz, da abóbora, da farinha. Outras coisas a gente não reparte porque não tem. O que a gente vai fazer na Igreja? Receber humilhação dos ricos que fazem esmolas grandes à Igreja para se exibir e são apontados como benfeitores. Ou perder dinheiro com os marreteiros. Ou pagar votos que Deus nunca pediu. Nas festas, os tubarões tomam conta do leilão, arrematando alto para que o pobre fique com o olho grande, sonhando com o frango cheio, cheiroso que os filhos e a mulher mostraram com desejo. Precisa entender tudo isto. A comunidade se forma é no grupo de Evangelho, numa reunião de pobres. Os grandes não querem união com ninguém. A religião deles é o dinheiro e a vaidade.

Para mudar tudo isto precisa de muita coragem. Temos que escolher muito bem os nossos grupos: quando a gente vai se reunir num lugar, se tem lá um fazendeiro, ninguém tem coragem de se abrir, de relatar o que se passa. Todo mundo concorda com o que ele fala. O lugar da reunião tem de ser muito bem escolhido para todo mundo ficar bem à vontade.

Também o trabalho de evangelização precisa ser bem organizado. Cada um faz da maneira que sabe, mas temos que nos encontrar sempre para ver como é que está indo, enxergar mais coisas, corrigir os extravios. Precisa também de treinamentos. Se a gente não trocar um papo com os companheiros mais experientes, vai até esquecendo o que a gente quer mesmo.

A conclusão é que nós não somos uma comunidade cristã como

precisava ser. Mas a gente tem de chegar a isto. Por enquanto, vamos trabalhando e enfrentando juntos e sempre pensando nos companheiros que não conhecem as coisas. Esta aqui é uma renovação muito grande, é uma Igreja nova. É a Igreja do Evangelho. A Igreja velha era só dos padres e bispos, gostava de apoiar os ricos, conservava o Evangelho tampado, não deixava ninguém pegar a Palavra, não conversava assuntos da vida real mas falava só de religião, de alma e de inferno, ou Céu. Não tinha compromisso: era só cumprir o que estava determinado. Escondia a injustiça. Esta nova Igreja do Evangelho deixa a palavra livre aos pobres e até se orgulha dos pobres; não vende os sacramentos por dinheiro mas exige o compromisso; destampa a verdade do Evangelho e desmascara as injustiças. É a Igreja que se bate pela justiça e pelo direito de todos.

Neste ponto, nós já começamos a ser uma pequena comunidade. A gente tem a mesma mente e procura sentir do mesmo jeito. Queremos caminhar unidos. Temos a esperança de levar todos os companheiros oprimidos a se unir e se valorizar.

Para nós essa união dos primeiros cristãos é uma caminhada que só agora está começando. Para muitos, para a maioria nem começou. Mas é a caminhada das pessoas que despertam para a justiça e começam a se mexer para alcançar seu direito.

2.2. ABC do Encontro (19)

Amigos, estes versinhos
faço com dedicação
É o A B C do encontro
que ofereço aos irmãos,
gente de fé e trabalho
e também de muita ação

A é Abertura

Desta minha rimação
mas também é acolhida
e a boa recepção
do povo de Leopoldina,
a todo esse Povão.

(19) Versos de um Lavrador - Dedicados aos participantes do 1º Encontro das CEB's do Leste Dois, realizado em Leopoldina/MG - 12 a 15/Nov/83. Publicado em "Na fé, na terra, no trabalho", pág. 24.

B Quer dizer os Bispos
Que estão aqui presente
Caminhando com o rebanho
num jeito alegre contente
firmes juntos levando
o Reino de Deus a frente.

D É o Deus Poderoso
Que dá sentido à caminhada
não nos deixa abater
no percurso da estrada.
E está nos esperando
no final desta jornada.

F É a Família
Do povo de Deus em ação
fazendo neste encontro
a sua reflexão
Com a luz do Evangelho
reforçando a união.

H É todo Homem
Que sofre humilhação
que derrama seu suor
para enriquecer o patrão
Pra sustentar a família
faz das tripas coração

J É a Justiça
Que começa em Jesus
quem quiser ser justo hoje
tem de passar pela cruz.
Só assim somos capazes
de receber sua luz.

C É a Conquista
Da terra que Deus doou
para todos filhos seus
para viver no amor,
mas os ricos egoístas
para si tudo abraçou.

E O Evangelho
O normal do dia-adia
companheiro do Cristão,
na tristeza e na alegria
É com esta arma da fé
que a gente tem serventia.

G É os "grandes da Terra"
Que quer tudo dominar
explorando os pequeninos
pro seu lucro aumentar
Faz o pobre de escada
para ele empuleirar.

I É a Ignorância
De muito trabalhador
que deixa de se unir
pra defender seu suor.
Não acredita no pequeno
só confia no doutor.

L É Leopoldina
Não vai sair da memória
ela vai ficar gravada
no centro da nossa história
Recebendo esses Cristãos
que sofre pelo mundo afora

M É as mãos

Do pobre homem coitado
que com ela ganha o pão.
Todo dia no pesado
Com estas mãos ele busca
o Jesus Ressuscitado.

O É de Oração

Que não pode desprezar
ela é como a gasolina
que faz o carro rodar.
O Cristão que não reza
o certo é desanimar.

Q Eu pergunto quando

O mundo vai melhorar
do pobre ter voz e vez
e terra pra trabalhar.
É lutar com fé em Deus
que um dia chegamos lá.

S É a Sociedade

Que está num caminho errado
nem mesmo o plano de Deus
está sendo respeitado.
O homem só pensa em si
comete um grande pecado.

U É a União

A força que o pobre tem
mas ele não descobriu
como é forte também.
O dia que descobrir
não vai ter para ninguém.

N É nós Trabalhando

Pra mudar a sociedade
ela está corrompida
de uma grande maldade.
É com a força dos pequenos
Que virá a Liberdade.

P É a Pobreza

que estão muitos sofrendo
muitos desta no nordeste
de fome está morrendo.
Isto é fruto da ganância
do mundo em que vivemos.

R É Respeitar

Os direitos de quem tem
seja rico seja pobre,
ele tem valor também.
Deus ama todos iguais
não faz exceção de ninguém.

T Quer dizer Terra

Para todos Deus deixou
para o homem administrar
tudo a ele entregou.
Não vendeu para ninguém
ontem nenhum Cartório assinou.

V É a Verdade

Que ninguém pode negar
ela é o caminho certo
não podemos desviar.
É o escudo do Cristão
que luta pra melhorar.

X É uma letra

que tem pouca serventia
pode ser quem não trabalha
buscando uma melhoria
não vive mais vegeta
A vida do dia-a-dia.

Z É uma Zebra

Que conosco pode dar
Se a gente reza e não se une
não procura organizar.
Vamos viver sofrendo
morremos sem libertar.

2.3. Igreja que Caminha (20)

Igreja é povo que se organiza
Gente oprimida buscando a libertação
Em Jesus Cristo, a ressurreição.

O operário lutando pelo direito
de reaver a direção do sindicato;
O pescador, vendo a morte dos seus rios,
Já se levanta contra esse desacato.

O Seringueiro com sua faca de seringa
se libertando das garras do seu patrão;
A lavadeira, mulher forte, destemida,
lava sujeira, injustiça e opressão.

Posseiro unido que fica na sua terra
e desafia a força do invasor;
Índio, poeta que pega a sua viola,
que canta a vida, a saudade e a dor.

É gente humilde é gente pobre,
mas, é forte, dizendo a Cristo;

"Meu irmão, muito obrigado

(20) Versos publicados no mesmo local, pág. 27. Autor não citado.

pelo caminho que você me indicou,
prá ser um povo feliz e libertado.

3. ECOLOGIA

3.1. O Homem e a Natureza

Belmiro (21)

"E Deus disse: Eis que vos dei todas as eras, que dão semente sobre a terra, e todas as árvores que encerram em si mesmas a semente de seu gênero, para que vos sirvam de alimento, e a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a tudo que se move sobre a terra, e em que há alma vivente, para que tenham que comer. E assim se fez. E Deus viu todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas." (Gen. 1-29 a 31).

O que será de nós, se chegar um dia que não houver mais oxigênio para respirar, água potável e alimentos para vivermos normalmente? Se pensarmos friamente veremos que a qualidade da água que utilizamos em casa não é boa, tanto é que para bebê-la recomendam que seja principalmente fervida e filtrada. Sabemos ainda que esta água pode ser procedente de um rio poluído ou de um lago represado, cheio de todos os tipos de vermes. Onde é que estão os rios de águas cristalinas, fontes de inspiração de muitos poetas? Ainda existem?

Se respirarmos fundo corremos o risco de ficarmos sufocados e termos uma crise de tosse, porque o ar por toda parte está poluído. Está cheio de impurezas químicas, as mais variadas e venenosas possíveis, que vão matando a gente aos pouquinhos, covardemente. Isto é uma ofensa à dignidade e à natureza humana. Respirar é um dos primeiros direitos que recebemos ao nascer. Todos o têm.

(21) BELMIRO, in "O Homem e a Natureza", Jornal mineografado "Ponte", nº 11, set.

Os cientistas já temem que a alimentação da terra não seja suficiente para a população que haverá no ano dois mil. Os alimentos já estão escassos. Os preços das frutas, legumes, carnes, os gêneros de primeira necessidade são provas de que não há produção suficiente para o consumo atual.

A alguns anos atrás quase todo mundo, e principalmente o homem do campo, sabia perfeitamente qual era a época de chuva, época de seca, de frio e de calor. Hoje, todos nós vemos o descontrole desses fenômenos da natureza. Vemos fazer frio em pleno verão e calor no inverno. Secas na época de chuva e o contrário. Todos nós somos testemunhas disto.

Tudo isso por quê? Porque os rios estão secando e o ar está enfumaçado? O que será do pão nosso de cada dia? Quem é responsável? Tudo isso e muito mais outras coisas de errado está acontecendo porque o equilíbrio da natureza está sendo alterado, destruído pelas mãos inconsequentes de muitos homens. Deus gastou seis dias para fazer o mundo com toda a sua beleza, com todo o seu mistério e encanto, para que o homem pudesse desfrutar de todos os benefícios da natureza. Mas o homem através do tempo vem destruindo esta obra de Deus. Os animais, salvo os domésticos, já estão, na maioria, considerados em extinção, por causa das mãos ambiciosas do homem. Creio que a próxima espécie a ser extinta, por si própria, poderá ser a espécie: Homo Sapiens (humana).

"Tá faltando grama neste jardim!

Tá faltando árvores nesta cidade!

Tá faltando oxigênio na atmosfera!

O que será?

O que será?

O que será da biosfera?

.....

Salve o verde! Salve o verde!

Deus salve o verde, que o homem está acabando e constru-

indo cinzas. SALVE o verde!" (Jorge Ben)

4. MULTINACIONAL

4.1. As Multinacionais (22)

COMO É QUE VAI FAZER/ COM ESTA SITUAÇÃO
O POVO TRABALHADOR/ DEBAIXO DA EXPLORAÇÃO

1. As firmas estrangeiras
no Brasil quer dominar,
o governo dá todo apoio
a essas multinacional.
2. Nossa terra brasileira,
com quem é que ela está,
é com latifundiário
e com a multinacional.
3. Até os nossos minérios,
café e canavial,
foi parar tudo nas mãos
dessas multinacional.
4. O boi expulsa o homem,
nós não tem onde morar,
A carne nós não come,
é da multinacional.
5. Fruto do nosso trabalho
nós não podemos lucrar

(22) PEDRO e ONOFRE, Itaguaru, "As Multinacionais" publicado em "Canto dos Lavradores de Goiás, pág. 14 e 15

pois as firmas rouba tudo,
é da multinacional.

6. Os operários ganham pouco,
faz greve para aumentar,
o governo desce o sarrafo,
ajuda a multinacional.

7. Nosso povo está doente,
precisando de tratar,
mas remédios nós não temos,
é da multinacional.

8. Tem coisas que eu não falei
e nem precisa falar,
que está sendo dominado
pela multinacional.

5. OS TRABALHADORES

5.1. Caminho da Libertação ⁽²³⁾

JÁ NÃO TENHO QUASE NADA A DIZER, acho que já disse tudo. Também não sou romancista e isto não é estória retirada da minha imaginação. Isto é a vida da gente e por isso não se encerra aqui. Depois de pensar muito no que escrevi, estou certo de uma coisa: os trabalhadores têm muita possibilidade de saírem da miséria em que vivem e darem ao mundo um aspecto diferente, uma apresentação mais digna e humana. Mas, para isto, o trabalhador terá de conhecer toda

(23) SANTOS, Abdias José dos - in "O Biscateiro", pág. 49 a 52 - Editora Vozes Ltda Petrópolis, 1977 - 2a. Edição.

esta montagem e saber mudar as peças do xadrez. Isto é trabalhoso e difícil, mas é possível. Já foi feito uma vez, para que fôssemos dominados, pode funcionar para a nossa libertação.

Companheiros biscateiros e trabalhadores, em geral, ainda é tempo de salvar alguma coisa. Nossos filhos ainda estão a uma certa distância da pouca vergonha que existe por aí. Graças a Deus que nosso baixo salário não dá para comprar carro e gasolina, moto, não dá para comprar cigarros de maconha. Nós ensinamos os nossos filhos a trabalhar e todos sabemos que o trabalho cria grandezas. E, se a nossa aspiração for a de sermos trabalhadores, daremos aos nossos filhos a nossa formação do trabalho, isto é, uma ocupação que é para eles também uma educação. Se as atenções estiverem voltadas para o trabalho, raramente eles darão atenção ao vício e à degradação.

Faço apenas uma ressalva: sou partidário do trabalho, mas não para sofrer por ele e sim para me realizar com ele. Reconheço o trabalho como meio de salvação do homem, não como meio de sofrimento e castigo. Trabalhar sim, e ser beneficiado com justiça, com o produto do trabalho. Isto quer dizer trabalhar e lutar para ser beneficiado por isto.

Todo trabalhador que consegue descobrir que a sorte não existe, que Deus é o contrário do que lhe foi apresentado - existe, tem poderes, mas não para humilhar os trabalhadores e trazê-los a seus pés, nem é o protetor dos ricos - já está caminhando em direção da libertação. Ele já quase libertou sua mente. Sua libertação material só se dá com a libertação de toda a classe.

Libertar nossa mente é uma tarefa muito árdua. Ela está de todo bloqueada. Não somos nós que pensamos, não somos nós que fazemos as coisas por nós, não somos nós que temos o gosto do que gostamos. São os outros que nos revelam as coisas e só revelam o que é do seu interesse e o que lhe serve. Mas nós somos a mesma espécie e temos a mesma inteligência e vamos descobrindo as coisas sem que nos sejam reveladas. Para isto basta que cada trabalhador se sinta

forte, capaz e confiante. Basta que ele não se entregue à bebida, ao máximo; não se abata com o que acontece e tente entender as coisas sem resolvê-las a passe de mágica, ou com uma simples revolta. A revolta não vai além de um desespero e, às vezes, não leva a nada. É mais uma perda de energias. Cada trabalhador deve ser um homem preocupado, atento a tudo e a todos, convicto de que temos uma missão. Há um mundo em decadência e os poderosos não terão condições de o levantar. Eles já o fizeram cair. E só a força do trabalho é capaz de dar um testemunho de paz, amor e fraternidade.

Vamos transmitir para o mundo aquela solidariedade que existe entre nós - quando, dentro da seção na fábrica ou na oficina, temos todos o mesmo pensamento, o primeiro que avista o chefe ou mestre faz logo o sinalzinho para os outros a fim de que ele não os pegue em flagrante. Vamos transmitir toda a nossa alegria em face à situação arrochada em que vivemos - na hora do almoço ou lanche, ficamos agachados em grupos pequenos ou grandes ouvindo uma piada ou uma estória engraçada do companheiro que nos proporciona sempre um sorriso. Vamos transmitir, também, para esta gente que zomba de nós a confiança que temos no colega que está ao nosso lado, muitas vezes segurando a alavanca pesada de uma máquina ou acionando um botão. Dele depende a nossa vida e estamos sem o menor desejo de que nosso companheiro venha a errar e a máquina venha a nos atingir. Quantas vezes entramos debaixo de uma lingada de muitas toneladas ou em uma ponte giratória carregando enormes pesos e sabendo que, às vezes, é até um servente que está operando, mas temos confiança nele e não na máquina. Se ele se descuidar, a máquina não nos salva.

Contudo, devemos reconhecer muitos fracassos de companheiros nossos, nos traindo e dando mais ouvidos aos patrões do que às experiências vividas no seu meio. Mas isto é uma fase do indivíduo e, quanto mais ele puxar o saco do patrão, mais cedo vai descobrir que traiu seus colegas.

Há, realmente, momentos agradáveis no nosso meio de tra-

balho que causam inveja e os patrões até tiram proveito disto, em seu benefício. Quase sempre, no setor de trabalho, temos colegas em quem confiamos nossos problemas mais íntimos, que não temos coragem de contar nem mesmo a um parente. Mas com o colega nós temos esta a finidade, que nos alivia. Isto também se passa comigo. Já me desabafei muito com colegas e já ouvi muitos companheiros angustiados. E, graças a esta confiança mútua, muita coisa se modifica dentro de nós. Quando a gente não visa, com as nossas amizades, tirar proveito de qualquer coisa do companheiro, esta amizade passa a ser pura, desinteressada, leal. Passamos a sentir o outro como se fosse nós mesmos. Isto não é raro, dá-se com muita frequência com as pessoas sinceras, que não visam explorar nada do outro. Há aí um clima de segurança e dupla satisfação.

Estas reações para terem, realmente, seu valor são naturais. Quando são artificiais ou representadas, não significam nada. Os patrões, usando a moderna técnica de comunicação de massa e outros instrumentos, tentam, artificialmente, ser nossos amigos. Dispondo dos recursos que têm, procuram instalar meios de recreação (grêmios), torneios de futebol e outras competições. Só que isto tem outro sentido. E o outro lado da medalha. Às vezes, é um sujeito realmente bom, tem espírito esportivo e é sincero. Mas o que ele está querendo ser é isto mesmo: um patrão bom, um patrão amigo, um patrão sincero. Isto, para ele, traz muitas vantagens. Não é o caso da nossa solidariedade como trabalhadores. Nós não estamos preparando nossos colegas para eles não fazerem greve quando nos pagarem salário baixo. Não estamos querendo encobrir as coisas para os nossos colegas não reclamarem seus direitos.

5.2. Nós Trabalhadores (24)

NÓS VAMOS BUSCAR DE VOLTA
TUDO QUE ELES NOS ROUBOU,
ARRANCANDO O QUE É NOSSO
DAS MÃOS DOS EXPLORADOR

1. Falo do peito empolado,
sem receio e sem rancor.
Quem construiu este mundo,
desde que ele começou,
os progressos e as riquezas,
fomos nós trabalhador.

2. E tem os carros de luxo,
caminhão, máquina e trator,
os asfaltos e as cidades,
as mansões e os bangalô.
Tudo isso é construído,
é por nós trabalhador.

3. O milho, arroz e feijão,
o alimento quem plantou,
e as ervas para remédio
vai prontinhas pro doutor.
Tudo isso é produzido
é por nós trabalhador.

4. Quem trabalha não tem nada,
o sistema já abusou,
para acomodar os pobres
eles fez um lamedô.

Os direitos não aparece
para nós trabalhador.

5. Os diplomas e formaturas

sai é do nosso suor.

Para os ricos tudo é fácil,

para os pobres não senhor.

Mas isso vai ser mudado,

é por nós trabalhador.

6. Eles vivem às nossas custas

o que é nosso já roubou.

Ai de quem está dominando

e a terra estruturou.

A vitória vai ser nossa,

que somos trabalhador.

5.3. Eu, O Acidentado (25)

Orlando Franco Martins é casado e tem dois filhos. Trabalhou durante 20 anos na mesma firma: Arames Cleide (Hoje Nossa Senhora Aparecida). Exercendo a profissão de operador de máquinas, o trabalhador teve sua coluna gravemente afetada.

"O ACIDENTE FOI POR CAUSA DE EXCESSO DE PESO"

Eu entrei na Arames Cleide e trabalhei ali 20 anos. Vinte anos na mesma firma. Eu trabalhava por produção e o acidente foi por causa do excesso de peso: ali a gente pegava peso demais. Cada máquina era contínua (esse era o meu caso), eu trabalhava numa máquina

(25) MARTINS, Orlando Franco - Depoimento publicado em "Eu, o Acidentado", págs.

na com quatro bobinas. A gente tinha que pôr o material atrás e tirar na frente, tinha que trabalhar pegando todo o peso sozinho. Foi tudo excesso de peso: peso de 300, 400 quilos, que às vezes a gente tinha que jogar tudo sozinho. E foi onde arreventou minha coluna. O pior é que tinha dia que não dava produção e a gente não ganhava nada, não é? Então, é onde a pessoa saía dali sofrendo dos nervos, com problemas de pressão, de tanto fazer força. Eu, parece-me, tive um problema de veia dilatada, problema de coração. Tive diversas vezes no seguro com problemas de coluna. Cheguei a colocar colete três vezes, e depois foi indo.

"UM DESCUIDO ALI: VAI MÃO, VAI DEDO, VAI TUDO"

Antes não havia CIPA lá no serviço. Depois foi que surgiu, e até eu fui membro dela. Mas antes, eu sempre estava fiscalizando, olhando a situação, buscando ajudar os outros. Ali nas máquinas, a gente se reunia e uns ajudavam os outros, principalmente, quando se tratava de excesso de peso, e essas coisas assim.

Com uma maior fiscalização a situação melhorou um pouco, mas assim mesmo o serviço ali era muito perigoso, não se pode descuidar. Às vezes toca no pedal da máquina, e ela liga direto; às vezes rela no botão, tem um mal contato, e ela liga direto. Um descuido ali: vai mão, vai dedo, vai tudo.

O meu problema de coluna era por causa de peso. Conforme eu ia trabalhar, eu pegava o peso e a coluna saía fora. Então, todo o corpo ficava paralisado: não sentia o corpo, as pernas, tudo. Na mesma hora eu ia pra enfermaria, chegava lá, e eles me mandavam para o seguro. E isso aconteceu várias vezes. Depois eu sarava, fazia banho de luz, forno, massagem, e quando voltava pra fábrica, eles me mandavam trabalhar no mesmo serviço. E começava tudo de novo.

"TINHAM AQUELES ROLOS QUE VINHAM DA BELGO MINEIRA E QUE PESAVAM 400 E POUCOS QUILOS."

A última vez que saí da firma faz três anos e pouco (já está pra fazer quatro anos). Eu saí, fui para a Caixa, - entrei lá como acidente de coluna. Passei no exame, fui passando por um médico, por outro, e fiquei sabendo que, além da coluna, eu tinha outros problemas. Lá na fábrica, eu já tinha alguns problemas de pressão, de nervos; mas foram os médicos que descobriram que eu estava, além da pressão, com os nervos abalados.

No começo eu passei pelo médico do Sindicato mesmo, porque eu tinha muita dor no peito. Foi ele que me encaminhou para tirar uma chapa do peito. Tirei, e deu problema, não é? O médico falou que eu estava com bronquite e com problema também de pulmão. Ele me perguntou se eu fumava muito. Eu falei que não fumo quase nada - peço um cigarro, assim, mas não por vício - só pra tapear. Ele falou que, além do pulmão, eu estava com problema de veia dilatada no coração. Tudo isso daí veio do excesso de peso e do ritmo de trabalho.

Ali onde eu trabalhava tinha uma coroa que vira, e os pés dela são de ferro. E tinham aqueles rolos da Belgo Mineira e que pesavam 400 e poucos quilos. A empilhadeira chegava, encostava tudo ali, e era a gente que erguia tudo. Eu apoiava aquela coroa no peito, virava o rolo todo na coroa e soltava no chão. Quer dizer que, se aquilo saía fora, vinha pra cima da gente. Eu comecei a fazer esse trabalho com três meses de firma. Nesse trabalho precisava de um ajudante pra tocar a máquina e outro pra ajudar a carregar - coisa que dá para dois homens. Agora, nas máquinas contínuas, precisava sempre de ajudante, que era pra ajudar a levantar os rolos pra jogar nas coroas.

"A GENTE ERA TEREFEIRO ENTÃO QUER DIZER QUE TINHA QUE LARGAR O PAU ... DAR PRODUÇÃO"

Antes de trabalhar na máquina contínua, eu trabalhei um ano e pouco na penteação, conforme se dizia lá na seção. Ali acontecia o seguinte: era cada um pra si. Ligava a máquina e tinha que largar

gar o pau, dar produção. Ali não tinha nada de hora, não tinha horista. A gente era tarefeiro, então quer dizer que tinha que largar o pau pra ganhar dinheiro. Se a gente produzia tantas toneladas, ganhava tanto; se produzia o dobro, ganhava o dobro. Era cada um pra si.

Mas eu procurava ajudar os outros. Eu era o mais velho da firma e tinha prática. Então, eu ajudava e ensinava os outros. Só pra ver como eu conhecia o serviço lá, quando eu saí, era inclusive pra passar a líder, não é? Eles me chamaram pra passar a encarregado e eu não quis. Eu falei pra eles: "Pra mim não dá, eu não gosto disso aí." É, nunca gostei. Prefiro trabalhar, produzir, do que ficar mandando, explorando os próprios parceiros de serviço. Eu não gosto disso, e penso que foi por esta causa e mais o acidente que a firma me mandou embora. A firma foi vendida e eles alegaram que tinha que mandar os mais velhos embora. Inclusive foram embora o meu irmão, o japonês e eu - os três que trabalhavam na máquina. Éramos nós três que trabalhávamos nos três turnos, não é? Primeiro, segundo e terceiro. Eles foram vivos: esperaram que eu tivesse alta. Quando eles me mandaram embora, eu já tinha voltado pra firma. Naquela ocasião, eu não trabalhava ali, só numa máquina. Eu trabalhava tanto nas máquinas contínuas como nas máquinas monoblocos.

"ESSE MÉDICO É LOUCO"

Agora, não acho mais emprego por causa da coluna, da idade, e tudo mais. Quando saí de lá falei: "O único jeito que tem é ir para o INPS", pois já estava com a pressão alta, com as dores no peito. Eu fui para o INPS, fiz os exames e me deram Caixa por três meses. Depois voltei lá e, no fim do ano, me deram alta. Para me darem alta, mediram minha pressão e tudo o mais. Quanto ao problema de coluna, eles falaram que eu tinha que ir com outro médico. Voltei lá depois de três dias, marquei consulta com o médico de novo, e não adiantou nada - me deram alta. Então, eu deixei passar o fim do ano.

No começo do ano, fui lá novamente e passei por uma médi

ca, uma loira. Ela me deu Caixa de novo e ainda perguntou pra mim, quem foi o médico que me deu alta. Eu falei que foi o médico assim, assim. Ela disse: "Esse médico é louco, pois o senhor está com a pressão assim ... o senhor não está bom". É, eles dão alta pra quem não tem condições de trabalhar. A médica falou pra mim: "O Senhor vai fazer um tratamento bom, vai tomar a medicação, tudo direitinho, senão o senhor está arriscando a piorar e pode até morrer".

Até hoje eu faço tratamento no INPS, não é? Passo também pelo ortopedista que tem lá, passo pela Dra. Aparecida e, há pouco tempo, fiz exames de sangue e tudo o mais, e ela falou pra mim que eu estou com começo de diabete. Agora estou na Caixa e passo pela perícia de ano em ano. Depois que eu saí da firma, eu fiz um exame em São Paulo, passei pelo médico que é da Justiça do Trabalho. Foi o Dr. Teles, que é advogado do Sindicato, que me mandou fazer esses exames, e foi tocado esse processo. Tirei também chapa do pulmão.

"ABRI PROCESSO CONTRA O INPS"

Aconselhado pelo advogado, abri processo contra o INPS ; porque quando fui machucado da coluna e tudo, por acidente de trabalho, por bem dizer: não fui indenizado da coluna e nada. Então, o Dr. Teles mandou encaminhar o meu caso para um médico, e o médico me mandou para São Paulo, pra fazer os exames particulares, e então abrir processo. O Teles já falou pra mim que o processo já está aí, mas o INPS está combatendo assim - como se diz - ele vai tocando demanda, entende? E vai adiando, mas o processo está aí, já voltou.

Então o Dr. Teles me disse: "Você só vai aguardar a chamada e vamos esperar que eles chamem". Até agora eles não me chamaram nada. Eu estou em tratamento lá com o cardiologista, passo pelo Dr. Ary, do Sindicato, não é? Ele quer que todos os meses eu passe por ele, e vou tomando toda a medicação: tomo o monte de remédio que me dão, e tem remédio que nem sei para que serve. Tomo dois tipos de calmantes,

tomo Peritrate de 80 miligramas, Audomet de 500 miligramas, Higroton, e vivo nessa vida até agora. Passei a vida inteira trabalhando e agora continuo a vida sofrendo.

"FOMOS TENTAR FAZER MAIS ESFORÇO E FIQUEI PARALISADO NA HORA"

Eu vivo a vida sofrendo e é isto que quero denunciar. A última vez que trabalhei na firma e que fui pra enfermaria foi por que tentei pegar um rolo que pesava 300 quilo e tanto. Pra jogar este rolo na coroa, não tinha ninguém pra ajudar, e fui tentar jogar sozinho ... a máquina estava virando. Quando eu estava agarrado no rolo pra jogar na coroa, apareceu um parceiro pra me ajudar e nem nós dois estávamos conseguindo, porque a coroa era mais alta, e a bobina do rolo mais pequena. Quando fomos tentar fazer mais esforço, fiquei paralisado na hora ... Então, eu larguei e disse: "Pode parar porque não dá mais". Daí, fui pra enfermaria; lá eles fizeram os papéis e me encaminharam para o seguro.

Quando fui para casa, fui de colete e tudo, não é? O colete era pra segurar a coluna e tinha também que tomar injeção pra tirar a dor. Eu cheguei em casa e fiquei sem poder fazer nada. Fiquei um mês e pouco fazendo tratamento, tomando remédios - tudo isso pra tirar a dor. Depois, a minha vida foi assim: ficava em casa tomando remédio, depois ia ao INPS, o médico dava alta e eu voltava pra casa. Depois, ia trabalhar.

"ELES ESTAVAM ASSASSINANDO A MINHA PESSOA"

Pensa bem, quando eu entrei na fábrica, eu era o quê? Ti nha 20 anos, não é? Quando entrei na Cleide, eu era moço de tudo, e era forte pra chuchu, tinha saúde de ferro. Hoje estou com 44 anos e saí da Cleide imprestável. Além disso, o que o INPS está fazendo comigo não é certo. Eles, lá no INPS, estavam assassinando a minha pes

soa, e eu não podia fazer nada. E a firma não quer nem saber das pessoas quando ficam doentes.

A firma me mandou embora, e até o Dr. Teles falou pra mim: "Orlando, já faz dois anos que você saiu da firma, não é? E já abrimos processo contra a firma para ver se você pode ser indenizado também sobre o teu caso". Mas abrir processo contra a firma é meio difícil. A firma tem agora outro nome: é a Nossa Senhora Aparecida, a direção foi toda mudada, foi tudo vendido. Os Guaceles, que eram do nos disso aí, não têm mais nada. De antigamente, penso que tem só o engenheiro Eutávio, e um primo dele, o seu Telks.

Quanto ao INPS, o tratamento da coluna não tem jeito. Agora mesmo eu tenho uma consulta pra passar. Fui passar pelo ortopedista e os dois médicos estavam doentes: um deu uma trombada e está afastado do serviço, acho que foi mudado de cargo; e o Dr. Sultão está doente, está internado. Fui, então, encaminhado pra doutora Aparecida do INPS, mas marcaram a consulta só para o dia 19 de agosto. Além do INPS, eu passo também pelo ortopedista do Sindicato.

"E PARECE QUE A PERNA FICAVA TODA MORTA, PODRE"

No INPS, penso que pra mim a Dra. Aparecida está sendo muito boa. Inclusive, estou fazendo tratamento até pra emagrecer. Eu estava com 115 quilos e depois parei, não é? Estava parado demais, e então eu estou fazendo tratamento e já perdi 17 quilos. Agora estou com 90 e poucos quilos.

Eu continuo tomando remédio e, de dois em dois meses, eu volto para o INPS pra falar com a doutora Aparecida. Ela me dá os remédios para dois meses; só que os que eu tomo pra emagrecer me ata-cam os nervos. Ela mesmo me disse que os remédios já tem tranqui-lizantes, e assim mesmo ela manda que eu tome calmantes. Isto quer dizer que eu sou uma pessoa assim, que vive meio dopada, completamente. Tomo calmante na parte da manhã, tomo à noite, tomo remédio pra pres

são, e assim mesmo tem dia que nem posso dormir.

Quando estava na firma, as minhas pernas doíam demais, eu rolava na cama de dor, eu não aguentava mais. Então, fui ao médico da firma, e ele me mandou para a AMICO, aquele pra lá do hospital Santo André. O médico da AMICO olhou para a minha perna, apertou tudo, e de repente ele saiu e foi embora. Foi chamar mais médicos. Um deles, acho que era o diretor dos médicos, um meio gordo, me examinou bastante; olhou toda a perna. Depois me deram umas pomadas e alguns remédios pra tomar.

Um dos médicos me falou o seguinte: "Você vai tomar esses remédios e, se por acaso não melhorar, você volta aqui". Mas parece que eles acertaram com os remédios: fui melhorando, a dor foi passando, e parece que a perna ficava toda morta, podre. Então, eu passei pelo médico do INPS, e lá mesmo, a perícia disse que aquilo na perna era flebite. Então comecei a tomar remédios, e agora não estou bom das pernas - tem dia que dói que não aguento.

"A MÁQUINA CORTOU TODOS OS DEDOS DELE.
ENROSCOU A LUVA AO PEGAR O ROLO".

Lá na Cleide conheço vários que têm problemas de coluna, e outros sem dedos. Tem um colega meu, um pretinho, o coitado, ele puxou um cavalete cheio de arame e caiu em cima dele - quebrou as pernas em dois lugares, não é? Ainda fui lá e socorri - peguei ele no colo e levei. Depois disso eu vi outro acidente dele: a máquina cortou todos os dedos dele, enroscou a luva ao pegar o rolo. A máquina estava virando quando ele ia pegar a ponta do material, um material grosso, todo de aço. Então enroscou.

Estas máquinas monobloco são perigosas. A máquina pegou o pretinho ao engatar, porque ele foi parar a máquina e pegar, segurar pra tirar o alicate. Então, enroscou a luva, deu a volta e cortou todos os dedos dele. Teve uma outra vez na G4, um arame pulou e

laçou um colega e quase cortou ele pelo meio. Se não fossem os colegas pararem a máquina, ele seria cortado pelo meio.

As máquinas não são muito seguras. O que tem de segurança é o cabo de emergência, os pedais e os botões. E os cavaletes ficam atrás. Nas máquinas - iguais às contínuas - o arame entre na primeira Caixa, passa pela primeira cabeça que ele vem afinando e, então, vem vindo embora, porque as máquinas são muito cumpridas. Quando o arame enrosca - que dá aqueles nós todos - então quem trabalha vem correndo, e é arriscado a cair, porque é um só na máquina. E o aço sempre vira, né? A gente fazia isto pra não atrasar o serviço e pra não quebrar o arame. A gente vinha correndo e o automático não funcionava. O relevo vinha, entrava na máquina e estourava tudo - era uma desgraceira.

Trabalhar ali era um perigo muito grande; ainda mais em estiragem, era um perigo danado. Está arriscado a entrar para o serviço e sair sem braço, sem mão, sair aleijado de lá.

"ELES NÃO PODIAM FICAR COM UMA COISA QUE EU GANHEI COM MEU SUOR".

Quando eu saía (por afastamento), eu ficava no seguro e depois voltava a trabalhar de novo. Quer dizer que problema de família nunca tive, isto porque eu continuava sempre empregado. Mas depois que eu saí e entrei na Caixa começaram alguns problemas. Era muita insegurança: ficava uns dias em casa, e depois vinha a alta. Depois comecei a pegar de seis meses pra cima e agora estou na Caixa direto. Passo pela perícia e tudo; estou em tratamento e quando vou lá levo o relacionamento dos remédios que estou tomando. Passo também pelo Dr. Ary, lá no Sindicato; passo pelo cardiologista (até esqueço o nome dele) que descobriu o meu problema de coração, não é? (Eu tinha muita dor no peito e ele me encaminhou para tirar a chapa, o eletrocardiograma. Tirei a chapa, levei para ele e ele me disse:

"Orlando, você está com problema assim, assim ... "Eu estava com veia dilatada porque levantava muito peso).

Lá na firma ninguém se preocupava com ninguém. Todos corriam o mesmo risco, mas não queriam nem saber. Eu andava brigando, falando para os encarregados, para os chefes. Eu falava de maneira especial para o Vitório (hoje ele já não está lá), e ele dizia: "Orlando, eu vou tirar você daí, eu vou fazer isto e aquilo ..." Mas nunca me tirou de lá e somente me prejudicou. Isto porque nós trabalhávamos por produção, tinha material com que a gente ganhava mais - então quer dizer que o salário aumentava um pouco. E o Vitório dizia que a firma não queria pagar aquilo a mais, a diferença a mais. Quando chegava no fim do mês, eles faziam uma média da produção, mas vinha com uma média. Quer dizer que quem trabalhava mais, ganhava menos.

Daí eu era obrigado a chegar, a conversar, com os engenheiros, não é? A gente conversava, discutia com os engenheiros e então eles pagavam por fora. Se a gente ficasse quieto, perdia tudo. E sempre fui eu o cabeça, o que tocava pra frente, entende? Eu achava que era errado aquilo. Eles não podiam ficar com uma coisa que eu ganhei com o meu suor - o que era meu, era meu, e o que era da firma, era da firma.

Então, era onde eu batalhava, lutava, brigava com eles lá, discutia pra receber isso aí. Até teve uma vez, que eu estourei a produção - naquele tempo foi uma diferença de 4 milhões e pouco - e outra vez, foi de 5 milhões e pouco. Eles não quiseram pagar e foi onde eu discuti, batalhei até eles me pagarem. Eles pagaram, mas a pessoa vai ficando marcada lá dentro da firma, não é?

Na firma não havia união e, além do mais, poucos estavam sindicalizados. Eu esforçava para sindicalizar o pessoal, eu preenchia até formulário. Agora eu não sei de que jeito vai indo a coisa por lá. Geralmente nenhuma firma gosta de pessoa sindicalizada.

"MAS OS APARELHOS, AS LUVAS, TUDO ISSO NÃO TIRA O PERIGO".

Quando tinha reunião da CIPA, eles chamavam a gente lá embaixo e explicavam tudo pra nós: era pra ver quando as pessoas estavam sem óculos e chamar a atenção; quando estavam trabalhando sem luvas ou quando a gente visse uma pessoa trabalhando num sistema de modo errado, era pra chamar a atenção da pessoa. E nós, que éramos os mais velhos da firma, eram os que sabiam melhor como trabalhar. A gente trabalhava com luvas, óculos, mas ninguém trabalhava de capacidade não.

Quanto à roupa, eles só davam uniforme. Agora me falaram que estão dando avental e botas - aquele tipo de sapatão duro. Quando eu saí, eles estavam dando sapatão só pra turma do prédio, da estiragem. A CIPA também dava sempre pra nós usar nas reuniões da CIPA.

Eu fui muito querido lá na Cleide. Até hoje quando eu vou lá, os colegas que eu encontro, eles me abraçam, me perguntam como estou, conversamos. Eu perco tempo lá com eles conversando, trocando diálogo, devido à amizade que eu tinha com eles. Mas isto com os mais velhos. Agora mandaram muita gente embora e tem a maior parte de gente nova, não é?

Quanto aos aparelhos que a gente usava, penso que podem ajudar em alguma coisa. Mas os aparelhos, as luvas, tudo isso não tira o perigo, porque ali tem um arame que puxava - o arame ardox - e saíam aqueles pregos de pressão. Conforme o material saía mole, saía muita ferpa do próprio material. Se a gente punha a mão ali, com luva e tudo, levava a mão da gente na hora, com tudo. Quer dizer que a pessoa não podia bobear com aquilo ali. Não podia bobear ... era só pôr a mão que levava com tudo. E um material muito áspero, ele era cheio de química. Se pôr a mão ali, leva mesmo! Hoje, geralmente, só estão puxando nas máquinas contínuas: quando enchem os rolos, a gente tira o porte que é pra fazer os pregos - são diversas bitolas de

prego daquele material. Agora, se eles põem material mole é onde o arame sai todo cheio de ferpa. Quando o material já é adequado para aquilo - mil e vinte, mil e vinte cinco, que é já meio aço - então o material é bom.

"OS ENCARREGADOS, OS SUPERVISORES ALI, SÓ QUERIAM PRODUTOS"

O ritmo de trabalho lá era sempre puxado. Agora (depois que eu saí) a turma está toda ganhando por hora, mas puseram um prêmio que é para a pessoa chegar a dar aquela produção, entende?

Quer dizer que se a pessoa não atingir aquela produção, ela perde o prêmio. Então, a pessoa é obrigada a trabalhar por produção para não perder aquele prêmio.

A gente trabalhava com máquinas velhas, sem segurança nenhuma. Mas depois mudaram muitas máquinas: algumas máquinas novas são só pra puxar material especial, como é o caso do inox; o inox puxa tudo nessas máquinas novas, são máquinas eletrônicas, não é? Mas as máquinas velhas continuam a mesma coisa.

Mas o pior era a manutenção. Vamos supor: a gente chegava lá e via que estava enguiçado um botão, estavam com mal contato e, então, chamava um electricista. Ele vinha, olhava, e se tivesse condições ele trocava; se tivesse mais ou menos, que desse pra tocar, ele mexia lá, lixava os botões, colocava no lugar, tocava a mesma coisa. Às vezes, o electricista acabava de sair e a gente já ia atrás pra chamar de novo. Estava com defeito, não estava funcionando o que havia consertado. Então, quer dizer, que não adiantava nada.

Pra começar ... os encarregados, os supervisores ali, só queriam a produção. Houve uma época, quando ainda estava o Vitório, que havia uma discussão entre ele e os engenheiros. Quando pegava a produção, os engenheiros não ligavam pra nada e quando a produção caía, o engenheiro soltava a bomba nas mãos do Vitório. Então, ele

pedia que a gente fosse trabalhar sábadó e domingo, e punha até material bom pra gente trabalhar. Era para a produção render. Então, a gente ia trabalhar de domingo e, muitas vezes, das 6 da manhã até às 6 da tarde. Eles davam lanche pra nós e a gente ficava lá trabalhando.

Então, a produção estourava. Um mês que o Vitório ficava lá, a produção estourava, redobrava. Daí, a engenharia nossa caía em cima e queria saber porque motivo. Mas o Vitório chegava, conversava com um e com outro, não é? Era um cara que comprava a consciência da pessoa, levava a pessoa mais na manha. E as pessoas iam trabalhar quando ele pedia. Depois foi modificando aí, modificando ... e eu mesmo cheguei e falei: "Não vou mais trabalhar de dia de domingo e acabou, não tem mais condições!" É, domingo é feito pra descansar, e a gente já tinha trabalhado a semana toda, não é?

"A GENTE ERA OBRIGADO A RESPIRAR TUDO AQUILO ALI E ERA UMA INSALUBRIDADE DANADA"

O material que eu usava era fios de aço. Tudo de aço. Os rolos que vêm aí são todos de 400, 500 quilos. Estes rolos, quando vão para as máquinas contínuas, já descem por uma talha que vem num cavalete - eles põem em cima de um cavalete. O serviço da gente era pôr uma travessa de ferro e o batedor com mola, que é pra soltar o arame, não é? E solda na máquina, esmerilha todo ele, e quando tiver tudo bem esmerilhado, a gente ligava. Agora, se souber trabalhar, vai tudo bem, e se não tiver prática ali, malícia, vai só quebrando. Quem tem prática é uma beleza trabalhar ali, mas quem não tem sofre que nem um cachorro.

Na G3 seca, no tempo em que eu trabalhava lá, a gente trabalhava com rolos de 400, 500 quilos, e tinha que jogar tudo sozinho. A gente só tinha ajuda quando a empilhadeira estava folgada ... e sempre tinha um motorista que não gostava de ajudar. Os outros trabalhavam lá na lavagem e então a gente ia chamar para eles darem uma

mão e, às vezes, eles vinham pra colocar os rolos para gente. Para evitar discussões e tudo mais, a gente procurava sozinho colocar a quele rolo na coroa.

Quando entrei na Cleide, trabalhava de ajudante na pen - teação. Fiquei um mês e depois passei a maquinista. Marcava, operava, soldava - dava conta do material na prensa. Ali trabalhava domingo , dia santo, feriado, e não ganhava muito bem - o suficiente. Então eu queria sair dali. Na estiragem trabalhava por produção e ganhava mais. Então, falei com o engenheiro e com todos eles lá, inclusive com os encarregados, com os chefes. Eles me disseram: "Vamos ver o que podemos fazer ... "Para ir para a estiragem tive que fazer um a cordo na seção onde eu estava."

Logo que eu entrei na estiragem fui para a G4, e todo o material era pego a mão, com luvas. E tinha vez que a gente pisava no pedal e a máquina não parava, e então a gente pisava na ré, e não adiantava nada. É um perigo danado. Até hoje em dia ainda existem essas máquinas.

Ali na firma o barulhó era demais, todas as máquinas vi rando. Sô aquelas bateadeiras, aqueles barulhos e tudo! E outra: o sa bão da caixa, aquele pó era todo jogado na gente porque as máquinas trabalhavam com ventiladores. A gente era obrigado a respirar tudo aquilo ali e era uma insalubridade danada. E eles nunca pagaram insa lubridade pra gente, pra ninguém. Inclusive um médico, que era da firma, eles mandaram ele lá pra ver se era insalubre; e o médico fa lou que não havia nada de insalubre. Até a lavagem, que é feita com ácido, ele disse que não era insalubre.

E ninguém abriu processo contra a firma. Já foram lá, de ram em cima e não adiantou nada. Acho que eles compraram quem foi lá, para bem dizer, e tudo foi deixado por isso mesmo.

Eu sabia que estava correndo risco, mas tinha que conti - nuar ali, para manter a mim e a minha família. Eu não podia sair da

li e ir para outra firma, e ficar se batendo e pegar a mesma profissão.

"TEVE DIA QUE EU TRAZIA DE VOLTA PARA CASA A MARMITA OU O LANCHE PORQUE NÃO DAVA TEMPO DE COMER"

O trabalho que eu fazia tinha que ter ajudante. Mas eles não punham pra não pagar. Quer dizer que uma pessoa só, por exemplo, eu sendo maquinista dava conta da máquina toda. Nas 8 horas de serviço eu chegava a tirar ali, conforme a bitola do material, sete toneladas e pouco. Em oito horas era um corre-corre: tinha que ir lá na frente e depois voltar pra trás. Teve dias que eu trazia de volta para a casa a marmita ou o lanche porque não dava tempo de comer. Porque antigamente não tinha nem hora de almoço. Depois a gente foi dando em cima, fomos ao Sindicato, tocamos a questão e foi aí que eles puseram meia hora de almoço. Nós marcávamos o cartão e íamos almoçar - e aí pra comer alguma coisa. Antigamente eles davam o sábado livre para a terceira. Para aqueles que trabalhavam de segunda a sexta não tinha hora de almoço e nada.

O responsável por tudo é a firma que só quer produção. E outra: não tem os "apreparos" necessários, pelo menos antigamente não tinham. Agora é que estão modificando tudo. Era obrigado a usar óculos e tudo isso aí. Até tinham uns óculos com os lados parecidos de plástico, só que não era de plástico, era de vidro. E agora, quando entrou a nova diretoria da CIPA, eles mudaram e puseram óculos mesmo, e fechado do lado pra gente colocar na orelha. Mas não adiantava nada - eu mesmo tomei uma pancada que nem sei onde os óculos foram parar, nem achei mais os óculos.

Os óculos que a gente tinha antigamente eram plastificados e duros; e tinha uma correntinha que protegia e segurava melhor. Tinha mais segurança, pois eu trabalhava de boné e era só abaixar, levantar e por o óculos na testa. E este outro não: para esmerilhar e

ra preciso tirar. Inclusive eu discuti isto várias vezes com o encarregado. Ele queria que eu usasse estes óculos novos que eles deram e não os velhos que nós tínhamos. Eu achava que era mais proteção os velhos, pois os novos eram mais pra gente andar; era só abaixar e os óculos caíam. Agora, se fosse só pra esmerilhar, muito bem - o senhor põe ele ali, esmerilha o material, solda e tira os óculos. Por isso eu usava mais o velho.

"O EMPREGADO SE TORNA UM ESCRAVO DENTRO DA FIRMA"

O trabalhador nessa profissão acaba estragando a saúde, dá lucros para a firma e acaba se prejudicando. Eu acho que numa parte, o empregado se torna um escravo dentro da firma. E outra: não tem força pra falar nada, pois não tem apoio, entende? Um vai resolver uma coisa, outra vai resolver outra, e ninguém resolve nada, fica por isso mesmo. A firma põe um pano quente por cima e termina sem nenhuma solução.

Eles querem é só produção. A produção saindo, está muito bem. E se a produção não sai, eles querem saber porque não saiu e querem que a gente explique para eles porque aquela produção está assim ou assado. Onde eu trabalhava, se descia um material mal lavado a máquina não ia de jeito nenhum. E isto acontecia sempre, porque lá na lavagem também se ganhava prêmio e queriam fazer rápido o serviço. E saía assim, prejudicando a gente.

O material era lavado com ácido pra tirar a ferrugem, encapado com cal e passado no banho; passava por diversos banhos. Este material descia, às vezes sujo, e então a gente tinha que descarregar a máquina e engatava de novo. Quando vê, a máquina tinha que ser novamente desligada: o material estava riscando tudo. Quer dizer que a gente ficava ali, o dia inteiro, e não ganhava nada porque o material estava todo mal lavado. O senhor tinha que correr atrás do encarregado, atrás de um e de outro, e até ele trocar o material já

davam às 8 horas. E a gente não ganhava o dia.

"E JÁ PASSEI POR COLÉGIO DE FREIRA, JÁ ESTIVE NO JUIZADO DE MENORES, POIS MINHA MÃE TINHA MUITOS FILHOS E NÃO TINHA CONDIÇÕES DE TRATAR".

Eu fico assim pensando como é a vida. Já fui judiado desde pequeno. Isto porque meu pai faleceu e me deixou com dois anos de idade. Nasci aqui, mesmo em Santo André. E já passei por colégios de freira, já estive no juizado de menores, pois minha mãe tinha muitos filhos e não tinha condições de tratar. Então eu fui um cara assim, por bem dizer, criado pelo mundo. Sofri a vida toda.

E hoje continuo sofrendo e com dificuldades pra viver. E trabalhei a vida inteira. Hoje, por exemplo, eu gasto mais ou menos, uma média de 16 mil cruzeiros entre bar, pão e leite, despesas etc. Isso fora o aluguel, luz e essas coisas. Hoje as coisas estão um absurdo, o aluguel nem se fala. Hoje vi no jornal que vai aumentar 82% o aluguel (passei no bar para pegar o pão e estava vendo isso no jornal). E vai aumentar o preço do ônibus de novo, o último aumento foi provisório, agora vai haver outro porque a gasolina subiu. E parece que já programaram um novo aumento da gasolina para setembro. Quer dizer que, hoje em dia, o pobre não tem condições de viver, de jeito nenhum. A classe média ainda dá pra viver, mas a classe pobre - do jeito que está - o governo vai matar de fome.

"NÃO TENHO NADA CONTRA O SINDICATO"

Ainda bem que existe alguma coisa para se confiar: por exemplo, estou no Sindicato já faz vinte e tantos anos. Quando fui mandado embora, eu abri um processo lá no Sindicato, mas foi coisa pequena. Ganhei o processo e recebi lá. Quer dizer que não tenho queixa, não tenho nada contra o Sindicato, não. Para mim o Sindicato sem

pre foi bom. Toda aquela diretoria que estava lá, o Marcílio, aquela turma toda, foi sempre boa pra mim. É uma boa a pessoa ficar associada porque, para começar, muitas firmas não tem assistência social e então pode-se utilizar o Sindicato. O associado paga uma mixaria. Quanto está uma consulta médica no dia de hoje? A pessoa tem que ver isso, não é?

E tem uma série de regalias dentro do Sindicato: pode entrar numa sala e noutra, pode conversar com as pessoas bem, a não ser que a pessoa seja ignorante, rebelde, não é? Mas sabendo conversar, sabendo trocar diálogo, todo mundo trata bem. Eu nunca tive queixa de ninguém ali no Sindicato.

Quanto ao processo contra o INPS, o advogado mandou que eu aguardasse. Ele falou: "Olha Orlando, o que eu podia fazer eu já fiz! O processo já está aí, tudo bem. Agora vamos esperar o resultado". O INPS tocou uma espécie de demanda, não é? O advogado disse: "Você vai aguardar, um dia ou menos dia, eles vão te pagar. E eles vão te pagar com juros e correção monetária. Daí o senhor vai receber". Este processo eu toquei assim, mas não assim pelo Sindicato. Foi mais particular. Eu fui lá no consultório dele, e ele inclusive é quem me mandou chamar pra conversar com ele e tudo. É um advogado muito bacana ... eu vou lá, ele conversa comigo e até não parece advogado ... parece um amigo da gente. Um cara muito bacana. Ainda bem que tem gente boa.

5.4. Capacidade do Trabalhador (26)

A Casa do Trabalhador é uma organização que tem como genitores os próprios trabalhadores.

Participam desta organização trabalhadores do campo e da cidade, independente de categoria profissional, ideologia, religião, cor, sexo, classe social ou partido político. A única identidade exigida para participar da Casa do Trabalhador é ser trabalhador.

Todo o trabalhador tem o direito igual de voz, vez e voto.

A importância deste trabalho é o respeito pelas idéias dos companheiros. Nada é imposto a ninguém, nada vem de cima para baixo, como a maioria está acostumado.

A Casa do Trabalhador não mete o bico no terreiro dos outros somente participa onde é chamada. Se há um grupo de trabalhadores querendo se organizar ou discutir um determinado assunto e solicita a participação da Casa do Trabalhador, terá imediatamente apoio, indiferente de ajuda financeira. A Casa entra apenas para ajudar na discussão ou na organização, sem dizer o que deve ou não fazer e o trabalho somente vai continuar se o grupo estiver conscientemente interessado a lutar pela própria vontade.

Neste meu período de vida na luta do trabalhador tive lições fantásticas no trabalho junto com a Casa do Trabalhador. Aprendi ser mais democrático, não decidir sozinho, dividir mais as responsabilidades e acreditar mais em meus companheiros.

A mais importante que particularmente considero é que, quando o trabalhador se reúne onde ele pode falar o que pensa, consegue mostrar a ele próprio todo o seu potencial, sua capacidade, sua inteligência, independente de ter ou não passado pelos bancos das

(26) Depoimento de um Trabalhador, in "Abrindo a Casa", pág. 13 (Caderno de Divulgação da Casa do Trabalhador) - João Monlevade/MG - Abril, 1984.

escolas. Consegue realmente dizer o que ele quer, tudo que estava dentro de um cofre fechado pela sociedade que vivemos e pela imposição de uma minoria, que sempre diz que o trabalhador é analfabeto e não sabe pensar ou decidir.

É este o objetivo da Casa do Trabalhador, fazer com que os próprios trabalhadores acreditem neles, que toda a sociedade os respeite. O trabalhador sabe que é necessário uma mudança na sociedade, mas tem que saber que esta mudança somente será possível com a participação de todos os trabalhadores.

5.5. Pronunciamento na Associação dos Professores Públicos de Minas Gerais. (27)

VER

Meu nome é Maria Floripes, mas a maioria dos meus amigos me chamam de Flor. Eu nasci na roça, no dia 13/08/38, fui criada numa cidade do interior, a minha mãe, viúva, cinco filhos e todas as dificuldades. Morávamos numa casa de dois cômodos, sem luz, sem água, que buscávamos e tirávamos do poço.

Desde cedo comecei a trabalhar em casa. Depois que fomos expulsos da nossa terra viemos pra cidade; aí então, mais ou menos em 1952, comecei a trabalhar como doméstica, isto até 1970. Neste período comecei a participar da JOC e, conseqüentemente, das movimentações operárias. E por último, fui auxiliar de serviço no Laboratório de Análises Químicas do CETEC.

Em 1968 sofri muito com a repressão e prisão dos assistentes. Para conseguir maior apoio aos companheiros e aos assistentes presos fui para o Rio como elemento de ligação entre a Equipe Nacional e o Regional da JOC.

(27) ALVES, Maria Floripes Nascimento (Flor) in "SUPLEMENTO ASSUMIR." Boletim Nacional da ACO, Ano IV, Set-Dez/83, págs. 2 a 4.

Para ser fiel à minha categoria de doméstica, prefere-ri libertar-me do apoio das patroas e contar com o apoio da Associação das Domésticas do Rio, da JOC Nacional e da ACO. De volta a Belo Horizonte comecei a animar os adultos recomeçarem a ACO, que tinha sido completamente esfacelada com a força da repressão e prisões contínuas após o golpe militar de 64.

E já em 1979 fui participando do primeiro núcleo, que depois foi aos poucos se reestruturando pelos bairros e outras cidades. Além do mais desenvolvendo um trabalho junto à comunidade do Bairro Nova Vista, onde residi por três anos. Depois morei no Bairro Santa Teresinha, onde ajudei a agrupar e movimentar os jovens, os pais e as crianças em função de uma vida comunitária.

A partir do problema escolar das crianças fiz relacionamento com pessoas da área educacional, tendo partilhado com as professoras profissionais minha visão e minha experiência como educadora e mãe.

JULGAR

Sempre sonhei com um partido político que respondesse aos anseios dos operários, que fosse deles e por eles; onde o trabalhador mais lascado tivesse o controle do partido.

Penso muitas vezes no dia em que não haverá discriminação nem divisão, onde preto e branco, analfabeto ou estudado, crente ou não se sentirão no mesmo barco - o dos oprimidos - e remarão para a frente em busca do mundo novo.

Para mim, viver significa estar à disposição, ao alcance dos outros: tanto o que tenho (livros, casas, toca-discos ...) quanto o que faço (tempo, o que penso).

Uma coisa que eu sempre faço na vida, dentro da JOC e, sobretudo, hoje na ACO, é viver prestando atenção na vida, nas pessoas, nos fatos.

A vida do trabalhador não pode ser dividida em partes. Somos operários na família, no trabalho, no sindicato, no bairro.

A consciência de classe e o compromisso com ela acompanha toda nossa vida, como também as exigências de nossa fé. Mas a consciência de classe, a dimensão coletiva e a fé nos fazem considerar cada trabalhador no seu todo, como centro.

A nossa vida de militantes operários também sofre as influências contraditórias da realidade que, por sua vez, repercute na nossa vida familiar, na família operária.

A construção da sociedade nova se faz não só mudando as estruturas, mas, também, construindo e transformando as pessoas e a família operária.

Nossa ação deve ser avaliada sempre, tomando como referência nossa fidelidade à classe operária e a Jesus Cristo, como garantia de que estamos indo pelo caminho certo.

Quando me encontro com alguém para falarmos, ele é tão importante e quase único para mim; eu acredito sempre no valor e na capacidade que tem qualquer um de contribuir para o conjunto. Escutar com paciência as pessoas é sinal de amor.

Foi por causa disto que, com os meus filhos, nós começamos a fazer rua de lazer, porque se no brinquedo, se no correr neste espaço, se a criança pára para pensar, se isso ajuda no desenvolvimento dela, então a gente podia criar coisas, fazer coisas que a ajudasse. A partir daí a gente foi fazendo as brincadeiras com as crianças, não só organizando mas também revisando o que estávamos fazendo, pelejando, e as crianças foram sentindo o que eram capazes de construir.

Educação popular é tudo aquilo que vai de encontro aos valores do povo. É educar para a ação, para a responsabilidade.

A escola atual discrimina, padroniza, ignora os fatos da vida do bairro. Ser educador é opção de vida, é ser transformador.

AGIR

- Educar, aprendendo.
- Não padronizar as crianças.
- Ter a coragem de olhar as crianças e ver coisas que elas não sabem dizer.
- Conhecer a criança operária.
- Formar o espírito crítico da criança.

Viver como se a vida não nos pertencesse, mas sim ao outro.

Conseguir a união dos oprimidos é um imperativo, pois, é a nossa maneira de conquistar a justiça.

Ver em cada trabalhador o homem que ele é; ver no povo oprimido a classe que ele representa.

Não viver isolado, muito menos no individualismo; mas solidário à nossa categoria profissional e à classe trabalhadora, na luta por melhores dias.

A Família Operária não deve ser fechada sobre si mesma, mas aberta à grande família que é a classe operária.

Acreditar firmes que a causa dos trabalhadores, dos oprimidos, é a causa de Deus; somos o seu povo e Ele nos acompanhará sempre, nos avanços e retrocessos.

Que nós, militantes cristãos, acreditemos que nossa atuação contribuirá para mudar o rumo da história, pois o mundo novo já acontece aqui e ali.

Façamos do amor nossa maior e melhor arma; vivendo dele, encontraremos sempre razões para prosseguir, até o fim ...

6. REFORMA AGRÁRIA

6.1 - Esta Terra não é de Vender (28)

Estr.: Esta terra não é de Negócio

Esta terra não é de vender.

Ela é pros homens lavrá

prá arrancar o pão pros filhos comer

Mas está muito diferente

Olha nossa situação.

O lavrador precisa da terra

e não tem terra nas mãos.

Ela está com as grandes empresas

com latifundiários e os grandes tubarão.

Esta é uma grande injustiça

que acaba com a população.

É por isso que estamos exigindo

uma grande reformulação.

Bem urgente e bem adequada

porque esta é a nossa solução.

Mas esta reforma agrária

é um pouquinho meio diferente.

Não é feita pela governo

que não interessa por esta gente.

É feita pelos trabalhador

e por quem tem boa mente.

Vamos em frente meus companheiros

não deixem seus filhos morrer de fome.

(28) PUREZA, Zé - Novo Brasil "Esta Terra não é de Vender", in "Canto dos Lavra-
dores de Goiás", pág. 20

Porque você produz o alimento
 mas o alimento os seus filhos não comem.
 Vamos mostrar pros carrancudos
 se o povo sofrido também não tem nome.

6.2. A Terrível Chegada da Besta Fera que Assombrou o Sertão (29)

E assim a região foi sendo povoada. Quanto mais sertanejo chegava, mais índio diminuía.

De 1960 em diante começa a aparecer o grileiro de terra, o fazendeiro, o tubarão. O Governo resolveu favorecer os empresários. Deu toda facilidade pra eles. Mandou eles plantar capim e criar gado para exportar pro estrangeiro.

E junto veio a estrada de Barra do Garças a São Félix. E o peão foi trazido do Nordeste e de Goiás pra abrir as fazendas.

Começou a luta da terra. Começou a pistolagem e o sofrimento. Tomaram as terras dos posseiros. Expulsaram e mataram muitos índios. E botaram o peão pra trabalhar no cativoiro. Quando ele não morria de maleita, morria pela bala do jagunço.

Lá pras eras de 66 na beira da BR-80, apareceu a Matinha, o Ribeirão e a Cascalheira.

Quatro anos mais tarde nascia Serra Nova, vizinha de Santo Antônio.

E o gerais já era coisa do passado.

(29) ZÉ DE LUCA, travador da região. Texto publicado em "Peleja das Piaba do Araguaia com o Tubarão Besta Fera", págs. 21 a 26 - Agosto 1981.

1

Hávia até desmantelo
entre índio e posseiro.
Índio com índio é guerreiro,
mas tudo se agasalhava
no rico chão brasileiro
e vem a revolução:
desceu do céu um avião
trazendo o fazendeiro.

3

E o corisco que caiu
flagelando os gerais,
botando o peão na frente
arrastando a cerca atrás,
escorraçando posseiro
o índio e os animais,
foi aquela confusão
com o primeiro tubarão
bate-pau do Satanás.

5

Mas quem diz que o tubarão
que gosta de vida mansa:
passear e dormir muito
beber uísqui, encher a pança,
vai botar mão no machado
só por causa da ganância?
Ele manda é o gerente
fazer os gato botá quente
pro peão entrar na dança.

7

E esse aluno do trecho
que só tem rádio de pilha,
o sofrimento é seu mestre

2

A terra estremeceu
de horror aquele dia,
se amedrontou o macaco
a paca, o tatu, a cotia,
a mata se arrepiou
com a morte que viria,
era o começo do fim,
saí arroz entra o capim
para os boi da companhia.

4

O índio virou sorvete
derreteu, sumiu de vista,
posseiro caiu na estrada
com o trabuco do paulista.
A mata virou juquira
e a roça virou pista
"na hora que nóis reclama
bate em nóis e ainda chama
de invasor e comunista".

6

E o matuto enganado,
da Bahia e Maranhão
troca a sina do receiro
pela vida do peão,
das promessas de melhora
de sair das precisão
só encontra o cativeiro
a maleita, o pistoleiro,
pra casa volta mais não.

8

Será que o cão anda solto
ou será o fim das era?
Meu irmão, nosso Governo

tem a morte por cartilha,
se não mata o jagunço
na rua ele se humilha,
briga e morre na arruaça
quando bebe umas cachaça
com saudade da família.

Com arco, flexa e borduna,
Canabrava ao Rio das Mortes
era terra que os Xavante
dominava com mão forte.
Chega a cobra do Ariosto
traíçoeira deu o bote:
e com a praga do sarampo
os índios fizeram o campo
pra voar dali pra morte.

"Atenção, meus eleitores,
é preciso abrir estrada
pra botar o povo a correr
e poder passar a boiada,
pra nascer as curratela
e cabaré pra peonada,
e os padre vir com sucesso
abençoar o progresso
a terra civilizada!"

Currutela se asparrama
pelas beira do estirão,
pau de arara do Bodoque
traz café, fumo e feijão.
Pedro Baiano e Chiquinho,
na maior animação,

fez trato com a besta fera,
sugou o imposto do povo
que é uma coisa muito séria
e entregou pras companhia
que era quem não merecia
com a SUDAM veio a miséria.

A Sauíá era vizinha
do Caracol e Agropasa
aonde elas chegaram
não sobrou nem uma casa,
nem uma roça de posseiro
tudo virou fogo e brasa
e além de explorar o peão
são igual a correição,
onde passa elas arrasa.

Vida dura de matuto
não tem tubarão que aguenta,
lá no mato sem recurso
a doença é uma tormenta,
mas pro gado do doutor
inventaram a BR-80
a SUDECO entrou na farra
de São Félix até a Barra
nasce a estrada poeirenta.

No córrego Suiazinho
arranchou Juca e Tintinos,
mais tarde chegou o Guedes
que logo aprontou pepino.
Irene e Dito chegaram
trazendo mulher e menino.

fundaram a tal Matinha
que tá no meio da linha,
porteira da região.

15

Enquanto crescia na rua,
inchava também o sertão
Barra do Brejo, Gengibre,
Água Limpa, Boqueirão,
Turvo, Mata de Banana,
Piabanha e Corichão
e a vida que era uma seda
Já ficou soloba e azeda
com chegar o tubarão.

17

Lá em Santa Terezinha
O povo levou um tranco,
aparece a Codeara,
propriedade de um Banco
que diz que comprou os morro
as casa, as grotas e os barranco,
e com proteção de fora
canta o galo e risca a espora:
-"Sai daqui se não te arranco!"

19

E por conta dessa greve
iniciou a perseguição.
O grileiro invade as posse,
manda gente pra prisão,
enquanto que, na fazenda,
se escraviza os peão,
e quem mais abria o bico
era um tal de Padre Chico
dando o alerta pra nação.

Tendo a estrada por parteira,
Ribeirão e Cascalheira
nascem gêmeas no destino.

16

Antes de fundar a Serra,
Protácio e Garimpeiro
já moravam lá muitas eras
na região como roceiros,
e até o cão do Ariosto
botou neles pistoleiros
e na era de setenta
Serra Nova se apresenta,
esperança dos posseiros.

18

Trazendo peão de longe
com treita nos compromissos,
bem nas roças dos posseiros
começou abrir serviço,
e os compadres se ajuntaram,
foi o começo dos enguiço:
é de "por-fora" na mão
mandaram parar os peão.

20

O povo muito devoto
adorava a Deus e os santos
com bendito, terço e reza,
oração e muito canto,
e a folia e o Divino
consolava as dor e os pranto,
e Jesus assim lembrado
aquele povo abençoado
protegia com seu manto.

As igrejas dos pastor
 Chegaram aqui bem cedo.
 Veio Assembléia de Deus
 e a Batista entrou sem medo,
 e pros cristão da católica
 era pau, pedrada, pedro
 Pedro das Barbas primeiro,
 pedra Pedro Sanfoneiro
 Pedro bispo, o Padre Pedro.

6.3. O Ataque dos Jagunços (30)

MEU IRMÃO, AVE MARIA, CREDO! NÃO SEI NEM POR ONDE COMEÇAR ESSE ROTEIRO ...

Era o dia 28 de fevereiro, SÁBADO DE CARNAVAL! Os homens tava tudo na mata, porque chegou a notícia aqui que a bicha braba da firma ia entrar. As mulheres ficaram em casa mesmo com os menino.

Quando foi bem cedo, o povo do Porto viu escurecer de gente armada, vindo da Santana. Eram os jagunços que vinham carregado de arma novinha, fazendo o impossível nas nossas casas. O homem que encontrasse, ia batendo. A livrança dos homem foi as mulher que caiam em cima e não deixava mais bater.

Zê Augusto, Amaro e um investigador da polícia era quem comandava a tropa. Esses homem não tem negócio com Deus! Eles têm é parte com o diabo.

Quando as crianças viram o fuzueiro todo, se espalha -

(30) Texto publicado em "Começo de Mundo Novo", - Sofrimento, Luta e Vitória dos Posseiros de Santana dos Frades, pág. 48 a 57.

ram na área para avisar a todo mundo. E os bandido atucava as crianças, dando até tiro nos pés delas. Mas mesmo assim, todo mundo ficou avisado em tempo.

A lei do mais forte é a brabança e a força dos pequeno é a fé em Deus que não abandona os seus filhos.

A 28 de fevereiro
um grande caso se deu
de jagunços da Seragro
a Santana escureceu
correndo, atirando e batendo
em pobres filhos de Deus.

Muito triste é a lei da Serigy
Invadiu as casa dos morador
com grito e maior desespero
fazendo tão grande horror.

As mulheres acompanharam os jagunços até o Geme. Era eles dizendo uma e elas dizendo duas. Assim que a boiada de capangas parou, as mulher deram garra do Santo Ofício. Meteram o joelho no chão e tocaram a reza do Ofício que era pra combater as forças do inimigo. Naquela hora, os homens já tavam tudo junto com as mulheres, mas desarmados, eles viram que os armamentos aqui são fracos pra dar combate aos armamentos deles.

Dai pressa Senhora
Em favor do mundo
Pois vos reconhece
Como defensora

Sois forte esquadrão
Contra o inimigo
Estrela de Jacó
Refúgio do cristão

Deus vos salve cidade
De torres guarnecida
De Davi com armas
Bem fortalecida

Vós a quebrantais
Com o vosso poder
Os cegos errados
Vós alumiais.

Com pouco, os jagunços pegaram a subir prá cancela da mata e o povo todo subiu também. Chegavam lá e encontravam o trator querendo entrar. Alí é que foi rojão. As mulheres sustentavam a reza e quando viram que o trator ia entrar, duas jovens se jogaram em frente do trator.

Aí os irmãos gritaram:

"Você mata as moças,
mas morre também!"

Com essa o trator parou ...

Duas jovens deitou na rodagem
A Jesus rogando e pedindo
Esta é a hora deu me acabar
Me socorra Cordeiro Divino.

Mais eu morro mostrando a verdade
A estes injusticeiros
A Santana dos Frades é nossa
Nós posseiros é que é os herdeiros.

Nesse aperto todo Zé Augusto se meteu a querer conversar com a gente. Foi conversa fiada a valer. Até que nós vimos que não ia dar certo e marcamos pra conversar no outro dia. Até hoje ... Naquelas alturas, dois irmãos nossos tinha saído pra avisar o ataque

ao Sindicato e à diocese e a televisão já tinha anunciado na mesma noite.

Zé Augusto desceu com o comboio prás casas perto da Igreja de Santana. Ficaram uma semana lá a dar tiro, limpando um brejo perto, juntando coco, fazendo uma casa com nossas madeiras, derrubando nossas cercas, destruindo nossas bananeiras e derrubando coqueiros.

Uma família que morava lá - a de Nicanor - foi quem aguentou o baque. Judiaram tanto com esse povo que Nicanor enfraqueceu e a gente teve que levar ele pro doutor de cabeça. Graças a Deus, ele ficou bom.

Nós ficamos na mata uma semana. Foi quando chegou o povo dos sindicatos e das comunidades e se juntou com a gente pra descer com um grupo de irmãos até a Santana. Era tudo um bolinho só. O que houvesse com um, era com todos. Mesmo com a precisão, nós tava satisfeito de estar no bolinho.

Chegando na Santana, tratamos de levantar nossas cercas e ficar arranchado na Igreja e num barracão de lona. Bem junto dos jagunços. Então ficou esse grupo na Santana tratando de botar os jagunços pra fora. E os irmãos na mata, trabalhando pra empatar a entrada da máquina.

Com pouco mais de um semana, Zé Augusto deixou as casas só no domínio dos capangas. Eles vigiando nós e nós vigiando eles.

Eles fazendo o que não presta e nós fazendo reunião e reza. Vários tipos de oração que as pobres das mulher já tavam até cansando.

E eles já começaram a reclamar do passadio e de tudo. Nós escutava o clamor deles e ia se animando porque via que eles tavam enfraquecendo. Para se remir eles tavam até comendo manga verde pra matar a fome. Nós tava passando precisão mas a campanha das comunidades ajudava nós.

Pouco a pouco foi minguando os jagunços. Foi não foi ,
 saía um e o grupo deles foi fraquejando. E nós fomos estudando como
 tomar conta das casas e desterrar eles de lá. Aí formamos a matrícula:
 quatro foram falar com o chefe deles e as mulheres e crianças foram
 caminhando prás casas com os homens atrás. Quando pensa que não as
 casas tavam tomadas e os homens começaram a carregar os armamentos. Os
 jagunços correram e as mulheres puxaram o Santo Ofício. A casa que e
 ra quartel, - virou casa de oração.

Santana veio de frente

Dando todo o saber:

Meus filhos vocês não matam

Não é hora deles morrer.

Na saída desses jagunços

O Ofício aí bradou

As casas que era quartel

Em casas de reza virou.

Na mesma tarde, chegou a polícia no meio de nós. Nós
 demos o detalhe direitinho do que aconteceu e mostramos as armas. Só
 depois é que gente entregou as armas ao capitão.

Tinha 28 espingardas pra "caçar passarinho" no dizer
 de Zé Augusto ao delegado de polícia de Pacatuba.

Um rifle, 18 facões ... e três caixas de bomba. A en
 trega pra nós foi alívio, em graças de Deus. Daquela viagem, foi uma
 vida de Deus!

Depois dessa, nós ficou de vigia, desconfiado da Sera
 gro mandar novo batalhão. Todo dia tinha um grupo de vigia. Essa vi
 gia nunca se acabou. Inda hoje está.

6.4. A Terra só será nossa quando a gente se unir (31)

Eu canto acontecimentos
da cidade e do sertão
e lá vai 1, 2, 3

pra todos que vivem presos
na fome e na sujeição
e lá vai 4, 5, 6

pra quem sofre humilhação
e não sabe como se sai

Você cai!

A humilhação traz medo
mas quem descobre o segredo
pra cima da fera vai

Eu canto pra ver se todos
criam forças pra falar
e lá vai 1, 2, 3

A vida só é mais vida
pra quem não quer se calar
e lá vai 4, 5, 6

mas é preciso GRITAR
pra quem vem e pra quem vai

Você cai!

Quanto mais a gente grita
mais o povo se agita
e assim a conversa sai

(31) FLÁVIO, José (Cordel) "A Terra só será nossa quando a gente se unir" (1983)

MARTELADAS

CONVERSAR é uma coisa necessária
conversando é que a gente se entende
Quem é rico comigo se ofende
pois eu canto a pobreza centenária

Venho aqui falar da **REFORMA AGRÁRIA**
uma coisa que não serve pro nobre
porque terra só serve para o pobre
mas somente durante a sua vida
pois na morte ela já tá garantida
SETE PALMOS DE TERRA A TODOS COBRE

Mais de um terço do povo do Brasil
hoje vive espalhado pelo campo
e a desgraça que hoje aqui destampo
rói o pobre que nem um esmeril

Mas agora em meados de abril
foi lançada a **CAMPANHA NACIONAL**
a favor do trabalhador rural
que perdeu seu direito de ter terra
CONQUISTAR SEU DIREITO É UMA GUERRA
que no nosso País não houve igual

Não há chuva nas brenhas do Sertão
não há chuva na Mata e no Agreste
Cinco anos de seca no Nordeste
LONGOS ANOS DE FOME E SUJEIÇÃO
Mesmo assim é no resto da Nação
onde atua o patrão e o grileiro
EXPULSANDO DA TERRA O BRASILEIRO

que se esgüela pra ter o seu roçado
ou então trabalhando de alugado
ou penando nas mãos do usineiro.

MUITA TERRA NAS MÃOS DE POUCA GENTE

de empresas, grandes proprietários
sujeitando os roceiros a salários
que envergonham qualquer cristão decente
O que pagam não é suficiente
nem sequer para o cabra ter comida
e o pobre assim vive sua vida
trabalhando e querendo ter mais sorte
massacrado, esperando pela morte
sendo escravo da classe enriquecida

Quem retira da roça pra cidade
por não ter uma terra ou um emprego
só encontra miséria e desemprego
pois aqui também há calamidade
PRECISAMOS FORMAR UMA UNIDADE
pra lutar pelas coisas que são nossas
porque aqui na cidade e aí na roça
SÃO MILHÕES E MILHÕES - É TANTA GENTE
na miséria que forma uma corrente
e nos prende no fundo de uma fossa

O poeta hoje bate o seu martelo
na maldade da classe que domina
ESSA CLASSE PERVERSA E ASSASSINA
que da gente faz lenha e faz farelo
Minha língua na boca é o pinguelo
de um sino que bate a todo instante
alertando o trabalhador volante

pra se unir e lutar contra o patrão
que os frutos da tua desunião
enche o bucho da classe dominante.

Quem no campo vive de arrendamento
ou quem é sujigado em parceria
vê que a lei nunca lhe beneficia
na verdade só causa é desalento
porque são roubados no pagamento
e também enganados quanto ao prazo
o patrão não permite um só atrazo
mas não cumpre o que reza no contrato
É PRECISO PRESSÃO DO SINDICATO
apoiando o roceiro em qualquer caso.

Quem conhece o **ESTATUTO DA TERRA**
sabe que esta Lei não foi cumprida
e a terra não foi distribuída
pelo GERA, nem ICRA, nem PROTERRA
Cada órgão criado só enterra
o roceiro na lama da pobreza
aumentando o volume de riquezas
lá nos cofres dos latifundiários
E DO POBRE TIRANDO O NECESSÁRIO
só deixando miséria e incerteza.

Mas agora o Brasil já se levanta
exigindo logo a **REFORMA AGRÁRIA**
e pra isso uma coisa necessária
é a voz presa na nossa garganta
QUE A ZOADA DA GENTE SEJA TANTA
que o País duma vez todo estremeça
Quem for homem agora que apareça

e se ponha de pé para brigar
Precisamos de gente pra gritar
contra tudo de ruim que aconteça

No entanto é preciso que a **REFORMA**
SEJA FEITA PELOS TRABALHADORES
pois são eles que passam os amargores
e só eles conhecem a melhor forma
São só eles que podem ditar normas
para que seja bom o resultado
Por exemplo, um assalariado
talvez ache somente necessário
garantias de ter justo salário
pra levar sua vida sossegada

Que a terra seja distribuída
pra posseiros, parceiros e arrendados
para quem tem na terra trabalhado
e que ali queira fazer sua vida
E que logo lhe seja garantida
SUA POSSE PELA TITULAÇÃO
pra evitar que o rico tubarão
pela força tome a terra de volta
pois a coisa que mais causa revolta
é a lei proteger rico ladrão

A JUSTIÇA SE ARRASTA SEMPRE LENTA
quando é o pobre que vai e lhe reclama
Mas o rico, porém, quando lhe chama
ela corre que quase se arrebenta
É por isso que o rico mete as ventas
e aumenta a sua grande cobiça:
tem dinheiro, tem lei e tem justiça

tem polícia, tem arma e munição

Mas o povo dará a punição

PRA COBRAR OS ROUBOS DESSA MUNDIÇA

Mas as leis que existem atualmente
na verdade não passam de arremedos
pois são cheias de falhas e segredos
e é preciso dizer abertamente:

DESSAS LEIS QUE O GOVERNO FAZ PRA GENTE

poucas são pra nos beneficiar
QUASE TODAS SÓ VÊM PARA TIRAR
o pouquinho que ao pobre ainda resta
e o pobre quando pega e protesta
vem polícia ou jagunço lhe calar.

E as poucas não são levadas a sério
pois nem estas os ricos admitem
e o **GOVERNO** se cala e então permite
que a lei mais clara vire mistério
É por isso que os nossos cemitérios
têm mais mortos do que deviam ter
POR BALAÇO OU FALTA DO QUE COMER
muito pobre falece impunemente
pois o rico faz tudo diferente
por ter terra, dinheiro e ter poder

NOSSA LEI É O DIREITO NATURAL

de ter terra e ter condições de vida
de ter casa, transporte e ter comida
ter escola, emprego e hospital

ARRANQUEMOS A FORÇA COLOSSAL

que se gera da nossa união

NOSSA ARMA É A ORGANIZAÇÃO

a coragem, a vontade, a consciência
e a verdade que vem da experiência
de quem vive uma vida de opressão

NÓS MORREMOS UM POUCO A CADA DIA
pela fome que seca nosso bucho
O trabalho pesado é o nosso luxo
nossa vida é que nem mercadoria
PARA NÓS NÃO EXISTE GARANTIA
de salários, direitos, Previdência
nem os bens do progresso e da ciência
SÓ MISÉRIA, DOENÇA, HUMILHAÇÃO
do Governo ou da parte do patrão
na usina ou nas Frentes de Emergência

O Governo do Estado e o Federal
negociam o suor dos brasileiros
Também vendem pros bancos estrangeiros
toda a nossa riqueza natural
No produto da venda, o industrial
e o dono de banco e o fazendeiro
É QUEM BOTA NO BOLSO ESSE DINHEIRO
e o Brasil vive governado agora
pelos ricos daqui, pelos de fora
EXPLORANDO O OPERÁRIO E O ROCEIRO

TANTO FAZ SER NO CAMPO OU NA CIDADE
pois aí manda o latifundiário
na cidade comanda o empresário
todos dois com cobiça e falsidade
Eles morrem de medo da unidade
pois conhecem a força da união
Todo pobre que sofre exploração

DEVE SEMPRE COM O POBRE UNIR

Os patrões só querem nos dividir
pra manter o medo e a sujeição

DISSO TUDO O QUE É MAIS IMPORTANTE

para que tenham força nossos atos
é que tudo quanto é de SINDICATO
crie coragem e leve a luta adiante

ORGANIZE O TRABALHADOR VOLANTE

O PARCEIRO, O ARRENDADO E O POSSEIRO
pra se unir com os outros brasileiros
que hoje penam por não possuir terra
pois a luta em verdade só encerra
COM A VITÓRIA DE TODOS OS ROCEIROS

SINDICATO de fé é o que procura
o roceiro onde ele trabalhe e more
e que esta procura não demore
pois a vida já tá pra lá de dura
ÁGUA MOLE BATENDO EM PEDRA, FURA
e é urgente o povo se organizar
pois UNIDOS podemos estourar
NUM ESTURRO MAIOR DO QUE TROVÃO
Cada grito é uma gota de união
TODOS JUNTOS É CHUVA DE ARRASAR

Chegamos ao fim da prosa
Sem perder nosso sentido
A pessoa que é medrosa
Se enforca em seu gemido
mas aquele que não cala
descobre o valor da fala

de medo nunca se entala
mesmo vivendo oprimido

PINOTA, TRABALHADOR

pobre que vive no eito

GRITA COM TEUS CAMARADAS

contra qualquer desrespeito

Se você não se defende

ligeiro o patrão aprende

a roubar o teu direito

Aqui eu fecho o meu canto

martelando o meu tinido

SE TU GRITAR OUTRO TANTO

Vai ser grande o alarido

Para nós chegou a hora

e eu lhe convido agora

pra você botar pra fora

SEU GRANDE GRITO ESCONDIDO

Recife, Setembro/84

7. A MULHER

7.1. Metalúrgicas (32)

Dizem que a mulher sabe é reclamar.

E é verdade. Só que, às vezes, a gente reclama no lugar errado. E pior: temos muitas razões para reclamar!

Mulher sempre foi tratada como sexo frágil, como me nos capaz que o homem. Além disso, existem velhos ditados que dizem: "lugar de mulher é em casa, cuidando da cozinha, da roupa, dos filhos da limpeza ..."

Muita gente acredita nestes ditados. Estas idéias em relação à mulher são preconceitos! E os patrões usam isto para mais facilmente explorar. Contratam mulheres pagando menos e assim têm um lucro maior. Contam, para isso, com o fato das mulheres serem educadas para serem passivas, medrosas e assim reivindicarem menos, aceitando tudo.

Quando uma mulher é mandada embora ninguém acha que e la é desempregada, todo mundo acha que ela é uma dona de casa. Com o homem, é desemprego mesmo. Assim, muitas vezes as mulheres mandadas embora em 1º lugar ... (Nestas horas não se fala em segundo sexo...).

A mulher trabalhadora tem ainda uma dupla jornada de trabalho. Depois das 8 horas de serviço de fábrica, do campo ou do escritório, ela é ainda obrigada a realizar tarefas domésticas.

Nos cargos de chefia, as mulheres, são discriminadas. Os patrões dizem que "os Homens impõem mais respeito" que têm mais capacidade de direção e gerência" ...

Ah, ainda por cima, têm as cantadas. Muitas mulheres são chantageadas pelos chefes, para se manterem no emprego ...

(32) "Metalúrgicas" publicação mimeografada do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Belo Horizonte.

Não podemos aceitar os exames de urina que os patrões exigem para ver se estamos grávidas. Mulher grávida tem direito ao trabalho! Devemos lutar por estabilidade durante a gravidez e até um ano depois do parto. Lutamos também pela anotação da carteira de trabalho da função que realmente exercemos. Aí sim, os patrões não poderão pagar salários menores do que tem direito ...

Achamos que os trabalhadores, **HOMENS E MULHERES**, devem lutar por igualdade no trabalho, na educação, em casa. Mas a nossa luta é maior ainda, é por uma sociedade livre, justa, onde **HOMENS E MULHERES JUNTOS**, construam as suas vidas.

Companheiros, dia 8 de dezembro, sábado, às 15 horas, vai ser o filme "O TRIBUNAL BERTHA LUTZ" que mostra a discriminação da mulher no trabalho. Venha ao sindicato assisti-lo e discutir nossos problemas no lugar certo.

- Este convite é também para as companheiras dos metalúrgicos. Quem tiver criança pequena pode trazer que haverá creche com gente para cuidar e brincar com ela.

7.2. A Mulher e o Clube de Mães ⁽³³⁾

SAINDO DA ROTINA

Rita, Graça, Dora, Francisca, Valdete, Judite e Neusa são algumas das mulheres que vivem na zona leste e sul de São Paulo. Há alguns anos elas decidiram não mais ficar só na vida rotineira do trabalho e da casa. Cada uma a seu modo foi arranjando um jeito de participar nos clubes de mães e nos movimentos de bairro. E isso não foi tarefa fácil porque muita coisa mudou em suas vidas, principal -

(33) Depoimentos de um grupo de mulheres em "Clube de Mães e grupos de mulheres de São Paulo" publicado na revista "Que história é Essa? , nº 3, outubro/1985.

MULHERES NA LUTA POR UMA SOCIEDADE LIVRE, JUSTA E IGUALITÁRIA

mente a partir das conversas, discussões e lutas que fizeram juntas. Nos depoimentos aqui reunidos elas nos contam um pouco dos motivos que as levaram a participar dos clubes de mães e de como foram se descobrindo, evoluindo e se valorizando enquanto mulheres.

Rita : - Comecei a participar no clube de mães como alguém que tinha muita vontade de fazer crochê, né? E, além de aprender a fazer crochê, aprendi a fazer outras coisas e fiz muitas amizades. Fiquei conhecida e até melhorei no meu jeito de tratar meus filhos. E olha que quem diz isso é o meu marido, que era assim um tipo bem de machão mesmo, sabe?

Judite : - Pra mim, não existe muito um porquê. Foi um momento. Me explicaram que estava havendo um grupo de mulheres no bairro, eu vim e achei interessante. Eu queria sair um pouco da rotina de casa e não queria trabalho manual pra não virar uma rotina igual. Acho que continuei no clube de mães mais pelas lutas, pelas palestras. Se não fosse isso tinha desistido, né?

Graça : - Eu gostava de ver novela e minha casa brilhava de limpa. Eu ficava em casa o dia inteirinho e não dava conta de tudo. Um dia, meu marido e eu fomos convidados pra um encontro de casais. Nesse encontro comecei a descobrir um punhado de coisas, porque foi direito aos problemas que tinha em casa. Eu era nervosa, ciumenta. Meu marido podia trabalhar tranquilo, mas não podia jogar futebol ou tomar uma cerveja no bar que eu virava bicho. Eu só queria paparicar e ser paparicada. Abri os olhos no encontro, mas fui despertar mesmo no clube

de mães; e aqui estou até hoje.

Francisca: - Teve um tempo aí, eu já era casada, que a gente ficou tão ruim de vida que resolvi trabalhar numa fábrica. Meu marido me levava e buscava todos os dias. Eu não participava de nada. Dizia que queria paz. Mas não e xergava que essa paz era, na verdade submissão, opres são. Um dia convidaram a gente pra participar do gru po de rua ... depois passei pro grupo de mães.

Rute : - Eu era sempre convidada e nunca resolvia. Até que um dia fui e as mulheres estavam lendo o Evangelho. Al guém um pediu pra ler um pedacinho e depois refleti - mos juntas. E eu gostei, né? Aí comecei a participar da igreja e cheguei ao clube de mães. Depois disso ... Ave Maria! ... quanto coisa aconteceu!

Neusa : - Eu costurava muito pra fora e não tinha tempo pra na - da. Quando ia ã missa aos domingos, o padre tinha a mania de apontar o dedo e perguntar: "você! o que você faz durante a semana?"Aquele: "você" caía sempre em ci ma de mim e minha consciência doía muito. Um dia soube de um grupo de mulheres que se reunia e decidi ir de qualquer jeito. Cheguei lá e as mulheres estavam trico tando e fazendo crochê e eu pensei: "isso aí eu não quero. Eu já estou cheia de costura!" Depois veio a reflexão e eu achei interessante porque cada uma falava alguma coisa sobre o Evangelho. Era a primeira vez que eu discutia o Evangelho com pessoas comuns. Antes era sempre na igreja, onde só padre falava. No final da reunião, a irmã pediu para alguém assumir a reunião da semana seguinte e eu me ofereci. Só que depois disso acabei assumindo de vez.

Elza : - Como comecei? Quem enfiou a gente nesse poço de areia movediça que quanto mais esperneia mais se afunda? Sei lá! Há 20 anos costurava direto pra fábrica e fiquei tão bitolada que não conhecia nem os vizinhos. Quando comecei no clube de mães, foi para mim uma válvula de escape, sabe?

Rita : - E como a gente evoluiu participando do clube de mães, né? Reunindo em grupos, discutindo os problemas, entendendo as raízes desses problemas. Não foi assim que você também aprendeu um monte de coisas?

Dora : - É ... de repente a gente descobre, dá um estalo assim e você sai para o mundo. Acho que este estalo ainda chegou muito tarde em mim; deveria ter vindo mais cedo. Teria feito muito mais coisas. Antigamente a minha vida era chorar, ficava nervosa, irritada com um mundo de coisas. Porque há um certo tempo na vida da gente que parece que a gente se anula. Fica muito naquela vida rotineira, é só criar filhos. Depois, às vezes, o casamento da gente não está muito seguro e a gente pensa que está. Isso aí deu um pane na minha cabeça. Eu estava precisando mesmo sair de casa para ver o mundo lá fora. Durante o crescimento das minhas meninas eu só criei filhos. Aquela vidinha chata. O marido chegando tarde, dizendo que eram as horas extras, né? E você ficando dentro de casa, se anulando. Então, de repente, tem que descobrir quem é você e quem é o mundo. Eu acho que partiu disso aí. E então comecei a participarda comunidade. Porque cheguei num ponto que falei para mim: "Se eu ficar aqui, vou ficar louca". Tinha toda uma energia acumulada dentro de mim e ficava parada dentro de casa, vendo a casa desmoronar e sem

descobrir o caminho, a porta ... Aí, depois que organizaram esse clube de mães fui entrando, fui me entrosando. Mas não foi nada fácil sair da rotina de casa. Foi duro porque tive que mudar muita coisa.

Rita :- E, ficar só dentro de casa passando e lavando roupa não é vida mesmo. Você fica neurótica, porque só vive em função do pano, do espanador, da limpeza, do diabo a quatro. E ninguém valoriza o seu trabalho. Enquanto mulher, você é aquele burro de carga sem salário. Mas eu só comecei a descobrir que muita coisa tem quer ser mudada a partir da reflexão que fiz junto com o pessoal no clube de mães. Uma reflexão não só em cima dos problemas da vida da gente, mas em cima dos problemas do bairro, também. Descobri coisa que nem sonhava que eram direitos meus. E olha que não participei desde o início do clube. E vim para o movimento sem saber lutar, reivindicar, discutir. Eu adquiri um pouquinho de consciência participando mesmo da luta do custo de vida, do movimento de creche direta, da coordenação e de outras coisas que foram surgindo. Então, foi assim: vim e fiquei. E à medida que fui vendo mais gente e discutindo, as coisas foram ficando mais claras. Fui aprendendo a lutar. E foi assim que comecei a batalhar aqui no bairro. E nessas lutas é que a gente descobre que tem direitos e que tem que lutar por todos e não só por si.

Judite :- Pois para mim, o que me levou a participar do movimento foi justamente a vontade de lutar. Desde que me entendo por gente, estou na luta. Quando era solteira, fui mandada várias vezes embora do emprego por tanta briga que eu arrumava. Estava sempre reclamando de salário, da hora extra. Mas era uma coisa meio inconsciente.

Depois de casada e antes do clube de mães ainda a revolta era grande, mas não sabia como participar, com quem brigar. Brigar com o marido? Com os filhos? Não dava! Então passei umas fases assim desgraçadas, sempre achando que a vida não estava boa, mas sempre tentando melhorar. Mas via que tudo continuava igual e não conseguia enxergar nada de diferente.

Um dia soube de um grupo de mulheres que se reunia aos sábados. Mas era nos sábados que entregava as costuras pras freguesas e nunca dava certo. Até que decidi ir de qualquer jeito. Cheguei lá e as mulheres estavam tricotando, fazendo crochê. Me lembro que perguntei para vizinha: - Isso não é uma fabriquinha de costura que a gente trabalha como escrava, né?

- Não, Dita, não é nada disso - disse ela.

Porque minha finalidade não era muito o crochê. Eu não tinha muita saída e queria fugir um pouco da rotina de casa e da costura, né? E só fazer trabalho manual ia se tornar rotina a mesma coisa. Então só continuei mesmo no clube de mães pelas lutas e pelas palestras. Se fosse só trabalho manual, eu acho que não ficava não.

Rita : - Quando comecei a participar, o clube já funcionava há uns 5 anos e eu morava no bairro já quase 17 anos. Naquela época, vivia muito em função só da família. Eu não ficava preocupada se algo me agradava ou não. Se o meu marido estava contente e os meus filhos também, então para mim estava tudo bom. Nunca perguntei: "o que é que eu quero?" Depois que comecei a participar, é como vocês falam: descobri que muita coisa pode ser diferente, né? Quando fui convidada para entrar no clube de mães, tinha aquela preocupação de ajudar os outros. Só que depois percebi que não era eu quem estava ajudando os outros, mas

eles que estavam me ajudando, sabe? Porque a minha cabeça mudava a cada dia e ainda continua mudando ... Tem vez que deito pensando de um jeito e quando levanto de manhã já estou pensando de outra maneira, né? É aí a gente vê que perdeu tanto tempo na vida. Agora não dá para voltar para trás. Tem que aproveitar o restinho, né? É duro, gente, descobrir tanta coisa depois de velha ... Mas antes tarde do que nunca, né?

Francisca: - Nunca é tarde para se fazer um trabalho para organizar a mulher. A gente que está morando na periferia, percebe muito que as mulheres não têm tempo. Principalmente com o desemprego, elas têm de ajudar o marido e pegam serviço fora e se matam feito condenadas. Trabalham de madrugada; é uma dificuldade trazer a mulher na reunião e ela fica completamente alheia ao que está acontecendo no bairro.

Rute : - E olha que tem bairro que não tem nada ...As ruas cheias de barro, não tem iluminação, feira, os ônibus tudo lotado ...

Neusa : - Mas mesmo quando a mulher não trabalha fora, se a gente for pensar bem na questão do tempo, não dá para fazer as coisas. A gente tem que largar um pouco o serviço de casa. Se você quer ser uma dona de casa perfeita, você não vai ter tempo de fazer as coisas fora.

Dora : - Mas, pôxa vida! Se tenho condições de viver só para cuidar de meus filhos e da casa tenho que ser respeitada nisso, sabe? O que eu quero dizer é que pelo fato de ter a profissão de dona de casa eu não vou ficar aí dentro fechada. Não! Eu também tenho o direito de participar de

uma reunião política e de estar por dentro dos acontecimentos.

Neusa : - É. Mas a gente é muito desvalórizada. Pelos outros e pela gente mesmo. Vou dar um exemplo. Antes eu achava que o meu marido sabia as coisas melhor porque trabalhava fora e convivia com outras pessoas. Me sentia tão burra! Tudo que ele falava, eu acabava achando que estava certo. Depois que comecei a participar, ao invés de achar só qualidades, comecei a ver que ele também tinha defeitos e erros. Essa descoberta pra mim foi mais importante do que qualquer outra coisa.

Valdete : - Eu também sempre tive isso comigo de achar que era ignorante demais. Não tinha muito assunto pra conversar, a não ser do filho e do trabalho de casa. Era só aquilo ali, não tinha um desenvolvimento com nada. Não sabia nem como criava filho, não sabia discutir o porquê de fazer isto ou aquilo. Tinha vontade, por dentro, de fazer alguma coisa pra abrir um pouco a mentalidade, mas eu não sabia como. Então, o clube de mães, pra mim, caiu como uma luva. E meu marido percebeu que comecei a enxergar mais do que ele. E tem aí um ciúme da gente ser mais, né? Por exemplo, numa conversa, às vezes, eu me saio melhor porque ele tem mais dificuldade, sabe? Mas eu pensava igual a vocês, que os homens eram mais inteligentes do que as mulheres. E não é nada disso. Somos iguais.

Rita : - Mas a gente não é respeitado quando a gente fala, Valdete. Este é um ponto que todas as mulheres sentem. A gente sabe que tem marido que é uma praga pra pressionar e oprimir a mulher, não é? Sabe por quê? Porque eles não querem ficar por baixo. É só por isso. É como você dis-

se, eles sabem que se a mulher deles começar a conver -
sar com outras e entender melhor as coisas, eles vão perer
der de longe. E eles têm medo de perder o poder e de não
serem mais os mandões, né?

UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA

Os clubes de mães são grupos de mulheres que foram criada
dos na periferia de São Paulo, em outras cidades do Brasil e em algu
guns países da América Latina. Embora já existissem alguns grupos antes
de 1970, foi a partir desta data que surgiram em maior número em
São Paulo. A grande maioria desses clubes formaram-se através do traba
lho pastoral da Igreja Católica, que reunia as mulheres para fazer
reflexões sobre o Evangelho e a partir daí discutir os problemas
existentes nos bairros. Alguns também surgiram por iniciativa de
instituições como: Legião Brasileira de Assistência (LBA), Sociedade
de Amigos de Bairro (SABS) e partidos políticos. Outros ainda surgiram
estimulados por movimentos reivindicatórios, como, por exemplo,
os movimentos do custo de vida, saúde, creches, lixo, etc. Finalmen
te, um grupo mais reduzido nasceu independentemente de instituições
e movimentos.

A história dos clubes de mães está relacionada com a
resistência dos setores populares em São Paulo, que se desenvolveu
mais intensamente sob a repressão do regime militar durante os anos
70.

Neste capítulo, relataremos a história do movimento do
clubes de mães nos bairros das regiões sul e leste de São Paulo. Embo
ra esses grupos tenham elementos comuns em sua história, há também difer
enças que se devem às particularidades dos movimentos populares
nestas regiões.

8. AVANÇO TECNOLÓGICO E DESEMPREGO

8.1. Carta ao General Figueiredo (34)

João Monlevade, 22 de outubro de 1982.

Exm^o Sr.

Gal. João Batista Figueiredo

DD. Presidente da República Federativa do Brasil

BRASÍLIA - DF

Excelência,

A comunidade de João Monlevade recebeu com profunda preocupação a notícia, revestida de caráter de informação oficial da Companhia Siderúrgica Belo Mineira, de que, para os próximos dois anos, em função do aperfeiçoamento tecnológico, está prevista a dispensa de cerca de mil e seiscentos empregados, num efetivo atual de 4.100.

A dimensão social dos problemas que tal medida ocasionará em João Monlevade é seríssima. O município com 50.000 habitantes, tem como grande empregadora a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira (CSBM), de quem dependem, através de 4.100 empregos, cerca de 22.000 pessoas. E as outras atividades de prestação de serviços, comércio, construção civil que se desenvolvem no município vinculam-se a esse núcleo populacional.

Numa comunidade com tal perfil, o desemprego de 1.600 pessoas, além de repercutir nos seus dependentes, irá ocasionar a ociosidade de uma parcela significativa da população, que vive em dependência dos que exercem as referidas atividades de comércio, prestação de serviços e outras atividades industriais de pequeno porte.

Entende-se que na indústria se preocupe com o aperfei

(34) Abaixo-assinado dos trabalhadores de João Monlevade.

çoamento tecnológico, como forma de manter a competitividade, e assegurar sua presença no mercado. Mas, se esta indústria está presente numa comunidade há mais de 50 anos, se por seu crescimento provocou o crescimento do município, não pode furtar-se às obrigações de caráter social que teria com essa comunidade. O mais comezinho deles é garantir o nível de emprego, o que facilmente conseguiria, diversificando suas atividades, dentro do mesmo ramo de produção, criando novas fontes de trabalho e com isso não só aproveitando o pessoal que se tornará ocioso pela adoção de tecnologias novas, com até mesmo expandindo a oferta de empregos. Um pouco de boa vontade, ousadia empresarial e extrema consciência da função social do empresário levariam a soluções alternativas implantáveis com custo razoável e tolerável.

Fazendo isto, a CSBM se penitenciaria dos pecados cometidos em detrimento dos interesses dessa comunidade, ao longo de sua história. Tendo-se alicerçado para seu desenvolvimento em nossa comunidade, onde chegou a gerar em certo período mais de 8.000 empregos, à medida em que seus servidores começaram a conquistar um mínimo de retribuição pelo seu trabalho, a empresa passou a desativar ou desmembrar setores para regiões onde tivesse maiores condições de pressão sobre os trabalhadores. Em processo contínuo, transferiram a Trefilaria para Contagem, desativaram uma fábrica de Tubos Costurados, um Laminador de Chapas, um Laminador denominado "Trem 350/650". Posteriormente, transferiram para Sabará as Oficinas Eletro-Mecânicas, hoje em fase de desativação. O Departamento de Terras Matas e Carvão, sediado em João Monlevade, foi transformado em sua subsidiária em Belo Horizonte, a CAF (Companhia Agrícola e Florestal Santa Bárbara) que se notabiliza hoje por seus salários de fome e rotatividade de mão-de-obra que atinge o absurdo de índice de 48%. Todo o setor de Mineração, também antes incorporados à CSBM, ligado à sua atividade fim, foi transferido para outras subsidiárias - SAMITRI S/A e SAMARCO S/A - que se integraram ao capital estrangeiro, via ARBED, e se caracte-

rizaram por exportar a preço vil nosso minério.

Com recursos gerados na comunidade monlevadense, lançaram a agropecuária através das subsidiárias ABASA e ABANOR.

Levaram para São Paulo a indústria de cabos - CIMAF. Em Vespasiano implantaram a Belgo-Mineira-Beckaert, para produção de fios de aço utilizados na fabricação de pneus.

Controla a POHLIG-HECKEL S/A, implantada na Cidade Industrial de Contagem, atuando no ramo de construção mecânica.

Todo esse complexo industrial, de grande envergadura e poderio econômico, foi criado sem endividamento, sem nenhum aporte de capital da ARBED, que, mesmo assim, detém o seu controle acionário.

Pode-se afirmar que tudo começou com a unidade de João Monlevade, e houve ano que a CSBM chegou a realizar lucro líquido superior a seu capital social.

Descapitalizando João Monlevade, eximindo-se de suas responsabilidades sociais, lançou-se na orgia financeira, aplicando fortemente no mercado financeiro, totalmente esquecida de sua vocação industrial e obtendo lucros astronômicos.

Enquanto isso acontecia, deixava de ocupar-se de criar novas oportunidades de trabalho e, o que é mais grave, deixou de consolidar-se em espaços econômicos carentes de sua presença e vitais para afirmação definitiva no mercado de sua opção - há de se considerar também que não atendeu aos apelos de diversificação do mercado consumidor.

Hoje, chora lágrimas injustificadas, ao contemplar pretensas dificuldades que enfrenta na unidade de João Monlevade - esquecida de que foram os resultados obtidos junto a essa comunidade de trabalhadores que lhe propiciaram o crescimento tentacular.

Ao invés de envidarem um esforço oposto, para recuperar o nível de emprego na cidade - e isso seria o mínimo de se espe -

rar, pois é a própria empresa a proclamar o alto nível de qualificação e dedicação de mão-de-obra local - vem a empresa comunicar como "solução" mais um passo no enfraquecimento de sua unidade.

Já que os atuais responsáveis da empresa não estão mostrando sensibilidade para esse problema, esperamos de Vossa Excelência uma pronta interferência, no sentido de chamar aos brios os eventuais diretores ensinando-lhes que a CSBM é algo maior que a visão mesquinha que pretendem introduzir e mostrando-lhes que a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira tem uma irrenunciável responsabilidade com a comunidade de João Monlevade.

É o que espera a cidade, através de suas mais legítimas lideranças políticas, administrativas, empresariais, judiciais, sindicais, religiosas, estudantis e comunitárias.

(Assinaturas)

9. LIDERANÇA

9.1. O Povo e a Liderança (35)

Como Surgem as Lideranças

A Liderança surge do seio do povo

"Então, a gente procurou o administrador. Ele disse que naquele momento era um pouco difícil nos atender porque eram três associações regidas por um só estatuto. Se ele atendesse um bairro e não a outro, haveria reclamações, aquela coisa ...

(35) Entrevistas com Membros de Associações de Moradores - Publicado no Caderno Movimentos Populares - Associação de Moradores - nº 3 - Fevereiro/83 - GETEC

SECRETARIA DE ECONOMIA E FINANÇAS

Seria bom que voltássemos, uníssemos o pessoal e formássemos uma associação. Porque através da associação teria mais condições, né? Inclusive, até citou uma pessoa do bairro. Um rapaz indicou um amigo dele no bairro, pessoa conhecida, de confiança, conterrâneo dele.

Pessoa de ... bom nível para mexer com o trabalho comunitário e que tinha vontade até de trabalhar.

Voltamos, procuramos essa pessoa, juntamos um grupo aí, umas seis pessoas do bairro e fomos conversar com ele. Chama-se A.S.

Ele falou que não achava válido, que se a associação fosse organizada com a comunidade toda, com pessoas de baixa cultura, podia tumultuar e tal. Achava melhor ele mesmo, que tinha mais conhecimento, era mais amigo e conhecido do Dr. Mozart, ele mesmo organizar tudo.

Então nós pedimos pra ele ver se conseguia com a administração de Venda Nova alguma coisa assim como essa praça.

Passou 79 todo e coisa alguma foi conseguida pra nós. Acabou que a gente ficou naquilo que estava".

"Nesse momento eu peço a palavra ao senhor presidente. Olha, na primeira reunião que fizemos, um senhor lá do Jardim Leblon desanimou quase todo mundo. Que a associação não seria coisa de brincadeira, não seria coisa fácil, que ia gastar com muitas coisas, máquinas. Desanimou completamente o povo. Mas não é só com dinheiro que a associação vai pra frente, não. Com a ajuda do pessoal também vai. Não temos dinheiro pra gastar, mas, com boa vontade, conseguimos.

Então, o senhor Ataídes fez conjugação pra presidente, iluminou os desaluminados, no seu hábito de pensar. Eu pensei, eu achei que ele seria o senhor que podia tomar conta de responsabilidades dar conta, conforme vem dando.

Eu achei que meu voto deveria ser partido por ele.

Tanto como todo mundo acompanhou o partido do voto por ele. Então , graças a Deus, vamos curtindo, baqueando daqui e dali, mas vamos seguindo".

As Necessidades Fazem Nascer a Organização e a Liderança

"Naquela época estávamos reorganizando a associação.

Quer dizer, não tinha estrutura para fazer nada ainda, inclusive não tinha feito nada. Mas quando começou a ter aquelas chuvas aí, barraco caindo, o pessoal na rua, nós nos reunimos aqui, uma meia dúzia só.

"Oh! gente, que é que nós vamos fazer? É regaçar as mangas, entrar na chuva aí e ver o que podemos fazer."

E começamos. Começou a trazer gente para aqui, né.

Chegamos aqui e falamos com a diretora da escola: "a senhora dá licença que vamos encher isso aqui de gente". "Ah! Tal ..." "Agora, eles não têm prá onde ir, é aqui que vão ficar".

Começou a chegar gente que não cabia mais. Fui naquele grupo lá de cima, levamos prá igreja, né, enchemos a igreja, já não cabia mais gente lá. Fui ao grupo de cima, mas a diretora falou: "ah! aqui não entra ninguém. Não tenho as chaves, não sei o que ..."

Aí olhei para trás assim, aquele montão de gente com trem nas costas, menino debaixo de chuva ... Arrebentei a porta de uma sala lá, ela chamou a polícia. Aí veio a polícia e ajudou a acabar de arrebentar o resto.

Então, começamos a fazer esse trabalho ... E em tudo isso aí começamos a assumir a coordenação dessa região aqui ... desses grupos todos."

Papel das Lideranças

A Liderança ajuda o povo a tomar decisões

"Certa ocasião, quando fomos uma comissão ao prefeito de Contagem, ele quis fazer um tipo de limite aqui e nós não aceitamos o tipo de limite que ele queria fazer, sem consultar o pessoal.

Caso a gente tivesse aceitado, concordado com esse acordo sujo dele, talvez já estivesse resolvido o limite. Mas ele fazia um limite, visando mais os interesses dele. Dessa vez, a coisa era tão clara que até uma analfabeto entendia o jogo dele.

Defendia os dois grupos que ele tinha construído no bairro, né, fazia um zigue-zague por aí, deixando umas nesgas, uns remendos para Belo Horizonte. Nós lá, ele mostrou prá gente e nós não concordamos não.

Chamamos o povo, aí, mostramos pro pessoal e ninguém concordava com aquilo: ou bem que fica tudo para Belo Horizonte ou bem que fica tudo para Contagem".

I. "Eu sempre digo a eles o seguinte: muitos aí trabalham muito, têm ajudado, têm participado muito. Mas confiam demais no meu trabalho e eu acho que põem o meu trabalho muito na frente. Eu já acho o contrário. Se eu cheguei e liderei como eles estão falando, é porque encontrei apoio da comunidade, porque sem eles ...

M. E quanto mais unido a gente for, mais boa vontade prá dar certo, prá aprovar.

I. A prova é tanto que tudo que vou fazer, devolvo a eles. A gente senta, bate papo, discute e leva o problema ao conhecimento..."

A Liderança não assume nada sozinha

I. "(...) toda vez que a gente tem de ir a algum lugar, a gente tira uma comissão, sabe. Quando a gente estava bolando estatuto, pensou nisso também. Sempre que temos de fazer alguma coisa, ir a algum lugar, vão pelo menos três pessoas. Porque facilita.

Por exemplo, se temos de decidir alguma coisa naquele lugar, a gente tem com quem trocar idéia, demonstra mais força, mais união. Por isto, tomamos como norma nunca fazer sozinho uma coisa. Se estiver difícil vão dois ou três, nunca vai um só.

D. Nós já fomos até com dois ônibus."

O Líder ouve e muda seus pontos de vista

"Acho que o nosso ponto de vista, nosso ideal é este: lutar juntos para melhoria do bairro em geral. Não quero incriminar ninguém, nem quero julgar ninguém. Ele tem seu ponto de vista, eu tenho o meu.

Agora, gosto que o pessoal modifique o meu ponto de vista, participando comigo. Assim, mesmo que eu pense de uma maneira, se o pessoal unido comigo, bate um papo comigo, eu nunca, nunca deixei de ceder a uma opinião.

Gosto de ouvir a opinião de outras pessoas, daquelas pessoas que têm experiência, das pessoas prejudicadas, das pessoas não prejudicadas. Assim, creio, vamos conseguir juntos atender às necessidades do pessoal".

O Líder não é dono do Trabalho

"O presidente de nossa associação é o R. O Presidente da Associação de lá é o G. Certa vez, fomos convidados para partici-

par de uma reunião de lá, realizada no grupo escolar Nossa Senhora A parecida. Eu e o R. fomos. A Associação deles funciona de modo bem diferente da nossa. Não sei se foi a primeira imagem que a gente te ve, o primeiro contato que tivemos com eles, mas percebi isto.

Quem fala lá é o presidente e o vice-presidente. A se cretária é só ler. O tesoureiro é só fazer ficha e dar recibo. Não têm vez não. O povo também não tem sua vez não. No final da reunião, quando todo mundo já estava cansado e querendo sair, o presidente deu a palavra livre prá quem quiser. Não gostei da participação de les. Pela primeira vez, sei lá, achei uma coisa muito estranha.

Pelo que a gente está acostumado a falar, a fazer a qui. Achei muito estranho porque num trabalho de bairro deveria ha ver oportunidade para o povo do bairro falar o que está sentindo e agir.

O Líder cobra das autoridades melhorias para o Bairro

I. "Vivemos 30 anos sem ter nada. Agora, com seis me ses já existe alguma coisa para a gente.

H. É uma esperança.

H. É uma esperança que anima a fazer alguma coisa, por que ele (o prefeito) não aguenta mais com o I. na porta deles.

É só isso. O menino cobrador! A gente tem uma dívi da, dá ele prá cobrar. O sujeito paga porque não aguenta o cobrador na porta. É por isso que o prefeito ainda está fazendo alguma coisa, porque não aguenta o I. na porta dele.

H. O prefeito lá de Venda Nova diz assim:

"Ih! aqui precisava de um homem que fosse tarimba-
do prá tomar conta de Venda Nova".

E o que é que ele está fazendo ali?

BIBLIOTECA DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS

H. Põe o seu I,

(...)

M. Não, deixa ele aqui mesmo, uai, deixa a prefeitura prá lá ..."

O Líder tenta mobilizar a comunidade

R. Ó I., você falou aí que o pessoal procurou a associação por causa do problema da FUNEC. Em outras ocasiões, com outros problemas, o pessoal procura a associação, procura a diretoria e coloca os problemas, ou é vocês que vão mais ao pessoal da comunidade? Como se estabelece essa relação entre associação e o pessoal todo do bairro que, às vezes, não participa diretamente mas que pode participar? Como isso acontece?

I. A maioria das vezes é a associação que vai atrás mesmo das coisas, né.

V. Você vai ou não funciona.

I. Agora, muitas vezes, funciona, como no caso das mães. Outro caso foi, por exemplo, uma reunião aqui na Igreja. O pessoal falava que havia o problema do lixo e não sei o quê. Aí nos falamos assim: "então vai lá na associação".

A dona foi, a gente lutou junto. Conseguimos um caminhão de lixo passando na região. Conseguimos a coleta de lixo e a limpeza de várias ruas. Agora, na maioria das vezes, é a gente mesmo que resolve lutar pelas coisas. Às vezes a gente vai, chama, leva boletim, fala: "Ó, num sei o quê, num sei o quê", a pessoa até garante que vai e não aparece ... Na maioria das vezes é assim.

10. OCUPAÇÃO DO SOLO URBANO

10.1. Duas Vilas - Uma mesma História (36)

A Vila Jataí, era um buraco usado para se jogar lixo e detritos de animais. Alguns migrantes, como todos já sabem, na sua maioria expulsos do interior, vieram aqui habitar, à procura de melhores condições de vida. Após algum tempo o senhor Geraldo de Souza, dono de uma imobiliária comprou o terreno, já habitado e moveu um processo de despejo. Por ter havido um atraso na defesa, o processo se complicou.

Quando os moradores tomaram conhecimento da continuidade do processo, tomaram providências e um outro advogado está encaminhando a defesa, mas o processo já está em execução.

Isto se iniciou em 1978. O advogado Arutana, na CDDH, não recebeu o comunicado do Juiz para a última audiência, e mesmo assim, o juiz deu a sentença de despejo. E no mesmo bairro, o dono sendo outro, a Vila Cemig, falando de um modo geral, passou pelo mesmo processo de habitação.

Como o advogado é o mesmo, o processo está tendo o mesmo encaminhamento. Só que, na Vila Cemig o número de famílias é muito maior.

O que eles querem é continuar na terra

Tão logo os moradores da Vila souberam do despejo, eles se organizaram, procuram a CDDH e foram atrás do prefeito. Fizem e ainda estão fazendo várias reuniões, e o fato foi divulgado pela cidade e nas outras vilas.

(36) Trecho retirado do caderno "Queremos a Terra para Morar" - Elaborado pelos moradores das Vilas Jataí e Cemig - Belo Horizonte.

Convidaram o prefeito, para estar presente nas reuniões. Diante de mais de 200 famílias juntas lutando pelo direito de morar, o prefeito, vendo que se tornaria um problema social, comunicou com os órgãos competentes e sustou o despejo até segundo ordem. E com isto, o advogado vai poder entrar com mandato de segurança para conseguir indenização para os moradores, pois nem a isto eles tinham direito.

Agora as duas vilas formaram uma comissão de 20 moradores para ver o que vai fazer daqui pra frente.

O que eles querem é continuar na terra

Dentro destas duas vilas, existem alguns barracos que não se encontram no processo de despejo, porém está havendo neste sentido, uma verdadeira união e solidariedade entre eles, os que estão e os que não estão sendo despejados. Porque se tirarem uns agora ficará mais fácil de tirar os outros depois. Já está em andamento, uma proposta feita pela prefeitura de Betim, de ver 212 lotes através da CDI, que serão vendidos aos favelados.

Este projeto, segundo o prefeito, será entregue até o final de julho para estudo (prefeito que não é a favor das vilas, está tentando outros meios).

Vila CEMIG

Em 1977, um homem chamado Antônio, conhecido por Pingulinho, por motivo de desemprego, foi obrigado a sair do barracão onde morava com sua família em Belo Horizonte, veio em direção a Betim, chegando em PTB.

A procura de um lugar para se abrigar, encontrou este terreno vazio, cheio de mato e fez seu barraco de lona onde morou alguns meses, com todos que conversamos só dizem que o fundador des

ta favela foi o Pingulinho. Ele era companheiro do Dunga. O Dunga foi assassinado lá no PTB pelo tal Luiz. E o Pingulinho ninguém dá notícia dele. Só dizem que o Pingulinho era preto, baixo e muito valente, vivia ora com uma mulher, ora com outra e dizia ser solteiro e dava alguns tiros para por ordem na favela e o tal Pingulinho vendeu muitas áreas aqui, dizendo ser o dono, mais tarde ele, Pingulinho desapareceu. Ninguém dá notícia dele. Só dizem: ele era preto, baixo, muito valente e desapareceu misteriosamente, passando alguns dias, veio uma outra família pobre do interior de Minas, sem lugar para morar, fez um barraco de pau a pique, pelo mesmo motivo veio outra família.

Luiz Pereira Peixoto veio de Itambacuri em companhia da esposa e cinco filhos e construiu uma barraca, sendo o material todo transportado a mão, porque não tinha meios de transporte aqui pra favela. Começou a cavar nos barrancos, pois o terreno era muito acidentado e só mesmo quem não tinha onde morar que topava construir um barraco.

Daí a FIAT liberou toda a sua madeira que tinha em estoque, assim ele pôde fazer um barraco para morar com sua família.

No mesmo caminho foram outras famílias pobres, aquelas que não podiam comprar no depósito, carregavam madeira da FIAT, com aquelas madeiras eles faziam o seu barracão coberto de lona ou até mesmo de tábuas, todos lutavam igual, sempre pensando numa melhora. Antigamente até de pé era ruim de andar. Com o decorrer do tempo muitos moradores que tinham seus barracos de madeirite, empregaram e assim puderam construir umas casas de adobo e tijolos, passando muita dificuldade, foi vivendo uma vida difícil. Muitos barracos são construídos debaixo de uma rede de força da CEMIG com alta capacidade de força, que liga da usina na FIAT e outras indústrias, todas de grande porte.

Só debaixo desta rede têm 22 barracos, todos com família dentro. Aqui existem mais ou menos 150 barracos, alguns de tijolos, madeirite e outros materiais, todos com uma, duas e até

mais famílias, e sempre correndo um rego d'água procedente das cozinhas, fossas e das lavações de roupa.

Estas águas vêm de todos os barracos, com grande quantidade de mosquitos, moscas e outros insetos.

Grande dificuldade é uma favela como a Vila Cemig.

É que as barracas são unidas, quando uma criança chora à noite, sempre acorda quatro vizinhos, se o cachorro do vizinho latir, acontece o mesmo, outro inconveniente, que muitos trabalham em horário de réveio e chegam no barraco, batem na porta, acordam sua família e começam a conversar e acordam todos vizinhos.

Todos ficaram morando aqui, pois comprar um lote não podem. Eles pedem a entrada mais de dez salários mínimos de entrada. Isto sem contar as prestações que aumentam de mês em mês, por isto existe esta favela, tirar esta vila é uma falta de amor com a humanidade. Hoje somos 180 famílias. Não estamos bem, mas estamos um pouquinho melhor. Com a ajuda de todos, em 1982 conseguimos uma máquina, assim pôde abrir uma pequena rua, dá pelo menos pra andar de bicicleta, que antes não dava.

Agora, depois de seis anos de luta e sacrifício, a pareceu uma tal pessoa, a qual diz ser dono do terreno, dando prazo de 15 dias para sair. Esta pessoa que diz ser dono, em vez de nos tirar, deveria nos ajudar a colocar água encanada, rede de esgoto, assistência médica. É isto que precisamos.

Por que não temos direito de morar na terra?

Sair daqui não dá. Somos pessoas pobres, não podemos pagar aluguel, nem tão pouco comprar um lote. 50% desempregado, os que estão em serviço, trabalham dois, três dias por semana, mal podem comer, como podemos sair deste lugar?

Precisamos ser ajudados e não ser despejados. Nós

viemos morar aqui neste buraco em janeiro de 1977. Este local só tinha lixo e esgoto correndo em cima da terra. Com o nosso trabalho e ajuda da comunidade nós conseguimos fazer uma rede de esgoto. Em 1979 apareceu um tal Geraldo Mudança dizendo que comprou o terreno e começou a nos perseguir. Cercou com arame, mas não adiantou, veio com a polícia e quebrou um barraco, a família foi para a rua e uma criança de um ano morreu. Mas o povo não esmoreceu, continua unido e pegando com Deus.

Juntos venceremos esta batalha

Ele entrou com a causa na justiça contra os moradores da Vila. Na primeira audiência foram intimados quatro moradores, mas foram dez que compareceram na audiência, ele ofereceu um acordo com os quatro e depois acertava com os outros de qualquer maneira, mas o povo não aceitou.

Na segunda audiência foram cinquenta pessoas, mas não teve depoimento por falta de testemunhas dele. Na terceira audiência foram duzentas pessoas entre os moradores e as testemunhas deles, mas não teve depoimento por causa da pressão que sentiu o juiz de tanta gente dentro do fórum.

Nós estamos lutando para ter os nossos direitos

Na quarta audiência deram o depoimento, mas só as testemunhas dele e nós só assistimos. Aí ficou por conta do juiz e o nosso advogado, mas depois de oito meses o juiz, sem a presença do nosso advogado, deu a causa ganha para o Geraldo Mudança, dando o direito de despejo para o povo da vila. Mas nós estamos lutando para ter os nossos direitos como seres humanos e cidadãos brasileiros, que com o desemprego e o aumento do custo de vida que passamos, como podemos comprar lotes e construir barracos para morar?

O que nós queremos é ficar onde estamos

Nós não temos condições de pagar casa para morar e o que nós queremos é ficar onde estamos.

E estamos ameaçados até hoje, por isso pedimos colaboração de todas as autoridades e amigos que tenha dó deste povo que tanto necessita de sua ajuda. Esperamos que o nosso pedido seja ouvido. Mas o povo pede que todas as autoridades nos apoiem, que a gente não saia sem ser indenizado. Que a seis anos para construir uma casa e vê-la destruída sem nem uma indenização é horrível.

Em nome de Deus, que o povo brasileiro traga a fraternidade e a paz.

A União faz a força

Depois de lutarmos bastante, conseguimos vencer uma batalha contra uma pessoa superior a nós.

O advogado que trabalhou ao nosso lado foi uma pessoa que nos ajudou bastante para não ver muitas famílias e crianças na rua. Mas agora estamos bastante felizes porque vamos ser indenizados.

Queremos agradecer todas as pessoas que lutaram com a gente por todo esse tempo que estávamos envolvidos nesta causa. Uma causa que deu muito o que falar ...

Por isso mesmo, queremos agradecer às pessoas que trabalharam com a gente por todo este tempo principalmente, aquelas que entraram no início da luta e continuam lutando conosco. De coração, queremos agradecer ao GETEC (**GRUPO DE ESTUDOS E TRABALHO EM EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA**) que abriu suas portas para nós e propôs escrever este caderno, que resolveu nossos problemas, que eram tão difíceis, por isso agradecemos.

A TODOS O NOSSO MUITO OBRIGADO!

MORADORES DAS VILAS JATAÍ E CEMIG.

11. GREVE

11.1. Os Dias de Greve (37)

Os 13 dias de organização, luta e resistência de um povo que quer ter vida de gente, com dignidade e justiça.

Luta pela paz semeando a justiça.

Diz o Profeta na Bíbliaca - Se queres paz semeie a justiça.

29 de Maio de 1983

O dia antes da Greve

No dia antes da greve

São João do Paraíso movimentava
faixas, denúncias e cartazes é o
trabalhador que organizava

Fofocas, boato soava
em cada esquina anunciava!

Minha gente preste atenção
nesta terra de exploração!

"TRABALHADORES DA FLORESTAMINAS

entram em greve

para resolver a situação.

(37) Texto retirado da publicação da C.P.T. (Comissão Pastoral da Terra) intitulado "Greve no Paraíso", BH. Maio de 1984.

1º dia de Greve

30 de Maio

Trinta de maio foi o primeiro dia de greve
Foi um dia de muito respeito e participação
Lá estava a polícia a defesa do patrão
Estava também os chefinhos e os chefões.
Os Capangas e fiscais no cancelão
Nós enfrentamos os barbados com a força da união.

2º dia de Greve

31 de Maio

Faixas, cartazes e música
"Respeitam os nossos direitos"
Chefes, chefinhos e chefões
com medo da manifestação
barraram a passeata
Mas o trabalhador de pé gritava
"Somos muitos, unidos somos fortes
nesta luta precisamos vencer a morte."

3º dia de Greve

1º de Junho

"Companheiros, a boca aqui vai ser quente
mas, fica frio e vamos em frente
veja lá quatro polícia
mas não vamos é ter medo,
vendo a gente junto vão ter malícia
que unidos somos como rochedo".

Todos os grevistas entraram na dança
cantando e denunciando a situação
tratando com os companheiros a força
da nossa grande união e organização.

49 dia de Greve

2 de Junho

Por não ganhar nem prá comer
o trabalhador é sempre doente
quando se esforça começa a temer
que com cansaço ficar impaciente
por isso neste dia
resolvemos em casa ficar
prá continuar a luta sadia
e a greve sustentar.

59 dia de Greve

3 de Junho

De todos os dias, este foi o melhor
depois de um dia em casa descansar
novas idéias vem animar
o trabalhador que quer lutar.
Muitos já morreram no trabalho
e a morte encontrava com qualquer idade
os caminhões sempre iam no malho
cheio de trabalhador da cidade.
Um dia muito recente
a jovem Ana Rosa
destemida e valente
ia no caminhão corajosa

muito cheio, o caminhão no buraco passou
deste jeito Ana Rosa balançou e caiu
o seu corpo na estrada ficou
foi o dia de mais tristeza que o povo já viu.
Uma cruz foi colocada
no lugar desta agonia
por isso o povo ainda se abalava
da jovem Ana Rosa não esquecia.

Uma idéia pra gente veio
na estrada juntar o povo
porque sangue de justo é esteio
na luta por um mundo novo.

As cercas ficaram enfeitadas
Com os papéis da organização
Fizemos uma grande passeata
Que chamou os chefes a atenção
uma celebração foi organizada
Ao pé da Cruz da finada.

A cruz estava toda enfeitada
De flores e cartazes de todos os finados
Uma toalha bordada feita ela a estimada
Vieram grande multidão
Para aquela importante celebração
Ali foi lida e rezada a nossa situação.

Achamos tão decente que comoveu meu coração
Estava o Pai, a mãe e também os irmãos
Todos amigos comemorando aquela paixão
Rezava, cantava e falava da exploração
Que ali chorara e pediram perdão
Enquanto os grevistas esperavam a solução.

Vi eram muitos amigos daquela jovem
Que juntos trabalharam naquele sertão
Naquele dia, naquela cancela
Naquele estrada, na cruz da finada
Foram muitas coisas organizadas
A vida de Ana Rosa foi lembrada.

Para finalizar a nossa celebração
Uns tocava viola, outros cavaquim e violão
Saímos dali com coragem e confiança
Pois chegou a hora da nossa avaliação
Reunimos e discutimos a nossa programação.

Quatro dias de Greve

Dia 4 a dia 7

Do dia três até sete
o povo aguentou a mão
a polícia ameaçava de cacetete
mas o trabalhador não esmoreceu não.

Mas os patrões são muito espertos
vendo que parava a produção
o lucro não vinha não
chamaram gente de ali perto
que precisava de ganha-pão

Décimo dia de Greve

Dia 8 de Junho

Companheiros braçais subiram no caminhão
indo trabalhar no campo por força da situação
Partimos para barrar os companheiros no cancelão

explicando com coragem aquela exploração.

Os patrões foram para a cidade
correndo, prá polícia chamar
fizeram muita ameaça
para os grevistas parar.

A Justiça

Dia 9 de Junho

Como a gente era legal
A lei tinha que julgar
como o patrão estava mal
teve logo que aceitar
Pro dia seguinte marcaram
no Tribunal, audiência
trabalho não temeriam
era a greve a sua valência.

Fim de Greve - o julgamento no Tribunal

Dia 10 de Junho

O Julgamento no Tribunal

No julgamento estava
o presidente do Sindicato
e o advogado da Federação
O trabalhador esperava
na cidade de São João
confiante na vitória
da força da união.

A união e organização dos trabalhadores
Juntamente com o sindicato e a federação
Fizeram uma grande combinação
Formou a greve, chamando a firma a atenção
Deu o prazo de cinco dias para a negociação
Não atendendo os pedidos, a greve foi a solução.

A greve durou treze dias batidos
A firma prometeu atender nossos pedidos
Recebemos só os seis meses atrasados
E ganhamos os dias que ficamos parados
Ficamos aborrecidos com a resolução
Por não ser atendidos nossas reivindicações.

Estando unido e fortes no sindicato
Podemos exigir e lutar pelos nossos direitos
Organizamos a nossa greve e todos participou
Dezessete reivindicações foram assinadas
E poucos estão sendo aplicadas
Mas a firma treze dias ficou parada.

13 de Junho

A vida depois da Greve

Com tristeza no coração
os trabalhadores sentiram
precisa de muito mais união
prá nesta terra não ter tubarão

Alguns a luta deixaram
pediram a conta e não voltaram
mas muitos ficaram mais fortes
bravura dos que mudam a sorte.

Esperança na luta - A vida depois da greve

No meio desta morte
há sinais de uma nova vida
vida que brota da morte
desta greve tão sofrida

Patrões agora não brincam
com este povo mais não
eles estão com muito medo
da força da união.

Companheiros e Companheiras!
fiquemos firmes na luta
a esperança vai nos dar coragem
vamos a organização
vamos enfrentar o tubarão
com a força da união.

Trabalhador de São João
homem, mulher e juventude
sua coragem nos dão
força prá crescer na virtude
Deus não quer a opressão
quer a Vida em plenitude.

12. SINDICATO

12.1. Entrevista com Dazinho⁽³⁸⁾

Na Mina, no sindicato e na Assembléia nosso jornal vai entrevistar, em cada número, um trabalhador que tenha tido participação importante em movimentos operários, para que nos conte suas experiências e mostre suas opiniões. Através dessas entrevistas, poderemos estabelecer a história dos trabalhadores, contada por eles mesmos, analisar a situação presente e tirar ensinamentos para o futuro.

O primeiro entrevistado é Dazinho, o inesquecível líder dos mineiros de Nova Lima e um dos raros deputados-operários de Minas Gerais. Aqui ele fala de greves, da repressão, dos sindicalismo autêntico. Leia com atenção.

Pergunta: Vocês, mineiros de Nova Lima, tiveram lutas históricas em defesa do trabalhador. Greves, assembleias, marchas. A maioria dos trabalhadores de hoje desconhecem essas histórias. Conte alguma delas para nós.

Dazinho : Estive na luta para que os trabalhadores na Mina trabalhassem 6 horas em vez de 8 horas. A Mina por lei tem que ser 6 horas, mas a companhia não cumpria essa lei. O trabalhador lá sofre demais: calor de 45 a 50 graus, perigo de desabamento, gás grisú, eletricidade, caída de elevador. Para a Mina respeitar a lei, fizemos uma greve de 5 ou 6 dias em 1943 ou 1945, não me lembro precisamente.

Mas a luta maior que eu participei foi a greve de 33 dias para recebermos a taxa de insalubridade.

Pergunta: Como vocês conseguiram sustentar uma greve de 33 dias? E olhe que não era pouca gente, pois, na época desta greve, em 1953, a

(38) Entrevista publicada pelo Jornal "Batente", Jornal do Centro Cultural Operário (C.C.O.). Ano I, nº 1.

Cia. do Morro Velho tinha 7 mil trabalhadores...

Dazinho : Nosso Sindicato era poderosíssimo tinha muita força e muita fama, 99% dos trabalhadores eram associados. As assembléias eram de 2, 3, 5 mil homens. Então a luta era muito boa. Os trabalhadores tinham confiança no Sindicato. Nos primeiros dias da greve, nós fizemos um trabalho muito grande de divulgação, aconselhamos os operários a manterem as latas cheias. Depois de 10 dias de greve começou a faltar comida em casa. O Sindicato então começou a usar seus fundos. Como o Sindicato era forte, tinha também crédito na praça. Além disso, recebemos solidariedade de outros sindicatos, até de outros estados.

A maioria das listas que fornecemos com fundos do Sindicato foram devolvidas, logo que começamos a trabalhar, uma vez que ganhamos a greve e recebemos os 33 dias parados. Pra mim uma greve é legal quando o trabalhador ganha ela e permanece unido, contra o patrão, contra o governo, contra todo mundo. A greve é ilegal quando o trabalhador perde sua fortaleza, perde sua consciência e entrega pro patrão o que já estava quase ganho.

Pergunta: Fica claro aí que os mineiros de Nova Lima gostavam do Sindicato. Isso não é muito comum hoje. Os trabalhadores vêem o Sindicato como uma empresa, um hospital. A confiança nele não existe, a não ser nos casos do ABC, de Monlevade, de Barão de Cocais, onde a confiança foi conquistada, não é?

Dazinho : A diferença do Sindicato de antes do de hoje é a seguinte: hoje a repressão é muito maior em cima dos trabalhadores. Antes de 1964 os sindicatos não eram livres. Os sindicatos eram vigiados mais de longe. Por exemplo, nunca houve permissão de fazer assembléia sem autorização do Ministério do Trabalho. Mas os sindicatos mais fortes não obedeciam, deixavam os trabalhadores saírem fora da ordem do dia. Hoje os sindicatos sofrem mais porque a repressão está em cima, e isto por causa do regime. O regime é de exceção, de arbítrio, então com

a força policial em cima do trabalhador dia e noite.

A prova está aí, falam em abertura, redemocratização, mas os metalúrgicos do ABC tiveram que voltar para o trabalho pressionados, espancados e ainda por cima houve intervenção nos sindicatos.

(Dazinho terminou seu primeiro mandato como secretário do Sindicato em 1954. Não quis se reeleger porque era contra a reeleição. Para Dazinho Sindicato não é emprego. Diz ele: "Sindicato é órgão de reivindicação do operário e todo trabalhador deve participar da direção sindical, fazer do Sindicato sua segunda casa, mas não encastelar-se nos Sindicatos para tirar proveito próprio". Dazinho condena o vocábulo: "O sujeito que é vogal na Justiça do Trabalho ganha pra cima de 15 mil cruzeiros. Então o trabalhador eleito vogal faz de tudo para se manter no cargo. Eu acho que as diretorias do Sindicato devem se renovar o máximo possível".

Ele conta que em 1960 foi candidato à presidência do Sindicato de Nova Lima: "Ganhei. Havia 6 chapas, inclusive uma feita pelos patrões, mas ninguém votava nela. Raramente disputã em menos de 3 chapas e eu achava isso muito bom".)

Pergunta: Já ouvimos falar de uma passeata que vocês fizeram de Nova Lima à Belo Horizonte. Como foi isso?

Dazinho : Fizemos duas passeatas de Nova Lima à BH. Uma vez um gringo (norte-americano) arrancou um aviso que o Sindicato colocou na entrada da Mina. Então eu fui, botei outro aviso e fiquei esperando ele ir lá arrancar. Fizemos um movimento muito grande, fizemos assembléias. Depois fizemos uma marcha de mais ou menos 3 mil pessoas, pela estrada ... A outra vez foi uma passeata de 5 mil pessoas. Viemos pela serra (quando tinha serra, porque hoje ela acabou) e fomos até a Assembléia Legislativa e depois até o Palácio. "Eles" ficaram meio assustados e mandaram dar ônibus para voltar.

Pergunta: É verdade que a Cia. Morro Velho já mandou assassinar líderes mineiros?

Dazinho : Houve pelo menos 3 casos, o do William Dias Gomes, do Lambari e do Ben. Foi em 1947/1948.

Pergunta: O Sindicato tinha delegado sindical e jornal? Fazia desconto além da mensalidade e do imposto sindical?

Dazinho : Não precisávamos de delegado sindical porque era o sindicato de uma empresa só. Nosso jornal eram as paredes da Mina e as vagonetes. As vagonetes eram quadradas e as faces de fora são lisinhas e limpas. Com o giz de marcar toda vagonete que sai, os operários escreviam em baixo das marcas, atrás ou depois, na volta. Escreviam também nos tudos de ar comprimido.

Nosso Sindicato não tinha desconto. Quando estávamos construindo a sede, pedimos aos trabalhadores que dessem o que quisessem, um dia de serviço. A maioria deu, mas não brigávamos com quem não deu. Como presidente do Sindicato eu não quis receber a ajuda para despesas com roupas e essa coisada toda. Como era minha mulher mesmo quem lavava e era eu quem engraxava meu sapato, recusei essa ajuda. Porque eu não era funcionário do Sindicato, eu era um servidor dos operários dentro do Sindicato.

(Dazinho falou sobre muitas outras coisas na entrevista. Falou de sua experiência como deputado-operário, sobre a participação do operário na política, sobre a Igreja, sobre o momento atual. No CCO (Centro Cultural Operário) nós temos a entrevista integral para quem se interessar. Nosso endereço é Avenida Castelo Branco, 61. Vila São Paulo. O Centro está aberto todas as noites).

12.2. Sindicato, CUT e Partido Político (39)

Ao se discutir a CUT e o PT, nós teremos que falar de algumas questões práticas e concretas, e da visão teórica. Nós percebemos muitas vezes que há contradições entre o que alguns companheiros escreveram e sua prática. Nossa atuação no movimento sindical e no partido político precisa ser norteada pela tentativa de conjugar a prática e a teoria. Ver se é possível colocar em prática aquilo que nós teorizamos ou então tentar criar uma teoria a partir de nossa prática.

Nossa atuação tem sido dificultada porque ainda prevalece na maioria dos companheiros um espontaneísmo, um ativismo que às vezes se torna inconsequente, porque não se criam instrumentos para teorizar os aprendizados que vêm da classe trabalhadora e que às vezes não foram escritos por nenhuma dessas pessoas famosas.

Eu fico me perguntando porque nós resolvemos criar o PT antes de criar a CUT. Por que o Jacó, O Lula, o Olívio e tantos outros companheiros resolveram criar o PT e não a CUT, depois de dez anos de militância sindical. O mais normal seria termos criado a central, que já naquela época era um grande discurso e - é importante lembrar - um discurso que não era só nosso. Era também da parte do governo. Na época em que se criou o PT, o Almir Pazzianoto era o grande incentivador de que ao invés de um partido nós criássemos uma central única dos trabalhadores.

Nós nunca discutimos em profundidade porque toda a pelegada resolveu bancar o primeiro CONCLAT com a gente. Eu nunca tive a curiosidade de perguntar para o Hugo Perez porque ele fez isso. Me parece que o primeiro CONCLAT foi criado numa tentativa da pelegada e

(39) SILVA, Luiz Inácio Lula da in "A Relação Partido Sindicato", Caderno de Debate nº 1, pág. 24 a 28.

do próprio governo de descaracterizar a criação do partido. Porque e les só perderam o interesse pelo CONCLAT quando perceberam que nós tínhamos a maioria. Se fosse para criar uma direção nos moldes deles, com uma concepção sindical e uma direção nos moldes deles, nós estaríamos juntos numa única central. Foram criadas duas centrais exatamente por nossas concepções serem diferentes. E a nossa era maior. Por aí podemos entender por que só depois de quase dois anos de criação do PT é que começamos a discutir a necessidade de criação da CUT, embora ela estivesse colocada teoricamente na cabeça de vários dirigentes sindicais.

Por que nós pensamos em criar o PT? Eu vou tentar retratar para vocês como é que surgiu na minha cabeça a idéia de criação de um partido político. Depois das lutas de 78/79, chegamos à conclusão de que o sindicato era um instrumento muito limitado para a atuação da classe trabalhadora. Só para vocês terem uma idéia, a partir de 79, começo de 80, discutimos numa reunião com o Dr. Maurício que possivelmente fosse melhor eu me retirar do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Porque se entendia naquela época que se o Lula continuasse à frente do Sindicato, isso passaria a ser um obstáculo para que a classe trabalhadora pudesse conquistar algumas migalhas. Porque os empresários iriam fazer de tudo para quebrar a liderança que ia surgir dos trabalhadores. Essa coisa nunca veio a público, mas a verdade é que nós chegamos à conclusão de que eu era um empecilho ao movimento sindical.

Quando houve a intervenção no sindicato e o companheiro Afonso Monteiro da Cruz assumiu, a idéia que nós tínhamos era que a partir daí os empresários iriam fazer acordos melhores, para mostrar que era impraticável a existência de dirigentes sindicais contestadores, como havia surgido em São Bernardo. E foi exatamente a partir dessa discussão que nós começamos a pensar que estava na hora de darmos um salto de qualidade, que estava na hora de começarmos a nos preocupar com essa coisa chamada poder.

Nós poderíamos ter pensado na CUT. Mas não, nós demos um passo adiante em relação à CUT; nós resolvemos criar um partido. E qual era a idéia original? Era a idéia de um partido que pudesse ter dentro de si o conjunto da classe trabalhadora. O nosso objetivo era que esse partido ocupasse espaços a nível municipal, estadual, federal, inclusive os espaços institucionais; a fim de que, através da ocupação destes espaços, nós levássemos a classe trabalhadora a concluir que não seria através das formas convencionais que ela iria tomar o poder. Obviamente, nós estávamos no primeiro estágio desse processo.

Nesse ínterim surge a Pró-CUT, e acho que quando ela surge começa a existir um problema de relacionamento. Num primeiro momento os dirigentes se confundiam. Nós não sabíamos o que devíamos priorizar, se era o PT, se a Pró-CUT. Os dirigentes eram os mesmos. Nós buscávamos dividir os nossos espaços, os nossos tempos, entre tentar construir a central e o partido. As coisas amadureceram e criaram-se a CUT e a CGT. A partir do momento em que se cria a CUT e ela passa a ter praticamente 99% de seu pessoal ligado ou mesmo filiado ao PT, nós passamos a querer que esse relacionamento se tornasse mais fácil, que a compreensão acerca do papel de cada uma existisse com mais facilidade. Aconteceu exatamente o contrário: a falta de entrosamento e não apenas isso, também a falta de uma definição sobre o tipo de sindicato que nós queremos, sobre qual o papel da CUT, e da mesma forma a falta de discussão sobre o próprio partido fazem com que haja esse distanciamento entre a CUT e o PT.

O Manifesto do PT é bastante claro quando ele afirma que vai lutar pelo sindicato livre e autônomo, independente do Estado. Nós chegamos inclusive, num documento feito em 79 e que hoje serve de orientação para muitos petistas, a priorizar a tal ponto a militância sindical que, se nós formos ver com profundidade, chegaremos a conclusão de que estávamos inviabilizando o crescimento do partido.

Nós chegamos à conclusão de que há um conflito entre as

idéias do Partido e as idéias do sindicato. Que o militante fica com o sindicato e não com o partido. E por que nós criamos essa imagem, essa concepção? Eu acredito cada vez mais que a cabeça pensa onde os pés pisam, ou seja, nosso pensamento político origina-se do meio em que vivemos. Assim criamos esta concepção naquele momento porque vínhamos de basismo muito exagerado, comum à grande maioria que militava no movimento sindical. Nós teorizávamos as coisas de acordo com o mundo que nós conhecíamos, sem nunca ver se essa concepção estava certa ou não.

Quem assiste aos congressos da CUT, assiste às convenções do PT, não há diferença. A única coisa que é diferente é que no PT as pessoas são mais selecionadas - na CUT ainda predomina a idéia de congressos massivos, onde 40% do público não sabe porque está indo lá. São essas coisas que eu vejo como contradição, por isso não se consegue chegar a um ponto comum. Na medida em que se faz esta opção por encontros massivos, onde a maioria não sabe efetivamente o que falar, acabam prevalecendo os discursos mais radicais, mas ao mesmo tempo os mais maleáveis.

Se pegarmos o último Congresso da CUT, vamos ver que a central foi tratada não enquanto sindicato, mas enquanto partido político, enquanto organização revolucionária. Por isso, qualquer coisa que contrariasse essa visão acabava virando briga: de um lado a vanguarda, que pensa que é revolucionária, e do outro, o resto. O engraçado é que essa é a mesma discussão existente no PT. A mesma idéia maluca de quem está dentro da "alternativa operária e popular". A mesma concepção existente dentro da CUT. Ou seja, dentro da CUT existe uma disputa política como no PT. E como é que isso se dá?

É sabido que dentro da CUT existem as mesmas organizações políticas que existem no Brasil, com exceção das grandes organizações como o PTB, o PFL etc. Mas a verdade é que dentro da CUT as concepções políticas funcionam tanto quanto no PT, ou seja, elas funcionam a nível de concepção sindical com a mesma força com que existem

tem dentro do PT com relação à questão ideológica.

Cada concepção sindical existente dentro da CUT vai pa-
ra um congresso ou qualquer outra reunião totalmente articulada, fa-
zendo impor a sua decisão. Por isso muitas decisões da CUT não são
cumpridas ou não são levadas avante, o que também acontece no PT. O
último exemplo é uma plenária nacional da CUT decidir que a chapa o-
posicionista que recebesse menos votos no primeiro turno da eleição
do sindicato dos metalúrgicos do SP deveria se retirar em favor da
mais votada. Pois no movimento sindical, aqueles que defenderam a
CUT até os dentes, que levaram o presidente da CUT na porta da fábri-
ca, justamente estes não aceitaram. Da mesma forma, o PT decidiu nu-
ma plenária que também apoiaria uma chapa, e muitos militantes do PT
não apoiaram. E por que isso? Porque de repente a referência para al-
guns militantes não é nem o PT nem a CUT. Se nós não resolvemos isso,
nós não resolveremos o resto, nós vamos ficar jogando conversa fora
o tempo todo e não vamos conseguir um mínimo de acerto.

Eu acho que no PT e na CUT prevalece a autonomia sindi-
cal, que está enraizada na nossa cabeça. E eu fico pensando que se
Marx tivesse vivido a revolução russa e tentasse colocar as suas teo-
rias em prática, acho que ele quebraria a cara tanto quanto nós. E
nós vamos quebrar a cara quando formos tentar colocar na prática mui-
ta coisa do que pensamos. Há exemplos concretos disto. Várias vezes
ganhamos um sindicato e não conseguimos colocar em prática nem dez
por cento do que teorizávamos. No PT, nós ganhamos duas prefeituras e
quebramos a cara mais do que acertamos, porque toda a vez que você
tenta colocar em prática aquilo que está no programa, aquilo que vo-
cê concebe como correto, você se depara com uma realidade. E se você
não leva em conta a realidade, não vai a lugar nenhum.

Eu conheço um pouquinho do sindicalismo em Cuba. Que au-
tonomia tem o sindicato lá diante do partido? Eu acredito que não tem
nenhuma, embora eles digam que tem. Porque quem vai a Cuba percebe com
clareza que quem manda de fato é o partido. E penso que não dá para

ser diferente. Eu fico imaginando o PT chegando ao poder, chamando o conjunto do movimento sindical para elaborar a política econômica do país. O PT sentado com o Jair Meneguelli, com o Bittar, com todo mundo na mesa para elaborar a política econômica: partido e sindicato juntos. E o partido está no poder. Ora, entre a elaboração e a execução disto, qual o papel do sindicato? Quem vai fazer o plano econômico ser cumprido? Se o partido e o sindicato insistem, e a classe trabalhadora se revolta e não aceita aquilo, como é que fica? O partido e o sindicato voltam atrás, ou eles fazem o que o general Jaruzelski na Polônia? Essas coisas vão ter que ser mais mastigadas entre nós.

Uma coisa que deve existir entre o PT e a CUT é um compromisso mínimo de que as decisões de suas respectivas instâncias envolvam o maior número possível de companheiros influentes em ambas. Eu, por exemplo, disse textualmente ao companheiro Meneguelli que discordava da greve de 12 de dezembro. Acho que existiam outras formas de luta, diferentes de só fazer greve. Porque não pode prevalecer a idéia de que a greve é resposta para tudo. Eu tenho feito uma pergunta para o Meneguelli: tudo bem, você faz a greve no dia 12 e no dia seguinte não mudou nada. E o que se faz? Prepara-se outra para o ano que vem? Ou nós vamos ter que sentar e discutir - enquanto partido - uma forma de luta, um cronograma, onde diremos o que fazer a cada semana, a cada quinzena, a cada mês, para que a greve seja o resultado de um processo de mobilização que eleve o nível de consciência e não fique apenas com a pecha de "único instrumento de luta da classe trabalhadora".

Se não aprofundarmos esta discussão vai acontecer o que acontecia com a minha diretoria em 79/80, quando o trabalhador chegava e dizia que na fábrica não tinha papel higiênico, que o restaurante atrasava a comida e nós respondíamos com greve. Chegou um momento, em que nós não tínhamos outra resposta para as coisas senão a greve. Até que começamos a quebrar a cara e tivemos que discutir melhor a utilização deste instrumento importante, para que não levássemos ao

seu desgaste, à sua inviabilização junto à classe trabalhadora.

Uma das coisas que precisam melhorar entre a CUT e PT é em primeiro lugar os companheiros adquirirem consciência - e quando eu digo "companheiros" me refiro a todos nós - sobre qual é o papel da CUT enquanto entidade sindical. Devemos ter clareza de que o papel do movimento sindical é limitado e não substitui o papel do partido político. Não podemos ter vergonha de dizer que entidade sindical existe concretamente para melhorar o relacionamento entre a classe trabalhadora e aqueles que a exploram. É esse o fundamento da existência do movimento sindical.

Alguns dos que pensam numa CUT revolucionária têm a COB (Central Obrera Boliviana) como exemplo de uma entidade revolucionária. Mas onde está o revolucionarismo da COB se a classe trabalhadora boliviana vive em uma desgraça pior do que a nossa? Eu acho que nós temos que ver que o papel da CUT é efetivamente lutar por melhores condições de vida para a classe trabalhadora, é a luta econômica - e não ter vergonha de dizer isso. Devemos aproveitar a luta econômica para dar um mínimo de consciência política à classe trabalhadora. Às vezes não se faz isso na CUT e também não se faz no movimento popular. Na medida em que se pega um militante político para lutar por asfalto - mas não se aproveita essa luta por asfalto para levar um mínimo de compreensão política para ele - a sua consciência termina quando termina a luta pelo asfalto. Para que serve uma greve, se não fazemos com que os trabalhadores dêem um salto de qualidade?

Nós temos clareza de que a única coisa que ainda consegue chamar a classe trabalhadora para a luta é o imediatismo, é a reivindicação econômica. Você consegue colocar 80 mil funcionários públicos na rua por causa do gatilho salarial, mas você não consegue colocar 5 mil por uma reivindicação mais geral. Muitos de nós, do movimento sindical, costumamos ir para as portas de fábricas dizer que sindicato é que vai resolver tudo. Alguns, inclusive, que são os "revolucionários" da CUT ou do PT, vão na porta da fábrica dizer

que o sindicato é a única solução, quando na verdade não é. Nós vamos começar a resolver isso quando existir maturidade para definirmos qual é a nossa concepção de sindicato e de partido. O problema é que nós não discutimos, aprovamos textos que a maioria não lê. Cada um de nós continua falando o que vem na boca, aquilo que é resultado do meio ambiente em que vivemos. Ou mudamos isto ou vamos quebrar a cara, porque o único amador que deu certo neste país foi o Amador Aguiar.

É necessário haver entrosamento. Toda vez que formos reunir uma instância do PT, devemos tentar chamar os companheiros da CUT para participar dessa reunião, de mesma forma que antes de ir para as grandes discussões, os petistas que estão dentro da CUT têm antes que conversar com o partido, para que as coisas saiam mais ou menos unificada do ponto de vista do pensamento. Se não, um belo dia eu e o Meneguelli, ou o Jacó Bittar e o Gushiken, ou o Avelino e o Djalma vamos estar nos digladiando através da imprensa por divergências que poderiam ter sido resolvidas se tivéssemos a política de discutir conjuntamente as decisões importantes. O PT não pode impor à CUT suas decisões, nem vice-versa. Mas se isso não for acertado, não estará longe o dia em que nós vamos discordar publicamente de determinadas posturas que a CUT toma, da mesma forma que a CUT vai discordar de posturas do PT. Por isso, a responsabilidade da discussão de que concepção sindical e de que tipo de partido nós queremos é fundamental para alcançarmos uma certa harmonia do ponto de vista de nossa prática.

Nós temos que enfrentar esse debate e deixar ele amadurecer dentro do PT. Nós não vamos fazer com que ele floresça se o escamotearmos. Nós temos que pegar as pessoas que divergem ideologicamente em termos de concepção e partir para o enfrentamento teórico com eles, partir para o debate, para convencer a massa de que eles é que estão equivocados. Ontem, eu li um documento da "Causa Operária". Sinceramente acho que aqueles meninos estão delirando. É o negócio mais absurdo que já vi na minha vida. Mas veja, esse pessoal vai na CUT Regional e tem peso, porque se eles são sessenta mil militantes a nível

de São Paulo, os sessenta vão no Congresso da CUT. E sessenta pessoas organizadas, fazendo barulho, têm um peso muito grande no resultado final dos acontecimentos ou do Congresso.

Nós temos, além desse problema de concepção, um problema de relacionamento que tenho certeza não é premeditado. Eu acho que ele vem da formação espontaneísta que teve a grande maioria da direção da CUT e do PT. Nós não temos o hábito de fazer política, de conversar; nós reagimos apenas pelo instinto, de forma muito espontânea, e isso vai fazer com que nos machuquemos a curtíssimo prazo. Eu começo a me preocupar muito com o que vai ser o próximo Congresso da CUT, com o que vai ser a próxima Convenção do PT, porque enquanto cada um de nós pensa que é mais importante que o outro, que é o maior líder, meia dúzia de pessoas organizadas numa convenção de mil criam tanto barulho que parecem quatrocentas.

Ou nós superamos tudo isso ou seremos engolidos pelo idealismo e, por que não dizer, pelo aventureirismo.

13. CAUSAS DA SITUAÇÃO

13.1. A Raiz do Mal ⁽⁴⁰⁾

Quem trabalha na lavoura
E vive do seu suor,
com as mudanças dos tempos
estão perdendo seu valor.
Vai mudando prá cidade
o pobre trabalhador

(40) ZÉ LEMOS e NADIR - Itapuranga - Raiz do Mal in "Cantos dos Lavradores de Goiás", pág. 18 e 19.

o povo vai se envolvendo.

Existe tanta fartura

e gente de fome morrendo.

Será que estão agindo
de uma maneira certa?

Será que a raiz
deste mal tá descoberta?

Quanto mais leis aparece
mais a situação aperta.

Será que a raiz
deste mal tá descoberta?

A gasolina subindo

tudo está caro demais

Coitadinho do salário

vem arrastando lá atrás.

Já fizeram tantas greves

e muitas lutas reais.

O desequilíbrio é enorme

e as balanças é desiguais.

Será que estão agindo

de uma maneira certa?

Será que a raiz

deste mal tá descoberta?

Quanto mais tudo encarece

os problemas vem na certa.

Será que a raiz

deste mal tá descoberta?

Pode parecer que a sociedade é uma desordem, confusão, mas vamos ver como essa aparência de desordem esconde uma estrutura bem organizada, quer dizer, um SISTEMA.

Vamos procurar entender algumas coisas do funcionamento desse sistema, e ver como elas influem na vida dos trabalhadores.

O MODELO DE ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

O sistema social e econômico do Brasil pode ser descrito como um regime de classes em ligação com o capitalismo nacional que depende do capitalismo estrangeiro e se combina com um sistema latifundiário-exportador. Vamos ver o que quer dizer cada uma dessas coisas:

Sistema de Classes

Como já vimos acima, todos os cidadãos não têm a mesma situação, e, dependendo daquilo que eles possuem, fazem parte de uma certa classe.

Qualquer trabalhador sabe como é difícil, quase impossível, a não ser em casos raros, alguém mudar de classe social. "Filhinho de papai" rico, dono de fábrica, já está com a vida feita, também vai ser proprietário. Já o filho do operário, ou do trabalhador rural, mesmo com muito esforço, dificilmente escapa: vai ser um trabalhador como o pai.

Em ligação com o capitalismo nacional

Capitalismo é o modo como se organiza no Brasil a produção industrial de coisas necessárias ao consumo. É o sistema de produção na qual é permitido, e é até favorecido pelas leis e governo, que algumas pessoas tomem conta e sejam possuídores dos meios de produção.

Pode parecer que a sociedade é uma desordem, confusão, mas vamos ver como essa aparência de desordem esconde uma estrutura bem organizada, quer dizer, um SISTEMA.

Vamos procurar entender algumas coisas do funcionamento desse sistema, e ver como elas influem na vida dos trabalhadores.

O MODELO DE ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

O sistema social e econômico do Brasil pode ser descrito como um regime de classes em ligação com o capitalismo nacional que depende do capitalismo estrangeiro e se combina com um sistema latifundiário-exportador. Vamos ver o que quer dizer cada uma dessas coisas:

Sistema de Classes

Como já vimos acima, todos os cidadãos não têm a mesma situação, e, dependendo daquilo que eles possuem, fazem parte de uma certa classe.

Qualquer trabalhador sabe como é difícil, quase impossível, a não ser em casos raros, alguém mudar de classe social. "Filhinho de papai" rico, dono de fábrica, já está com a vida feita, também vai ser proprietário. Já o filho do operário, ou do trabalhador rural, mesmo com muito esforço, dificilmente escapa: vai ser um trabalhador como o pai.

Em ligação com o capitalismo nacional

Capitalismo é o modo como se organiza no Brasil a produção industrial de coisas necessárias ao consumo. É o sistema de produção na qual é permitido, e é até favorecido pelas leis e governo, que algumas pessoas tomem conta e sejam possuídores dos meios de produção.

Meios de produção são as coisas materiais, terra, matéria-prima, ferramentas, máquinas, locais, enfim, tudo aquilo que é necessário para se poder trabalhar e produzir novos bens. Assim, se no capitalismo uns poucos homens podem ser donos de quase todos os meios de produção, vai sobrar uma grande parte do povo, quase todo o mundo, sem meio de produção algum, e sendo obrigado a vender a sua força de trabalho para o capitalista que possui os meios, por um preço que se chama salário.

Que depende do capitalismo estrangeiro

Os capitalistas brasileiros, porém e todo o sistema econômico do Brasil, não são independentes, não fazem o que bem entendem e nem ficam sozinhos com seus lucros.

Eles dependem do capitalismo internacional, estrangeiro, que tem o seu poder nos países mais ricos e fortes, e que impõe a sua vontade e os seus interesses ao capitalismo brasileiro.

Combinado com um sistema latifundiário-exportador

É o modo como se organiza uma grande parte da produção da agricultura no Brasil, sendo que esse modo domina os outros. É a existência de imensas propriedades de terra, de um dono só, ou uma família só, terra mal aproveitadas, ou ainda em mãos de grandes empresas modernas.

Essa terra é empregada na produção de poucos tipos de produtos, como o café, a soja, a cana-de-açúcar, cacau, carne, não para ser consumida pelo povo brasileiro, mas para ser vendida para o estrangeiro.

É assim que em muitos lugares onde pequenos arrendatários plantavam feijão para vender com fartura na feira, hoje se planta soja, cana, se cria gado e o feijão fica faltando no mercado, ao ponto do Brasil ter que comprar feijão de outros países para o

consumo do nosso povo.

Como explicou o sociólogo Florestan Fernandes, a burguesia quer dizer os capitalistas, dominam a sociedade brasileira de dois modos: um, aqui dentro mesmo, através dos capitalistas brasileiros que têm todo o poder econômico, o prestígio social, e o poder na política. E mesmo que por fora eles falem em "patriotismo" e em "democracia" - que quer dizer governo do povo - só impõem esse poder para defender os interesses deles.

O outro modo de dominação é feito de fora do Brasil, pelos capitalistas das nações mais ricas, também em combinação com os governos deles, que de fora impõem seu poder para controlar também em seu benefício a produção e distribuição de riquezas no Brasil. (Florestan Fernandes, *Mudanças Sociais no Brasil*, pág. 27).

Esses dois pólos de poder, o interno e o externo, com tam com a colaboração dos funcionários do governo, os técnicos civis e militares dos ministérios e de outras organizações públicas.

São também ajudados pelas idéias e a propaganda do progresso industrial e da segurança que se vêem por toda parte... São as duas forças organizadas que controlam o maior volume de riquezas e o que se faz com elas aqui no nosso País.

Em parte, o próprio Estado, o governo, também é proprietário de meios de produção, possui algumas grandes empresas, mas ainda é pouco, em comparação com tudo aquilo que está nas mãos de proprietários particulares, brasileiros ou estrangeiros. Mas, como já vimos, o Estado está bem combinado com os capitalistas, formando um sistema em que vivemos.

Vamos procurar entender como é que essa organização da sociedade e da economia age sobre a vida dos trabalhadores brasileiros, e, por isso, também sobre a vida das pessoas que entrevistamos na nossa pesquisa.

A dependência interna

Independência econômica, total, na realidade, não existe, e nem pode existir. Quer dizer, uma pessoa sozinha, ou mesmo um grupo, não pode sozinho produzir tudo o que necessita sem depender também do trabalho e da produção dos outros.

Mesmo no interior, onde cada família de agricultores pobres, quando dispõe de um pouco de terra, quase que só produz para seu próprio consumo, não dá para ser totalmente independente.

Cada família tem que pelo menos trocar uma parte de seus produtos por outros diferentes, produzidos por outras pessoas. Além disso, há sempre os velhos e as crianças que não podem produzir, e dependem dos outros. Assim, na vida, o que pode existir é interdependência, a dependência de um para com o outro, sendo os dois em igualdade de direitos, ou, ao contrário, um dominando o outro, mas não a independência completa.

Quanto mais vai havendo especialização do trabalho, mais vai aumentando essa interdependência. O fato dos trabalhadores e das unidades de produção se especializarem num produto só, faz com que a produção aumente, e seja de melhor qualidade, e na sociedade como conjunto vai-se criando uma rede de interdependência e de circulação dos diferentes produtos, feitos por diferentes pessoas.

Dizem alguns economistas que no capitalismo, onde todo o mundo pode pôr seus produtos para concorrer com os outros livremente no mercado, essa interdependência fica garantida, de modo que nenhum consumidor e nem produtor pode chegar a ficar com o poder econômico só nas suas mãos.

Acontece que isso é só teoria, mas na prática não acontece assim. Isso porque são poucos os que possuem os meios de produção, e esses é que têm de fato o poder econômico, isto é, eles é que resolvem o que se vai produzir e também a quantidade de produção.

E assim, através disso vão influenciar as condições de vida e trabalho da população toda, de outros seres humanos. Por exemplo, se os capitalistas resolvem empregar seus meios para produzir perfumes, desodorantes e televisão a cores, vão fazer tanta propaganda que o povo vai começar a achar que essas coisas são muito necessárias e vai gastar seu dinheiro nisso, em lugar, por exemplo, de comprar livros, ou melhorar a alimentação, ou então vão sofrer mais por não poderem comprar aquelas coisas.

Ou, outro exemplo, os donos das fábricas de livros é que resolvem que vão produzir livros com papel muito caro, com capas bem coloridas que também custam mais, de maneira que o livro no fim fica tão caro que só quem tem bastante dinheiro é que pode comprar, e a maioria da população, os trabalhadores, nunca podem ler. E assim vai sendo em todos os campos da produção. Eles resolvem se vão diminuir a produção, dispensar operários, e quanto vão pagar.

Quando os proprietários decidem tudo, e o povo, os trabalhadores não têm nenhum meio para se opor e participar também das decisões, então temos uma situação de dependência de um lado só, quer dizer, de dependência unilateral, em que uns mandam em tudo, e os outros dependem de tudo, e que pode se chamar também dependência econômica.

Não dão vez nem voz aos trabalhadores

Aqui no Brasil é isso que acontece, porque os sindicatos de operários não são livres, são controlados e dependentes do governo. Não existe o direito de fazer greve, os operários ficam sem meios para impor também sua vontade e os proprietários com o governo é que decidem tudo, a produção, a distribuição e o valor dos salários e preços.

Assim, a grande maioria vive na dependência das decisões de uns poucos. O poder econômico está todo de um lado só, e nenhum poder do outro lado para contrabalançar.

O resultado disso é o que vemos acontecer de ano para ano: cada vez mais a riqueza do país vai se concentrando nas mãos de poucas pessoas! Conforme o recenseamento nacional de 1970, uma parte de apenas 6% da população fica com mais da metade, quer dizer, 54% da riqueza toda produzida no Brasil.

O aumento real da renda per capita (quer dizer, do que cabe a cada pessoa), para os 6% mais ricos, entre 1960 e 1970, foi de 89%. Entre esses, tem 1% ainda mais ricos, que tiveram um aumento de renda real de 103%, enquanto que para os trabalhadores pobres, que são a grande maioria, isto é, 80% do povo, o aumento nesse mesmo tempo foi apenas de 8% na renda real de cada pessoa, conforme publicou o Jornal Movimento em setembro de 1977.

A maior razão para essa concentração da renda em tão poucas mãos não está na diferença entre os salários mais baixos e os mais altos, mas entre os salários, sejam altos ou baixos, de um lado, e, do outro lado, o conjunto dos juros bancários, dos lucros industriais e comerciais, das rendas de imóveis nas mãos dos proprietários, especialmente as grandes empresas e grandes fazendeiros.

Quer dizer, a grande diferença está entre os salários pagos a empregados, e os lucros que vão para as mãos da classe dos proprietários que controlam sozinhos todo o poder econômico.

A dependência externa

Como existe interdependência necessária entre os indivíduos de uma sociedade, também entre os diferentes países tem que haver, mas acontece que quando essas relações ficam de um jeito que alguns países, os mais ricos e fortes, podem se desenvolver e crescer como quiserem, e os outros mais pobres e fracos, só podem receber as consequências, boas ou ruins, do crescimento dos outros, e não podem desenvolver sua economia como quiserem, não há verdadeira interdependência, mas sim dependência de um lado só, com uns países

mandando e os outros obedecendo.

Esse é o caso do Brasil, que depende das decisões de outros países que controlam de fora a nossa economia. Tem gente que defende esse sistema de dependência dizendo que ele é necessário para os países pobres poderem ter um desenvolvimento econômico.

Acontece que eles estão fazendo confusão entre verdadeiro desenvolvimento e o simples crescimento da produção.

O que é desenvolvimento?

O verdadeiro desenvolvimento é aquele onde não há apenas crescimento de riquezas concentradas nas mãos de poucos, mas sim quando há uma melhora na organização de modo que esse crescimento sirva para todos poderem satisfazer melhor as suas necessidades.

Só existe desenvolvimento verdadeiro quando todos podem resolver pelo menos as suas necessidades principais que são: a alimentação bastante e de boa qualidade, vestuário, moradia, sãude, e ducação e também trabalho para todos, é claro.

Mas para que se faça desenvolvimento, para que as necessidades de todos possam ser satisfeitas, seria necessário que todos pudessem dizer o que querem, que todos pudessem influir nas decisões. Mas, como fazer verdadeiro desenvolvimento se os pobres, os trabalhadores, não podem influir, e tudo é resolvido somente pelos que têm poder, os capitalistas daqui e de fora?

Isso já vem de longe

Essa situação de dependência da economia do Brasil para com outras nações foi sendo formulada através da história do País.

Na época em que o Brasil foi descoberto por Portugal, já as nações da Europa estavam desenvolvendo a indústria, e pre

cisavam de metais, alimentos, madeira, couro, algodão, tintas e outras coisas.

Assim foi se fazendo uma "especialização": as novas terras descobertas, ainda atrasadas, deviam ficar produzindo esses materiais, enquanto as nações desenvolvidas tinham indústrias pra produzir outras coisas, que vendiam para os países pobres, em troca da produção deles.

Foi sso o que aconteceu com o Brasil. Quando aqui se quis também fazer indústrias, começaram por indústrias que produzissem as mesmas coisas que antes se comprava no estrangeiro, para substituir as coisas importadas.

Assim sendo, a indústria brasileira não se organizou para satisfazer as necessidades do povo, por três razões que agora vamos ver:

1 - Como no Brasil não havia suficientes capitalistas, com dinheiro suficiente para montar fábricas, grande parte dessa indústria foi estabelecida por capitalistas estrangeiros, que trouxeram o seu dinheiro para o Brasil com a finalidade de ter muito lucro, de enriquecer ainda mais e não de resolver os problemas do nosso povo.

2 - Quando se começou a indústria no Brasil já foi imitando as indústrias dos outros países, já bem modernizadas, empregando muitas máquinas, e por isso não necessitando de muita mão-de-obra, e isso faz com que a indústria não dê muito emprego para os trabalhadores brasileiros. A gente já viu como a modernização da indústria têxtil deixou tanta gente desempregada em Pernambuco.

3 - Como já dissemos, a indústria foi iniciada aqui para substituir as importações. Ora, antes disso, só gente rica é que comprava objetos industriais, mandados do estrangeiro e que eram, na maioria, coisas de luxo, que o povo pobre mesmo não podia comprar.

Pois então foram principalmente esses tipos de produtos que começaram a ser produzidos pelas fábricas daqui. Isto é, a

produção é mais para a classe média e rica, e não para as necessidades do povo.

E vai longe ...

Com o passar do tempo, essa situação não melhorou, mas, pelo contrário, vai até aumentando. Aqueles que têm o poder econômico e político, e estão contentes com a situação que temos, acham que é bom que os estrangeiros mandem seus capitais para abrir mais indústrias por aqui, e fazer crescer a economia.

Mas acontece que esses capitalistas só vêm se for para terem muito lucro. Para isso, é preciso que eles possam pagar salários baixos para os trabalhadores brasileiros e então o governo toma as providências para manter os salários bastante baixos, fazendo o famoso arrocho, que empobrece cada vez mais o povo e beneficia os grupos estrangeiros, as grandes empresas multinacionais, achando que assim se faz o desenvolvimento.

Mas, como já vimos, isso faz só crescimento nas mãos de pouca gente, enquanto o povo passa necessidade.

Conforme calculou o DIESE, que é um departamento de pesquisa dos sindicatos de operários de São Paulo, em 1975, com o salário mínimo da época, um trabalhador só podia comprar metade dos alimentos que podia comprar também com o salário mínimo de 1965.

Então, está claro, que tudo o que produz de novo não é, nem pode ser aproveitado pelos trabalhadores, pois se eles não conseguem comprar nem comida que chegue ... Assim, vemos como o tal desenvolvimento da indústria, de qualquer maneira, está beneficiando só aos capitalistas e as classes altas e médias da população.

Assim, usa-se o arrocho salarial para aumentar o lucro das empresas, e também se procura controlar os sindicatos para que os trabalhadores não possam protestar e exigir seus direitos.

Mas, mesmo assim, mesmo com o sindicato limitado, muitas vezes os operários também resistem tentando se unir através dos sindicatos, procurando se organizar como classe e impor sua vontade e suas necessidades, diante da classe dos proprietários e do governo, e conseguem às vezes ser ouvidos, como, por exemplo, estão tentando os metalúrgicos de São Paulo, unidos em seus sindicatos, lutando por uma melhora salarial.

Como vemos, o controle dos sindicatos e os salários baixos não são causados apenas por esse patrão ruim ou por aquele funcionário do governo, mas fazem parte de todo um sistema de funcionamento que foi escolhido pelos que estão com o poder como se fosse o bom modelo para desenvolver o País.

A agricultura ajuda o sistema

Essa situação da indústria que vimos, e o efeito que ela faz para as classes trabalhadoras, é também sustentada e se torna pior pelo que acontece no setor da agricultura.

A gente já viu que no começo, nos primeiros tempos do descobrimento do Brasil, nosso país quase que só tinha agricultura e vivia de vender seus produtos agrícolas para os países desenvolvidos.

Depois, principalmente a partir de 1930, cresceu a indústria no país, daquele jeito que já vimos anteriormente, De 1960 para cá, a indústria aumentou ainda mais. Mas a agricultura ocupa um lugar muito importante.

Mas, como nos primeiros tempos, a agricultura no Brasil serve muita mais para produzir coisas para vender ao estrangeiro e não principalmente para produzir os bens necessários para o bem-estar do povo brasileiro.

A política do governo é de dar empréstimos, finan -

ciar compra de terra e máquinas, sementes e fertilizantes para os grandes proprietários, que podem ser garantias de lucro para o dinheiro emprestado, e que vão produzir para exportar, quer dizer, para vender fora do Brasil.

Isso faz com que a terra passe a valer muito dinheiro. Também a modernização da agricultura, usando técnicas modernas, tratores, máquinas, faz com que não se precise mais de muitos trabalhadores nas fazendas.

Essas duas coisas juntas vão expulsando o povo da roça e fazendo com que ele venha procurar trabalho nas indústrias das grandes cidades.

Esse fato colabora muito para que os salários vão ficando cada vez mais baixo, e que os operários não possam protestar.

Cada vez que um operário vai pedir um aumento é muito fácil o patrão simplesmente mandá-lo embora, porque na porta tem mais vinte pessoas esperando a vaga.

Essa situação vai ficando cada vez pior, porque, conforme outras pesquisas feitas, o número de gente expulsa da roça e vindo procurar emprego na cidade cresce muito mais depressa do que o número de empregos que a indústria oferece. Isso vai fazer que cada vez tenha mais gente para menos emprego.

MINISTERIO DA FUNDAÇÃO DE EDUCACAO N. 1234

E - QUESTÕES A CONSIDERAR SOBRE O 3º MOMENTO

A proposta anterior não foi produto de um cérebro privilegiado que a criou de forma idealista. Ela, na linha proposta pela dissertação, é fruto de nova leitura da realidade social dos setores populares.

Apesar disso, deixa muitas interrogações. Considerando-se alguns educadores portadores de uma bagagem de experiência pedagógica com outra concepção educativa em relação ao saber, a proposta provoca graus de perplexidade. E agora? Qual o papel do educador? Ainda existe espaço para ele? O que fazer com os conhecimentos teóricos que adquiriu? Os grandes teóricos em que se baseiam suas concepções sócio-políticas se desprezam? O que ensinar?

No bojo das interrogações, duas questões ressaltam e serão discutidas nesta dissertação. O lugar do educador e o papel dos clássicos.

a. Novo lugar do Educador

A prática da maioria dos educadores populares está também marcada pela experiência de ensinar, de repassar conhecimento, como algo inerente ao exercício pedagógico.

Ao propor que os setores populares sejam o sujeito da produção do conhecimento de transformação social e, conseqüentemente, que o saber popular seja o fundamento teórico da transformação, emerge imediatamente a interrogação - Qual será então o papel do educador?

Antes de iniciar a discussão, é necessário salientar que essa posição não se constitui em proposta consensual entre os educadores populares. Nem mesmo se pode falar em proposta hegemônica. Continuam com atuação significativa muitos educadores com posturas político-pedagógicas diferentes. (1)

(1) Ver "Educação Popular em Debate". Cadernos de Educação Popular, nº 13. Vozes - Nova.

Vale lembrar também que o educador se coloca frente a um novo e grande desafio. Não se trata mais de enfrentar e resistir às hostes repressivas da ditadura contrárias à sua presença, no meio popular. O novo desafio é da própria realidade. Muitos educadores se julgavam com o monopólio da educação dos setores populares. Sua prática, porém, foi lhes ensinando que a realidade social, ela sim, é a grande mestra. Quem não souber lê-la e se colocar numa posição de auxiliar, estará, possivelmente, desenvolvendo uma contra educação, candidata inevitável ao fracasso. O que nos mostra essa grande educadora? Des-ponta no seio dos setores populares nova figura social, criadora de novo conhecimento. Ambos exigem também novo tipo de educador popular. É o grande desafio histórico a que o educador popular terá de responder.

No bojo dessa criação, ao lado da nova proposta pedagógica em relação ao saber, novas tarefas se demandam ao educador que se recria. Algumas podem ser apontadas neste trabalho.

O saber popular é um produto da dinâmica do próprio movimento popular. A relação que vários indivíduos e segmentos dos setores populares têm com o seu saber é de reprodução da postura que o saber dominante tem sobre ele. Aqui também se repete a observação feita pelo Prof. Paulo Freire: o escravo, (para usar uma expressão hegeliana) introjeta a imagem que dele faz o senhor. E, ao introjetá-la, desvaloriza seu saber e tenta substituí-lo pelo saber dominante, valorizado socialmente.

Consciente ou inconscientemente os grupos populares resistem a esta tendência cultural. Resistem enquanto continuam produzindo e reproduzindo seu próprio conhecimento. Resistem ainda porque continuam se apropriando do saber que é seu e usando-o nas suas relações sociais.

Ora, nesta luta política, o educador pode aparecer como aliado ao reforçar seus instrumentos de resistência ou como dominador, autoritário, ao desvalorizar o conhecimento que os setores populares

produzem.

O cotidiano do processo educativo desenvolvido entre as camadas populares gera inúmeras oportunidades para o educador exercitar uma ou outra postura. Ou a de aliado ou a de dominador. Neste sentido seu espaço pedagógico não está perdido.

O saber do mundo popular não se reduz ao folclore nem ao artesanato, afirmou-se páginas atrás. Não se pode também, neste instante, reduzi-lo ao "político", ou valorizar só o conhecimento "político" gerado pelas camadas populares. Como se o político se reduzisse somente entre camadas populares e setores dominantes às questões econômicas ou a questões como educação e saúde.

No campo do conhecimento, a luta (portanto, questão política) entre o popular e o dominante atinge todos os ramos da atividade humana.

A medicina popular trava uma luta histórica para se tornar reconhecida e seus autores deixarem de ser considerados como misticadores e charlatões.

As religiões populares enfrentam os preconceitos e o sectarismo das religiões oficiais. Seus sacerdotes considerados como agentes do demônio e inimigos da humanidade.

Há uma arquitetura e um urbanismo popular que se impõem nas favelas dos grandes centros.

Há formas de lazer especificamente populares como alguns jogos de carta, futebol de várzea que tem de lutar contra a influência do lazer de massa.

Em todos esses campos está presente o político. Em todos eles, o educador popular tem seu espaço para agir. Ou é um aliado que incentiva, que ajuda os setores populares a revalorizar e reforçar um conhecimento que é seu ou é um agente da dominação que desvaloriza e tenta substituir um saber pelo outro.

Outra tarefa decorre dos ensinamentos que o Prof. Paulo Freire vem repetindo desde os primeiros tempos ⁽²⁾, Isto é, o aprendi- zado da relativização do saber. Ensina ele que ninguém é absolutamen- te sábio nem absolutamente ignorante. Cada indivíduo possui conheci- mentos em determinadas áreas e ignora conhecimentos de outras áreas.

Ora, se se fizer a transposição do ensinamento para o mo- do de cada classe social produzir saber, conclui-se que não existe sa- ber acabado, perfeito. Nem o saber dominante nem o saber popular. Ne- nhum saber é capaz de explicar a totalidade do real, não só devido à complexidade do real como também em função de seu dinamismo.

Se o saber popular também não é um saber perfeito, acaba- do, está em permanente gesto de construção, pode e deve ser enriqueci- do. Tarefa que o educador deve se dispor a contribuir porque um dos instrumentos de seu enriquecimento é o próprio conhecimento do educa- dor.

Essa tarefa, porém, se realiza dentro de momentos especiais em que os grupos populares se colocam em posição de reflexão, de críti- ca, de questionamento de sua prática, e em consequência, do saber que a fundamenta. A criação de cursos para leitura de Marx, de Gramsci, dos documentos da igreja tipo Medellin e Puebla, dos livros da teolo- gia da libertação que não estejam diretamente vinculados com uma prá- tica, não cumpre esta tarefa. A vinculação com a prática é condição indispensável para eficácia pedagógica desta prática.

Outra condição indispensável, dentro de toda a exposi- ção já feita, é que o educador abandone a perspectiva de substituir um conhecimento pelo outro pela perspectiva de enriquecer o já exis- tente.

Nesta linha de exposição pode-se indagar: que conhecimen- tos tentar colocar à disposição dos setores populares?

(2) Ver FREIRE, Paulo, "Educação como prática da Liberdade", "Pedagógica do Oprimi- do", "Debate com os professores mineiros", abril de 1981.

Um tipo de conhecimento a ser entregue são as contribuições teóricas socialmente feitas fora do popular. O que dizem Marx, Gramsci, Florestan Fernandes, Francisco de Oliveira, no campo especificamente marxista. O que ensina a igreja católica latino-americana nos documentos de Medellín e Puebla. O que ensinam os grandes teóricos da teologia da libertação, Leonardo Boff, Gustavo Gutierrez, etc.

Outro dado importante a ser repassado é a própria interpretação que o educador faz da realidade social.

Uma terceira tarefa importante que o educador popular deve assumir, pelo menos provisoriamente, é a preocupação com a memória do movimento popular: suas lutas e seu saber.

Infelizmente, os movimentos populares ainda não se deram conta da importância política do registro de sua história. Só para citar um fato que é o retrato da despreocupação dos movimentos populares. Uma professora universitária ao pesquisar o sindicato dos metalúrgicos de BH. foi ao sindicato em busca de documentos. Lá não encontrou nenhum documento significativo. Foi encontrar rica documentação no GETEC (Grupo de Estudos e Trabalho em Educação Comunitária) grupo de educadores populares. Órgão que serve mas não pertence aos setores populares. Idêntica situação vivem a quase totalidade dos movimentos populares, sindicais ou não.

A prática do dia a dia não dá espaço para tarefa politicamente essencial: registrar as lutas e o saber acumulado.

O Educador popular provisoriamente assume esta tarefa até que as condições de vida e a necessidade política advirta aos setores populares que uma classe sem memória é muito mais fácil de se controlar e impedir de realizar seus sonhos e utopias.

Mais do que isso. Além de desempenhar esta tarefa, porque o educador popular não se interessa, nos momentos em que a prática do movimento popular indicar, em refletir sobre sua importância com cada uma das organizações?! O trabalho político-pedagógico no meio popular

é multifacetado e essa é uma de suas faces.

Em relação a tudo o que foi dito, faz bem lembrar mais uma citação do Prof. Paulo Freire: "Eu não defendo a tese da anulação completa da educadora diante dos educandos. O que eu defendo é uma espécie de ausentar-se para ficar e não uma tentativa de ficar saindo. Não sei se está claro o jogo de palavras que eu fiz, quer dizer: para mim, a educadora tão mais fica, quanto menos impõe sua presença, e tão mais parte, quanto mais impõe a sua presença. E quanto mais impõe sua presença, tanto menos possibilita a criatividade dos educandos e a sua também. (3)

b. O Saber Popular e os Teóricos não Populares

Ao se afirmar que os setores populares são o Sujeito de sua Produção Teórica e, em consequência, o corpo teórico que fundamenta as transformações da sociedade, de acordo com os interesses do mundo popular, deve ser elaborado pelos próprios setores populares, algumas dúvidas e interrogações são formuladas pelos próprios educadores. Entre elas ressalta-se a questão da existência de um saber teórico produzido e acumulado desde o século XVIII e que não pode ser desprezado.

O respeito que merecem as produções teóricas de Hegel, Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Gramsci, Luckás, Florestan, Paulo Freire, Gustavo Gutierrez, Leonardo Boff, inquietam e levam os educadores a perguntar e a buscar o lugar que ocuparão as contribuições destes grandes mestres.

Não se trata de alijar suas formulações teóricas. Em primeiro lugar é necessário reconhecer a grande importância de suas contribuições para fundamentar as análises e a opção que os educadores populares fazem na direção do trabalho e não do capital. Vale a pena

(3) FREIRE, Paulo in Debates com os professores mineiros (abril/1981), pág. 3. Publicação do Departamento de Educação do Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais.

citar este trecho de Beatriz Costa:

"A nosso ver, nossas teorias - nosso conhecimento - são o modo como explicamos os acontecimentos sociais e nos posicionamos frente a eles. Nossas teorias são indispensáveis para nossa prática. E para nós ("classe média comprometida com a luta das camadas populares), as ciências elaboradas ao longo da história trazem uma ajuda in substituível: sem elas, seria muito difícil compreendermos os avanços tecnológicos e discernirmos os aspectos em que eles ajudam a humanidade a viver melhor e os aspectos em que eles respondem apenas a interesses da classe dominante, etc." (4)

Para os setores populares a relação com estes grandes mestres se dará subordinada a três premissas:

1 - A Ciência não funciona para o Saber Popular, como uma espécie de cadinho que depura e purifica os conhecimentos produzidos pelo movimento popular. Esse papel cabe à realidade social e não à ciência. "O conhecimento popular não é o "senso comum" que precisa da ciência para ultrapassar a influência da "ideologia dominante." (5)

2 - Não se trata de mera substituição de papéis. O lugar que ocupava o conhecimento científico será ocupado pelo saber popular, de forma absoluta, não crítica: "não se trata de reproduzir a mesma dicotomia anterior sá bios/ignorantes, não se trata tão pouco de uma inversão, a verdade agora passaria a pertencer aos grupos populares. O que seria recair no mesmo erro, apenas com os sinais trocados (o povo sabe/o agente não sabe)." (6)

(4) COSTA, Beatriz, local citado, págs. 23 e 24.

(5) Idem, *Ibidem*, pág. 24

(6) GARCIA, Pedro Benjamin, Educação Popular: Algumas reflexões em torno da questão do saber, em "A questão política da Educação Popular", pág. 101 e 102. Brasiliense. 3a. edição. 1982.

3 - A caminhada dos movimentos populares e o seu saber a cumulado em direção ao saber dos teóricos cuja contri buição lhes interesse se dará mediatizada pela práti ca social, pela sua luta em prol da identificação com a natureza e da transformação da sociedade:

"(...) Todas as teorias - das camadas populares e nos sas - estão a ser permanentemente criticadas e questi onadas no confronto com a prática." (7)

A grande aproximação coletiva do saber popular certamente se dará dentro dos parâmetros já analisados neste trabalho. Não se tra ta de aproximação de indivíduos ou de grupos isolados. Esta aproximação já existe. E pode funcionar como um ensaio, uma preparação para o grande momento histórico em que o movimento popular, coletivamente, co mo um todo, sentirá necessidade do aporte teórico do saber não popu lar para enriquecer seu próprio conhecimento: aporte que funcionará co mo um instrumento a mais para criticá-lo, aprofundá-lo e fazê-lo avan çar.

O movimento popular, não entanto, será o sujeito e o juiz desta aproximação. Ele, e não o educador, é quem vai definir o momen to apropriado, a forma, os teóricos que lhe interessa e o conteúdo teó rico de que pretende se apropriar.

c. Influências Teóricas

A leitura da literatura produzida por esta corrente da educa ção popular aponta na direção de alguns teóricos. Pelo menos três deles parece ter influência mais marcante na elaboração da proposta : Paulo Freire, Michel Foucault e E.P. Thompson.

(7) COSTA, Beatriz, *ibidem*, pág. 24.

Paulo Freire: Possivelmente não exista no Brasil nenhuma proposta educativa popular que não passe pelos caminhos do professor pernambucano. É possível confrontar alguns trechos de Paulo Freire com autores desta proposta e perceber a mesma identidade de pensamento. Exemplo: "Eu insisto muito, às vezes até fico pensando que isto é uma idéia fixa em mim: a coerência que nós, não apenas o educador e a educadora, devemos buscar entre o nosso discurso intensamente revolucionário, um negócio extraordinariamente revolucionário, mas tem uma prática pequeno-burguesa. É incrível, porque a gente é um intelectual pequeno-burguês, diz que a classe operária não tem consciência de classe, mas a gente tem a consciência da classe operária. A gente vai de noite nas zonas proletárias e leva uma valise de consciência de classe operária prá distribuir. Esse negócio pra mim é uma incoerência absoluta. Não tem nada a ver com Marx isso, nada." (8)

Há trechos de Paulo Freire sobre o saber do povo que muito se parecem com o pensamento dos educadores desta corrente. Um trecho já citado neste trabalho retirado do livro "Comunicação e Extensão" que vale a pena ser repetido: "Que fazer que, tendo nele (o engenheiro agrônomo) um de seus sujeitos, lhe coloca uma exigência fundamental: que se pergunte a si mesmo se realmente crê no povo, nos homens singelos, nos camponeses, se realmente é capaz de comungar com eles "pronunciar" o mundo." (9)

Michel Foucault: A influência do pensamento de Foucault sobre este grupo de educadores tem evidências de ser muito marcante. As posições de Pedro Benjamin Garcia estão marcadas pelo pensar do filósofo francês.

Pelos menos três idéias importantes de Foucault podem ser identificadas ao longo do discurso de Garcia. A primeira idéia,

(8) FREIRE, Paulo, local citado pág. 13

(9) FREIRE, Paulo in "Comunicação e Extensão", pág. 93, Paz e Terra, 1971.

o saber como instrumento de poder e, ao mesmo tempo, o exercício do poder como local de formação de conhecimento.

Na introdução ao livro "Microfísica do Poder" de Foucault, Roberto Machado assim explica o pensamento do autor: "Não há saber neutro. Todo saber é político (...) o fundamental da análise é que saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber." (10)

Há trechos dos educadores bem próximo do que afirma Machado. Por exemplo: "É de fundamental importância ressaltar que a proposta de fortalecer o poder das camadas populares não está centrada na transmissão de conhecimento, mas na criação de um espaço onde o saber popular possa se expressar - isto não significa que não haja transmissão de conhecimento, de parte a parte, na medida em que se manifesta o desejo de conhecer algo do domínio do outro. Mas o que se coloca como central é a criação de espaço onde o saber popular possa se manifestar." (11)

No artigo citado há um subtítulo 3.1. intitulado saber / poder onde a aproximação é mais clara ainda: "Este sistema de poder", do qual faz parte o saber e o discurso que o agente possui, sugere algo novo em termos de posicionamento do agente na sua relação com os grupos populares (...) É a relação de poder que deve mudar para que o agente possa decodificar o que os grupos populares têm a dizer." (12)

Um segundo núcleo do pensamento de Foucault pesquisa e descreve formas de exercício do poder de dominação que não se reduzem ao aparelho do Estado nem também aos aparelhos ideológicos de Althusser.

(10) MACHADO, Roberto in Introdução à Microfísica do Poder, (Michel Foucault), pág. XXI, Graal, 6a. edição.

(11) GARCIA, Pedro Benjamin, *ibidem* pág. 92

(12) *Idem*, *ibidem*, pág. 101

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Aponta várias instâncias de exercício desse poder, entre elas, a ins tância dos intelectuais. Este trecho contundente de Foucault que Garcia cita em seu artigo dá bem a medida do pensamento do filósofo fran cês e de sua influência sobre o educador brasileiro: "Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de po der que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de po der, a idéia de que eles são agentes da "consciência" é do discurso também faz parte desse sistema. O papel do intelectual não é mais o de se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da "verdade", da "consciência", do "discurso". (13)

Os educadores desta corrente se preocupam em não serem instrumentos de reprodução da dominação em sua prática educativa, na linha do que observa Foucault. E Garcia avança ao reconhecer a neces sidade de quebrar esse sistema de poder para que o saber popular pos sa se manifestar: "Trata-se de quebrar o "sistema de poder", que não permite a explicitação do saber popular". (14) Outra educadora afirma: "nós (agentes) dispomos de um instrumento que, em nossa sociedade, é usado como meio de sustentar um tipo de poder que serve ao sistema de dominação: nós dispomos do conhecimento "estudado". (15)

Outro ponto de influência de um discurso sobre o outro localiza-se na afirmação de Foucault de que os setores oprimidos pos

(13) FOUCAULT, Michel in Microfísica do poder, pág. 71, Graal, 6a. edição. 1986.

(14) GARCIA, Pedro Benjamin, *ibidem*, pág. 19

(15) COSTA, Maria Beatriz, *ibidem*, pág. 19

suem um discurso próprio sobre a opressão: "quando os prisioneiros começaram a falar, viu-se que eles tinham uma teoria da prisão, da penalidade, da justiça." (16)

Como conclusão desta espécie de premissa seguiam-se algumas posições. Dentre elas se destacariam: já que os setores oprimidos, (prisioneiros, alunos pacientes dos hospitais psiquiátricos, os setores marginais da sociedade, etc) possuem seu próprio discurso sobre a opressão que sobre eles se exerce, a ninguém é lícito falar por e - les. Conclusão que Gilles Deleuzé em entrevista com Foucault expressa: "A meu ver, você foi o primeiro a nos ensinar - tanto em seus livros quanto no domínio da prática - algo fundamental: a indignidade de falar pelos outros." (17)

Porque falar pelos setores populares se um elemento de que compõe sua fala é a própria resistência às condições de vida que lhe são impostas pela burguesia? Mais uma vez Garcia dedica várias páginas ao problema. (18)

E.P. Thompson: A influência de Paulo Freire e de Charles Foucault, some-se a influência de E.P. Thompson.

Thompson faz sua leitura de conceito de Classe Operária em Marx para concluir que a classe não é uma coisa. "Não é esse o seu significado em Marx." (19) A classe operária não se formou como produto da resistência dos trabalhadores às condições impostas pela burguesia.

O historiador inglês mostra nos três volumes de sua "A Formação de Classe Operária Inglesa", como ela possuía um dinamismo e uma autonomia que não se explicam somente pelas interferências do fenômeno burguês. Elementos culturais próprios dirigem o processo de

(16) FOUCAULT, Michel, ibidem, pág. 72.

(17) DELEUZÉ, Gilles entrevista com Foucault em "Microfísica do Poder", pág.72 - 6a. edição.

(18) Ver GARCIA, Pedro Benjamin, local citado, pág. 110 a 112.

(19) THOMPSON, Edward P., "A Formação de Classe Operária Inglesa", 1º volume (A Árvore de Liberdade), pág. 10. Paz e Terra, 2a. ed. - 1987.

formação da classe sob os quais as condições de vida impostas têm pouco ou nenhum poder de manipulação. (20)

Embora seja difícil apontar sua influência sobre os educadores, porque o historiador trabalha sobre a formação da classe e os educadores sobre o saber, alguns indícios do pensamento de Thompson podem ser apontados, especialmente nos escritos de Maria Beatriz Costa. Há algumas passagens que lembram o historiador inglês. Exemplos: "As Camadas Populares, também conhecem, por outros caminhos, a engrenagem da sociedade; o seu conhecimento também vem sendo elaborado e acumulado no decorrer de história." (21)

"A questão, portanto, não é que a Educação Popular comece ou leve as camadas populares a começarem um movimento de resistência e de luta; e sim que ela se inscreva dentro do movimento já existente como prática que se propõe a contribuir para a sua dinamização." (22)

(20) Ver THOMPSON, Edward P., os três volumes de "A Formação de Classe Operária Inglesa". I - A Árvores de Liberdade - II. A maldição de Adão - III. A força dos trabalhadores."

(21) COSTA, Maria Beatriz, *ibidem*, pág. 24

(22) *Idem*, *ibidem*, pág. 22

BIBLIOTECA DA FUNDACÃO DE PESQUISA E EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

A - LIVROS

- ALTHUSSER, **LOUIS** - IDEOLOGIA E APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO
LISBOA PRESENÇA - 1974.
- BARREIRO, **JÚLIO** - EDUCAÇÃO POPULAR E CONSCIENTIZAÇÃO - Ed. VOZES - 1980.
- BRANDÃO, **CARLOS RODRIGUES** - LUTAR COM A PALAVRA - GRAAL Ed. 1982.
- " (ORG.) O EDUCADOR: VIDA E MORTE - GRAAL - Ed. 1982
- " PENSAR A PRÁTICA - EDIÇÕES LOYOLA, SÃO PAULO - 1984.
- " (ORG.) A QUESTÃO POLÍTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR. BRASILIENSE - 3A. Ed. - 1982.
- " (ORG.) A PESQUISA PARTICIPANTE - BRASILIENSE, 3A. Ed. 1983.
- " AVÓS E NETOS NO MEIO DA NOITE (TEXTO MIMEOGRAFADO).
- " EVA VIU A LUTA - ANOTAÇÕES SOBRE A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A EDUCAÇÃO DO COLONIZADOR EM "EDUCAÇÃO E SOCIEDADE" N° 9.
- COELHO, **ILDEU MOREIRA**, A QUESTÃO POLÍTICA DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM "O EDUCADOR: VIDA E MORTE", GRAAL Ed. 1982.

- FOUCAULD , MICHEL - MICROFÍSICA DO PODER - GRAAL ED. 6A. EDIÇÃO 1986.
- FREIRE , PAULO - EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE - RIO DE JANEIRO, PAZ E TERRA, 1967.
- " PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, RIO DE JANEIRO, PAZ E TERRA, 1974.
- " EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO. PAZ E TERRA, 1971.
- " EDUCAÇÃO NA HUMANIZAÇÃO (TEXTO MIMEOGRAFADO).
- " DEBATE COM PROFESSORES MINEIROS, PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO SINDICATO DOS PROFESSORES DO ESTADO DE MINAS GERAIS. ABRIL DE 1981.
- GARCIA , PEDRO BENJAMIM - EDUCAÇÃO POPULAR: ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DA QUESTÃO DO SABER EM "A QUESTÃO POLÍTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR" BRASILIENSE, 3A. EDIÇÃO, 1982.
- IANNI , OTÁVIO - "CULTURA DO POVO E AUTORITARISMO DAS ELITES" COMENTÁRIO PUBLICADO EM "A CULTURA DO POVO, CORTEZ E MORAES, 1979.
- MACHADO , ROBERTO - INTRODUÇÃO A "MICROFÍSICA DO PODER" - GRAAL ED. 6A. EDIÇÃO, 1986.
- MAHLER , MARGARET ST. - O NASCIMENTO PSICOLÓGICO DA CRIANÇA - NABOR EDITORES. RIO DE JANEIRO, 1977.

- OPERÁRIOS , DE OLINDA E RECIFE - SALÁRIO E CUSTO DE VIDA - PESQUISA PARTICIPANTE PUBLICADA EM "A PESQUISA PARTICIPANTE" (BRANDÃO, CARLOS (ORG.) BRASILIENSE, 3A. EDIÇÃO, 1983.

- PAIVA , VANILDA PEREIRA - ESTADO E EDUCAÇÃO POPULAR, RECOLOCANDO O PROBLEMA", EM "A QUESTÃO POLÍTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR," BRASILIENSE, 3A. ED. 1982.

- PIAGET , JEAN - SEIS ESTUDOS DE PSICOLOGIA - FORENSE - UNIVERSITÁRIA - RIO DE JANEIRO.

- " APPRENTISSAGE ET CONAISSANCE (COM P. GRECO). PRESSES UNIVERSITAIRE DE FRANCE, 1959.

- SANTOS , ABDIAS JOSÉ. OS BISCATEIROS - ED. VOZES LTDA. PETRÓPOLIS 1977, 2A. EDIÇÃO.

- SOUZA , ANTONIO CÍCERO - PREFÁCIO EM "A QUESTÃO POLÍTICA DA EDUCAÇÃO POPULAR"

- THOMPSON , EDWARD P. A FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA INGLESA. PAZ E TERRA, COLEÇÃO OFICINAS DE HISTÓRIA:
 - I - A ÁRVORE DA LIBERDADE
 - II - A MALDIÇÃO DE ADÃO
 - III - A FORÇA DOS TRABALHADORES

- VALE , EDÊNIO E QUEIROZ, JOSÉ J. (ORGANIZADORES) A CULTURA DO POVO. CORTEZ E MORAES - EDUC. SÃO PAULO, 1979.

- WANDERLEY , LUIZ EDUARDO - EDUCAR PARA TRANSFORMAR, ED. VOZES, PETRÓPOLIS - 1984.

B - REVISTAS E JORNAIS

- ALVES , MARIA FLORIPES NASCIMENTO, PRONUNCIAMENTO NO 1º ENCONTRO DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO - REVISTA ITINEÁRIO, ANO 1, Nº 1, FEV. 1984.

- BELMIRO , O HOMEM E A NATUREZA, "PONTE" (JORNAL MIMEOGRAFADO) Nº 11, SET. 78.

- COSTA , BEATRIZ. PARA ANALISAR UMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR. REVISTA CEI. SUPLEMENTO 17. ABRIL DE 1977.

- GRUPO DE MULHERES - (DEPOIMENTO)
CLUBE DE MÃES E GRUPO DE MULHERES DE SÃO PAULO. REVISTA "QUE HISTÓRIA É ESSA", Nº 3. OUTUBRO DE 1985.

- JUNIOR , (CURA D'ARS). JOVEMOVIMENTO, JORNAL DA P.J. ANO 1 , Nº 2.

- LAVRADORES - ESTUDOS BÍBLICOS: "A COMUNIDADE CRISTÃ" TEMPO E PRESENÇA, Nº 25.

- MONITORES - (NARRAÇÃO DE HISTÓRIA DA ESCOLA FEITA PELOS MONITORES). QUE HISTÓRIA É ESSA? ESCOLA VIVA Nº 2, FEVEREIRO DE 85.

- NETO , NAZARENO SPÓSITO AFFONSO. CHEGA DE AMOLAÇÃO QUEREMOS CONDUÇÃO. VOLUME X, EDIÇÕES EBTU, 1982.

- PIMENTA , JOSE GOMES (DAZINHO). NA MISSA, NO SINDICATO, NA ASSEMBLÉIA, ENTREVISTA PUBLICADA PELO JORNAL "BATENTE" (C.C.O.) CENTRO CULTURAL OPERÁRIO. ANO 1, Nº 1.

- RAIGORODSKY, BRENO. O AGENTE SOCIAL VAI AO PARAÍSO. REVISTA PROPOSTA N° 3.

C - CADERNOS E BOLETINS

- ALVES, MARIA FLORIPES NASCIMENTO. PRONUNCIAMENTO NA ASSOCIAÇÃO DO PROFESSORES PÚBLICOS DE MINAS GERAIS. SUPLEMENTO "ASSUMIR" BOLETIM NACIONAL DA ACO - ANO IV, SET.-DEZ. DE 1983.
- ARQUIDIOCESE DE BH - SETOR INDUSTRIAL - VOTAR E PARTICIPAR. CARTILHA SOBRE AS ELEIÇÕES, SET. 1978.
- ASSOCIAÇÃO DE MORADORES - (ENTREVISTAS). CADERNO MOVIMENTOS POPULARES N° 3. FEVEREIRO DE 1983. GETEC.
- AUXILIADORA, MARIA. (ENTREVISTA) BOLETIM - ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DO JARDIM NOVA ESPERANÇA, N° 5. OUTUBRO DE 1971.
- BEZERRA, AÍDA. CONVERSANDO COM OS AGENTES. VOZES/EDITORA, 2A. EDIÇÃO, 1983.
- CAETANA E VALDEMAR (ENTREVISTAS) - BOLETIM, ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DO JARDIM NOVA ESPERANÇA, N° 5. OUTUBRO DE 1981.
- CASA DO TRABALHADOR - ABRINDO A CASA. CADERNO DE DIVULGAÇÃO. JOÃO MONLEVADE, ABRIL DE 1984.

- COSTA , BEATRIZ. PARA ANALISAR UMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR. CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR, N° 1. VOZES/NOVA, 4A, EDIÇÃO. 1984.
- CET , O TRABALHADOR E O TRANSPORTE COLETIVO. CADERNOS DO CET. BH. JANEIRO DE 1979.
- DIOCESE DE ITABIRA - FICHA DE REFLEXÃO N° 8 - ESCOLA, ITABIRA , 1981.
- GARCIA , PEDRO BENJAMIM. SABER POPULAR/EDUCAÇÃO POPULAR. CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR N° 3. VOZES/NOVA 2A. EDIÇÃO. 1983.
- GETEC , EM FESTA DE IAMBU, JACU NÃO ENTRA. ARTIGO PUBLICADO EM "NOTÍCIAS" N° 7 - MAIO DE 1979. BH.
- JUVENTUDE TRABALHADORA - REFLEXÃO , JANEIRO-FEVEREIRO DE 1981.
- LAVRADOR , (VERSOS). ABC DO ENCONTRO EM "NA FÉ, NA TERRA, NO TRABALHO".
- LAVRADOR DE GOIÁS. ABRE O OLHO MEU AMIGO. BOLETIM DO MOVIMENTO DO CUSTO DE VIDA.
- MARTINS , ORLANDO FRAMO. (ENTREVISTA) EM EU, O ACIDENTADO. SANTO ANDRÉ. JANEIRO DE 1985.
- MEB , VIVER É LUTAR , 2° LIVRO DE LEITURA PARA ADULTOS. OUTUBRO DE 1963, CITADO POR WANDERLEY, LUIZ EDUARDO W., EM "EDUCAR PARA TRANSFORMAR". ED. VOZES. PETRÓPOLIS, 1984.

- MORADORES VILA JATAI E VILA CEMIG - QUEREMOS A TERRA PARA MORAR.

(CADERNO)

- NOVA/VOZES , EDUCAÇÃO POPULAR EM DEBATE, CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR N° 13, VOZES/NOVA, 1983.

- PEDRO E ONOFRE - AS MULTINACIONAIS EM "CANTO DOS LAVRADORES DE GOIÁS".

" OS TRABALHADORES EM "CANTO DOS LAVRADORES DE GOIÁS"

- SINDICATO TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE BH - METALÚRGICAS (PANFLETO).

- TAVORA , JOSÉ VICENTE. MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE. ROMA, NOV. DE 1963.

- ZÉ LEMOS E NADIR. (ITAPORANGA). RAIZ DO MAL, EM "CANTO DOS LAVRADORES DE GOIÁS".

- ZÉ PUREZA , (NOVO BRASIL). ESTA TERRA NÃO É DE VENDER EM "CANTO DOS LAVRADORES DE GOIÁS".

D - TEXTOS MIMEOGRAFADOS E CORDÉIS

- AUTOR DESCONHECIDO. PRECISAMOS DE UNIÃO- POEMA CONVITE, JANEIRO DE 1978.

- BLOCO DO POVO T.P. - O CASAMENTO DE CHICO JUMENTO E MARIQUINHA. (TEXTO MIMEOGRAFADO).

- CHRISTO , CARLOS ALBERTO LIBANIO, DA PRÁTICA DA PASTORAL POPULAR, ARTIGO MIMEOGRAFADO.

- GRUPO DE DESEMPREGADOS - (NOVA IGUAÇÚ). CARTA ABERTA. TEXTO MIMEOGRAFADO PELO MOVIMENTO DE DESEMPREGADOS DE PETRÓPOLIS.

- JOSÉ , FLÁVIO. (CORDEL) - A TERRA SÓ SERÁ NOSSA, QUANDO A GENTE SE UNIR. RECIFE, 1983.

- MOVIMENTO CONTRA A CARESTIA - SITUAÇÃO DO CUSTO DE VIDA. TEXTO MIMEOGRAFADO.

- PASTORAL OPERÁRIA - BH. O DESEMPREGO NO PAÍS. (BOLETIM MIMEOGRAFADO).

- TRABALHADORES DE JOÃO MONLEVADE. ABAIXO ASSINADO. (TEXTO MIMEOGRAFADO).

- ZÉ DE LUCA , (TROVADOR DA REGIÃO). PELEJA DAS PIABA DO ARAGUAIA COM O TUBARÃO BESTA FERA. AGOSTO DE 1981.